



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação**

JESSÉ MARTINS CARDOSO

Cultura psicanalítica evangélica no divã: análise do hibridismo cultural ao lado de egressos de uma escola evangélica de psicanálise

MACAPÁ

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação

JESSÉ MARTINS CARDOSO

Cultura psicanalítica evangélica no divã: análise do hibridismo cultural ao lado de egressos de uma escola evangélica de psicanálise

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação. Linha de Pesquisa: Educação, Culturas e Diversidades.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Cariacás Romão dos Santos

MACAPÁ

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

C268 Cardoso, Jessé Martins.

Cultura psicanalítica evangélica no divã: análise do hibridismo cultural ao lado de egressos de uma escola evangélica de psicanálise / Jessé Martins Cardoso. - Macapá, 2023.
1 recurso eletrônico. 184 folhas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá, Programa de pós-graduação em Educação, Macapá, 2023.

Orientador: José Carlos Cariacas Romao dos Santos.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Educação. 2. Psicanálise. 3. Cultura evangélica brasileira. I. Santos, Jose Carlos Cariacas Romao dos, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 370

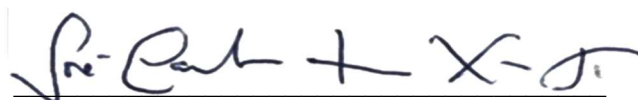
JESSÉ MARTINS CARDOSO

Cultura psicanalítica evangélica no divã: análise do hibridismo cultural ao lado de egressos de uma escola evangélica de psicanálise

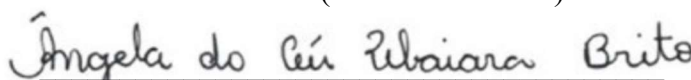
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá (PPGED/UNIFAP) como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação. Área de Concentração: Educação. Linha de pesquisa: Educação, Culturas e Diversidades.

Dissertação aprovada em: 30 de Outubro de 2023.

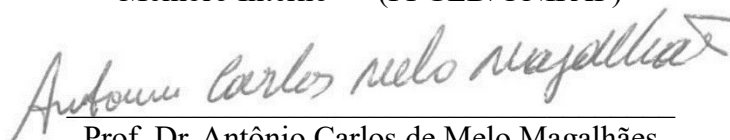
BANCA AVALIADORA



Prof. Dr. José Carlos Cariacás Romão dos Santos
Presidente — (PPGED/UNIFAP)



Prof. Dra. Ângela do Céu Ubaiara Brito
Membro Interno — (PPGED/UNIFAP)



Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães
Membro Externo — (UEPB)

Prof. Dra. Eliana do Socorro de Brito Paixão
Suplente Interno — (PPGED/UNIFAP)

Prof. Dra. Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos
Suplente Externo — (UNIFAP)

MACAPÁ

2023

AGRADECIMENTOS

Quero dedicar essa dissertação primeiramente a Deus e a minha família, especialmente ao meu pai Juracy Cardoso por apoiar meus sonhos, projetos e pelo suporte e compreensão em todas as fases de minha vida. A minha mãe Maria de Fátima Martins Cardoso (*in memoriam*) que deixou seu legado de coragem e resiliência, que me levaram a nunca desistir dos meus sonhos, mesmo que eles demorem a ser realizados. Também aos meus irmãos Josy, Daisy e Estêvão pelo estímulo, apoio e confiança. Em especial, a minha irmã Joseani, que é quase minha coorientadora, sempre faço questão de incluí-la em minhas indagações teóricas e, por vezes, é minha entrevistada teste, revisora e além de sempre me dar aquela mãozinha nos ajustes das normas da ABNT.

Dedico essa dissertação de forma especial e amorosa a minha avó materna Rosa Cardoso Jerônimo (*in memoriam*), uma mulher paraense, marajoara, pescadora, símbolo de resistência e força. Sinto que a força de minha avó somada a outras advindas de minha ancestralidade me impulsionam a ir além e abrir novos horizontes para que o meu sistema familiar possa expandir e resplandecer.

Agradeço ao estado brasileiro, sou estudante de escola pública desde o ensino fundamental, fiz minha graduação e tive meus primeiros passos como pesquisador em uma universidade pública e agora realizo meu mestrado em uma universidade pública também. Tenho enorme gratidão pelo apoio e financiamento do estado brasileiro em meu processo formativo de pesquisador, tanto na iniciação científica quanto no mestrado.

Agradeço a Deus pelos encontros acadêmicos que tive com colegas de turma e professores que me conduziram e propiciaram a realização de sonhos. Agradeço em especial aos doutores Fábio Malini, meu orientador na graduação e ao José Carlos Romão Cariacás, meu orientador do mestrado. Tenho uma enorme gratidão pelo meu orientador José Carlos Romão Cariacás, por ter confiado em meu projeto de pesquisa e enxergado em mim potencialidades para realizar esse estudo e caminhar junto com ele na construção de novos saberes. Quero agradecê-lo pelo acolhimento e compreensão durante todo o mestrado, principalmente ao estimular minha produção, indicar caminhos a serem trilhados, motivar meus passos e fazer os ajustes e orientações necessários para o meu crescimento pessoal e intelectual.

Agradeço à vida por me apresentar pessoas especiais durante a minha trajetória no mestrado realizado de forma híbrida e em um estado que eu nunca pensei que fosse conhecer, o Amapá. Um lugar que tenho um carinho especial e onde tive a oportunidade de reencontrar uma parte de minha família paterna, a quem também dedico essa dissertação, em especial aos meus tios José, Socorro e sua família, que me acolheram em sua casa durante o período que tive aulas presenciais na UNIFAP, sempre me recebendo com carinho, atenção e sorriso no rosto. Além disso, no Amapá, tive o privilégio de construir laços de amizade, em especial com meus colegas de mestrado Wollacy, Zenilda e Elisa.

Sou grato a todos os professores que compartilharam saberes comigo nesse percurso acadêmico, em especial ao meu orientador José Carlos Romão Cariacás e às professoras Ângela Ubaiara e Eugênia Foster. O meu obrigado aos meus colegas do grupo de pesquisa “Hermenêuticas do sensível”, Cristiana, Cláudia e Bruno, pelas colaborações técnicas, leitura de meus textos, pelas críticas e elogios. Também quero agradecer aos coordenadores do curso e, em especial, à secretária Idanilde, que desde o início do mestrado acolhe com amor os mestrandos e me ajudou em todos os processos de que participei, tenho um grande carinho por ela.

Agradeço à diretoria da AEP por confiar em minha pesquisa e autorizar a citação do nome da instituição no estudo. Agradeço à cada egresso da AEP que participou da pesquisa, abrindo um espaço em sua rotina para dialogar, compartilhar reflexões e narrativas sobre suas vivências formativas na instituição. Também quero agradecer às duas diaristas evangélicas que prestam serviço em minha residência, a Mariana e a Adélia, mulheres inteligentes e fortes que serviram como verdadeiras fontes para esclarecer questões referentes à cultura religiosa evangélica brasileira.

Por fim, dedico essa dissertação ao Jessé Martins Cardoso, aquele menino que tinha medo de ir à escola e que teve dificuldades em aprender a ler e que hoje prova para si mesmo que mesmo com medo é possível ir além e realizar sonhos e projetos. Celebro essa conquista com o coração repleto de força e esperança para ir atrás de novos sonhos e projetos, sempre com fé em Deus e alegria no coração.

“Difícilimo ato é o de escrever, responsabilidade das maiores”

José Saramago

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar o modo como os egressos do curso de formação em psicanálise oferecido pela Associação Evangélica de Psicanalistas do Espírito Santo (AEP-ES) se posicionam ou analisam a interface existente entre religião cristã evangélica e as teorias psicanalíticas. E como objetivos específicos, o estudo busca questionar as metodologias de ensino utilizadas pela AEP-ES em seus cursos de formação em comparação com o ensino acadêmico da psicanálise, por fim, compreender os impactos da formação evangélica psicanalítica na atuação desses profissionais. A pesquisa conta com a participação de 05 (cinco) egressos da escola, indivíduos que concluíram sua formação há mais de dois anos. O aporte teórico se fundamenta na tese de Carvalho (2007) e nos artigos de Duarte & Carvalho (2005) para compreensão da relação existente entre o estudo da psicanálise e movimento evangélico brasileiro. Nossa leitura acerca do fenômeno cultural e educacional existente na AEP é discutida dentro do conceito de hibridismo cultural de Canclini (2011) e Burke (2016). Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e que seguirá os procedimentos metodológicos da formativapesquisa, utilizará a técnica de entrevista dividida em 03 (três) fases para coleta de dados e análise temática para compreensão e interpretação dos dados. Buscamos, como resultado, compreender o posicionamento dos egressos e os impactos dessa formação em suas vivências profissionais e perspectivas de mundo. Os exercícios de deslocamento de consciência realizados nas fases de entrevistas possibilitarão aos participantes repensarem e realizarem uma auto avaliação acerca de seus processos formativos em psicanálise clínica sendo estes produtos da pesquisa aplicados às suas experiências de vida e atuações profissionais. Por fim, concluímos que cada um dos egressos dentro de suas lógicas e limites de compreensão tem consciência de que a AEP tem como proposta de ensino a profusão de uma psicanálise cuja cultura evangélica e a teologia tenham protagonismo diante da psicanálise clássica freudiana e que tal modelo de hibridismo cultural reverbera em impactos positivos e negativos em suas formações e práticas profissionais.

Palavras-Chave: Educação; Psicanálise; Cultura evangélica brasileira; Hibridismo Cultural

ABSTRACT

The research aims to analyze how graduates of the psychoanalysis training course offered by the Associação Evangélica de Psicanalistas do Espírito Santo (AEP-ES), stance on or analyze the interface between evangelical Christian religion and psychoanalytic theories. As its specific objectives, the research aims to question the teaching methods used by the AEP-ES within its training courses, when in comparison to the academic psychoanalysis, so to understand how the evangelical psychoanalysis formation impacts these professionals' works. The research counted with the participation of 05 (five) school graduates, individuals who completed their training more than two years ago. The theoretical contribution is based on Carvalho's thesis (2007) and articles by Duarte & Carvalho (2005) to understand the relationship between the study of psychoanalysis and the Brazilian evangelical movement. Our reading of the cultural and educational phenomenon existing in AEP is discussed within the concept of cultural hybridity by Canclini (2011) and Burke (2016). This is a field research, with a qualitative approach and which will follow the methodological procedures of *formativapesquisa*, using an interview technique divided into 03 (three) phases for data collection, and thematic analysis for understanding and interpretation of the data. As results, we seek to understand the stance of graduates and the impacts of this training on their professional experiences and perspectives on the world. The consciousness-shifting exercises carried out in the interview phases will enable participants to rethink and carry out a self-assessment regarding their training processes in clinical psychoanalysis, with these research products being applied to their life experiences and professional activities. By the end, we understand that, within their logic and limits of understanding, each of the graduates is aware that AEP's teaching proposal is the profusion of a psychoanalysis whose evangelical culture and theology have a leading role in opposition to classical Freudian psychoanalysis, and that such a model of cultural hybridity can resonate in positive and negative impacts on their training and professional practices.

Keywords: Education; Psychoanalysis; Brazilian evangelical culture; Cultural Hybridity;

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Fases Principais Da Entrevista Narrativa	53
Quadro 2. Perguntas por categoria	88

LISTA DE SIGLAS

AEP – Associação Evangélica de Psicanalistas

EAD – Educação a distância

EC – Estudos Culturais

EPP – Escola Psicanalítica Paulina

IPA - International Psychoanalytical Association

PPGED – Programa de Pós-Graduação em Educação

PNL – Programação Neurolinguística

PNLB - Programação Neurolinguística Bíblica

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIFAP – Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 — A APROPRIAÇÃO DA PSICANÁLISE PELA CULTURA EVANGÉLICA.....	20
1.1 CONTEXTOS	20
1.1.1 Sobre a Associação Evangélica de Psicanálise do Espírito Santo	20
1.1.2 Sobre a Psicanálise e a religião.....	22
1.1.3 Escolas de Psicanálise no Brasil e a infiltração evangélica	24
1.1.4 Cultura Evangélica: educação, política e psicanálise	26
1.2 REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA.....	28
1.3 REFERENCIAL TEÓRICO	36
1.3.1 A apropriação da psicanálise pelos evangélicos.....	36
1.3.2 Hibridismo cultural	41
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
1.5 PERFIL DOS PARTICIPANTES	48
CAPÍTULO 2 — A FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE OFERECIDA PELA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA EVANGÉLICA – OPINIÕES.....	49
2.1 CAMINHOS DO PROCESSO INVESTIGATIVO	49
2.2 FASE DA APROXIMAÇÃO.....	52
2.2.1 Educação como agente de construção cultural	53
2.2.2 Influências da Cultura Evangélica.....	60
2.2.3 Psicanálise Evangélica Sob a Perspectiva Cultural.....	66
2.2.4 Avaliação Do Curso E Seus Efeitos Na Prática Psicanalítica.....	75
CAPÍTULO 3 — A FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE OFERECIDA PELA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA EVANGÉLICA – CONTRASTES	85
CAPÍTULO 4 — ANÁLISE FINAL SOBRE O POSSÍVEL RECONHECIMENTO DO HIBRIDISMO CULTURAL: O DESLOCAMENTO OU NÃO DA CONSCIÊNCIA..	100
4.1 O REENCONTRO DE SAMUEL.....	101
4.2 O REENCONTRO DE REBECA	102
4.3 O REENCONTRO DE ESTER.....	103
MOMENTO DE CONCLUIR.....	107
REFERÊNCIAS	116
ANEXOS	122
ANEXO I - APRECIÇÃO ÉTICA DO COMITÊ CIENTÍFICO	122
ANEXO II - TERMO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR	126
APÊNDICES	127

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/TCLE.....	127
APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA FASE 1 (ENTREVISTA NARRATIVA)	129
APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA FASE 2 (FASE PROVOCAÇÃO).....	130
APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA FASE 3 (FASE REENCONTRO)	132
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM REBECA PRIMEIRA FASE DE ENTREVISTAS: ENTREVISTAS NARRATIVAS	133
APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SAMUEL 1º FASE DE ENTREVISTAS: ENTREVISTAS NARRATIVAS	136
APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ESTER 1º FASE DE ENTREVISTAS: ENTREVISTAS NARRATIVAS	142
APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM DANIEL 1º FASE DE ENTREVISTAS: ENTREVISTAS NARRATIVAS	148
APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANA 1º FASE DE ENTREVISTAS: ENTREVISTAS NARRATIVAS	152
APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANA 2º FASE DE ENTREVISTAS – PROVOCAÇÃO (GRUPO AFETO)	157
APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SAMUEL 2º FASE DE ENTREVISTAS – PROVOCAÇÃO (GRUPO APOIO).....	162
APÊNDICE L – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM REBECA 2º FASE DE ENTREVISTAS – PROVOCAÇÃO (GRUPO APOIO).....	166
APÊNDICE M – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ESTER 2º FASE DE ENTREVISTAS – PROVOCAÇÃO (GRUPO APOIO).....	170
APÊNDICE N – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM DANIEL 2º FASE DE ENTREVISTAS – PROVOCAÇÃO (GRUPO CRÍTICA).....	176
APÊNDICE O – PARECER DO PARTICIPANTE SAMUEL 3º FASE DE ENTREVISTAS – REENCONTRO	181
APÊNDICE P – TRANSCRIÇÃO DO PARECER DA PARTICIPANTE ESTER 3º FASE DE ENTREVISTAS – REENCONTRO.....	182
APÊNDICE Q – PARECER DA PARTICIPANTE REBECA 3º FASE DE ENTREVISTAS – REENCONTRO	184

INTRODUÇÃO

As igrejas evangélicas são o segmento religioso que mais prolifera desde a segunda metade do século XX até os dias atuais. Elas construíram e continuam a edificar projetos de expansão proselitistas e, para tanto, avançaram sobre diversos campos na sociedade brasileira (política, educação, economia) (Mariano, 1999). Os líderes evangélicos sabem que não é possível construir um projeto proselitista, sem se ater à importância da política. E isso não é novo. De acordo com Carvalho (2007), os primeiros indícios da presença e atuação do movimento evangélico no contexto social e político brasileiro datam da virada do século XIX para o século XX, em concomitância com a implantação do sistema político republicano. Em sua tese de doutorado, Carvalho (2007) afirma que os republicanos e os evangélicos possuíam relações de apoio mútuo, ambos compartilhavam de projetos civilizatórios semelhantes, centrados na educação e na saúde. Sendo assim, vemos que desde as primeiras décadas do século XX, o movimento evangélico inicia seu projeto de poder através da busca por representatividade e articulação junto a setores estratégicos como a educação, a política e a saúde.

No campo da educação, os evangélicos fundam no final do século XIX seus primeiros centros educacionais com fundamentação cristã protestante, fruto da vinda de missionários presbiterianos, metodistas e batistas que investiam na prática do ensino regular tendo sua ampliação e fortalecimento no decorrer do século XX. No cenário político, Carvalho (2007) aponta que, desde o início da República, os evangélicos apresentavam um alinhamento ideológico com os ideais republicanos, sendo considerada por esses como a única religião compatível com a República. De acordo com Ramos & Souza (2020), a escalada de poder dos evangélicos no cenário político brasileiro ganhou contornos no período pós-ditadura com o aumento de parlamentares evangélicos na câmara de deputados, consolidou-se no ano de 2015 com a formação da Frente Parlamentar Evangélica e, posteriormente, com a eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro, no ano de 2018 (Ramos & Souza, 2020).

Esse avanço também teve desdobramentos junto ao campo terapêutico, com a fundação de associações evangélicas de psicanálise e, destas, o fomento à criação de escolas de psicanálise com a finalidade de promover a formação psicanalítica. O atrelamento do segmento evangélico com a psicanálise ganhou seus primeiros contornos nas décadas de 80 e 90 do século XX, com a difusão desse saber entre os evangélicos, e teve seu ponto alto na segunda metade da década

de 1990, com a criação da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, fundada pelo teólogo e pastor batista Heitor Antônio da Silva (Carvalho, 2007).

E no meio acadêmico de psicanálise, esses “cursos de formação” gestados pelos evangélicos se constituem no atual mal-estar referente à compreensão e disseminação popular sobre o que vem a ser a terapia psicanalítica (Jorge, 2022). O cenário das análises desenvolvidas por pesquisas científicas apontam para esse conflituoso cenário:

[...] a proliferação de propostas de interpretação e terapêutica do sofrimento e da aflição, que podem ser consideradas como formações ideológicas transicionais ou híbridas entre os saberes psicológicos (ou psicologizantes) e as fórmulas mágico-religiosas, afeta não apenas as classes populares, mas também as classes médias e as elites (Duarte; Carvalho, 2005).

A lógica da nova formação do psicanalista está preocupada em como atingir sua meta de levar a psicanálise para as massas e, para tanto, precisa formar o maior número possível de psicanalistas. A iniciativa não é exatamente nova e a própria história da psicanálise já lidou com desvios e manipulações do discurso psicanalítico (Perrone; Britz, 2022, p. 51). Observando as reflexões das duas pesquisas acima, atentamos para as interpretações de Roudinesco, sintetizadas por Jorge (2022, p. 93):

[...] os evangélicos se apoderaram do saber psicanalítico e deturparam as sociedades freudianas de todas as tendências. Depois de terem criado uma sociedade de psicanálise dita "ortodoxa" e de terem formado 1.500 praticantes que pretendem estar em condições de distinguir uma esquizofrenia de uma possessão demoníaca em função da reação do paciente à frase "o sangue de Jesus tem poder", em 2000 eles elaboraram um projeto de lei para a regulamentação da profissão de psicanalista.

Ora, essa conjuntura atravessou a nossa vida. Comentaremos agora, em primeira pessoa, como surgiu em nós o interesse por essa temática e o consequente desdobramento do problema. Os questionamentos sobre a temática surgiram ao longo da minha trajetória pessoal. De origem, a minha formação é na área de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), com estudos realizados na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), na qual me envolvi em projetos de iniciação científica. Com o passar dos anos, fomentei a minha vida religiosa na Igreja Evangélica Batista Vitória (capital do Estado do Espírito Santo). Com o tempo, comecei a questionar muitos aspectos da minha existência sobre os quais desejava respostas. E lendo textos sobre psicanálise, ao mesmo tempo em que me submetia a sessões de terapias para ser analisado, resolvi fazer um curso de psicanálise. No ambiente evangélico de classe média, a temática psicanalítica é prezada. E assim se constituiu um processo interno no qual eu queria conjugar a trajetória da minha vida, que foi atravessada pelo apreço à vida acadêmica (dada a

minha formação na UFES) e pela experiência religiosa em uma igreja de tradição reformada. Em resumo, deparei-me com o curso de formação psicanalítica da Associação Evangélica de Psicanálise (AEP) e o concluí. Principiando, mais tarde, no atendimento psicanalítico, sobretudo de fieis evangélicos que me procuravam.

Não tardou, após a conclusão e início dos acompanhamentos aos solicitantes, que eu percebesse as lacunas, contradições e insuficiências entre o transitado no curso de psicanálise da AEP-ES (Associação Evangélica de Psicanálise) e a produção acadêmica de pesquisadores sobre a temática da clínica psicanalítica. Percebendo os descompassos, a minha consciência se deslocou para o horizonte da academia. E esse deslocamento só foi possível, assim penso, porque estavam em minha bagagem intelectual, elementos da formação científica. Em um dado momento, colocou-se em jogo essas duas facetas da minha existência: fé e ciência. E essa se sobrepôs àquela. Em suma, dei-me conta de que o conteúdo transitado era híbrido e, segundo as análises dos psicanalistas acadêmicos, esse hibridismo é um malefício para a prática terapêutica.

E foi por esse processo de deslocamento de consciência que impulsionei a me perguntar: será que os demais egressos percebem o mesmo que eu? Será que com eles também ocorrem processos de deslocamentos de consciência? Pelo sim ou pelo não, é uma questão que vale a pena pesquisar. Assim pensei. E como a temática está circunscrita ao ambiente da formação, busquei alocar a problemática na área da educação. De modo que, a interrogante dessa pesquisa é: como os egressos da AEP-ES analisam o hibridismo do conteúdo do curso de psicanálise?

Assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa é o de analisar, ao lado dos egressos da Associação Evangélica de Psicanalistas do Espírito Santo (AEP-ES), os contrastes e as relações entre a cultura psicanalítica e a evangélica na formação e no exercício clínico da psicanálise. E como objetivos específicos: questionar as metodologias de ensino utilizadas pela AEP-ES em seus cursos de formação em comparação com o ensino acadêmico da psicanálise; por fim, compreender os impactos da formação evangélica psicanalítica na atuação desses profissionais.

O conceito de hibridação cultural nos será de grande valia para compreensão do processo de formação e o papel de determinados elementos culturais na constituição de nosso objeto de pesquisa. Tal abordagem é pertinente, uma vez que a hibridação cultural carrega em sua concepção a ideia de ruptura com a pureza, sendo compreendido por Canclini (2011) como uma prática multicultural proveniente do encontro de diferentes culturas.

Além da motivação de caráter pessoal, a leitura de textos e dissertações acerca da trajetória do movimento evangélico no Brasil e suas concatenações junto aos eixos da política, da educação e da saúde mental sinalizaram a importância da realização do presente estudo. Inegavelmente, a apropriação da tradição, ou melhor, da cultura psicanalítica por parte de grupos evangélicos é sinal de que, entre tantas possibilidades, esses grupos querem manter a presença em um dos cenários caros à sociedade contemporânea: o da saúde mental. Entretanto, seguindo nitidamente os ditames da moralidade religiosa, esse cenário (o da saúde mental) deve ser formatado segundo o norte do campo doutrinal desses cristãos (Binkowski, 2019)

O início de nossa trajetória investigativa terá como propósito a busca e a análise de produções científicas brasileiras envolvendo a articulação da educação com práticas psicanalíticas e religiosas tendo como objetivo visualizar o campo de estudo a ser explorado e compreender as nuances desse fenômeno educacional em seu contexto histórico e conceitual.

A partir das pesquisas realizadas, entenderemos que a dinâmica existente entre educação e religião, mais especificamente com a religião evangélica, datam do final do século XIX, com a criação dos primeiros centros educacionais com fundamentação cristã protestante, fruto da vinda de missionários presbiterianos, metodistas e batistas, que investiam na prática do ensino regular, tendo sua ampliação e fortalecimento no decorrer do século XX (Carvalho, 2007).

Já a interação entre educação, religião evangélica e psicanálise visando à formação intelectual e profissional, teve seus primeiros contornos no Brasil, nas décadas de 80 e 90 do século XX. Tendo, de acordo com Carvalho (2007), seu ponto alto na segunda metade da década de 1990, com a criação da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, fundada pelo teólogo e pastor batista Heitor Antônio da Silva. O fenômeno educacional gerado a partir da interação entre psicanálise e cultura evangélica brasileira recebeu as seguintes denominações Psicanálise Didática Cristã (Duarte & Carvalho, 2005) e Clínica do Sagrado (Assis, 2005).

A perspectiva teórica de nosso estudo será composta por conceitos pertencentes ao campo da educação, da cultura, da religião e da psicanálise com ênfase nas concepções e trajetórias desses campos que dialogam com o problema e os objetivos da pesquisa. Os referenciais teóricos abordados no trabalho serão apresentados a partir de seu percurso histórico e epistemológico com o intuito de sedimentar nossa trajetória de construção de saber.

Definida por Viana (2006) como tudo aquilo que colabora para o desenvolvimento do ser humano e de forma específica como um modo de instrução e um dispositivo capaz de desenvolver habilidades e competências, a educação será compreendida como mediadora e transmissora cultural, um espaço que possibilita o encontro de ideias, o intercâmbio de culturas e conseqüentemente a construção de novos saberes.

O eixo conceitual da cultura será apresentado a partir de sua concepção histórica moderna formulada pelas ciências sociais, uma abordagem humanista que compreendia a cultura como um espaço de criatividade, destinado a homens de espírito livre capazes de realizarem criações a semelhança de Deus ou até mesmo como um dispositivo voltado para manutenção de uma ordem social a partir da criação de padrões e regularidades (Bauman, 2012). E terá como foco e ponto de articulação com nosso estudo, a mudança de paradigma realizada pelo movimento dos Estudos Culturais que, a partir de meados do século XX, por meio de suas produções teóricas, propõem a desconstrução do conceito fechado de Cultura, ampliando-o, mostrando-nos que ao falarmos *culturas*, o sentido se torna mais produtivo do que quando falamos em *Cultura* (Costa, 2000). Uma reconfiguração do termo cultura que nos permite olhar para os diferentes povos e enxergar a cultura como algo plural que engloba diferentes ângulos de uma totalidade (Loureiro, 1995). Buscamos uma conexão com o teórico argentino Néstor García Canclini, que trabalha o conceito de hibridação cultural.

Em termos metodológicos, a pesquisa em questão apresentará uma abordagem qualitativa, uma vez que as subjetividades que compõem o universo de estudo de nosso objeto de pesquisa serão consideradas (Gamboa, 2003). Para o procedimento metodológico, adotamos a *formativapesquisa*, modelo que tem como objetivo realizar um trabalho de colaboração entre os participantes da pesquisa, no qual se inclui o pesquisador. De acordo com Carriacás (2021), a proposta da *formativapesquisa* tem como pressuposto o *refletir com, pensar ao lado de*.

Para tanto, o andamento da pesquisa se deu em dois núcleos distintos e complementares: a do grupo de pesquisa *Hermenêuticas do sensível* e a dos participantes da pesquisa. No grupo de pesquisa, além das tarefas convencionais (ler e ampliar horizontes teóricos e metodológicos), discutíamos entre pares o andamento da pesquisa realizada por cada participante. Em clima de constante análise e crítica ao produzido por todos. Sobre o núcleo dos participantes, tecerei comentários no próximo parágrafo. É importante salientar que o produzido na pesquisa não foi fruto tão somente do meu esforço e das recomendações do orientador, antes sim, empenho

construtivo por parte de ambos os núcleos. As reflexões que agora escrevo sobre o percurso metodológico são as mesmas dinamizadas no grupo de pesquisa.

Ora, o escopo da formativapesquisa é composto por três fases. Na primeira fase da pesquisa, intitulada de aproximação, coletamos material bibliográfico sobre o assunto, fizemos o levantamento dos participantes da pesquisa, produzimos o roteiro para a primeira entrevista e a aplicamos. Na sequência, organizamos os dados levantados e os classificamos a partir da técnica comparativa. Uma vez cientes do modo como os participantes se posicionavam e justificavam diante das perguntas por nós elaboradas, partimos para a segunda fase. Esta intitulada de Provocação. Provocar no sentido de instigar a possibilidade do participante a se posicionar de maneira distinta das respostas oferecidas por meio de uma pesquisa por nós elaborada, por meio da qual, levantamos argumentos contrários aos apresentados pelos participantes, com vista a propiciar a possibilidade de deslocamento de consciência sobre o assunto. Perfazendo, desta feita, a tarefa da formativapesquisa que é a de servir de suporte para as pessoas, a maneira socrática, de interagir com o circuito de questões que permeia uma determinada temática. Na trajetória das duas fases, o pesquisador realiza inferências diante do anteriormente exposto pelos participantes produzindo, destarte, à luz e para além do referencial teórico por ele selecionado. De modo que, emerge a crítica do autor à questão disposta.

E, por fim, partimos para a última fase, a do Reencontro. Nesta, com antecedência, o pesquisador apresenta a sua produção (texto) aos participantes que, por sua vez, são convidados a proceder criticamente diante do disponibilizado pelo pesquisador. Por fim, o ciclo interpretativo é, posteriormente, concluído com as observações do pesquisador sobre reencontro.

Sobre o perfil dos participantes das entrevistas definimos como sendo indivíduos de ambos os sexos e que possuem mais de dois (02) anos de formação no curso de psicanálise clínica da AEP. Em relação à quantidade de participantes a serem entrevistados, estipulamos um total de cinco (05) participantes.

A dissertação está dividida em quatro seções. Na primeira, apresentamos os contextos e cenários da pesquisa, a revisão sistemática de literatura, o referencial teórico e os procedimentos metodológicos, e a intitulamos de *Apropriação da psicanálise pela cultura evangélica*. A segunda, cujo título é *A formação em psicanálise oferecida pela associação Psicanalítica Evangélica: opiniões*, abordará a primeira fase da pesquisa, que é a de Aproximação. É um

momento expositivo. A terceira, nomeada de *A formação em psicanálise oferecida pela associação Psicanalítica Evangélica: contrastes*, tratará de estabelecer contrapontos advindos do meio acadêmico para serem postos ao crivo analítico dos participantes — referente à fase da provocação. É um movimento de (re)posicionamento das ideias. A quarta e última, *Análise final*, trata do possível reconhecimento do hibridismo cultural: o deslocamento ou não da consciência. É o momento destinado aos participantes se colocarem criticamente diante do texto produzido por nós. É um momento descritivo.

CAPÍTULO 1 — A APROPRIAÇÃO DA PSICANÁLISE PELA CULTURA EVANGÉLICA

1.1 CONTEXTOS

Esta seção será composta da revisão sistemática de literatura (1.2), do referencial teórico (1.3) e do procedimento metodológico (1.4). Entretanto, faz-se necessário, de forma preliminar, destacar historicamente: (1.1.1) Sobre a Associação Evangélica de Psicanálise do Espírito Santo; (1.1.2) sobre a Psicanálise e a religião; (1.1.3) Escolas de Psicanálise no Brasil e a infiltração evangélica; (1.1.4) O que vem a ser a cultura evangélica e a sua relação com a educação, a política e a psicanálise.

1.1.1 Sobre a Associação Evangélica de Psicanálise do Espírito Santo

A Associação Evangélica de Psicanalistas (AEP) é uma instituição fundada em 21 de maio de 1986, no estado do Espírito Santo, por um grupo de líderes cristãos evangélicos interessados no estudo do psiquismo humano. Atualmente, a AEP fornece cursos de formação nas modalidades on-line e presencial, entre eles o curso de formação em Psicanálise Clínica, que se encontra no âmbito da Escola Psicanalítica Paulina (EPP).

O curso completo conta com aulas teóricas e práticas, atividades complementares, estágio supervisionado e trabalho de conclusão de curso, englobando 30 módulos e carga horária de 1.260 horas. De acordo com a AEP, todos podem fazer o curso. Porém, pessoas que não possuem curso superior que participam do processo de formação e que desejam exercer a psicanálise clínica profissionalmente devem concluir uma graduação (em qualquer área) e, na sequência, receber a carteirinha profissional de psicanalista (AEP FORMAÇÃO, 2023).

Um dos componentes curriculares do curso de psicanálise da AEP é o ensino da terapia alternativa criada pela diretoria da associação e denominada de pneumapsicanálise, palavra composta de *pneuma* (espírito) e *psiquê* (psiquismo, emocional) e análise (investigar, analisar). A pneumapsicanálise corresponde a um processo de investigação utilizando técnicas que vão desde a psicanálise clássica até a neuropsicanálise, incluindo técnicas bíblicas ensinadas no curso de formação através da aplicação de 25 técnicas bíblicas extraídas, segundo interpretam, dos ensinamentos do apóstolo Paulo de Tarso (AEP, 2023).

Conforme consta no site, a AEP tem como missão compartilhar o conhecimento científico atual e os doutrinários das religiões cristãs, a fim de proporcionar harmonia física, psíquica, social e espiritual. Propondo ser referência na capacitação e habilitação de psicoterapeutas cristãos. E por fim, ela preza pelos seguintes valores: respeito, dignidade e honra. O curso é voltado para líderes religiosos evangélicos como pastores, missionários, evangelistas, diáconos, obreiros e conselheiros, podendo ser realizados por líderes da sociedade e diversos profissionais. De forma objetiva, é destinado a indivíduos que queiram entender o ser humano de forma integral (corpo, alma e espírito) aliado a conhecimentos científicos atuais e aos ensinamentos de Jesus Cristo, contidos na Bíblia cristã (AEP FORMAÇÃO, 2023).

Em relação às vantagens do curso, a AEP afirma que seus cursos auxiliam as pessoas a compreenderem o funcionamento de suas emoções e a identificarem os benefícios e prejuízos de comportamentos e hábitos que fazem parte de suas vidas e de seus ambientes de convivência. Sobre o conteúdo, a AEP disponibiliza em seu site a seguinte descrição:

Com o embasamento científico da pneumapsicoquântica alicerçado nos escritos e nas experiências de Paulo de Tarso, discípulo de Jesus Cristo, que não apenas ensinou quais são os problemas da humanidade e seus transtornos psíquicos, como também apresentou soluções para cura do ser humano, a AEP entende, assim como ele (Paulo), que o Autor da ciência é Jesus, onde estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência (Colossenses 2:3) (AEP FORMAÇÃO, 2023).

O modo como a instituição descreve suas atribuições e objetivos no site oficial nos leva a questionar quais parâmetros foram utilizados na construção dos conteúdos que são ministrados em seu curso de psicanálise e quais os propósitos implícitos e explícitos decorrentes de sua constituição. Além disso, nos confronta a pensar até que ponto essa formação pode vir a ser validada junto a uma modalidade acadêmica, visto que apesar de ter em sua composição curricular conteúdos psicanalíticos, a escola afirma encontrar na Bíblia a base de seu curso de formação em psicanálise. Esse livro, tantas vezes usado habilidosamente por líderes religiosos para ditar condutas a serem seguidas pelos fiéis (Josaphat, 2013).

Tal orientação, comumente intitulada de bíblica, nos conduz a questionar o papel da tradição psicanalítica iniciada por Freud e desenvolvida por outros do campo acadêmico, na dinâmica desse curso de psicanálise voltado a esse segmento. Visto que, historicamente, existe uma distinta relação entre a ciência e a religião institucionalizada, permeada por conflitos, diálogos, afastamentos e aproximações. Conduzindo-nos, destarte, a questionar até que ponto as diretrizes doutrinárias da cultura evangélica no curso de psicanálise da AEP comprometem a formação psicanalítica de seus egressos.

Para o nosso estudo, consideramos o termo Psicanálise Didática Cristã mais alinhado à perspectiva e formato do curso livre de psicanálise clínica oferecido pela AEP-ES. Visto que, de acordo com Duarte & Carvalho (2005), as instituições e/ou associações de ensino que se enquadram nessa categoria possuem entre suas principais características a oferta de cursos de formação em teoria e clínica psicanalítica com duração variável entre um e dois anos, cursos guiados por mecanismos de avaliação-diplomação por coeficiente de rendimento e uma diretoria vinculada a movimentos religiosos.

1.1.2 Sobre a Psicanálise e a religião

A psicanálise é uma ciência iniciada pelo médico Sigmund Freud (1856-1939), em Viena, dentro de um padrão cultural alemão. Sendo considerado um método que desempenhou papel de consciência crítica da Modernidade, já que, por meio da psicanálise, os tronos do eu e da razão foram destituídos. A partir dessa ciência, Freud ofereceu uma nova concepção acerca do psiquismo humano. Por meio de suas teorias e pesquisas, trouxe luz a fenômenos como os sonhos, os esquecimentos e as fantasias, classificando essas questões a partir de um viés científico. Segundo Drogue (2000), a psicanálise pode ser compreendida como um método investigativo voltado a desvendar causas de doenças psíquicas, interpretar sonhos, analisar mitos e uma técnica terapêutica para promover a cura de doenças da alma.

A Psicanálise aplicada é o tratamento psicanalítico. Aquilo que escapa ao tratamento psicanalítico é a teoria psicanalítica, quer dizer, aquilo que o psicanalista pode aprender através da investigação da cultura humana, ou seja, das atividades humanas, como fez Freud com a obra de Sófocles, *Édipo Rei*; ele pôde aproveitar a tragédia grega para formalizar aquilo que chamou de *Complexo de Édipo*. Na realidade, Freud aprendeu com a tragédia para fazer uma teoria psicanalítica (Nogueira, 2004).

Segundo Salim (2010), o termo psicanálise foi utilizado por Freud pela primeira vez no ano de 1896, em Viena, quando ele escreveu acerca do funcionamento mental e descreveu seus métodos científicos no artigo “Novas observações sobre as Psiconeuroses de Defesa”. Dentre os mais famosos métodos freudianos, está o da associação livre de ideias, definido por Ferreira (2000), como uma via pela qual se realiza a revelação do inconsciente em uma análise.

De acordo com Carvalho & Honda (2017), a associação livre é um processo terapêutico proposto pela psicanálise, no qual o paciente discursa livremente as ideias que lhe veem à mente e as verbaliza ao analista, de forma livre, sem censuras ou obstáculos. A partir disso, o

psicanalista investiga o conteúdo que aparentemente não tem sentido, mas que é de extrema importância para uma compreensão das causas responsáveis pelos sofrimentos e distúrbios do paciente. Segundo Pisandelli (2007), essa regra foi utilizada pelo próprio Freud em seu processo de autoanálise quando o mesmo fazia a análise de seus sonhos. Como o mote da pesquisa não é a psicanálise, mas a formação em psicanálise posta em análise por egressos de um centro de formação, não observamos como necessário expor detalhadamente a história ou a teoria de Freud. De modo que, nas linhas que seguem, observaremos o contexto histórico da psicanálise e a sua relação com a religião.

O posicionamento de Freud acerca do tema religião pode ser verificado em algumas de suas produções teóricas. Em seu livro *Atos Obsessivos e práticas religiosas*, lançado em 1907, Freud refere-se ao fenômeno religioso atrelando-o a neurose obsessiva, um distúrbio psíquico, nesse livro o autor atribui à religião a responsabilidade por desencadear as neuroses (David, 2003).

Já em *O futuro de uma ilusão*, de 1927, considerada o ponto de cisão entre a psicanálise e a religião, Freud muda seu pensamento acerca da religião, deixa de lado a questão de explicá-la como uma neurose obsessiva e a partir de então compreende que a religião é uma ilusão, associando as doutrinas religiosas a uma concepção de delírio, uma vez que, para o psiquiatra, tais doutrinas não poderiam ser comprovadas cientificamente. Segundo David (2003), para Freud, a religião desempenha o papel de atender a:

[...] fortes e antigos anseios da humanidade: o anseio pelo pai, o anseio de defesa contra as forças esmagadoramente superiores da natureza e o anseio de retificar as deficiências da cultura. Com a religião, o homem realizaria uma espécie de intoxicação, que o afasta de parcelas indesejáveis da realidade, mas também da especificidade de seu desejo (David, 2003, p. 7).

De acordo com David (2003), no livro *O Futuro de uma Ilusão*, Freud afirma que a religião é um instrumento que tenta dominar o mundo perceptível recorrendo a questões do mundo dos desejos, desejos produzidos no interior do homem como consequência de suas necessidades biológicas e psicológicas. Freud entende que a estratégia da religião não é bem sucedida, visto que carrega em sua doutrina conceitos que surgiram em contextos diferentes e que trazem em sua identidade a marca do tempo. Além disso, Freud acreditava que tais preceitos religiosos fracassaram por estarem relacionados aos períodos de ignorância da civilização, ou seja, aos tempos primórdios e infantis da humanidade.

Por fim, David (2003) afirma que Freud entendia que a psicanálise era incompatível com a religião, mas defendia a ideia de que tal fato não impediria uma pessoa religiosa de ser

submetida ao processo de análise. Visto que para Freud, a psicanálise não se tratava de uma pedagogia e não tinha como propósito conduzir indivíduos a se tornarem religiosos ou ateus. Compactuando com seu pensamento, temos a visão do psicanalista e jesuíta William W. Meissner, que em sua obra, *Psicanálise e experiência religiosa*, de 1984, afirma que a teologia começa onde termina a psicanálise.

1.1.3 Escolas de Psicanálise no Brasil e a infiltração evangélica

No Brasil, a psicanálise ganha seus primeiros contornos nas primeiras décadas do século XX. Inicialmente, a divulgação da psicanálise nas universidades foi realizada por docentes dos cursos de medicina e, posteriormente, tornou-se disciplina universitária atrelada ao curso de psicologia, entre elas, psicologia do desenvolvimento e estágio supervisionado. De acordo com Fonteles e Coutinho (2016), a princípio, as escolas psicanalíticas e o exercício da psicanálise no Brasil estavam restritas aos médicos. A restrição advinda das escolas de psicanálise fizeram com que psicólogos e profissionais interessados no estudo da psicanálise recorressem às universidades para realizarem sua formação através dos cursos de pós-graduação oferecidos inicialmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Segundo Ponte (1999), até os anos setenta, o campo da psicanálise brasileira era majoritariamente ocupado por médicos. Na década de 1970, com o advento do chamado “boom psicanalítico”, um fenômeno que contribuiu para o enfraquecimento do protagonismo dos médicos frente ao monopólio da psicanálise no Brasil, surgem inúmeros profissionais identificados pelo público como psicanalistas ou simplesmente analistas, reunindo além dos psicanalistas e psiquiatras, psicólogos, terapeutas corporais, profissionais de área da ciências humanas, psicoterapeutas e até esotéricos.

[...] as sociedades filiadas à Associação Psicanalítica Internacional começaram, em fins da década de 1970 e início dos anos 80, a dar sinais de esgotamento de suas possibilidades de manter o domínio que exerciam sobre o campo psicanalítico nacional. Nos anos posteriores, o controle hegemônico exercido pelas instituições focalizadas neste trabalho e a exclusividade por elas reivindicada, cederam lugar a uma profusão de instituições que disputam até hoje o legado de Freud e seus seguidores (Ponte, 1999, p.161-162).

A aproximação do campo evangélico brasileiro dos saberes e das práticas da psicanálise foi inicialmente tímida, permanecendo por mais tempo restrita a subtópicos de disciplinas

acadêmicas nos cursos de graduação e pós-graduação em teologia e ciências da religião. O movimento evangélico sacramenta sua confluência com a psicanálise apenas na década de 1990, a partir da fundação da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB), no ano de 1996, em Niterói (RJ), instituição que apresenta como projeto a propagação da psicanálise adotando um novo estilo programático caracterizado pela formação em prazos mais curtos e preços mais acessíveis.

Fundada em 1996 em Niterói (RJ), a SPOB gaba-se de possuir a maior rede de psicanalistas da América Latina, com mais de 3.000 formados em seus cursos que duram dois anos (com duas aulas por mês) e que exigem 80 sessões de análise pessoal. De custo muito acessível, as aulas são ministradas através de discussões e apostilas com conteúdo bastante simplificado (Binkowski, 2019, p. 5).

Duarte & Carvalho apontam resultados do desempenho da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB), destacando-se o número de acadêmicos formados pela SPOB que, entre os anos de 1996 e 2002, atingiu a marca de mais de três mil psicanalistas formados pela instituição em todo território nacional. Além do desempenho positivo, Duarte & Carvalho (2005) indicam que o aparecimento desse fenômeno gerou uma reação por parte de instituições e conselhos de psicologia brasileiros, reação voltada a questões de cunho jurídico e institucional.

De acordo com BINKOWSKI (2019) essa apropriação da psicanálise parte do movimento neopentecostal surgido depois dos anos 1970 que estipulou como missão para si, na virada do milênio, o papel de “disciplinar a sociedade” moldando os valores dessa a partir de uma ética e uma estética evangélica. A partir disso, entende-se que a psicanálise nas mãos do segmento neopentecostal torna-se uma ferramenta teológica, espiritual e moral.

[...] a psicanálise entra como fundamento de discurso e arcabouço técnico, como um discurso disciplinar, moralizante e bastante efetivo para lidar com o sofrimento subjetivo dessa população mais sofrida. A “psicanálise” vira um nome da máquina de guerra da conquista de território, das almas, da população. Temos algo como o uso da energia nuclear para fazer bombas, ou seja, um desvio técnico que se aproveita de algo muito potente (Binkowski, 2019, p. 5).

Para Binkowski (2019), os articuladores desse movimento de apropriação da psicanálise têm seu corpo formado por membros neopentecostais pertencentes a camadas sociais mais favorecidas que, guiados por um proselitismo-militante, buscam lucros e glórias para si, articulando, desse modo, um projeto de poder. Tal pensamento conjuga-se com a tentativa do movimento psicanalítico evangélico que articulou junto a parlamentares da bancada evangélica no Congresso Nacional a aprovação de um projeto de lei voltado a regulamentação da

psicanálise contendo benefícios às instituições de origem religiosa, uma clara tentativa de monopolizar a prática psicanalítica (Lopes, 2008).

O projeto de lei em questão é o de nº 3.944, de autoria do pastor e deputado federal Eber Silva (PDT-RJ). Voltado à regulamentação da profissão de psicanalista, o projeto propunha um estatuto único, conferia ao MEC a definição de um currículo base, estágios e assuntos referentes à análise didática dentre outros assuntos. A fiscalização caberia aos Conselhos Estaduais e Federais de Medicina e as sociedades psicanalíticas pré-existentes seriam automaticamente reconhecidas. De acordo com Binkowski (2019), o projeto de lei que contou com o sustento da SPOB foi rejeitado por diferentes grupos de psicanalista e, por fim, foi arquivado.

1.1.4 Cultura Evangélica: educação, política e psicanálise

Na Era Vargas (1930-1945), os evangélicos se mantiveram distantes do estado e voltaram sua atenção para a educação, investindo na abertura de colégios, uma vez que eles viam na educação um instrumento para captação de novos membros entre as elites e as camadas populares tanto da cidade quanto do campo. De acordo com Cerveira (2008), nesse período, o movimento evangélico pentecostal apresentou um alto crescimento.

Durante a fase de redemocratização, houve um crescimento numérico de igrejas e de seus membros. Esse período também marca a chegada dos evangélicos nas universidades e membros desse segmentos surgem no cenário político. A partir disso, o universo protestante passa por um processo de pluralização e ganha caráter político. Durante o golpe de 64 e durante todo regime militar, o imaginário do movimento evangélico estava alinhado com os que participaram da “Marcha da Família com Deus pela liberdade” (Cerveira, 2008).

Já no final dos anos 80, Cerveira (2008) destaca o fortalecimento e maior visibilidade de dois segmentos evangélicos, os pentecostais e neopentecostais, movimentos que fazem uso dos meios de comunicação, como a televisão, mídia usada como forma de propagar a religião e alcançar novos setores da sociedade como a classe média. É neste período também que temos a entrada dos evangélicos na política institucional, concorrendo a cargos públicos. Diante do quadro histórico exposto, concordamos com a definição descrita por Cerveira (2008) acerca da identidade do evangélico brasileiro:

Em termos de auto identidade, podemos falar em um “continuum” evangélico (Freston, 1993), que vai da igreja luterana, uma igreja de imigração que se nacionaliza ao longo desses mais de cem anos, até a Igreja Universal, tipo ideal do movimento neopentecostal com características absolutamente novas para o mundo protestante brasileiro, passando pelas igrejas históricas e pelo pentecostalismo tradicional, que seriam uma espécie de “evangélico médio” (Cerveira, 2008, p. 47).

A partir do contexto histórico apresentado, podemos entender que a cultura evangélica brasileira é formada por uma multiplicidade de elementos pertencentes ao mundo das igrejas evangélicas representadas pelas igrejas históricas, pentecostais e neopentecostais, segmento que teve sua gênese no período republicano e sua expansão e popularização na década de 80 do século passado. Para designar esse movimento cultural, Prandi (2008) cunhou o termo *evangelicalismo*, pois, segundo ele, o movimento evangélico brasileiro representa uma variação do protestantismo, sendo composto por uma infinidade de igrejas com diferenças pequenas e grandes.

Como todas as demais culturas, a cultura evangélica brasileira possui imagens e símbolos que a representa, tendo a bíblia como o mais importante símbolo de representação cultural, uma vez que o conjunto de livros é a base para a criação de elementos culturais como a música, o teatro, as expressões, a literatura, as doutrinas, os usos e costumes, dentre outros elementos. Além disso, a cultura evangélica brasileira é representada por um estilo de vida e de comportamento, uma ética que é reconhecida e compartilhada por aqueles que consomem e produzem tal cultura (Cerveira, 2008).

Devido à expansão da cultura evangélica por todo território brasileiro e o aumento expressivo no número de indivíduos que professam a religião evangélica, Cerveira (2008) volta a atenção para um fenômeno resultante desse efeito, que ele denominou como identidade evangélica, visto que os evangélicos não se reconhecem apenas como brasileiros, mas sim como “povo de Deus”. Tal ideário leva os evangélicos a considerarem necessário que o quadro político seja composto por cidadãos que compactuam com os valores pertencentes à cultura evangélica.

Segundo Cerveira (2008), no corpo da cultura evangélica brasileira, encontramos traços de unidade e de diversidade. A unidade está presente na teologia que representa a base na qual são formuladas as crenças, os sermões e saberes religiosos. Já a diversidade está na prática religiosa, na forma como a religião é manifestada na prática, ou seja, os cultos, cerimônias e rituais.

Ampliando as considerações de Cerveira (2008) e situando a potência da cultura evangélica na atualidade, Alencar (2019) aponta que o expressivo aumento nos últimos anos do número de

evangélicos no Brasil fez com que esse segmento marcasse maior presença na cultura e na sociedade brasileira, ganhando a designação de cultura pública (Giumbelli, 2013). Como forma de exemplificar as formas de expressão da cultura pública evangélica no Brasil, seguem alguns casos, dentre eles:

[...] a participação na mídia através dos exorcismos na TV e pregações facilmente encontradas nos canais evangélicos; shows e eventos realizados em praças, ruas, avenidas, como a “Marcha para Jesus”; organizações como os Atletas de Cristo que criam grupos de oração e de apoio em agremiações esportivas; a presença dos evangélicos em diversos meios considerados como pontos de pregação e conversão, como prisões, hospitais e até mesmo transporte coletivo como trens, ônibus e metrô; práticas de oração e meditação coletiva feitas muitas vezes em locais elevados da cidade, como montes; alterações da paisagem urbana através da construção de templos e “catedrais” de grande porte (Alencar, 2009, p. 176).

1.2 REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Utilizamos como diretórios de pesquisa as seguintes plataformas de busca: periódicos Capes, *Google acadêmico* e Scielo Brasil (Brasil Scientific Electronic Library Online). Inicialmente, definimos como critérios de busca os seguintes requisitos: produções dos últimos cinco anos e que apresentem em seus conteúdos temáticos as palavras-chave: educação, religião e psicanálise.

Na busca realizada na plataforma Scielo Brasil não foram encontradas publicações relativas a essa combinação de termos. Já na plataforma do periódicos Capes, tivemos como resultado a ocorrência de três artigos. O primeiro artigo teve como objetivo lançar um olhar sobre a homossexualidade a partir da ótica da educação, da psicanálise e da religião. O segundo buscou discutir a felicidade e a religião a partir de uma leitura crítica de Freud e, por fim, o terceiro pautou sua produção questionando um possível diálogo entre religião, ética e psicanálise.

Após os resultados obtidos inicialmente, optamos por alterar alguns critérios de busca na plataforma Periódicos Capes, mantivemos o período de produção e alteramos a quantidade de palavras-chave. Para tanto, dividimos as palavras-chave em dois campos contendo a combinação de duas palavras. No primeiro campo, utilizamos as palavras psicanálise e religião e, no segundo, foram escolhidos os termos educação e psicanálise.

Como resultado das pesquisas, no primeiro campo, foram localizadas cinquenta e três (53) produções, sendo cinquenta e dois (52) artigos e uma (01) dissertação. O segundo campo, por

sua vez, apresentou como resposta de pesquisa o quantitativo de trezentos e vinte e nove (329) produções, todas no formato de artigos.

A partir dos dados e números obtidos nas primeiras etapas desse processo de pesquisa, podemos observar que a temática do presente estudo, envolvendo a dinâmica entre educação, religião e psicanálise, possui um baixo índice de produções. Apresentando, portanto, um campo amplo a ser explorado e pesquisado.

Como resultado das buscas envolvendo a interação entre as áreas da educação e da psicanálise, pôde-se notar o expressivo interesse dos pesquisadores da área da educação na realização de estudos interdisciplinares com os saberes psicanalíticos. Já os resultados obtidos na busca relativa à conjunção da psicanálise com a religião nos apontam para uma perspectiva de crescimento de estudos acadêmicos destinados a compreender as convergências, divergências e os fenômenos sociais resultantes da relação existente entre a psicanálise e o campo religioso.

Por meio da leitura dos resumos das produções teóricas dos últimos cinco (05) anos (2022 - 2018), obtidos através dos diretórios pesquisados, notamos a ausência de trabalhos direcionados ao estudo do fenômeno de nossa pesquisa, que tem como objetivo investigar o surgimento e o processo de formação dos cursos de psicanálise destinados ao segmento evangélico brasileiro, bem como os elementos da cultura evangélica brasileira, inseridos no ensino psicanalítico oferecido por instituições evangélicas e seus desdobramentos nos âmbitos social e político.

Diante do quadro de resultados apresentados nas primeiras etapas da revisão de literatura, decidimos ampliar o critério de busca referente ao período das produções, passando dos últimos cinco (05) anos para o período dos últimos vinte (20) anos (2002 - 2022). Além disso, visando a uma busca com maior precisão, ajustamos as palavras-chave, escolhendo termos mais próximos de nossa pesquisa.

Inicialmente, optamos pela combinação dos termos psicanálise e evangélico, e os submetemos à busca junto ao diretório Scielo Brasil, que apresentou como resultado uma única publicação, um artigo com o título: “A discursividade evangélica e alguns de seus efeitos: laço social, psicopatologia e impasses teóricos e transferenciais” (Binkowski *et al.*, 2020), publicado em junho de 2020.

A partir da leitura flutuante do artigo de Binkowski *et al.* (2020), deparamo-nos com uma discussão voltada a compreender a presença do discurso evangélico entre os pacientes dos

serviços de saúde mental, sinalizando que tal estudo tem como um de seus eixos a saúde e a prática clínica da psicanálise, sem correlações com o processo de formação psicanalítica oferecido por instituições evangélicas.

A leitura desse artigo nos apontou para os termos pentecostal e neopentecostal que, segundo Binkowski *et al.* (2020), são os grupos evangélicos que, nos últimos anos, têm ganhado mais destaque na mídia e despertado o interesse de pesquisadores das ciências sociais e humanas. Sendo ainda apontados como os dois movimentos responsáveis pelo crescimento do número de evangélicos no Brasil e no mundo. O autor afirma que no início do milênio o segmento evangélico chegou a marca de 500 milhões de fiéis ao redor do mundo.

Diante desse dado relevante apurado no artigo de Binkowski *et al.* (2020), optamos por substituir a palavra-chave evangélico por pentecostal. Mantivemos como diretório de busca a plataforma Scielo Brasil e fizemos a busca a partir das palavras: psicanálise e pentecostal. Como resultado, foi encontrado um (01) artigo de Duarte & Carvalho (2005), com o título: “Religião e psicanálise no Brasil contemporâneo: novas e velhas *Weltanschauungen*”.

No artigo de Duarte & Carvalho (2005), encontramos um alinhamento com o universo temático de nossa pesquisa, visto que a produção dos dois autores visa apresentar um panorama geral acerca da relação existente entre os saberes psicológicos e a religiosidade no Brasil, bem como compreender a organização interna de movimentos e cursos voltados para a formação psicanalítica entre cristãos evangélicos, movimento denominado pelos autores como psicanálise didática cristã. Tal expressão essa pode ser compreendida como:

[...] o movimento de formação psicanalítica entre cristãos evangélicos. Os responsáveis por esses cursos negam oficialmente qualquer relação direta com o campo religioso, talvez justamente por causa das polêmicas jurídicas com o Conselho Federal de Psicologia e com as sociedades tradicionais de psicanálise. A expressão proposta é conveniente por dois motivos: primeiro porque remete diretamente ao *ethos* psicanalítico-educacional que está na base lógica da construção teórica, interventiva e de formação profissional desses cursos; segundo porque, na medida em que propõe uma ampla difusão dos saberes e práticas psicanalíticos como um recurso de transformação da sociedade, evoca a referência habitual à psicanálise brasileira da primeira metade do século XX, cuja aliança com os movimentos de educação e higiene mental é bem conhecida (Duarte & Carvalho, 2005, p. 494, nota 2).

A partir do artigo de Duarte & Carvalho (2005), podemos situar historicamente a entrada e a difusão da psicanálise no contexto do Brasil contemporâneo. Um saber que no período anterior aos anos de 1960 estava restrito aos médicos psiquiatras e aos acadêmicos dos cursos de

psicologia e era visto como um saber subversivo pelos segmentos católicos e protestantes, que apontavam a psicanálise como sendo uma prática ligada ao “pansexualismo”.

No final da década de 1970, ocorre uma descentralização do saber psicanalítico, período apontado por Duarte & Carvalho (2005) como o apogeu da psicanálise com destaque para a fragmentação do ensino psicanalítico que anteriormente estava restrito a poucas instituições pioneiras, o aumento intensivo da formação de psicólogos e o movimento de psicanalização da formação psiquiátrica.

Já na década de 1980, de acordo com Duarte & Carvalho (2005), surge no Brasil a oferta de terapias com um viés psicológico, entre elas os denominados movimentos “Nova Era” ou de “religiosidades do self”, além da literatura de autoajuda e dos livros de cura interior. A literatura denominada de cura anterior teve sua origem nos Estados Unidos e chegou ao Brasil por meio de obras traduzidas, sendo vastamente consumida por evangélicos de denominações tradicionais e lideranças de movimentos pentecostais.

Duarte & Carvalho (2005) afirmam que esse período da história é marcado pela proliferação de propostas de interpretações e terapêutica do sofrimento, onde as práticas terapêuticas apresentam formações ideológicas transicionais ou híbridas entre os saberes psicológicos ou psicologizantes e as fórmulas mágico-religiosas.

Outro aspecto que se destaca no artigo de Duarte & Carvalho (2005) é a indicação de trabalhos que buscaram compreender os caminhos que construíram o fenômeno de psicologização no universo religioso brasileiro. Entre eles, a pesquisa de Pierre Sanches (2006), que se debruçou sobre a interação da psicanálise com a religião católica no Brasil, que teve seu estreitamento a partir dos anos de 1950, com destaque para o surgimento do Centro de Estudos Freudianos — hoje, considerado como o primeiro círculo de estudos lacanianos no Brasil, que tinha em sua composição religiosos —, e para a abertura do chamado Círculo Brasileiro de Psicanálise, fundado em 1956, por um padre católico, e do Christus Sacerdos, instituto destinado à formação do quadro sacerdotal, fundado por jesuítas no colégio de São Leopoldo.

Diferentemente do percurso relacional construído entre a psicanálise e o movimento católico brasileiro, Duarte & Carvalho (2005) afirmam que a difusão dos saberes e práticas psicanalíticas junto ao segmento evangélico brasileiro apresentou-se de forma tímida e lenta, restringindo-se a disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação em teologia e ciência da religião.

O movimento evangélico sacramenta sua confluência com a psicanálise apenas na década de 1990, a partir da fundação da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB), no ano de 1996, instituição que apresenta como projeto a propagação da psicanálise, adotando um novo estilo programático caracterizado pela formação em prazos mais curtos e preços mais acessíveis. Tendência essa que de acordo com Duarte & Carvalho (2005), a partir do final da década de 1990, fora seguida por outras associações não ligadas à religião, entre elas: a Associação Nacional de Psicanálise Clínica (ANPC), o Instituto Freud, a Academia Brasileira de Psicanálise Clínica (ABPC) e a Sociedade Latino-Americana de Psicanálise Clínica (SLAPSIC).

No artigo são demonstrados resultados do desempenho da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB), destacando-se o número de acadêmicos formados pela SPOB que, entre os anos de 1996 e 2002, atingiu a marca de mais de três mil psicanalistas em todo território nacional. Além do desempenho positivo, Duarte & Carvalho (2005) informam que o aparecimento desse fenômeno gerou uma reação por parte de instituições e conselhos de psicologia brasileiros, reação voltada a questões de cunho jurídico e institucional.

O termo Psicanálise Didática Cristã, criado por Duarte & Carvalho (2005) como modo de caracterizar os cursos de formação em psicanálise destinado a grupos cristãos evangélicos teve sua fundamentação a partir dos estudos e pesquisas de Carvalho, que buscou compreender esse universo através das redes sociais aglutinadas nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Duarte & Carvalho (2005) apontam aspectos iniciais que caracterizam as instituições que se enquadram no contexto da Psicanálise Didática Cristã. Entre tais características, estão: a oferta de cursos de formação em teoria e clínica psicanalítica com duração variável entre um e dois anos, cursos guiados por mecanismos de avaliação-diplomação por coeficiente de rendimento e uma diretoria vinculada a movimentos religiosos.

Por meio do estudo detalhado do artigo de Duarte & Carvalho (2005), percebemos que a temática pesquisada pelo autor Emílio Nolasco de Carvalho apresenta afinidades e converge com o nosso eixo de estudo, visto que temos como um dos objetivos da pesquisa identificar e analisar o modo como a cultura religiosa evangélica brasileira influencia no processo de formação dos acadêmicos do curso de psicanálise clínica oferecido pela Associação Evangélica de Psicanalistas do Espírito Santo (AEP-ES).

Ao tomar ciência, através do artigo de Duarte & Carvalho (2005), que o pesquisador Emílio Nolasco de Carvalho tinha como objetivo de sua pesquisa compreender a organização interna de movimentos e cursos voltados para a formação psicanalítica entre cristãos evangélicos, direcionamos nossa busca por publicações produzidas por Emílio Nolasco de Carvalho.

Diante disso, localizamos o currículo Lattes do autor¹ e procuramos as produções referentes ao universo de nossa pesquisa, localizamos dois trabalhos: primeiro, uma tese de doutorado cujo título é “O divã e o altar: cultura psicanalítica e movimento protestante no Brasil” — tese de Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, datada do ano de 2007 e, o segundo trabalho, um artigo de 2012, apresentado no 36º Encontro Anual da ANPOCS, e publicado nos anais do encontro, cujo título de artigo é “Sobre divãs e altares: psicologia nos movimentos evangélicos brasileiros”,

Ambos artigos foram localizados através da plataforma Google acadêmico. Iniciamos pela leitura da tese de doutorado que, conforme apresentado por Carvalho (2007), teve como objetivo analisar os investimentos do segmento evangélico brasileiro no campo da psicanálise ao longo do século XX, e compreender o processo histórico que culminou na constituição dos cursos de formação psicanalítica fundada por pastores e lideranças evangélicas. A centralidade da pesquisa voltou-se para essa pauta devido aos confrontos políticos e judiciais que ocorreram entre o Conselho de Federal de Psicologia e os novos cursos de psicanálise dirigidos por evangélicos, fenômeno crescente no Brasil durante o final da década de 1990. A contribuição de Carvalho (2007) é de extrema relevância para a nossa pesquisa, visto que ele discute tópicos que, observamos, se insere ao lado da discussão sobre hibridismo cultural. Desse modo, usaremos a contribuição de Carvalho (2007) como referencial teórico no que tange à apropriação da cultura psicanalítica pela cultura evangélica.

Por termos a cultura como um dos eixos de nossa linha de pesquisa, buscamos produções que nos apresentassem, nesse primeiro momento, um quadro acerca da possível proximidade existente entre a cultura psicanalítica e a cultura evangélica. Em nossa pesquisa realizada através do *Google acadêmico* localizamos uma quantidade expressiva de produções que relacionavam religião cristã e psicanálise. Por meio da leitura dos títulos e resumos dos conteúdos encontrados, destacamos a monografia de Assis (2005), intitulada “Aproximações

¹ Link de acesso ao Currículo Lattes do pesquisador Emílio Nolasco de Carvalho: <http://lattes.cnpq.br/6243258030063617>

conceituais entre psicanálise e teologia cristã: contribuições para uma clínica do sagrado” e o artigo de Coelho (2020), “Psicanálise e Religião: um diálogo na constituição do sujeito”.

A monografia de Assis (2005) discute a relação entre a psicanálise e a teologia cristã, interação se alinha ao nosso objeto de estudo, que traz como proposta de saber um ensino psicanalítico a partir de uma visão teológica cristã. Como fruto da relação entre esses dois campos culturais, Assis (2005) apresenta o termo clínica do sagrado, nomenclatura que engloba o viés terapêutico da psicanálise a partir de uma perspectiva religiosa. Como metodologias de pesquisa, o autor recorreu à revisão bibliográfica e entrevistas. A análise de conteúdo foi a técnica de interpretação utilizada por Assis.

Para definir a mescla dessas duas esferas de saber, o autor intenciona dois termos: Teologia Psicanalítica e Psicanálise do Sagrado. Além disso, correlaciona elementos das duas culturas para compreender essa fusão de saberes. Segundo Assis (2005), *pathos* refere-se a pecado, cura corresponde à salvação e inconsciente à fé. O acesso a essas construções teóricas corroboram com o propósito de nossa dissertação na medida em que, a partir disso, poderemos fazer comparações entre os elementos culturais que constituem a dinâmica conceitual e teórica existente no escopo de conteúdos ministrados no curso de psicanálise clínica oferecido pela AEP.

Assis (2005) traz dados que apontam para a necessidade do desenvolvimento de mais estudos acerca de fenômenos envolvendo a religião cristã no Brasil. Visto que nosso país é classificado com um dos terrenos mais fecundos para proliferação de religiões, apresentando um alto crescimento no número de cristãos de vertente pentecostal e carismático. De acordo com dados do IBGE, o Brasil é uma das maiores nações cristãs do mundo, onde 73% da população é composta por Católicos e 15% por evangélicos, de acordo com os dados disponibilizados no trabalho de Assis. Atualizando os números para estatísticas recentes, temos a pesquisa da Data Folha, realizada em dezembro de 2019 e publicada em 2020, que aponta que 33% da população brasileira é composta por evangélicos.

[...] em todos os índices, é possível notar uma mudança significativa na proporção de católicos: em 2010, representavam 64% da população, em 2020, um total de 50%, podendo esse número variar entre 48% e 52%. É possível perceber também um aumento considerável de evangélicos: de 22% para 31% (29% – 33%) da população (Pestana, 2020. Online).

A partir disso, nossa pesquisa torna-se ainda mais relevante e com a atualização desses dados temos uma visão acerca do cenário que iremos explorar. Finalizando as percepções acerca da

obra de Assis (2005), acreditamos ser útil a explanação do pesquisador acerca de teóricos que apresentam posições contrárias à aproximação entre psicanálise e religião cristã, entre eles está Rudolf Allers, psicólogo católico que considerava incompatível a relação entre um saber materialista e outro naturalista, e discordava da visão de Freud que enxergava a religião como uma ilusão. Além disso, Allers compreendia a psicanálise como sendo uma deturpadora da fé, herética e anticristã e afirmava que a psicanálise era destruidora da moral e provocava a normalização de pecados.

Já em relação ao artigo de Coelho (2020), consideramos relevante, visto que a discussão desenvolvida trará contribuições à construção teórica de nossa dissertação. A autora apresenta definições sobre a religião, a psicanálise e a visão dos principais mentores da teoria psicanalítica acerca da relação entre essas duas cosmovisões. No artigo, a autora apresenta duas perspectivas acerca da religião, considerando a religião um sistema cultural a partir da perspectiva de Clifford Geertz e como uma categoria antropológica, segundo Talal Asad. O conhecimento de tais definições nos permitirá definir a partir de qual perspectiva conduziremos nosso estudo. Coelho (2020) acrescenta em suas considerações a definição do que vem a ser religião a partir do ideário cristão, afirmando que, para o cristianismo, a religião tem como base a bíblia e busca destacar a divindade e a humanidade de Jesus Cristo.

Diferente das produções anteriores, consideramos relevante o fato de o artigo de Coelho (2020) apresentar o posicionamento dos principais pensadores da teoria psicanalítica acerca da relação entre psicanálise e religião. Entre os teóricos citados em sua obra estão Freud, Jung e Lacan. Conforme afirmado por Coelho (2020), Freud considerava que a religião era uma das responsáveis por desencadear neuroses. Jung, por sua vez, compreendia a religião como um elemento vinculado à prática correta de ritos e à submissão do ser humano à vontade do deus, Jung voltava-se para a religião encarando-a como uma manifestação psicológica, uma experiência psíquica e um movimento repleto de símbolos. Já o francês Lacan via a relação entre esses dois campos como algo nada amistoso, Lacan era um ferrenho crítico da cultura religiosa de seu tempo, tratando a religião como uma esquizofrenia coletiva, uma espécie de neurose coletiva.

Ao concluir essa etapa da pesquisa, que tem como objetivo localizar os estudos realizados em nosso campo temático, consideramos que nossa dissertação tem relevância acadêmica, visto que irá trazer dados recentes acerca da interação entre a psicanálise e a religião dentro do contexto da educação. Diferente das pesquisas já realizadas, nosso estudo pensará a psicanálise

e a religião a partir de uma perspectiva cultural visando compreender como a cultura religiosa evangélica influencia no processo de formação do curso de psicanálise oferecido por um instituto psicanalítico declaradamente evangélico. Será uma oportunidade de promover uma interação entre o eixo acadêmico e o extra-acadêmico e dessa forma estimular novas pesquisas voltadas para essa temática e apontar a necessidade da construção de estudos transdisciplinares.

1.3 REFERENCIAL TEÓRICO

1.3.1 A apropriação da psicanálise pelos evangélicos

A tese de Carvalho (2007) lança o olhar sobre a psicanálise não como um saber e uma prática estabelecida. O autor renuncia a visão da psicanálise como algo puro quando realizado de forma adequada e prescrita. Em contrapartida, busca compreender a psicanálise como uma produção social específica de saberes e práticas, que é criada e recriada a partir de influência do meio social em que está inserida.

Neste sentido, ao invés de pensar o quanto esta ou aquela forma de invenção da psicanálise se aproxima ou se distancia de uma ‘psicanálise verdadeira’, proponho analisar as visões de mundo, os regimes de valor, os jogos de enunciação e visibilidade e as micro e macro políticas que participam na constituição das variações imanentes àquilo que se convencionou chamar ‘psicanálise’ (Carvalho, 2007, p. 14).

O estudo de Carvalho (2007) é orientado a partir de uma perspectiva antropológica. O autor recorre ao pensamento de Foucault para compreender a construção histórica dos campos da medicina, psiquiatria, psicanálise e psicologia, visando entender como os discursos desses campos relacionam-se com os regimes de poder e seus instrumentos disciplinares.

Nos primeiros capítulos, o autor apresenta a relação histórica existente entre a psicanálise e o cristianismo no contexto europeu e norte-americano. Em seguida, direciona seu trabalho para os investimentos que os movimentos cristãos brasileiros realizaram junto à psicanálise durante o século XX, destacando sua relação com o meio acadêmico e político-institucional. Por fim, Carvalho (2007) faz uma análise histórica dos saberes psicanalíticos produzidos pelo eixo cristão durante o século XX, destacando os feitos realizados pelos protestantes.

A partir de uma visão sistemática do corpo teórico presente na tese de Carvalho (2007), podemos entender que tal pesquisa visa compreender, a partir de uma visão antropológica e histórica, o modo como os cristãos brasileiros conseguem construir um diálogo entre dois campos divergentes, ou seja: a religião e a psicanálise, uma junção que aparentemente mostra-se como impossível. A tese de Carvalho (2007), bem como a presente pesquisa de mestrado, são produções voltadas a preencher a grande lacuna de pesquisas que se propõem a estudar a histórica relação tensa existente entre a academia secular e os circuitos religiosos.

Em relação às metodologias utilizadas por Carvalho (2007), o autor destaca uma variedade de estratégias, entre elas: a análise de documentos, a pesquisa de textos e publicações editoriais, análise de textos e artigos publicados na internet apontado como um vasto arcabouço, onde encontram-se inúmeros conteúdos acerca da temática psicanálise produzidos por pastores e líderes religiosos. O autor também sistematizou conversas realizadas com profissionais do campo da psicologia e líderes religiosos e um conjunto de entrevistas com cinco participantes, composto por docentes e egressos que tiveram sua formação em psicanálise realizada em instituições ligadas ao segmento cristão. Carvalho (2007) traz em sua tese dados históricos que contextualizam as etapas de desenvolvimento da interação entre a psicanálise e o segmento cristão no Brasil. O autor aponta que tanto a academia quanto as sociedades psicanalíticas, desde a metade do século XX, mantinham uma relação restrita e conflituosa com o meio religioso.

Diante desse cenário de conflito, ocorreu a expansão e a criação de movimentos religiosos psicanalíticos com destaque para a ampliação do Centro Acadêmico de Debates em Psicanálise (CADEP), na primeira metade da década de 1970, através da Escola Superior de Psicanálise e a fundação do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC), no ano de 1976. Os dois movimentos tinham como objetivo propiciar a formação psicanalítica de sacerdotes e o livre exercício profissional da psicanálise por não médicos e não psicólogos.

Outro dado relevante encontrado na tese de Carvalho (2007) é referente ao percurso de investimentos psicanalíticos realizados por católicos e evangélicos no Brasil. Enquanto nos anos de 1950 a 1970, o movimento católico investiu intensamente nos ensinamentos psicanalíticos, o segmento evangélico mostrava-se resistente às concepções freudianas.

Já nas décadas de 1980 e 1990, vemos uma mudança de quadro, o segmento católico reduz seu investimento na psicanálise e o interesse dos evangélicos apresenta um crescimento expressivo,

tanto no meio acadêmico quanto no extra acadêmico. Conforme citado posteriormente, o marco do intenso e consistente investimento do evangélicos nos saberes psicanalíticos acontece em 1990 com a criação da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil.

Com uma postura muito mais agressiva (assessorada política e juridicamente), a SPOB difundiu-se rapidamente e, em quatro anos possuía cursos em todos os Estados da federação. Através de cursos de baixo custo e de duração reduzida para dois anos³⁹, ela já alcançava em 2002 o feito notável de 3000 psicanalistas formados em suas instituições, um número quase três vezes maior do que o número atual de membros (associados e formandos) das Sociedades Brasileiras de Psicanálise de São Paulo (702 membros) e do Rio de Janeiro (370 membros) juntas. Seu rápido crescimento e sua proposta de “psicanálise para todos” influenciou vários de seus ex-alunos podendo-se observar, do final da década de 1990 em diante, um grande crescimento em todo o país de instituições formadoras independentes da SPOB (Carvalho, 2007, p. 159).

Além da SPOB, Carvalho (2007) nos informa acerca da existência de outro circuito de formação psicanalítica ligado ao segmento cristão, a Sociedade Psicanalítica Cristã, criada por Rômulo V. Telles, um psicanalista didata e pastor batista. A Sociedade Psicanalítica Cristã era vinculada a Escola Superior de Psicanálise Clínica do Rio de Janeiro (ESP/RJ) e competia com a SPOB.

Consideramos importante destacar algumas características presentes nos documentos de divulgação da Sociedade Psicanalítica Cristã, entre eles sua vinculação ao Conselho Federal de Terapia e uma referência ao Aviso Ministerial 257/7, gerado em 1957 pelo Ministério da Saúde, que defendia a formação de psicanalistas “leigos”, esse aviso respaldava o curso e a instituição.

Em suas considerações finais, Carvalho (2007) conclui que as variações na dinâmica existente entre os movimentos cristãos brasileiros e a psicanálise na história contemporânea tiveram influências da cultura e das transformações políticas e sociais. Entre as décadas de 1950 e 1960, o surgimento da CADEP e da Medicina Legal são reflexos da forte atuação dos movimentos sociais e do fortalecimento da ciência acadêmica. Já nas décadas de 1980 e 1990, além das transformações culturais, os movimentos psicanalíticos cristãos atuaram seguindo as perspectivas advindas das questões anti-normas e pró-singularidade. Por fim, a SPOB e sua difusão podem ser compreendidas como intrinsecamente relacionadas à adaptação dos segmentos religiosos diante das mudanças culturais que ocorreram nos centros urbanos no final do século passado.

Outra conclusão encontrada na tese de Carvalho (2007) e que contribuirá para o nosso estudo é referente aos objetivos que motivaram o interesse dos movimentos cristãos pela psicologia e psicanálise. Entre eles estão: tratar leigos e buscar alternativas para os tratamentos de

homossexuais; instrumentalizar o povo dando oportunidade de outros membros da sociedade terem acesso às técnicas psicanalíticas antes restritas a médicos e psicólogos.

Na tese de Carvalho (2007), algumas questões ficaram em aberto, entre elas uma justificativa que explique as razões que levam os evangélicos a investirem nos estudos psicanalíticos a ponto da psicanálise sobreviver às práticas do aconselhamento e da cura interior. Para responder essa questão, Carvalho (2007) aponta para a necessidade de ampliar o foco da pesquisa voltando a atenção para temas como regimes de verdade, poder e moral. Para o autor, a partir disso será possível validar ou contrapor a hipótese que julga como incompatível a relação existente entre a psicanálise e as religiões cristãs.

Em relação aos diálogos com outros autores, no trabalho “O divã e o altar: cultura psicanalítica e movimento protestante no Brasil”, além de uma discussão baseada na perspectiva teórica de Freud, Foucault e Kant, Carvalho (2007) dialoga com concepções formuladas por escritores e estudiosos cristãos que pautaram em suas produções temas envolvendo a dinâmica do cristianismo com a psicanálise. Entre eles, podemos destacar o pastor, teólogo e doutor em filosofia Oskar Pfister, com sua perspectiva cristianizada da psicanálise, e os brasileiros Odon Ramos Maranhão, Arthur Ramos e Rubem Alves.

Carvalho (2007) destaca o ponto de vista dos autores cristãos em relação à proximidade do cristianismo com a psicanálise. Em seus textos, Pfister busca valorizar aspectos relativos à moral-religiosa para definir a prática terapêutica e o posicionamento do analista. Odon Ramos entende que essa aproximação tem como objetivo colaborar no planejamento de condutas e em uma melhor organização familiar, tendo como meta um desenvolvimento emocional saudável, apresentando um caráter missionário e civilizatório, enxergando a educação familiar e geral como um agente terapêutico. Já Rubem Alves entende que a interação entre esses dois campos deve ter como propósito promover a liberdade, retirando o foco de anormalidades e da prevenção de patologias.

Ao final de sua tese, Carvalho (2007) conclui que nos discursos psicanalíticos cristãos, diferentemente do discurso freudiano, a sexualidade não é o eixo central, a sexualidade acaba por dividir a atenção com questões ligadas à moral e à sublimação do consciente, questões definidas pelo autor como eixo dos dispositivos de aliança, criando dessa forma uma correlação da sexualidade e da aliança com o mundano-divino. Além disso, a partir do estudo de Carvalho (2007), constata-se um esforço dos movimentos evangélicos em inserir os dispositivos da

aliança no coração da sexualidade, base da psicanálise freudiana. Tal inserção acaba por englobar moral e religião, juntamente com os saberes psicanalíticos de Freud e a partir do resultado dessa mescla de mundos construir princípios básicos que norteiam suas teorias, conceitos e uma conduta clínica.

A constatação de que a psicanálise didática cristã tem como proposta ajustar a psicanálise freudiana a questões de cunho moral-religioso, aponta a necessidade de nossa pesquisa buscar um aprofundamento teórico acerca da temática da moralidade, a fim de compreender a construção e os desdobramentos desse conceito e a partir disso respondermos uma das questões de nosso estudo. Questão essa que visa compreender se o processo de formação realizado pela AEP se trata de uma formação psicanalítica freudiana conforme consta no certificado emitido pela instituição ou de um curso de teologia moral nomeado de psicanálise.

Após a leitura da tese de Carvalho (2007), encontramos o artigo de mesma autoria publicado no ano de 2012, com o título “Sobre divãs e altares: psicologia nos movimentos evangélicos brasileiros”. Realizamos a leitura e estudo do artigo para verificarmos se, nessa produção haveria novos apontamentos acerca de nosso campo de estudo. Como diagnóstico do estudo, vemos que nesse artigo, Carvalho (2012) retoma questões abordadas em sua tese de doutorado e apresenta alguns dados atualizados, entre eles, a expansão dos investimentos do meio cristão-protestante no final dos anos de 1990 e na primeira década do presente século, afirmando que esses investimentos alcançam todo território brasileiro na forma de cursos de especialização, pesquisas, grupos de estudo e publicações acadêmicas. Também destaca que tal expansão é acompanhada pelo aumento da produção e consumo de livros cristãos nacionais e internacionais que abordam psicanálise e psicologia relacionados à religião cristã, com uma linguagem destinada ao público leigo.

Um dado relevante no artigo de Carvalho (2012) é acerca das cartas de Oskar Pfister que somente foram traduzidas e publicadas no ano de 1998. Segundo o autor, a difusão das obras de Pfister, aliada aos esforços políticos junto à IPA e as sociedades psicanalíticas europeias, fortaleceram a construção e consolidação de um eixo psicanalítico cristão no Brasil. O pensamento de Pfister, que buscava aliar psicanálise e educação com a denominada “pedanálise”, serviu de referência para a construção teórica de psicanalistas cristãos.

Finalizando a leitura do artigo, Carvalho (2012) nos mostra dois indicativos que justificam o investimento dos evangélicos na implantação de cursos de formação em psicanálise voltados

para cristãos. Carvalho (2012) acredita que essa estratégia é uma aposta missionária sistematizada sob a forma de instituições formadoras e também uma maneira de promover uma expansão profissional dos cristãos interessados em estudos psicanalíticos.

1.3.2 Hibridismo cultural

O hibridismo cultural pode ser entendido como um fenômeno histórico-social que percorre todo itinerário da humanidade, estando presente nos primeiros deslocamentos humanos que resultavam no encontro e interação permanente entre diferentes grupos (Canclini, 2011). Apesar de sua longevidade, o termo hibridação ganhou relevância no eixo científico somente a partir do final do século XIX e início do século XX, ocupando espaço nos discursos da história, sociologia e adjacências. Se no contexto atual, os fenômenos híbridos são celebrados como sinônimo de inovação e reconhecidos por seu potencial criativo, Rios Filho (2010) aponta que essa terminologia teve campo fértil junto aos discursos e teorias racistas durante os dois últimos séculos, fortalecendo estudos que consideravam as sociedades miscigenadas um caos, desorganizadas, medíocres e impossibilitadas de crescerem de modo estável.

Mesmo diante de uma visão negativa atribuída ao conceito de hibridação, no decorrer do século XX, houve inúmeros movimentos que buscaram dar novos sentidos a esse termo, com destaque para o campo do culturalismo, que reconhece o hibridismo cultural como um fenômeno natural alinhado à constituição e progresso da civilização, sendo uma prova viva de que o homem mantém-se disposto a interagir culturalmente em suas mais diversas formas.

O pensador argentino García Canclini (2011), pioneiro nos estudos acerca do hibridismo cultural na América Latina, enxerga o hibridismo a partir de um prisma positivo compreendendo que o hibridismo cultural tem como essência a ideia de uma ruptura com a lógica de pureza. Em sua obra, Canclini (2011) apresenta a nomenclatura gêneros culturais impuros para caracterizar produtos gerados a partir do hibridismo cultural, apontando os processos de

descolecionamento² e desterritorialização³ como responsáveis por desarticularem a cena cultural na América Latina e promoverem a difusão dos gêneros impuros, considerados por Canclini a demonstração máxima do hibridismo cultural.

Além disso, Canclini (2011) define hibridismo cultural como uma prática de caráter multicultural viabilizada a partir do encontro de diferentes culturas. Para Canclini, o hibridismo é uma expressão das culturas pós-modernas que, segundo o autor, podem ser compreendidas também como culturas de fronteiras, resultado da interação com o “outro” e proveniente da circulação dinâmica de bens simbólicos.

De acordo com Souza (2011), Homi Bhabha entende que o hibridismo está localizado em contextos sociais de travessias e entrecruzamentos e, por conta de sua posição, acaba por exercer influência e ser influenciado, compreender e ser compreendido por complexas e múltiplas estruturas de poder presentes nesse locais. É possível compreender, ainda, que a interação do hibridismo com esses arcabouços de poder ocorre de modo agonístico e antagonístico. Todo esse processo híbrido, de caráter dinâmico, produtivo, incessante e imprevisível, e portanto, sem consequências e garantias, mas com intenções políticas claras, Bhabha optou por definir a partir da nomenclatura tradução cultural, um termo de grande valia para compreensão de nosso estudo. Somando-se aos conceitos apresentados acima e às inúmeras formas de se pensar o hibridismo, buscaremos a partir das reflexões de Peter Burke apresentar terminologias que caracterizam esse fenômeno e que se aproximam da realidade de nosso objeto de pesquisa.

De acordo com Burke (2016) estabelecer uma definição acerca do hibridismo é um grande desafio, visto que inúmeros estudiosos que teorizam sobre os processos de interação cultural criam novas e diferentes palavras para definirem o mesmo fenômeno. Grande parte dos termos criados possuem caráter metafórico e são advindos de áreas como a economia, a metalurgia, a

² Descolecionar é um termo citado por Canclini (2011) para explicar que as classificações acerca de grupos, estilos e formas culturais também sofreram transformações na pós-modernidade. Para ele, nesta nova dinâmica cultural, os indivíduos criam outros tipos de classificações, em muitos casos bem diferentes dos padrões. Os critérios das classificações são norteados por quem as classifica e tem como prioridade o grau de interesse do indivíduo para com o conteúdo. Em sua obra, Canclini (2011) explica esse termo fazendo o uso de exemplos como os dispositivos de reprodução de videocassetes, a fotocópia e os vídeos.

³ Para ilustrar o fenômeno da desterritorialização, Canclini (2011) faz referência à transnacionalização dos mercados simbólicos e as migrações. Desse modo, desconstrói os antagonismos colonizador/colonizado, nacionalista/cosmopolita, enfatizando a descentralização das empresas e a disseminação dos produtos simbólicos por meio da eletrônica e da telemática. A desterritorialização foi um processo fundamental para que ocorresse o processo de globalização das culturas, pois, a partir daí, as culturas se misturaram e ganharam características umas das outras.

linguística, a culinária e a zoologia. Burke (2016) elenca os seguintes termos em sua obra: empréstimo, hibridismo, caldeirão cultural, ensopadinho cultural, tradução cultural e criouliização. Por intermédio da leitura crítica da obra de Burke (2016), selecionamos nomenclaturas que dialogam de forma concisa com nosso estudo e que contribuem para a compreensão do fenômeno educacional pesquisado. Entre os termos, estão a ideia de apropriação cultural seletiva, acomodação cultural e tradução cultural, esse último cunhado pelo pensador indo-britânico Homi Bhabha.

A apropriação cultural seletiva é uma concepção que tem seu contexto original na tradição cristã, mais precisamente na conduta praticada pelos teólogos e doutores da igreja, que definiam quais elementos da cultura pagã seriam aceitos e permitidos à comunidade cristã. De forma objetiva, pode-se entender que esse modelo de troca cultural não tem como intenção promover uma transferência total entre culturas, mas apenas se apropriar de aspectos que estejam alinhados a sua perspectiva de mundo, deixando intocados elementos que entram em conflito com seus ideais.

De acordo com Burke (2016), esse modelo de troca cultural predominou durante a Renascença e está presente nos dias atuais. Inclusive teóricos contemporâneos da apropriação como Michel de Certeau e Paul Ricoeur inspiram-se nesse estilo de troca cultural cristã. A concepção de apropriação cultural seletiva também esteve presente no Brasil nas primeiras décadas do século XX, por meio do movimento de “antropofagia”, que tinha como objetivo se apropriar de elementos culturais estrangeiros, digeri-los e posteriormente domesticá-los. Em consonância com Burke (2016), Cardoso (2008) explica como se dá o processo de fusão cultural seguindo a lógica da apropriação cultural seletiva:

O contato entre culturas guarda vários momentos sucessivos que diferem dependendo dos contextos em diálogo. Se a cultura contatada tiver um grau de elaboração avançado, ocorre um enfrentamento, que se resolve pela convivência, de início tumultuada, mas pacífica, até que se inicia um processo de fusão periférica em que apenas certos elementos de uma ou de outra são adotados, gerando um processo contínuo de hibridismo (Cardoso, 2008, p. 84).

Outras terminologias criadas para definir o hibridismo cultural e que adotaremos para lançar nosso olhar sobre o fenômeno educacional de nosso estudo são os termos acomodação e negociação cultural. De acordo com Burke (2016), a ideia de acomodação é um termo tradicional que remete ao contexto da Roma Antiga, em que os oradores adaptavam sua linguagem às plateias. Esse conceito também fora recorrente na Grécia Antiga, tendo seu

ajustamento a um contexto religioso com o intuito de tornar os preceitos cristãos mais aceitáveis aos pagãos. Na linguagem dos missionários do século XVI, o uso da estratégia da acomodação era de grande valia para inserir o cristianismo a novos ambientes.

Para Burke (2016), o conceito de acomodação diferencia-se dos conceitos de aculturação e sincretismo, uma vez que o primeiro acaba por realizar uma modificação completa no processo de interação entre as culturas e o segundo promove uma mistura deliberada e sem critérios, diferentemente da acomodação, que é um modelo de troca cultural baseado em mudanças parciais e constantes e que seleciona aspectos culturais antes de realizar o procedimento de mistura. Contrapondo ao conceito de acomodação, que parte de uma perspectiva do alto para baixo, o termo negociação cultural, um dos mais populares nos Estudos Culturais, parte de uma visão de baixo para cima, o que no contexto religioso equivale à reação dos convertidos diante dos missionários. Segundo Burke, o termo negociação é utilizado para analisar a dinâmica entre sistemas intelectuais, como a interação existente entre as teorias psicanalíticas clássicas e o saber religioso evangélico brasileiro no fenômeno educacional do presente estudo.

Por fim, temos o conceito de tradução cultural, presente na obra de Homi Bhabha e discutido no texto de Burke (2011), que considera essa terminologia como a mais útil e menos enganosa de todas. O termo tradução cultural foi utilizado inicialmente pelo antropólogo partindo da premissa do antropólogo Bronislaw Malinowski, que afirmava que aprender uma cultura estrangeira seria equivalente a aprender um novo idioma. Para Burke, falar de tradução cultural nos remete a uma prática de trabalho que conta com a participação ativa de indivíduos e grupos, cujo objetivo é domesticar aquilo que é estrangeiro.

Um dos pontos de questionamento do conceito de tradução refere-se à possibilidade da realização de traduções incorretas gerando mal entendidos, conflitos e falhas teóricas. Para os doadores do elemento cultural toda e qualquer tradução de seus elementos culturais apresenta erros, enquanto que para os receptores os ajustes realizados por eles funcionam como um forma de corrigir possíveis enganos. Esse modelo de troca cultural nos leva a refletir que em todos os processos de hibridismo cultural determinados pontos resistem e outros sofrem perdas e que nem todos elementos da cultura são plenamente traduzíveis.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é de abordagem qualitativa, uma vez que as subjetividades que compõem o universo de estudo de nosso objeto de pesquisa serão consideradas (Gamboa, 2003). Além disso, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, visto que buscará compreender e interpretar um fenômeno educacional a partir dos conteúdos obtidos através dos métodos e técnicas de investigação a serem adotados. Consonante com a visão de Gamboa (2003), compreendemos nossa pesquisa como qualitativa, pois iremos trabalhar no campo do subjetivo e relacional da realidade social sendo retratados por meio do universo, das histórias, motivações, significados, crenças, valores e comportamentos dos atores sociais (Minayo, 2013).

Por procedimentos metodológicos, adotaremos a denominada formativapesquisa. Procedimentos construídos e utilizados pelo grupo de pesquisa do qual participei, denominado “Hermenêuticas do sensível”⁴, coordenado pelo orientador desta pesquisa. A formativapesquisa se posiciona contrária à lógica do extrativismo acadêmico — termo que denomina o que consiste em extrair das pessoas ou de comunidades os conteúdos a serem usados na construção de pesquisas que, muitas vezes, servem apenas para alimentar o mercado individualista do currículo Lattes (Soares, 2018). De acordo com Cariácas (2021), a proposta da formativapesquisa tem como pressuposto o *refletir com, pensar ao lado de*. Trata-se, portanto, de uma colaboração contínua. Por formativapesquisa, entende-se:

Com esta aglutinação de palavras com o propósito de conceituar, indico o posicionamento político-científico do grupo de pesquisa: envolvimento e contribuição ao lado da comunidade educativa e na, sequência/conjunta, o múnus investigativo. Em outras palavras, se é que as que coloquei não venham a servir, o grupo privilegiará a formação participativa dos envolvidos na pesquisa e, como consequência do envolvimento, a pesquisa se gestará (Cariácas, 2021, p. 165).

Para que a dinâmica da formativapesquisa aconteça, Cariácas (2021) entende que são necessários quatro tipos de procedimentos:

A capacidade do pesquisador em perceber/vivenciar/pensar um dado problema; os possíveis futuros participantes que percebem/vivenciam e tem interesse em refletir,

⁴ [...] as pesquisas a serem desenvolvidas no grupo Hermenêuticas do sensível se destinam obrigatoriamente a trabalhos de campo. Não comportam trabalhos estritamente bibliográficos ou documentais, visto que o nosso objetivo macro é trabalhar buscando a formação humana por meio do envolvimento e altruísmo. Por isso, as propostas devem ter por critério que o aluno-pesquisador tenha preliminarmente algum vínculo com os “destinatários” da investigação (ocorrido no estágio curricular ou no exercício docente ou diretivo). Não compactuamos com pesquisadores alienígenas – aqueles que aparecem do nada na vida dos “pesquisados” e, tão rápido como as imaginadas naves espaciais, somem da vista das pessoas (Cariácas, 2021, p. 166).

aprofundar e, talvez, solucionar o problema; formação participativa por meio de projeto de extensão e, por fim, a regulação do desenvolvimento da pesquisa com o auxílio do grupo de investigação. (Cariacas, 2021.p.165)

Entendemos que o escopo da formativapesquisa é um laboratório interdisciplinar no qual os participantes são convidados a interagir com distintas técnicas para elaborar o seu repertório de procedimentos metodológicos. Para tanto, elaboramos um roteiro de trabalho dividido em três fases. Na primeira fase da pesquisa, chamada de Aproximação, realizamos questionamentos para os participantes, tendo como cenário os conhecimentos deles sobre o assunto, partindo do material didático oferecido pela AEP-ES. Recorremos às técnicas da pesquisa bibliográfica (Andrade, 2010) e pesquisa documental (Minayo, 2008), visto que analisamos o material didático ofertado pela AEP-ES e que está disponível em redes sociais e, por fim, a entrevista narrativa.

Na segunda fase, faremos entrevistas provocativas, daí denominarmos essa fase como provocação, momento da pesquisa que ocorrerá após um processo de estudo e análise apurada dos elementos coletados na primeira fase (entrevistas narrativas) e do texto interpretativo elaborado. Nessa etapa, serão criadas estratégias que despertem a manifestação e reação dos participantes da pesquisa. Para tanto, iremos construir aspectos antagônicos visando provocar uma reação dos participantes (Cariacas, 2021). Essa etapa tem como objetivo promover um deslocamento de consciência por parte dos participantes e, a partir disso, fazer com que eles revejam seus pressupostos e repensem acerca de sua própria vida, estimulando nos participantes um processo de autoconsciência.

As entrevistas na fase de provocação serão semiestruturadas e de caráter pessoal. A escolha pelo modelo de entrevista semiestruturada nessa fase, se deve ao fato de considerarmos esse formato mais vantajoso se comparado à aplicação de entrevistas padronizadas e àquela realizada por meio de questionários. A entrevista semiestruturada facilita no processo de captação e obtenção de dados a partir da perspectiva dos participantes da pesquisa (Silva, 2014).

A terceira fase é a chamada reencontro, na qual os participantes terão acesso ao texto interpretativo elaborado pelo pesquisador, texto que tem como base os conteúdos obtidos nas duas primeiras fases de entrevistas. A fase do reencontro é justificada pela lógica hermenêutica Gadameriana, que entende que somente em um contexto futuro compreende-se o que foi vivido e o que se é.

Nessa fase da pesquisa, o entrevistador retomará o contato com cada um dos participantes e enviará para eles o texto interpretativo produzido, o material informativo contendo os objetivos da fase reencontro, além de três (03) perguntas abertas para os participantes responderem após a leitura do texto. Em posse dos materiais, os participantes deverão ler o texto e emitir um parecer diante da narrativa construída pelo pesquisador, podendo apresentar suas considerações no formato de texto ou áudio. Após os participantes compartilharem suas percepções sobre o texto, o pesquisador irá inserir os relatos na dissertação, mensurar o ponto de vista dos envolvidos diante de sua produção e apresentar suas considerações.

Após a finalização da fase reencontro, caminha-se para a de conclusão do trabalho, um momento da dissertação destinado a apresentar as compreensões obtidas com o estudo. Tal compreensão será construída por meio de narrativas que expressem os resultados reflexivos alcançados até o momento da pesquisa, entendendo que as conclusões do estudo estarão abertas a possibilidades de questionamentos e à construção de novas narrativas.

A escolha da entrevista como técnica de coleta de dados é justificada devido ao fato de esse método ajudar no diagnóstico e no tratamento do problema de pesquisa. Através das entrevistas, teremos a possibilidade de esclarecer questões, além disso, poderemos observar as reações e expressões dos participantes em relação às perguntas que serão feitas no decorrer das entrevistas. Entendemos, ainda, que a técnica da entrevista é um procedimento significativo para o prosseguimento dos estudos e para a captação de conteúdo (Silva, 2014).

As entrevistas foram realizadas de modo presencial e remoto, seguindo a disponibilidade dos participantes. Nas entrevistas remotas, foram utilizadas plataformas de comunicação com recursos de áudio e vídeo. Já as entrevistas presenciais foram realizadas em lugares neutros, ou seja, espaços não relacionados à instituição de ensino pesquisada e ao universo evangélico como igrejas, templos e associações.

Após a transcrição das entrevistas, a leitura crítica e a análise do conteúdo obtido daremos início ao processo interpretativo. Primeiro serão criadas categorias de análise baseadas nas problemáticas e, nos objetivos da pesquisa, o texto apresentará aspectos descritivos, argumentativos e analíticos, sendo, por fim, formatado em uma espécie de mosaico composto por reflexões obtidas por meio da interpretação do pesquisador diante das narrativas expressas pelos participantes da pesquisa.

1.5 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Definimos o perfil dos participantes das entrevistas como sendo indivíduos de ambos os sexos e que possuem mais de dois (02) anos de formação no curso de psicanálise clínica da AEP. A pesquisa conta a participação de cinco (05) egressos da instituição, três (03) do sexo feminino e dois (02) do sexo masculino. Todos com mais de dois anos de formados no curso de psicanálise clínica da AEP.

Rebeca tem 59 anos de idade, é contadora e evangélica. Concluiu sua formação em psicanálise na AEP no ano de 2019. No momento, Rebeca não atua ativamente como psicanalista, por falta de tempo, mas têm planos de se dedicar à psicanálise e aos atendimentos quando aposentar-se.

Samuel tem 67 anos, é evangélico da denominação batista, sua primeira formação é em administração e também possui bacharel em direito, teologia e possui pós-graduação. Formou-se no curso de psicanálise clínica oferecido pela AEP no ano de 2016. No momento, atua como psicanalista clínico realizando atendimentos clínicos de forma remota.

Ester tem 44 anos de idade, se autodeclara cristã evangélica e possui formação superior em teologia. Concluiu sua formação no curso de psicanálise clínica da AEP no ano de 2018. No momento, ela atua como psicanalista clínica e realiza palestras de cunho teológico agregando conteúdos acerca da pneumapsicanálise, um saber aprendido durante sua formação na AEP.

Daniel tem 40 anos, possui doutorado em Psicanálise, declara-se cristão protestante e batista. Formou-se no curso de psicanálise clínica oferecido pela AEP no ano de 2018. Atua como psicanalista clínico, possui consultório próprio, é mentor, palestrante e criador de conteúdo nas redes sociais.

A quinta participante chama-se Ana, ela tem 64 anos de idade, é evangélica, possui formação em administração e pós-graduação na área de administração. Formou-se na AEP no ano de 2013, fez parte das turmas iniciais do curso. No momento, Ana realiza atendimentos como psicanalista clínica, é palestrante e conselheira de saúde mental do município e do estado em que reside. Os quatro primeiros participantes fazem parte do círculo de contatos do pesquisador, já a quinta participante foi indicada por um psicanalista que já atuou junto à AEP logo no início da criação do curso de formação em psicanálise.

CAPÍTULO 2 — A FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE OFERECIDA PELA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA EVANGÉLICA – OPINIÕES.

2.1 CAMINHOS DO PROCESSO INVESTIGATIVO

Nesta seção, daremos início ao processo de análise e interpretação dos dados obtidos nas entrevistas — lembrando que nosso estudo é composto por três fases de entrevistas. A primeira fase, a da aproximação, na qual realizamos entrevistas narrativas para fazer o levantamento dos conhecimentos prévios ou até então estabelecidos pelos participante. As perguntas para as entrevistas são de caráter aberto, tanto da fase 1 (aproximação) quanto da 2 (provocação); formuladas com o objetivo de responder aos problemas da pesquisa e estimular os participantes a expressarem livremente suas experiências educacionais na escola de psicanálise paulina da AEP, bem como conduzi-los a pensarem/repensarem sobre suas concepções e, por fim, promover um exercício voltado para auto avaliação de seu processo formativo.

Para iniciar nossa trajetória, que culminará na interpretação dos dados, narraremos as experiências vivenciadas no trabalho de campo na fase das entrevistas, os desafios e superações. Mais adiante, a partir das categorias de análises criadas apresentaremos as interpretações dos dados obtidos nas entrevistas.

Entre os primeiros passos de nossa jornada, tivemos a etapa destinada à submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética, órgão responsável pela avaliação e monitoramento dos aspectos éticos de pesquisas que envolvam seres humanos. Tal procedimento contempla as determinações estipuladas pelo CEP em sua Resolução CNS 196/6, que tem por objetivo salvaguardar os direitos, a segurança, a dignidade e o bem-estar dos indivíduos que faram parte da pesquisa (Muccioli, 2004).

Após a aprovação pelo comitê de ética, datada de 01/03/2023, iniciamos os preparativos da primeira fase. Principiando pela coleta de dados que teve início na segunda semana do mês de março de 2023. O primeiro passo desse processo consistiu na elaboração de um questionário de perguntas para ser utilizado na primeira fase de entrevistas, denominada fase da aproximação. Para tanto, foi elaborado um questionário composto por cinco (05) questões abertas (APÊNDICE B) formuladas com a função de colaborar na construção de respostas ao problema

de pesquisa e aos objetivos principal e específicos. Após os ajustes e a aprovação das perguntas, iniciamos o contato com os potenciais participantes da pesquisa, o contato foi realizado por meio do WhatsApp, um aplicativo móvel.

As primeiras pessoas a serem contatadas fazem parte da rede de relacionamento do pesquisador, visto que ele realizou sua formação em psicanálise na AEP. Lembrando que os participantes da pesquisa cumprem o pré-requisito de já terem concluído sua formação em psicanálise clínica na AEP, dentro do período mínimo de dois (02) anos. A proximidade do pesquisador com o objeto de estudo colaborou de forma positiva na seleção dos perfis e na agilidade durante o processo de agendamento e realização das entrevistas.

Os convites enviados continham uma breve apresentação acerca da pesquisa, seus objetivos, justificativa e relevância. Alguns convites foram ignorados, outros recusados por questões pessoais e outros foram aceitos. Para os perfis que aceitaram o convite para participar da pesquisa, cinco (05) no total, além de uma apresentação sobre o estudo, foram enviados: o roteiro de entrevistas com as perguntas e um documento certificando o vínculo do pesquisador com a UNIFAP - Universidade Federal do Amapá e com o PPGED - Programa de Pós-Graduação em Educação, tais documentos foram enviados com a finalidade de demonstrar a seriedade da pesquisa e dar ao participante a oportunidade de ter ciência dos questionamentos e das temáticas contidas nas perguntas a serem realizadas durante a entrevista.

As entrevistas narrativas (fase 1) aconteceram de forma remota e presencial durante os meses de março e abril de 2023. Cada participante respondeu a cinco (05) perguntas abertas e as transcrições aconteceram concomitantemente às entrevistas. Com as transcrições finalizadas, realizamos a leitura do conteúdo e foram realizadas pontuações e interpretações do dados preliminares. Prosseguindo a pesquisa, demos início à segunda fase de entrevistas, denominada fase provocação, que aconteceu durante os meses de maio e junho de 2023. Para tanto, foram elaboradas seis (06) perguntas (APÊNDICE C), tendo como base as opiniões proferidas pelos participantes nas entrevistas narrativas. O objetivo da segunda etapa de entrevistas é promover o contraste entre o que o participante apresentou na primeira fase (entrevistas narrativas) e visões que os contraponham, visando a uma expansão de consciência, objetivando o processo formativo dos participantes. Nessa etapa, os participantes foram divididos em três grupos: apoio, afeto e crítica. O grupo apoio contou com três (03) participantes, que responderam individualmente a três (03) perguntas, os grupos afeto e crítica contaram com um único membro cada, sendo que cada um deles respondeu individualmente a duas (02) perguntas.

Finalizando as entrevistas da fase provocação, foram realizadas as transcrições, as análises e a elaboração de um texto interpretativo acerca dessa fase da pesquisa. Com o texto finalizado partimos para a terceira fase de entrevistas, denominada reencontro, que aconteceu durante os meses de julho e agosto de 2023. Nesta etapa, os participantes tiveram um reencontro com suas próprias falas e as falas de outros participantes da pesquisa, porém, apresentadas a partir da análise e interpretação do pesquisador. Os participantes receberam o texto interpretativo e um arquivo informativo contendo três (03) perguntas (APÊNDICE D), a serem respondidas por eles. Essa fase tem como finalidade dar a oportunidade aos participantes de se posicionarem diante das interpretações proferidas pelo pesquisador e emitirem suas opiniões.

Entre os desafios das três etapas de entrevistas, tivemos a questão da indisponibilidade de horário dos participantes para agendamentos, visto que todos possuem vínculos empregatícios, compromissos profissionais e familiares. Além da indisponibilidade de tempo, a proposta da realização das entrevistas no modo presencial comprometeu a data de agendamento das entrevistas, gerando desistências e morosidade. Diante disso, conforme consta em nossa metodologia, optamos por oferecer ao participante a possibilidade de as entrevistas serem realizadas de forma remota, através do Zoom, um programa de software de videotelefonia, para realização e gravação das mesmas. Das cinco (05) entrevistas realizadas na primeira fase, quatro (04) foram feitas de forma remota e uma (01) de modo presencial. Na segunda fase de entrevistas, as cinco (05) foram realizadas de forma remota. Na fase reencontro, os participantes receberam as perguntas e responderam de forma escrita e através de áudio. Todas as entrevistas remotas foram realizadas através do programa Zoom, gravadas em vídeo e áudio. Já a entrevista presencial (entrevista narrativa) foi gravada no formato de áudio. As transcrições das cinco (05) entrevistas realizadas na primeira fase encontram-se nos apêndices E, F, G, H e I. As da fase provocação estão nos apêndices J, K, L M e N, e, por fim, as entrevistas da fase reencontro nos apêndices O, P e Q.

As entrevistas remotas tiveram as seguintes vantagens: agilidade no agendamento, maior disponibilidade dos participantes, atenção plena e focada dos participantes durante as entrevistas devido ao baixo nível de interferências externas, além da possibilidade da gravação em vídeo para posterior exercício de análise e interpretação hermenêutica. Entre os pontos negativos, está a oscilação do sinal de internet e a perda parcial da leitura de posturas e expressões corporais que são percebidas de forma mais satisfatória no contato presencial. Já em relação à entrevista presencial, tivemos como pontos negativos a dificuldade na escolha de

locação para realização das entrevistas. Além disso, no contato presencial o grau de distração e interferências externas é maior, comprometendo a captação dos áudios das entrevistas e prejudicando a atenção plena do participante durante o processo de entrevista.

O momento das transcrições literais das entrevistas também é um dos desafios dessa fase da pesquisa, uma vez que devido ao estilo de questionário adotado, perguntas abertas, as gravações possuem uma duração média de trinta (30) minutos, exigindo do pesquisador atenção plena, escuta aguçada, disponibilidade de tempo, paciência para ouvir a gravação inúmeras vezes e o devido cuidado na transcrição literal das falas proferidas pelos participantes com a finalidade de não comprometer e/ou alterar as narrativas expressas pelos entrevistados.

2.2 FASE DA APROXIMAÇÃO

Uma vez ciente da literatura, tanto a acadêmica quanto a produzida pela AEP (uma vez que nós também passamos pelo curso de formação oferecido por ela), construímos algumas perguntas que foram as seguintes:

1. O que te levou a realizar o curso de psicanálise clínica na AEP?
2. Qual a diferença entre pensar a psicanálise antes de ingressar na AEP e depois?
3. A terapia alternativa criada pela AEP, a chamada Pneumapsicanálise, que envolve terapia clássica e ensinamentos de Jesus Cristo, está presente nos conteúdos programáticos e apostilas do curso. A partir de sua experiência educacional na AEP, o que você entende por pneumapsicanálise?
4. Do conteúdo ensinado pela AEP, o que você utiliza ou pretende utilizar na sua prática como psicanalista?
5. Como você justificaria sua formação na AEP diante de um paciente, cliente ou profissional de saúde mental que critica sua formação por ter sido realizada em uma escola psicanalítica evangélica?

Essas questões gravitam sobre quatro categorias criadas mediante o influxo da literatura acadêmica e da AEP, que são: educação como agente de construção cultural; influências da cultura evangélica; aspectos da psicanálise evangélica e efeitos da formação evangélica na prática psicanalítica. Usamos a técnica de entrevista narrativa para estabelecermos o diálogo com os participantes. A tabela em tela evidencia sinteticamente o percurso desse recurso investigativo:

Quadro 1. Fases Principais Da Entrevista Narrativa

Fases da Entrevista Narrativa	Regras para a Entrevista
Preparação	<i>Exploração do Campo</i> <i>Formulação de questões exmanentes</i>
Iniciação	<i>Formulação do tópico inicial para narração</i> <i>Emprego de auxílios visuais (opcional)</i>
Narração Central	<i>Não interromper</i> <i>Somente encorajamento não-verbal ou para linguístico para continuar a narração</i> <i>Esperar para sinais de finalização</i>
Fase de Perguntas	<i>Somente “Que aconteceu então?”</i> <i>Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes</i> <i>Não discutir sobre contradições.</i> <i>Não fazer perguntas do tipo “por quê?”</i> <i>Ir de perguntas exmanentes para imanentes</i>
Fase Conclusiva	<i>Parar de gravar</i> <i>São permitidas perguntas do tipo “por quê?”</i> <i>Fazer anotações imediatamente depois da entrevista</i>

Fonte: Jovchelovich e Bauer (2002).

2.2.1 Educação como agente de construção cultural

O que segue se refere à formulação das perguntas 1 e 2, que abordam a educação como construção cultural. Nitidamente extraída da literatura acadêmica, correspondente ao debate sobre a finalidade dos espaços escolares e não escolares que promovem a formação.

A partir das discussões realizadas nos capítulos anteriores acerca do papel da educação como mediadora cultural, buscaremos, através dessa categoria de análise, lançar um olhar sob as narrativas expressas pelos participantes da pesquisa. Nossa finalidade é compreender os efeitos da mediação realizada pela educação no contexto da Escola Psicanalítica Paulina da AEP, um

espaço escolar que atua como mediador do processo de entrelaçamento cultural entre a psicanálise e a cultura religiosa evangélica brasileira.

Lembrando que a educação em seu modelo escolar pode vir a desempenhar o papel de um agente capaz de socializar saberes, formar sujeitos sociais e promover o seu acesso à cultura. Além disso, o modelo de educação escolar também pode atuar com o propósito de validar novos saberes, estimular a criação de novas visões de mundo, desconstruir preconceitos, popularizar conhecimentos, podendo vir a atender interesses políticos, ideológicos e sociais, sendo que, para tal tarefa, faz o uso de estratégias didáticas pedagógicas e cognitivas (Santos & Lavoura, 2015).

Tal argumentação encontra ressonância nas falas proferidas pelos participantes durante as entrevistas realizadas na primeira fase da pesquisa. Nos trechos abaixo, constata-se o efeito socializador e colaborativo da educação, no que tange à estratégia de dessensibilizar o segmento evangélico brasileiro em relação à psicanálise freudiana, um saber fortemente caracterizado por seu perfil subversivo, e fomentar a criação de uma cultura psicanalítica evangélica no contexto brasileiro.

Eu já tinha minha queda pela psicanálise e ficava até demorando um pouco para começar entrar na escola, mas quando eu soube da existência da AEP isso me motivou mais rápido. Eu tomei a iniciativa e lá que eu soube da introdução do Espírito Santo no setting psicanalítico, que é a pneumapsicanálise, então achei fantástico, combinou comigo e com a minha religião (SAMUEL, APÊNDICE F).

[...] pensar a psicanálise antes é um pouco assim meio frio entre aspas, é porque é uma coisa baseada na ciência e toda ciência tem sua margem de erro e pode acontecer, porque são experiências humanas, mas podem haver equívocos na conclusão do trabalho da pesquisa científica. Mas depois que eu conheci a AEP e vi constatada a inclusão do Espírito Santo no setting psicanalítico, a gente viu que a possibilidade de melhor obtenção de sucesso é uma realidade quando se aplica a pneumapsicanálise (SAMUEL, APÊNDICE F).

Eu achava uma bobeira eu ir no psiquiatra, psicanalista, psicólogo. [...] mas quando eu comecei ter as aulas e constatar alguns casos práticos durante as aulas, [...] e observar a minha vida mesmo e de outras pessoas você vê que as questões dos traumas do inconsciente realmente afeta a vida da pessoa, e a pessoa não tem noção de que aquilo afeta. [...] Mudou minha visão, antes eu achava que era besteira que não fazia nada não (REBECA, APÊNDICE E).

[...] o primeiro contato que eu tive com o termo psicanálise, eu não me interessei pelo assunto por pensar que estava restrita a teoria freudiana, né? Então assim, eu posso classificar como um preconceito, eu tinha um conceito negativo, um preconceito formado em relação a psicanálise. [...] Antes da AEP, eu tinha uma visão totalmente contaminada pelo senso comum, que na teoria freudiana tudo está baseado, construído na sexualidade, mas dentro dessa visão de sexualidade do senso comum. Então, assim, eu tinha essa visão de um nicho só, não, o Freud trata-se de uma pessoa que viveu

dentro do seu tempo que deve ter acertado alguma coisa, mas eu não procurava saber o quê, e para mim era um perverso (ESTER, APÊNDICE G).

Depois da AEP, quando eu comecei, nas primeiras matérias, quando eu comecei a perceber que a ciência não deve ser rejeitada, porque a ciência é uma comprovação da ciência bíblica. [...] quando foi me apresentado as primeiras matérias, principalmente sobre a estrutura psíquica, sobre a topografia freudiana, eu comecei a experimentar na minha vida. Eu fui com a essa convicção: Se der certo comigo, eu acredito e levo isso pra minha vida, levo isso para as pessoas, e quem sabe um dia eu possa atender. [...] E assim eu fiquei perplexa, porque cada aula me abria um horizonte de curiosidades e eu fui pesquisando, acessando a teóricos, fui abrindo esse desejo de procurar conhecimento extra pós AEP, especialização nesses problemas mais contemporâneos. (ESTER, APÊNDICE G).

Antes da AEP, psicanálise para mim eram apenas uns fundamentos de Freud, Jung, Lacan e outros. Eu não via aquilo como uma aplicação direta na minha vida pessoal. E na AEP eu aprendi com o Dr. (nome coordenador do curso), eu aprendi que eu tinha que fazer análise, que era uma coisa que eu achava que eu não precisava (ANA, APÊNDICE I).

A partir da análise e interpretação das narrativas dos participantes apresentadas acima, é possível comprovar o grau de repulsa que os entrevistados tinham e ainda têm em relação à psicanálise, mais precisamente em relação aos pensamentos, as técnicas e a personalidade de Sigmund Freud, mentor intelectual da psicanálise.

Nas falas dos participantes Samuel e Ester, notamos a presença de palavras que expressam sentimentos negativos e uma clara aversão à psicanálise freudiana, antes que eles tivessem iniciado seus estudos na AEP. Samuel usa a termo “meio frio” para caracterizar a psicanálise clássica, atrelando a imagem desse saber a algo sem vida, sem sentido, irrelevante e duvidoso. Em determinado trecho da entrevista, Samuel transmite em sua fala uma postura de desconfiança acerca da ciência humana, a fim de justificar sua incredulidade na metodologia psicanalítica freudiana, ao afirmar que: “é porque é uma coisa baseada na ciência e toda ciência tem sua margem de erro e pode acontecer, porque são experiências humanas, mas podem haver equívocos na conclusão do trabalho da pesquisa científica” (SAMUEL, APÊNDICE F).

Ester, por sua vez, declara de forma clara e objetiva que tinha uma visão preconceituosa acerca da psicanálise antes de estudar na AEP. Ela afirma que não possuía interesse no assunto devido ao fato de, na época, ter uma visão guiada pelo senso comum em relação à psicanálise atrelando-a basicamente à sexualidade. Além do preconceito em relação à teoria psicanalítica, Ester aponta em sua fala um preconceito moral em relação à personalidade de Sigmund Freud, visto por ela como uma pessoa “que viveu dentro do seu tempo que deve ter acertado alguma coisa, mas eu não procurava saber o quê, e para mim é um perverso” (ESTER, APÊNDICE G).

Por meio das falas de Samuel e Ester, podemos compreender que a AEP, ao criar uma escola de psicanálise com viés religioso evangélico, visualizou previamente que seria necessário fazer o uso de aspectos da cultura escolar, mais precisamente dos processos de transmissão e planificação de conhecimentos (Dos Santos, 2020) para possibilitar o acesso do segmento evangélico brasileiro à psicanálise. Uma inserção de maneira palatável, assimilável e positiva, visto que a psicanálise puramente freudiana é vista de forma negativa pelos evangélicos.

Diante dessa constatação, entendemos que, para realização desse processo, fez-se necessário o uso de práticas da cultura escolar como a seleção e o descarte de aspectos culturais com a finalidade de desmistificar preconceitos e construir novos saberes psicanalíticos que atendessem às expectativas e englobassem elementos que compõem a visão de mundo defendida pelos evangélicos (Dos Santos, 2020). Nossa argumentação tem respaldo na fala do participante Samuel, que declara: “Então, achei assim uma criação muito inteligente da AEP como escola paulina e insere a pneumapsicanálise, achei inteligente demais e muito próprio para mim pessoalmente, a identificação foi total, por que eu já tinha esse interesse, já tinha esse objetivo, e encontrei a escola certa” (SAMUEL, APÊNDICE F).

Outro ponto de reflexão gerado a partir das narrativas apresentadas refere-se ao papel da educação como um dispositivo que colabora na formulação de novas culturas. Segundo Moreira (2003), a educação formula novas culturas à medida que é compreendida como um espaço de "cruzamento de culturas" e que, por meio de suas inúmeras práticas, desempenha o papel de "mediadora reflexiva" diante das interações e impactos que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e em seus atores. No âmbito de nosso estudo, a educação escolar expressa na figura da EPP da AEP, valida a concepção de Figueira (1989), que aponta que, para a criação de uma nova cultura, é necessária a interação dessa nova proposta cultural com as culturas locais existentes, visando, desse modo, à popularização e à difusão dessa nova cultura.

Diante disso, pode-se compreender que a AEP, ao promover, por meio da EPP, uma mediação entre a psicanálise clássica e a religião evangélica brasileira, tem como uma de suas missões criar e desenvolver uma cultura psicanalítica evangélica brasileira. Tal constatação tem respaldo na fala da participante Ester, ao afirmar que: “a proposta da AEP é levantar um grupo de pessoas treinadas para trabalhar nessa área de saúde mental, da pneumapsicoterapia” (ESTER, APÊNDICE G).

Além da declaração direta de Ester acerca do propósito da AEP, pode-se notar o papel dessa instituição na construção da chamada cultura psicanalítica evangélica brasileira na medida em que estimula, por meio da EPP, o recrutamento de indivíduos evangélicos para tornarem-se psicanalistas/pneumapsicanalistas, portanto, propagadores dessa nova cultura. O resultado dessa estratégia é perceptível na fala dos egressos citadas abaixo, ao relatarem as atividades que desempenharam após suas formações, entre as quais, estão: atendimentos clínicos, palestras, treinamentos e aconselhamentos.

Então, quando foi me apresentado as primeiras matérias, principalmente sobre a estrutura psíquica, sobre a topografia freudiana, eu comecei a experimentar na minha vida. Eu fui com a essa convicção: Se der certo comigo, eu acredito e levo isso pra minha vida, levo isso para as pessoas, e quem sabe um dia eu possa atender, eu não fui no intuito de trabalhar na área da psicanálise, eu falei: Se der certo comigo, hum! E assim eu fiquei perplexa, porque cada aula me abria um horizonte de curiosidades e eu fui pesquisando, acessando a teóricos, fui abrindo esse desejo de procurar conhecimento extra pós AEP (ESTER, APÊNDICE G).

Nas palestras a gente usa, procura usar mais o conhecimento no âmbito geral da psicologia, a gente pega muita coisa da neurociência, porque as palestras elas são teológicas aí a gente agrega algumas pesquisas no geral. Mas assim, a nível de atendimento a estrutura de análise deles eu cumpro à risca. Todas as etapas, só que em cada etapa das sessões eu sempre procuro agregar outros conteúdos que é esse que a gente vai adquirindo ao longo do tempo. Mas a gente segue, né, principalmente esse que é o módulo 6 da apostila da AEP que fala sobre a estrutura de análise (ESTER, APÊNDICE G).

Eu tive pacientes que ficaram comigo 2 anos, 3 anos. E graças a Deus, eu posso olhar para eles não como uma mera estátua que estava sentada ali na escuta, não! [...] Eu tive casais com filhos que tiveram comigo por um bom tempo e que hoje eu posso olhar para eles assim de cabeça erguida e vê: poxa Deus atuou, eu fui apenas um instrumento e valeu tudo que eu aprendi, valeu o uso da pneumapsicanálise que não é uma coisa tão realista para todos os pacientes, em uns você vai conseguir aplicar e em outros não (ANA, APÊNDICE I).

Outro aspecto que demonstra o papel da AEP na construção dessa nova cultura é o impacto que os conteúdos programáticos, as aulas, os encontros de supervisão, as análises e os estágios realizados durante o curso de formação tiveram na desconstrução do preconceito religioso evangélico em relação a tratamentos psicanalíticos.

A seguinte constatação é exposta nas falas dos entrevistados listadas abaixo, visto que afirmam que iniciaram seus tratamentos terapêuticos durante e/ou após suas formações e que intensificaram seus estudos em busca de novos conhecimentos ligados à psicanálise. Entendemos que essa dinâmica colabora diretamente com o processo de desmitificação da psicanálise e de seus tratamentos junto às comunidades evangélicas, favorecendo assim a popularização de uma cultura psicanalítica evangélica brasileira no país.

[...] na AEP eu aprendi com o Dr. (nome coordenador do curso), eu aprendi que eu tinha que fazer análise, que era uma coisa que eu achava que eu não precisava. Eu tive a Dra. (nome da pessoa) que fez minhas dez análises, foi maravilhoso. Foi um marco na minha vida por que me tirou de uma situação. [...] a AEP foi muito, muito importante para mim, pra minha formação. Dr. U (nome do coordenador) nem se conta, depois da AEP o Dr. W (nome da pessoa) fez uma importância muito grande que foram minhas horas supervisionadas que eu fiz parte delas lá dentro do consultório dele, ele me supervisionando, eu aprendi bastante como também tive oportunidade de ensinar o que eu estava aprendendo (ANA, APÊNDICE I).

[...] estudei e continuo estudando, quem atua na clínica de psicanálise não tem jeito de dizer que já sabe o suficiente, embora as horas de clínica, eu acho que é o maior aprendizado, e maior ensino são as horas que você passa de clínica. Eu trabalhei lá no Dr. X, nós trabalhamos juntos, foi uma experiência muito bacana, porque a gente acabava sendo supervisor um do outro para alguns casos, terminava a análise a gente ia fazer aquela análise mais fundamentalista do caso, quê que era aquele caso. Eu estudei muitas outras coisas: análise de imagem, medicina do sono, física básica com foco em quântica e em eletromagnetismo na USP, continuo estudando na AESP, fundamentos da psicanálise, sempre uma atualização, sempre aulas para relembrarmos os fundamentos, tem a clínica com criança, a clínica na psicopatia, a clínica nos relacionamentos amorosos, um série de coisas (ANA, APÊNDICE I).

Eu tinha uma ideia que a psicanálise se resumia primeiramente a Freud e depois a Bíblia. Depois, ao adentrar o mestrado, a fazer doutorado, eu vi que realmente a psicanálise expande muito mais que isso. [...] quando você vai pro mestrado, doutorado, e você tem que escrever sobre isso, precisei pegar novos livros, a coleção que você está vendo de Freud e a coleção, materiais do mestrado e doutorado, então você vê que a complexidade é mais embaixo, o negócio é mais complexo do que aquilo que eu pensava (DANIEL, APÊNDICE H).

Prosseguindo com nosso processo analítico interpretativo, a partir das narrativas da entrevistada Ester, podemos visualizar a atuação do processo educacional na mudança de pensamentos, quebra de paradigmas e abertura de novos horizontes. Segundo Dias & Pinto (2019), a educação influencia nas transformações sociais e no pensamento das pessoas, à medida que, por meio de suas práticas educacionais, reforça a capacidade crítica e reflexiva dos indivíduos. A educação, ao desempenhar o papel de transmissora do conhecimento, um espaço de produção de saberes, confere aos indivíduos maior capacidade de análise da realidade, fazendo com que adentrem nos debates com consciência de seus deveres e responsabilidades. Ao realizamos a seguinte pergunta a Ester: “O que te levou a realizar o curso de psicanálise clínica na AEP?”, percebemos o início de um processo de autorreflexão da entrevistada, visto que ela declarou que entendeu que antes de seu processo de ensino na AEP, apresentava uma postura preconceituosa e possuía uma visão negativa em relação à psicanálise.

Como justificativa de sua visão preconceituosa, Ester faz referência a sua prática religiosa evangélica: “Eu não concordo é muito longe da minha consciência teológica, muito longe da minha experiência espiritual, então assim, eu não vou entrar em uma área em que eu não concordo, então não tenho interesse” (ESTER, APÊNDICE G). Por meio de um exercício de

autoconsciência, Ester compreende o papel que o processo educacional vivenciado por ela na AEP desempenhou na sua mudança de pensamento em relação à psicanálise clássica, ao afirmar que:

[...] quando eu comecei, nas primeiras matérias, quando eu comecei a perceber que a ciência não deve ser rejeitada, porque a ciência é uma comprovação da ciência bíblica. O que os homens fazem com um conhecimento que eles adquirem é que traz essa confusão e gera esse tipo de visão do senso comum de que tudo não presta. Então, quando foi me apresentado as primeiras matérias, principalmente sobre a estrutura psíquica, sobre a topografia freudiana, eu comecei a experimentar na minha vida (ESTER, APÊNDICE G).

A partir da fala de Ester, podemos compreender o papel da AEP nesse processo de mudança de pensamento e como o escopo educacional da AEP, guiado por uma leitura da psicanálise a partir da religião evangélica, colaborou nessa mudança de paradigma “o fato determinante para eu ter entrado na AEP foi esse ponto comum, que é a crença do efeito da palavra dentro dos meus princípios cristãos e a competência de quem estava dando as aulas, no caso a competência do corpo docente” (ESTER, APÊNDICE G), afirma a entrevistada.

Ainda dentro dessa categoria de análise, torna-se pertinente verificarmos como os egressos compreenderam a dinâmica de funcionamento do curso a partir de questões como a carga horária de estudos, conteúdo programático, disciplinas e atividades curriculares. Nas seguintes falas dos egressos Ana e Samuel, identificamos componentes de seus processos formativos:

[...]o Dr. (nome da pessoa) fez uma importância muito grande que foram minhas horas supervisionadas que eu fiz parte delas lá dentro do consultório dele, ele me supervisionando, eu aprendi bastante como também tive oportunidade de ensinar o que eu estava aprendendo. [...] Eu tive a Dra. (nome da pessoa) que fez minhas dez análises. [...] lá os fundamentos são bem básicos, é era a questão de ler o sujeito a partir da concepção, lá na barriga da mãe [...] a formação durante os 18 meses [...] a gente vê fundamentos, estudos de casos, os estudos de casos do Dr. (nome da pessoa). são bem interessantes, as experiências de pessoas nas comunidades terapêuticas que alguns colegas estavam, alguns pastores (ANA, APÊNDICE I).

[...] as apostilas, os vídeos e as próprias aulas foram todas revistas e atualizadas pela AEP, agora recentemente, poucos anos atrás. Um conteúdo bom, não fica devendo nada para as demais escolas. [...] a grade da AEP é até muito grande, eu achei, muito extensa, eu não sei, eu nunca estudei em outra escola de psicanálise, mas acredito que seja mais ou menos isso, dois anos, dois anos, dois anos e meio, eu achei uma grade extensa (SAMUEL, APÊNDICE F).

A partir das narrativas acima, entendemos que o curso oferecido pela AEP, em determinados pontos, segue a lógica de funcionamento formativo da psicanálise clássica. Entre eles, está o famoso tripé da formação psicanalítica: análise pessoal, estudo teórico e supervisão, tendo como principal base a análise pessoal (Bernardes, 2019). Já em relação à duração do curso, conteúdo

e influência de movimentos culturais e ideológicos, a AEP alinha-se às instituições denominadas por Duarte & Carvalho (2005) como pertencentes ao nicho da Psicanálise didática cristã.

Ao analisarmos as narrativas construídas após os egressos relatarem aspectos de seus processos de formação, verificamos nas falas de Ana que a lembrança de aspectos de seu aprendizado acabou por gerar na egressa um processo auto avaliativo acerca do ensino realizado pela AEP. Nas falas transcritas abaixo, Ana (APÊNDICE I) compreende que a escola ensina fundamentos e conteúdos básicos da psicanálise, contudo, “seja de ciência ou seja da clínica em si, não te dá muitas condições de execução no tratamento psicopatológico”, sendo necessário o egresso buscar novas qualificações. Além disso, Ana contrapõe a fala de Samuel em relação à qualidade do curso “um conteúdo bom, não fica devendo nada para as demais escolas”, ao afirmar que o curso da AEP quando se trata de “resolutividade do aprendizado na prática da clínica ele não é tão completo, a prova disso é que algumas pessoas não conseguem ir pra clínica”. Além de apontar falhas na qualidade do curso, Ana relata a necessidade de buscar em outras instituições, conhecimentos que complementem seu ensino e colaborem na realização de práticas psicanalíticas.

E aí, a base que você adquire na AEP seja de ciência ou seja da clínica em si, não te dá muitas condições de execução no tratamento psicopatológico, você aprende bastante lá, mas não necessariamente te dá todas as bases necessárias, nesse sentido eu fui estudar mais, estudei e continuo estudando, quem atua na clínica de psicanálise não tem jeito de dizer que já sabe o suficiente, embora as horas de clínica, eu acho que é o maior aprendizado, e maior ensino são as horas que você passa de clínica (ANA, APÊNDICE I).

Todas essas bases que aprendemos lá na AEP que eu ainda uso, mas se você disser assim a resolutividade do aprendizado na prática da clínica ele não é tão completo, a prova disso é que algumas pessoas não conseguem ir pra clínica, muitos dos meus colegas, eram 32 na sala, só 18 formaram e deve ter apenas uns 5 que está na clínica, porque lá não tem, digamos assim, a formação durante os 18 meses não dá tempo de ensinar tudo (ANA, APÊNDICE I).

2.2.2 Influências da Cultura Evangélica

Nessa categoria de análise, buscaremos apresentar aspectos que revelam a influência e a presença de elementos da cultura evangélica na constituição do curso da AEP, tendo como base a perspectiva dos egressos. As religiões são basicamente compostas pelo tripé: sistema de

crenças, comunidade de fiéis e prática de atos religiosos (Ribeiro, 2014). A partir dessa lógica de funcionamento do sistema religioso, faremos inferências nas falas dos participantes com a finalidade de compreender de que forma os elementos da religião evangélica se manifestam na forma de influência no escopo do curso de psicanálise da EPP.

O primeiro ponto encontrado nas narrativas e que sinaliza para um aspecto da influência da religião evangélica no processo de formação dos egressos é o papel das lideranças eclesiais, tanto no processo de escolha e definição da matrícula no curso quanto nos argumentos utilizados pelos entrevistados para justificar a qualidade e a segurança de se realizar o curso de psicanálise nessa instituição.

Nas falas da participante Rebeca, listadas abaixo, vemos o uso do recurso da citação do nome de lideranças como forma de justificar sua motivação para realização do curso na AEP. Esse aspecto de influência é característico dos movimentos pentecostais e neopentecostais brasileiros, que possuem lideranças fortes e responsáveis por ditarem usos, costumes e regras aos membros de sua comunidade religiosa. São lideranças de caráter centralizador que possuem extrema relevância dentro das igrejas chegando ao ponto de dadas igrejas serem personificadas na figura desses líderes. Esse aspecto também está presente na fala dos entrevistados ao fazerem uso do nome do presidente/coordenador da AEP como forma de personificar a instituição.

[...] foi a entidade que eu conheci que estava ao meu alcance que tinha pastor na igreja que gerenciava esse curso, então que era um dos coordenadores, questão de aproximação e facilidade para mim (REBECA, APÊNDICE E).

[...] o (pausa) presidente da AEP é muito conceituado (cita nome do presidente) ele não é um amador, né? é um psiquiatra, formado, cientista. Então assim, isso dá muito respaldo e respeito para AEP. Então assim, quando você fala da pneumapsicanálise, você fala, mas quem é? Você fala quem é o (nome do presidente), psiquiatra, cientista, geralmente, até agora não tive esse problema não (REBECA, APÊNDICE E).

Então, não é uma pessoa que não sabia do que estava falando e explicaria qual a proposta da AEP, apresentando é claro, o currículo dos professores, né? Do diretor. Apresentaria o currículo deles, porque eles tem condição de ensinar [...] (ESTER, APÊNDICE G).

[...] E na AEP eu aprendi com o Dr. (nome coordenador do curso), eu aprendi que eu tinha que fazer análise, que era uma coisa que eu achava que eu não precisava. [...] Dr. (cita nome do coordenador) nem se conta, depois da AEP o Dr. (cita nome do coordenador) fez uma importância muito grande que foram minhas horas supervisionadas que eu fiz parte delas lá dentro do consultório dele (ANA, APÊNDICE I).

[...] chamam, convidam e peçam para o diretor da AEP para fazer todo tipo de palestra, porque ele é um cara fantástico, cientista, conhecedor profundo, experiente, eles usufruem da pessoa do diretor da AEP [...] (SAMUEL, APÊNDICE F).

[...] o pastor presidente também se formou na AEP, inclusive fizemos o TCC juntos, eu, ele e outro pastor da igreja, então ele compreende, ele aceita, ele acha necessário esse conhecimento né? do corpo, alma, espírito que realmente os traumas influenciam na vida da pessoa. Ele concorda. Inclusive está formando, a turma da AEP tá funcionando lá também, dia de sábado, tem também outro psiquiatra lá, tem a doutora (cita nome da pessoa), inclusive o presidente da AEP agora é membro da igreja, então assim, tem um corpo muito grande, (nome de uma pessoa), (nome de uma psicóloga), então assim tem um corpo grande (ênfase tom da voz), inclusive atendo outras pessoas, tá forte! (REBECA, APÊNDICE E).

A partir das falas de Rebeca, podemos compreender que o posicionamento de lideranças religiosas em relação ao curso oferecido pela AEP validaram sua formação e nortearam seu percurso acadêmico. Além disso, tal interpretação nos conduz a compreender que a postura dessas lideranças colaboram diretamente na construção de uma visão positiva imperativa dos egressos em relação ao seus processos de formação na AEP, podendo interferir no exercício de auto avaliação crítica e reflexiva dos entrevistados acerca desse assunto. Acreditamos que tal interferência pode vir a acontecer devido ao sistema de crenças da religião evangélica que por vezes enxerga a postura de um fiel que posiciona-se de forma contrária à opinião de uma liderança eclesiástica como desobediência, pecado e afronta a uma figura religiosa constituída por Deus.

Segundo Almeida (2020), esse comportamento de submissão diante de autoridades eclesiásticas é fomentado pela cultura do medo e da punição irracional que teve seu ápice no período medieval e que na contemporaneidade ganhou uma nova roupagem. No contexto atual, compreendemos que as lideranças religiosas exercem a função de distorcer a realidade recorrendo a ideologias e interpretações bíblicas religiosas como forma de manter a consciência dos fiéis sob controle, influenciando-os de forma pragmática em suas decisões, opiniões e visões de mundo.

A existência de uma liderança forte e que por vezes se torna sinônimo de uma igreja, um dos aspectos presentes na cultura religiosa evangélica brasileira, também apresenta correlação junto ao contexto da AEP, à medida que nas narrativas dos entrevistados Rebeca, Ester, Samuel e Ana, os nomes de lideranças são citados inúmeras vezes. A partir dessa constatação, podemos inferir que os mentores intelectuais da EPP se sobrepõem à estrutura curricular, à prática educativa realizada na instituição e até mesmo às questões referentes a critérios de avaliação da qualidade do curso.

Sendo assim, podemos compreender que os egressos realizam um processo de projeção⁵, atrelando as qualidades técnicas e intelectuais dos líderes da instituição ao curso de formação em psicanálise oferecido pela AEP. Pode-se entender que tal estratégia tem por objetivos: criar e fortalecer a reputação da instituição, conferir credibilidade a AEP a fim de recrutar novos acadêmicos para o curso, além de ser uma forma de justificar a realização da formação em uma instituição psicanalítica evangélica. O mecanismo de projeção citado acima tem respaldo na seguinte afirmação de Rebeca: “[...] o (pausa) presidente da AEP é muito conceituado (cita nome do presidente) ele não é um amador, né? é um psiquiatra, formado, cientista. Então assim, isso dá muito respaldo e respeito para AEP”.

Outro aspecto que demarca a influência religiosa no curso da AEP é a utilização da escritura judaico-cristã, a Bíblia, como obra primacial de condução intelectual e moral da trajetória de ensino na instituição, conforme dito por Samuel: “A bíblia está presente em todo tempo, a bíblia é essencial, você vai usar a pneumapsicanálise, a bíblia é essencial”, tal afirmação demonstra a influência clara e direta da religião evangélica no curso de formação em psicanálise da EPP. Esse aspecto pode ser ratificado por meio da concepção de Ribeiro (2014) que aponta o uso da escritura sagrada por lideranças religiosas e praticantes como um dos comportamentos que caracterizam as instituições religiosas.

A bíblia está presente em todo tempo, a bíblia é essencial, você vai usar a pneumapsicanálise, a bíblia é essencial. Então, achei assim uma criação muito inteligente da AEP como escola paulina e insere a pneumapsicanálise, achei inteligente demais e muito próprio para mim pessoalmente, a identificação foi total, por que eu já tinha esse interesse, já tinha esse objetivo, e encontrei a escola certa (SAMUEL, APÊNDICE F).

Então, o fato determinante para eu ter entrado na AEP foi esse ponto comum, que é a crença do efeito da palavra, dentro dos meus princípios cristão e a competência de quem estava dando as aulas, no caso a competência do corpo docente (ESTER, APÊNDICE G).

Em decorrência do uso da bíblia como ferramenta pedagógica e educacional durante todo o curso, tendo a sagrada escritura condicionada ao ensino da pneumapsicanálise, método terapêutico ensinado pela AEP, podemos constatar a prática da livre interpretação da Bíblia durante todo processo de formação em psicanálise na EPP. Uma prática advinda da reforma protestante e que ganhou novos contornos na contemporaneidade no contexto das igrejas

⁵ A projeção vai sendo aplicada a vários fenômenos que fazem parte de nossa vida cotidiana, quando antes esta defesa só se referia à expulsão de desejos intoleráveis e inconscientes em si, tendo sempre um viés patológico. Com a extensão do conceito, passa-se a utilizar a projeção como explicação para o deslocamento de sentimentos, ideias e emoções consideradas positivas e valorizadas, e, até mesmo, conscientes (Pinto, 2014).

pentecostais e neopentecostais que leem e interpretam os escritos bíblicos em sua forma literal e não adotam uma hermenêutica única no processo interpretativo (Pommerening, 2014).

A autonomia e a liberdade na leitura das escrituras sagradas, frutos da reforma e usados como forma de propagar ensinamentos bíblicos atrelados a questões da vida e comportamentos, sem a necessidade de uma autoridade eclesiástica, é uma marca da cultura religiosa evangélica brasileira e faz parte do escopo formativo da AEP. Essa argumentação tem respaldo nas seguintes falas de Samuel e Ester:

Em todo tempo se fala disso, desde o primeiro módulo, a escola é apresentada, ela tem inclusive no nome Escola Psicanalítica Paulina que é do apóstolo Paulo que manifesta esses insights, registros bíblicos que mostram insights né, então eu creio que essa similaridade foi exemplo e motivação para trazer a pneumapsicanálise (SAMUEL, APÊNDICE F).

[...] mas a fé cristã em si para mim é o grande diferencial da AEP, tanto que a pneumapsicanálise é uma teoria que trata a base, que trata a partir da base que é a da palavra, eu creio que o porquê da AEP existir seria esse o ponto (ESTER, APÊNDICE G).

Na fala de Samuel, constata-se a materialização de uma construção teórica formulada a partir da livre interpretação da Bíblia. Esse apontamento pode ser confirmado a medida que, segundo a fala de Samuel, a AEP e seus idealizadores interpretam as experiências de vida e visões espirituais do apóstolo Paulo, contidas nos livros do Novo Testamento, como insights⁶, um termo que, segundo Abel (2003), era inicialmente ligado à psiquiatria geral e que, a partir do anos de 1950, fora também incorporado ao vocabulário psicanalítico.

Como resultado dessa interpretação, tem-se a origem do nome da escola “a escola é apresentada, ela tem inclusive no nome Escola Psicanalítica Paulina que é do apóstolo Paulo que manifesta esses insights”, afirma Samuel (APÊNDICE F). A partir disso, podemos compreender que o uso da bíblia como base teórica do curso e a livre interpretação das escrituras como prática pedagógica, tendo como parâmetro determinados conceitos da psicanálise caracterizam a dinâmica educacional existente no processo de formação em psicanálise clínica oferecido pela AEP.

⁶ Palavra encontrada com frequência na literatura psicanalítica. Para o português geralmente é traduzida como compreensão interna, compreensão súbita, apreensão súbita, visão súbita, discernimento, perspicácia, pelos neologismos intravisão ou insaite. Na língua inglesa o termo é entendido como a capacidade de entender verdades escondidas equiparando-se ao sentido de "discernimento" (ABEL, 2003).

Seguindo com as análises das entrevistas, observamos que em todas elas o termo Espírito Santo é citado como parte fundamental para compreensão e prática da pneumapsicanálise, uma linha terapêutica alternativa formulada pela AEP, que envolve terapia clássica e ensinamentos de Jesus Cristo. A crença no Espírito Santo como um dos membros da divina trindade, bem como no seu poder para realizar curas e milagres divinos, é um dos aspectos que caracterizam o movimento pentecostal brasileiro. Nas narrativas abaixo, vemos a questão do Espírito Santo como fator central no processo de compreensão e prática do conceito terapêutico psicanalítico ensinado durante a trajetória de formação no curso de psicanálise da AEP.

O psicanalista da pneumapsicanálise ele tem um instrumento a mais que é o Espírito Santo, então o Espírito Santo durante essa entrevista ele pode trazer revelações que a psicanálise tradicional não utiliza, então eu posso ter um insight através do Espírito Santo (REBECA, APÊNDICE E).

Pneuma é o espírito né, é o Espírito Santo. É a cura pela palavra, ou a cura pelo espírito, pelo Espírito Santo, biblicamente falando e de uma maneira evangélica mesmo, evangélica cristã protestante que é aquilo que a AEP passa (DANIEL, APÊNDICE H).

Então pneuma é o espírito, a cura pelo espírito, além da matéria de Freud, além de todo conteúdo, eles usam ainda o Espírito Santo para curar o paciente, para entre aspas, o paciente ter uma melhora que na visão da AEP, da escola isso torna a psicanálise mais eficaz, na visão da escola (DANIEL, APÊNDICE H).

[...] quando eu soube da existência, sabendo da AEP, isso me motivou mais rápido. Eu tomei a iniciativa e lá que eu soube da introdução do Espírito Santo no setting psicanalítico, que é a pneumapsicanálise, então achei fantástico, combinou comigo e com a minha religião (SAMUEL, APÊNDICE F).

Na fala da entrevistada Rebeca (APÊNDICE E), o Espírito Santo⁷ ganha um novo papel diante do contexto teórico ensinado no curso da AEP, sendo denominado como um instrumento, uma ferramenta a ser acionada pelo terapeuta psicanalista durante seus atendimentos. Para Rebeca (APÊNDICE E), o psicanalista formado na AEP “tem um instrumento a mais que é o Espírito Santo, então o Espírito Santo durante essa entrevista ele pode trazer revelações que a psicanálise tradicional não utiliza, então eu posso ter um insight através do Espírito Santo”. O insight, fenômeno que, de acordo com a psicanálise clássica pode ser vivenciado durante as sessões de

⁷ O Espírito Santo representa uma força sobrenatural, inspirando a palavra de poder (e não o poder da palavra), estimulando a coragem e a experiência extática, tanto quanto as profecias e curas milagrosas. Entre os cristãos distingue-se, primordialmente, os "católicos" dos "protestantes". Entre os protestantes há três categorias básicas: os "históricos", como os anglicanos e metodistas, onde o Espírito Santo não se manifesta; os pentecostais, onde o Espírito Santo apenas se manifesta; e os "espiritualistas", onde o Espírito Santo se manifesta e "profetiza" (Pereira, 2009).

análise, no contexto educacional da AEP atrela-se a lógica da revelação espiritual que, segundo a crença religiosa evangélica pentecostal, advém do Espírito Santo.

Além da revelação espiritual, a crença religiosa baseada na cura divina e milagres por intermédio do Espírito Santo também são atrelados à prática da pneumapsicanálise e ensinados aos acadêmicos do curso, conforme afirmado por Daniel:

É a cura pela palavra, ou a cura pelo espírito, pelo Espírito Santo, biblicamente falando e de uma maneira evangélica mesmo, evangélica cristã protestante que é aquilo que a AEP passa. [...] além de todo conteúdo, eles usam ainda o Espírito Santo para curar o paciente, para entre aspas, o paciente ter uma melhora (DANIEL, APÊNDICE H).

Diante das análises e interpretações realizadas anteriormente com o objetivo de apresentar aspectos que caracterizam a influência da religião evangélica no escopo formativo da AEP, podemos afirmar que os elementos característicos do sistema de crenças da religião evangélica brasileira são expostos de maneira livre e aparente em toda trajetória de ensino do curso. Entendemos que a presença de traços da influência religiosa no curso tem como propósito dialogar de uma forma compreensível e criar um senso de pertencimento dos evangélicos com a instituição, bem como fomentar a adesão de novos acadêmicos evangélicos ao curso de psicanálise clínica da AEP, tal compreensão ganha respaldo na fala de Samuel (APÊNDICE F), que afirma: “eu soube da introdução do Espírito Santo no setting psicanalítico, que é a pneumapsicanálise, então achei fantástico, combinou comigo e com a minha religião”.

2.2.3 Psicanálise Evangélica Sob a Perspectiva Cultural

A partir do quadro exposto no tópico anterior, onde são apontados aspectos da cultura evangélica brasileira na estrutura do ensino psicanalítico oferecido pela AEP, entendemos que o curso alinha-se à lógica de uma psicanálise evangélica, materializada na construção teórica de fundo terapêutico chamada pneumapsicanálise. Sendo assim, faremos uma leitura da visão dos egressos acerca desse fenômeno, que apontamos como sendo um saber resultante da dinâmica entre a cultura evangélica e a psicanalítica, logo, o resultado de um fenômeno cultural híbrido.

Nossa compreensão de que esse fenômeno educacional é híbrido parte da lógica dos pensamentos de Canclini (2011) e Bhabha (1990), que entendem o hibridismo cultural pós-moderno como uma prática proveniente do encontro de diferentes culturas que, através da interação e circulação de seus bens simbólicos, rompem com a lógica de pureza, conferindo protagonismo a narrativas culturais nacionais/locais, reverberando em novas culturas de caráter múltiplo e não mais universais. No caso da psicanálise evangélica, vemos o encontro ou cruzamento de duas culturas diferentes, a psicanálise clássica ocidental europeia/freudiana e a cultura religiosa evangélica brasileira, com destaque para os bens simbólicos dos movimentos pentecostais e neopentecostais presentes no escopo curricular do curso.

Somada à compreensão dita anteriormente e conseqüentemente validando nossa inferência, temos a fala do egresso Samuel que, em resposta à questão 2 do questionário de entrevista, apresenta um argumento reflexivo a respeito de sua visão sobre a origem da pneumapsicanálise, remetendo-a a uma lógica de hibridismo cultural, onde há interação e troca de bens simbólicos entre as duas culturas:

Exatamente, mas sem menosprezar uma ou outro, acho que ambas são valiosas, mesmo por que a AEP dá todo conteúdo psicanalítico, ela acrescenta a pneumapsicanálise, não fica faltando nada. Então é esse **crucio**, o acrescentar da pneumapsicanálise é que me agradou, eu ia fazer outra psicanálise, eu só estava demorando a começar (SAMUEL, APÊNDICE F, grifo nosso).

Os pensamentos de Canclini (2011) e Bhabha (1990), que apontam que na dinâmica do hibridismo cultural pós-moderno os bens culturais e simbólicos nacionais/locais ganham protagonismo, podem ser vistos nas falas dos participantes Samuel e Ester, à medida que eles destacam e dão relevância ao acréscimo da pneumapsicanálise no composto teórico e prático da psicanálise tradicional.

A teoria pneumapsicanalítica da AEP é uma visão que ela **vai um pouco além da psicanálise tradicional**. [...] a proposta da AEP não é desconstruir a psiquiatria, não é desconstruir a psicologia, é uma ciência, é (gaguejou) uma teoria, **é uma ciência que pode agregar valores a essas ciências acadêmicas** que são a psiquiatria né? um psiquiatra é um médico! (ESTER, APÊNDICE G, grifo nosso).

Mas depois que eu conheci a AEP e vi constatada a inclusão do Espírito Santo no setting psicanalítico, a gente viu que **a possibilidade de melhor, obtenção de melhor sucesso** é uma realidade quando se aplica a pneumapsicanálise (SAMUEL, APÊNDICE F, grifo nosso).

A pneuma enriquece a análise. Então, quando a pessoa, tem gente que logo de cara dá abertura sobre a religião dela, sobre a crença em Deus, então é mais fácil da gente trabalhar jogando **a pneumapsicanálise em cima que facilita muito alcançar os resultados desejados** (SAMUEL, APÊNDICE F, grifo nosso).

[...] digamos assim **há uma vantagem como a pneumapsicanálise atua**, inclusive eu defendo a ideia de que **a pneumapsicanálise deveria ser incluída na grade das escolas clássica**, não precisa tirar nada do que tem lá, mas pode acrescentar a pneumapsicanálise (SAMUEL, APÊNDICE F, grifo nosso).

Nas narrativas acima, vemos que os dois egressos entendem que o acréscimo de bens simbólicos da cultura religiosa evangélica brasileira, representada na pneumapsicanálise, agregam valor à psicanálise tradicional. O uso dos termos “vai além”, “agregar valores”, “melhor obtenção de sucesso”, “enriquece a análise”, “facilita muito alcançar os resultados desejados” e “há uma vantagem” conferem protagonismo à psicanálise evangélica, superestimando os saberes construídos por ela, em detrimento das teorias formuladas pela psicanálise tradicional. Tais expressões podem nos conduzir a pensar que existiam lacunas no composto teórico da psicanálise freudiana, que foram preenchidas e solucionadas a partir do saber psicanalítico formulado pelo eixo intelectual da EPP.

Contraopondo-se à perspectiva de Samuel e Ester, temos a visão do egresso Daniel, que, após sua formação, vê o acréscimo de elementos da religião evangélica na psicanálise como um atraso “Depois de muito tempo formado e acumulando muitos atendimentos, eu vejo, como, sinceramente por vezes, ou maioria das vezes, como atraso”, afirma Daniel (APÊNDICE H). Como argumento de seu posicionamento contrário ao cruzamento da psicanálise clássica com a religião evangélica, Daniel justifica recorrendo ao ponto de vista de Freud, ao afirmar que:

[...] do ponto de vista do criador da psicanálise, que foi Freud, ele não assim, no meu ponto de vista ele deixou bem separado, religião lá e aqui é psicanálise, **ele não misturava as coisas**, é bem claro, no mal estar da civilização, nos principais livros que o pessoal compra que estudamos no mestrado, interpretação dos sonhos, ele descreve, declara, a religião beleza, mas fica lá religião que aqui é outra coisa, é uma ciência, então ele separou (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso)

Nas falas de Daniel, pode-se perceber a expressão de uma crítica reflexiva, uma vez que o egresso avalia seu processo de formação realizado na AEP juntamente com suas experiências na clínica e em outras instituições psicanalíticas e, a partir disso, lança um novo olhar, ressignifica sua opinião sobre o fenômeno educacional da psicanálise evangélica. Sendo assim, podemos inferir que Daniel fez um exercício avaliativo consciente de sua trajetória de vida enquanto psicanalista, separando a ciência da religião, alinhando desse modo seu pensamento ao de Freud e de Willian W. Meissner, que afirmavam que a psicanálise era incompatível com a religião e que a teologia começa onde a psicanálise termina (David, 2003).

A trajetória de reflexão de Daniel pode ser lida nos trechos abaixo, na primeira transcrição, resposta à pergunta nº1 do questionário, em que ele compartilha sua visão durante seu processo formativo. Já na segunda transcrição, ele expressa uma nova opinião após sua vivência em outros espaços de conhecimento.

Eu tinha uma ideia, antes da AEP, quer dizer na AEP, quando começamos a estudar, a gente tem uma ideia que a psicanálise é aquilo ali né? que é uma junção daquilo que Freud criou, que é a cura pela fala, estudo da mente humana, da psique com a junção da bíblia, da pneumapsicanálise. Eu tinha uma ideia que a psicanálise se resumia primeiramente a Freud e depois a Bíblia (DANIEL, APÊNDICE H).

Então, segundo ponto que eu vejo, é que nem todo mundo é evangélico, nem todo mundo acredita e tem a mesma fé que os evangélicos, então como o estado é laico eu posso ferir a crença e também gerar um constrangimento no paciente. [...] o que eu mais enxerguei até hoje e assim, **quando você consegue separar as coisas, você tem uma eficácia muito maior no atendimento até pela percepção e não discriminação**, futuramente se você entender que o paciente é evangélico e quiser aplicar algo, tudo bem. Mas assim, a princípio gera um bloqueio muito grande, gera um afastamento até muito maior, uma falta de conexão[...] (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso).

Retomando a questão de valorização e superestima do saber nacional/local que caracteriza os fenômenos híbridos pós-modernos, vemos na fala de Samuel um ponto de contradição. A partir da fala abaixo, pode-se pensar que Samuel durante o processo de elaboração de sua resposta aos questionamentos, reflete acerca dos impactos que seu argumento de enaltação da pneumapsicanálise, sobrepondo-a à psicanálise tradicional, podem ocasionar. Uma vez que podem transmitir a ideia de superioridade e caracterizar a EPP como uma escola diferente, voltada exclusivamente ao segmento evangélico, inviabilizando, assim, a promoção de uma cultura psicanalítica evangélica no cenário brasileiro por meio da instituição.

[...] a grade da AEP é até muito grande, eu achei, muito extensa, eu não sei, eu nunca estudei em outra escola de psicanálise, mas acredito que seja mais ou menos isso, dois anos, dois anos e meio, eu achei uma grade extensa. A pneumapsicanálise é inserida ali também, mas não é uma coisa assim, que ocupa a maior parte do tempo da escola, a gente observa que ela está presente durante o curso todo, mas ela não é uma escola diferente, por exemplo na minha turma tinha um cara que eu reconheci, um colega que nós fizemos, estudamos na mesma faculdade de direito eu fiquei até surpreso, ele era católico e estava fazendo o curso na AEP (SAMUEL, APÊNDICE F).

Como resposta à sua reflexão e caracterização de sua contradição, vemos que Samuel afirma que, durante seu processo de formação, os dois saberes são ensinados de forma equilibrada, sem a preponderância de um sobre o outro. Além disso, ele relata que, durante seu percurso acadêmico, indivíduos de outras religiões realizaram o curso, tal exemplo exclui uma preconceção de que o curso é restrito a evangélicos. Compreendemos que essa contradição no

pensamento de Samuel pode ter como foco evitar a estereotipização do curso de formação da AEP, favorecendo a aceitação e popularização do curso diante dos mais diversos públicos.

Com o objetivo de ampliar nossa compreensão acerca da psicanálise evangélica partindo de uma perspectiva cultural e tendo como parâmetro o ponto de vista dos egressos, a partir desse ponto, buscaremos interpretar de que forma podemos caracterizar o conteúdo didático ensinado na EPP. Para tanto, lançaremos um olhar sobre as falas dos entrevistados dialogando com os seguintes conceitos de práticas culturais híbridas: tradução cultural e apropriação cultural seletiva.

De acordo com Burke (2011), a tradução cultural, conceito formulado por Bhabha, refere-se a uma prática de trabalho que conta com a participação ativa de indivíduos e grupos que tem por objetivo domesticar aquilo que é estrangeiro fazendo ajustes para corrigir possíveis enganos. Esse processo de tradução cultural pode ser percebido na origem da AEP que foi criada a partir da junção de líderes cristãos evangélicos interessados no estudo do psiquismo humano, entre eles psiquiatras, psicólogos e profissionais da saúde mental que, juntos, criaram a teoria pneumapsicanalítica.

Nesse processo, podemos entender que os líderes da AEP desempenharam o papel de tradutores, uma vez que obtiveram o conhecimento acerca da psicanálise tradicional freudiana e posteriormente domesticaram a teoria freudiana inserindo nela elementos da cultura religiosa evangélica brasileira, criando desse modo uma leitura da psicanálise conforme uma perspectiva cristã. Encontramos respaldo à nossa argumentação no trecho da entrevista com a participante Ester:

ENTREVISTADOR: Falando de vínculo, a pneumapsicanálise tem um vínculo com a religião?

ESTER: da AEP eu creio que sim, não a nível dogmático institucional, mas a fé cristã em si para mim é o grande diferencial da AEP, tanto que a pneumapsicanálise é uma teoria que trata a base, que trata a partir da base que é a da palavra, eu creio que o porquê da AEP existir seria esse o ponto (APÊNDICE G).

Como reflexo da tradução cultural realizada na composição teórica formulada pela AEP, temos uma mudança no conceito referente à constituição do homem, que, de acordo com a teoria freudiana, baseada em uma visão racionalista da medicina moderna, compreende o homem como um ser composto por corpo e alma (Cruz & Pereira Júnior, 2011). A AEP, por sua vez, após o processo de tradução cultural, que consistiu principalmente na inserção de conceitos

bíblicos na psicanálise, altera essa compreensão freudiana acerca do ser humano acrescentando o elemento espírito como uma das camadas que formam o homem. Tal entendimento está presente na fala proferida pela egressa Rebeca:

O que a AEP traz é o seguinte: **nós somos corpo, alma e espírito e a psicanálise tradicional a gente vê falando da alma e do corpo**, traumas na alma e no corpo, e como nós somos corpo, alma e espírito a gente entende que podem ter traumas na parte espírito na composição do todo do ser humano. Traumas oriundos da parte espiritual do ser humano, corpo, alma e espírito. [...] mas a diferença da psicanálise tradicional para a pneumapsicanálise é justamente a questão espiritual, do espírito corpo, alma e espírito (REBECA, APÊNDICE E, grifo nosso).

A prática da tradução cultural no contexto da psicanálise evangélica da AEP reverbera por conceitos teóricos fundamentais da psicanálise freudiana, entre eles o do insight que, de acordo com Cardoso (2007), é um conceito cunhado por analistas europeus e americanos para definirem um processo no qual a pessoa alcança uma visão nova e distinta de si mesmo. De acordo com Cardoso (2007), na psicanálise clássica, o insight é classificado em dois níveis: o insight intelectual e o insight emocional. Nas falas dos egressos, notamos o resultado do processo de tradução cultural referente a esse conceito, ao passo que a AEP mantém a compreensão dos dois níveis de insights da psicanálise clássica e acrescenta duas novas modalidades de insight a sua teoria psicanalítica. São definições de insights que, de acordo com a análise das falas do entrevistados, estão atreladas a visões espirituais e teológicas da religião evangélica, conforme trechos transcritos abaixo:

[...] me chamou a atenção a existência do terceiro insight na pneumapsicanálise, que é a presença do espírito santo que ajuda muito no fechamento da análise do paciente, então esse 3º insight que a psicanálise comum não leva em conta, digamos assim há uma vantagem como a pneumapsicanálise atua, inclusive eu defendo a ideia de que a pneumapsicanálise deveria ser incluída na grade das escolas clássica, não precisa tirar nada do que tem lá, mas pode acrescentar a pneumapsicanálise (SAMUEL, APÊNDICE F).

Pois é, a gente não fala do Espírito Santo na terapia, a gente pratica a terapia, o insight do Espírito Santo ele acontece, o analista /profissional que conhece, ele consegue alcançar os insights, sabe que é uma ação do Espírito Santo, mas ele não fala isso para o paciente, o paciente não precisa saber disso, aliás não deve saber disso, principalmente, quando o paciente não é cristão, ele pode não entender e pode comprometer o espírito da psicanálise (SAMUEL, APÊNDICE F).

AEP aí que está o fator de destaque da AEP é que eles creem no terceiro insights, e as vezes pode ser que surja um quarto insights, eu prefiro basear nesses três insights: do analista, do analisando, só que a AEP crer que existe um terceiro insights que é um clarear, é uma revelação do Espírito de Deus, para que isso aconteça não está no universo dos dons espirituais que são algumas doutrinas que se divergem, há interpretações teológicas que se divergem em relação aos dons espirituais, não é nesse nível de dons espirituais. Na verdade quando a AEP defende esse terceiro insight, ela está falando, ela está afirmando que o homem possui em si mesmo a condição de

transcender, que seria a espiritualidade, então você não tem só mente e corpo, você tem o espírito e você consegue transcender (ESTER, APÊNDICE G).

Ao analisar essas falas, podemos inferir que, nesse processo de tradução cultural, a psicanálise evangélica mantém a concepção de insight formulada pelo saber psicanalítico clássico e acrescenta bens simbólicos e crenças da religião evangélica brasileira com a finalidade de caracterizar esse novo saber e ajustá-lo a visão de mundo da comunidade evangélica brasileira. Na fala da participante Ester, o terceiro insight corresponde a uma manifestação do Espírito Santo, uma revelação divina, mas esclarece que não se trata de dons espirituais e sim da capacidade que “o homem possui em si mesmo [...] de transcender, que seria a espiritualidade, então, você não tem só mente e corpo, você tem o espírito e você consegue transcender”, afirma Ester. A partir da reflexão de Ester, vemos que a AEP recorre ao movimento de manifestação do Espírito Santo como forma de ilustrar e tornar compreensível o modo como o insight acontece no nível espiritual.

Somado a essa questão, temos a fala de Samuel, que nos faz entender que o terceiro insight ou insight espiritual é um conhecimento que deve ser restrito a compreensão dos analistas formados na AEP, “o analista/profissional que conhece, ele consegue alcançar os insights, sabe que é uma ação do Espírito Santo, mas ele não fala isso para o paciente, o paciente não precisa saber disso, aliás não deve saber disso, principalmente, quando o paciente não é cristão”.

Ao analisarmos os argumentos de Samuel contidos nas falas transcritas acima, encontramos pontos de contradição. Na primeira fala transcrita de Samuel, o participante compartilha a ideia de que a pneumapsicanálise, saber que inclui a lógica do terceiro insight, deveria ser incluída na grade das escolas clássicas. Porém, na segunda fala transcrita, Samuel afirma que o entendimento acerca do terceiro insight não deve ser compartilhada com pacientes ou qualquer indivíduo, principalmente se for um não cristão.

Diante das narrativas de Samuel e Ester, podemos compreender que os elementos teóricos constitutivos da psicanálise evangélica ainda estão em processo de construção, os egressos transmitem imprecisão e insegurança ao descreverem aspectos que caracterizam a psicanálise evangélica da AEP, em detrimento da psicanálise clássica freudiana, bem como a maneira de utilizar os conceitos na prática clínica. Tal imprecisão e insegurança também está presente na fala da participante Ester, que cita a existência do conceito de um quarto insight formulado pelos intelectuais da AEP, mas opta por não tê-lo como base ou referência, devido a divergências

teológicas desse conceito em relação a sua visão cristã “eles creem no terceiro insights, e às vezes pode ser que surja um quarto insight, eu prefiro basear nesses três insights”, afirma Ester.

Também vemos a constatação do processo de tradução cultural na fala do participante Daniel quando o mesmo explica como a AEP apresentou a ele a teoria da segunda tópica de Freud e o modo de funcionamento do aparelho psíquico. No trecho transcrito abaixo, Daniel usa o recurso da analogia para explicar como a AEP ensina esse conceito. De acordo com Daniel, a pneumapsicanálise entende que a figura do Espírito Santo, quando atrelada ao Superego, é capaz de controlar o Ego e desse modo promover uma “transformação do paciente pela elaboração, diretamente pela palavra de Deus, então a cura pela palavra, a cura pelo Espírito Santo”.

[...] falando e de uma maneira evangélica mesmo, evangélica cristã protestante que é aquilo que a AEP passa e é claro que eles colocam o controle do Ego, eles colocam essa pneumapsicanálise, o Espírito Santo ali no Superego como controle do EGO, então é uma maneira de exercer a cura ou a transformação do paciente pela elaboração, diretamente pela palavra de Deus, então a cura pela palavra, a cura pelo Espírito Santo, a cura por esses dons do espírito que a bíblia descreve, uso cristão, o protestante principalmente né? Que é a base da AEP que é evangélica, por isso eu estou falando dessa forma tão... (DANIEL, APÊNDICE H).

Outra prática cultural híbrida percebida durante a análise das falas dos entrevistados é a apropriação cultural seletiva, um processo em que uma cultura não se apropria totalmente dos elementos da outra, mas seleciona apenas os bens simbólicos que estejam alinhados a sua visão de mundo, evitando aproximações com aspectos que possam gerar conflitos de ideias (Burke, 2016). A partir das falas de Ana, transcritas abaixo, podemos inferir que a egressa é uma agente ativa no processo de apropriação seletiva, à medida que ela seleciona fundamentos da psicanálise que estão alinhados com sua visão religiosa e exclui conceitos da psicanálise clássica que podem entrar em conflito com sua fé.

O que eu aprendi lá e que eu ainda utilizo, lá os fundamentos são bem básicos, é era a questão de ler o sujeito a partir da concepção, lá na barriga da mãe, **não nada de regressão, não trabalho com hipnose, regressão, nada disso**. Mas essa leitura de alguns comportamentos, que eu aprendi muito com o Dr. (nome da pessoa) do comportamento gestacional, das relações deles na primeira infância com os pais, isso é uma coisa que aprendi lá que é muito básica, mas que me ajuda na clínica (ANA, APÊNDICE I, grifo nosso).

[...] eu não queria uma escola que ficasse em cogitação e que usasse a base da ciência de Freud e Lacan, a gente trabalha muito a clínica com Freud e Lacan, é a base de nosso trabalho e que tivesse compromisso com a verdade que é irrefutável, inarredável, que é a fé, cristã (ANA, APÊNDICE I).

A partir da análise do tom de voz de Ana e o uso de expressões com sentidos de oposição e repulsa presentes em sua fala, em termos como “não nunca”, acreditamos que ela adota essa postura diante de assuntos como regressão e hipnose por conta da influência de sua religiosidade evangélica e também devido aos ensinamentos que obteve durante seu processo de ensino na AEP. Tal argumentação ganha validade, visto que para determinados segmentos evangélicos a regressão remete a ideia de reencarnação e contato com vidas passadas, crenças divergentes da religião evangélica. A hipnose, por sua vez, pode vir a ser interpretada por grupos evangélicos como uma ação voltada para manipulação da mente podendo conter traços de possessão maligna.

Em sua segunda fala, Ana descreve de forma clara o processo de apropriação cultural seletiva que realizou em relação a conceitos elaborados por Freud e Lacan, dois dos principais pensadores da psicanálise. A egressa distancia de sua visão psicanalítica a concepção de ciência defendida pelos dois pensadores e apropria-se de forma seletiva apenas dos saberes clínicos formulados por eles. No trecho final de sua fala: “e que tivesse compromisso com a verdade que é irrefutável, inarredável, que é a fé, cristã”, Ana nos leva a compreender que a ciência defendida por Freud e Lacan são passíveis de dúvida e podem conter erros e enganos, valores que se contrapõem à sua fé cristã que, de acordo com Ana, é pautada na verdade *irrefutável, inarredável*.

Prosseguindo com o nosso processo de análise e interpretação das entrevistas transcritas, nos deparamos com uma narrativa da egressa Ester que ilustra em suas falas o resultado da ação conjugada de duas práticas culturais híbridas na constituição de um saber, entre as práticas, estão: a tradução cultural e a negociação cultural. Nossa interpretação advém da análise do seguinte trecho:

[...] área da reprogramação neurolinguística, que a AEP classifica como PNLB, programação neurolinguística bíblica vão criar novas sinapses através de novos hábitos que vão gerar hábitos diferentes que vão gerar costumes que vai determinar padrão de comportamento e chega a uma personalidade transformada, a gente crer nesse poder de transformação da palavra, e geralmente a maioria das pessoas que nos procuram sempre são pessoas que professam a fé cristã, mais existem pessoas que não tem vínculo nenhum com igreja, mas crê que existe Deus (ESTER, APÊNDICE G).

No trecho acima, é possível visualizar o resultado do processo de tradução cultural quando o nome original da técnica PNL, programação neolinguística, é submetido a uma transformação gramatical e cognitiva. Nesse caso, é a AEP que desempenha o papel de tradutora cultural,

transformando a PNL, nome original da técnica, em PNLB, programação neurolinguística bíblica, incluindo nessa nomenclatura um termo derivado da palavra bíblia, aliando, desse modo, a técnica a um dos principais bens simbólicos da cultura religiosa evangélica brasileira. Já o processo de negociação cultural é identificado quando a egressa descreve os mecanismos científicos presentes na PNL, mas atrela a sua aplicação ao uso da bíblia, nesse caso os elementos da PNL não são totalmente descartados e sim ajustados e submetidos a uma lógica de pensamento alinhada e adequada à visão de mundo da religião evangélica.

A partir das inferências e interpretações das falas dos egressos realizadas nessa categoria de análise, podemos constatar que a psicanálise evangélica reúne em seu arcabouço conceitual um emaranhado de saberes, códigos, crenças e bens culturais simbólicos resultantes de práticas culturais híbridas. Tal entendimento nos faz compreender que a psicanálise evangélica consiste em um produto educacional, um saber que é gerado a partir de processos de traduções, acréscimos, seleções e exclusões tendo como propósito central inserir elementos da cultura religiosa evangélica brasileira no complexo universo da psicanálise.

2.2.4 Avaliação do curso e seus efeitos na prática psicanalítica

Nessa categoria de análise, através das falas dos egressos, buscaremos compreender as percepções que eles têm acerca da qualidade do curso e de que forma os conhecimentos adquiridos por eles durante a formação reverberam em suas práticas profissionais. Inicialmente, destacaremos as falas de Ana e Daniel, que expressam suas opiniões voltadas para avaliação qualitativa do curso.

Todas essas bases que aprendemos lá na AEP que eu ainda uso, mas se você disser assim **a resolutividade do aprendizado na prática da clínica ele não é tão completo**, a prova disso é que **algumas pessoas não conseguem ir pra clínica**, muitos dos meus colegas, eram 32 na sala, só 18 formaram e deve ter apenas uns 5 que está na clínica, porque lá não tem, digamos assim, **a formação durante os 18 meses não dá tempo de ensinar tudo** (ANA, NARRATIVA, grifo nosso).

E aí, **a base que você adquire na AEP seja de ciência ou seja da clínica em si, não te dá muitas condições de execução no tratamento psicopatológico**, você aprende bastante lá, mas não necessariamente te dá todas as bases necessárias, nesse sentido eu fui estudar mais, estudei e continuo estudando (ANA, NARRATIVA, grifo nosso).

Eu quero deixar bem claro que é uma escola boa, mas que **na minha prática clínica, estou falando na minha, as outras ferramentas e as outras formações são mais completas e eficazes**, até mesmo dentro da psicanálise que eu fiz outros cursos do que aquilo que eu fiz na AEP (DANIEL, NARRATIVA, grifo nosso).

Nas falas transcritas acima, vemos que ambos têm consciência crítica de que o ensino ministrado pela AEP apresenta carências e debilidades, uma vez que eles apontam elementos que comprometem uma avaliação qualitativa positiva do curso. Entre os elementos citados, estão o tempo de duração e carga horária do curso e o conteúdo programático que é caracterizado por eles como incompleto.

Como consequência dessa deficiência no ensino, Ana afirma que “algumas pessoas não conseguem ir pra clínica”, ou seja, por não adquirirem habilidades suficientes durante o curso, os egressos podem vir a desistir de exercer a profissão de psicanalista clínico, por não se sentirem capacitados para tal função. Além disso, Ana reforça que, por conta da superficialidade no ensino de questões referentes à ciência e à clínica psicanalítica, os formados da AEP não possuem “condições de execução no tratamento psicopatológico”, ou seja, por conta da incipiência do conteúdo ministrado, o egresso da AEP pode vir a enfrentar dificuldades no manejo clínico e na compreensão de quadros psicopatológicos que clientes possam vir a apresentar na terapia.

Em relação ao tempo de duração do curso, entendido por Ana como um dos fatores que comprometem a qualidade do curso, vale ressaltar que o tempo de formação oferecido pela AEP, que, de acordo com a entrevistada corresponde a 2 anos e meio, é reflexo desse fenômeno educacional nomeado por Carvalho (2007) como Psicanálise Didática Cristã, que oferta cursos de formação em teoria e clínica psicanalítica com duração variável entre um e dois anos e uma diretoria vinculada a movimentos religiosos. Entendemos que a carga horária de formação na AEP é curta e insuficiente para o ensino e formação de psicanalistas, se comparado ao tempo de formação indicado pela IPA (International Psychoanalytical Association), que recomenda que a formação em psicanálise varie de 5 a 10 anos, a depender dos institutos e escolas de psicanálise e da trajetória formativa de cada acadêmico (FEBRAPSI, 2023).

A partir da análise das críticas e dos pontos negativos citados pelos dois egressos em relação ao processo formativo realizado pela AEP, podemos inferir que as lacunas que tornam o curso de psicanálise incompleto, do ponto de vista dos egressos, podem ser decorrentes desse fenômeno educacional/cultural híbrido, que une duas culturas diferentes. Visto que durante o processo de

hibridização que ocorre na AEP, mediado pela educação escolar, são selecionados determinados conteúdos teóricos em detrimento de outros, descartando, por vezes, teorias e conceitos basilares das culturas envolvidas no processo, tal prática pode vir a conferir ao curso o *status* de inconsistência e deficiência formativa.

Além disso, por conta de uma mistura desordenada entre teorias psicanalíticas e teologia de viés pentecostal, a definição do caráter do curso se torna imprecisa, ao ponto de nos questionarmos se o curso consiste em uma teologia comportamental, uma psicanálise à moda evangélica ou simplesmente uma escola bíblica que realiza uma leitura e interpretação da psicanálise a partir de uma visão de mundo teologia evangélica. Como consequência desse ponto de imprecisão, o curso se desqualifica diante da comunidade acadêmica e de outras escolas e organizações de psicanalistas; a formação em psicanálise proposta pelo curso tem sua validação questionável, podendo reforçar uma aversão do eixo acadêmico a fenômenos educacionais similares a esse, além de fomentar o desprestígio a psicanalistas formados nesta associação.

As impressões de Ana e Daniel também podem ser correlacionadas às visões de teóricos críticos e avessos aos processos de hibridização cultural. Teóricos que durante os séculos XIX e XX, baseados nas teorias racistas das ciências biológicas, lançavam um olhar antropológico preconceituoso em relação às sociedades miscigenadas. Segundo Rios Filho (2010), esses teóricos entendiam que os processos híbridos eram imperfeitamente organizáveis, incapazes de crescerem de forma estável, vistos como inconsistentes, medíocres e que poderiam vir a comprometer a pureza de uma cultura ou saber construído autenticamente.

[...] quando você vai estudar a psicanálise depois, pós AEP, você vê que **ela é mais complexa, muito mais rica, e muito mais completa do que aquilo que a AEP passa**, não que a AEP seja ruim, mas, é, querendo ou não, **eles, pelo embasamento bíblico eu senti que eles freavam alguns conteúdos** (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso).

Diante disso, pode-se pensar que as lacunas existentes no processo de formação apontados anteriormente, devem-se às práticas híbridas de apropriação cultural seletiva e tradução cultural realizadas pela AEP. Uma vez que durante o processo de construção da psicanálise evangélica, a AEP selecionou, excluiu e traduziu elementos da psicanálise clássica, além de ter inserido elementos da cultura evangélica brasileira como estratégia de construir uma psicanálise que atendesse à necessidade desse segmento religioso.

A queixa dos dois egressos em relação à incipiência do ensino de conteúdos basilares da psicanálise durante o curso, comprova-se na fala do egresso Samuel, ao afirmar que a pneumapsicanálise é ensinada “em todo tempo [...] desde o primeiro módulo, a escola é apresentada, ela tem inclusive no nome Escola Psicanalítica Paulina que é do apóstolo Paulo que manifesta esses insights, registros bíblicos [...]”. Diante de tal afirmação, podemos compreender que o saber híbrido, concretizado na pneumapsicanálise, ganha protagonismo durante toda grade curricular do curso em detrimento das teorias psicanalíticas clássicas, compreensão essa que tem respaldo na fala do egresso Daniel, ao afirmar que:

[...] dentro da AEP tem matérias que você vê Lacan falando “lá na frente”, Jung falando “lá na frente” então, e quando você vai estudar a psicanálise depois, pós AEP, você vê que ela é mais complexa, muito mais rica, e muito mais completa do que aquilo que a AEP passa, não que a AEP seja ruim, mas, é, querendo ou não, eles, pelo embasamento bíblico eu senti que eles freavam alguns conteúdos (DANIEL, APÊNDICE H).

Diante da avaliação do curso apresentada por Ana e Daniel e após a análise das falas transcritas abaixo, podemos inferir que ambos tiveram consciência da necessidade de uma complementação curricular através da realização de novos cursos para terem condições de exercerem sua prática psicanalítica pós- formação na AEP. Na entrevista de Ana, a egressa relata várias vezes que realiza e já realizou inúmeros cursos voltados para a sua capacitação, inclusive em dado momento da entrevista, Ana afirma que: “a minha formação talvez não seja suficiente para cada caso, mas eu estudo todos os dias, eu não tenho medo de trabalhar na área, e o curso, eu divulgo a AEP”, a egressa tem consciência das lacunas existentes no curso, mas mesmo assim entendemos que, por uma questão de afeto e consideração para com a AEP, recomenda e divulga a instituição para outras pessoas.

Eu estudei muitas outras coisas: análise de imagem, medicina do sono, física básica com foco em quântica e em eletromagnetismo na USP, continuo estudando na AESP, fundamentos da psicanálise, sempre uma atualização, sempre aulas para relembrarmos os fundamentos, tem a clínica com criança, a clínica na psicopatía, a clínica nos relacionamentos amorosos, um série de coisas, a AESP é bem completa em todos esses cursos (ANA, APÊNDICE I, grifo nosso).

Eu aprendi algumas coisas no estudo de física quântica, **era física quântica com foco em eletromagnetismo na USP, tive excelentes professores, pós-doutores na USP, e era online, não era fácil, porque não era só tratar,** eles falam isso com muita propriedade, você tinha que fazer cálculos para poder chegar a alguma realidade materialidade, uma materialidade que é impalpável e que eles também não são crentes, mas que eu conseguia compreender com várias experiências pessoais e com pacientes e de dizer: o mundo é feito de energias e ela é perceptível (ANA, APÊNDICE I, grifo nosso).

Eu sinto muito te frustrar, mas **eu estudei, eu estudei todos os fundamentos da ciência, eu estudei e eu estudo todos os fundamentos da ciência**, eu não fico devendo nada a ninguém, vou morrer aprendendo, aprendi, desaprendo e torno a aprender, **mas a minha formação talvez não seja suficiente para cada caso, mas eu estudo todos os dias, eu não tenho medo de trabalhar na área, e o curso, eu divulgo a AEP** (ANA, APÊNDICE I, grifo nosso).

Depois, **ao adentrar o mestrado, a fazer doutorado, eu vi que realmente a psicanálise expande muito mais que isso**. [...] E quando você vai pro mestrado, doutorado, e você tem que escrever sobre isso, **precisei pegar novos livros, a coleção que você está vendo (estante de livros atrás do participantes) de Freud e a coleção, materiais do mestrado e doutorado, então você vê que a complexidade é mais embaixo**, o negócio é mais complexo do que aquilo que eu pensava (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso).

[...] **eu tive outras formações fiz doutorado em psicanálise, fiz mestrado**, o mestrado foi muito bom passou por todas as escolas, lá eu peguei muitas ferramentas diferentes. [...] as outras ferramentas e as outras formações são mais completas e eficazes, até mesmo dentro da psicanálise que eu fiz outros cursos do que aquilo que eu fiz na AEP (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso).

Assim como Ana, o egresso Daniel destaca que como resultado de uma formação incipiente na AEP, teve que recorrer a outras formações para obter uma melhor qualificação profissional e dedicar-se ao estudo para uma melhor compreensão teórica acerca da psicanálise. Diferentemente da egressa Ana que, mesmo compreendendo as falhas decorrentes do curso, divulga a instituição, podemos inferir, a partir das falas de Daniel, transcritas abaixo, que o egresso sente desconforto diante da comunidade e de psicanalistas alinhados à psicanálise clássica, ao falar sobre sua formação na AEP. Como forma de evitar constrangimentos, discriminação e um possível efeito negativo em relação a sua reputação de terapeuta, Daniel afirma que tem a seguinte atitude quando questionado sobre sua formação na AEP:

[...] **procuro nem escrever, nem colocar para justamente não gerar esse constrangimento para pessoa** e acaba que você vai atrair um público somente evangélico, isso se atrair. Então assim, no começo quando eu falava ou quando eu dividia com alguns profissionais, as pessoas olhavam assim... hum... tipo, aquele olhar assim: AEP? Pô, você? **Aquele olhar discriminatório, mesmo né, da mistura**. (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso).

Contraopondo as avaliações de Ana e Daniel, temos as perspectivas positivas de Samuel e Ester em relação à qualidade do curso. Quanto a Ester, é possível notar que o curso trouxe aprendizados para sua vida pessoal e contribuiu na aquisição de conhecimentos que são utilizados em suas práticas psicanalíticas, ao afirmar que: “apliquei na minha vida e aplico e sei que dá certo, é uma teoria comprovada e dá certo”. Além disso, a egressa entendeu que, durante seu processo formativo, a AEP apresentou uma quantidade satisfatória de conteúdos além de ensinamentos variados.

Compactuando com essa visão positiva do curso, o egresso Samuel afirma que, durante sua trajetória de formação, teve acesso a “todo conteúdo psicanalítico, ela (a AEP) acrescenta a pneumapsicanálise, não fica faltando nada”. Além disso, destaca que o material didático é periodicamente atualizado, logo, “não fica devendo nada para as demais escolas” e, por fim, entende que a formação que obteve na AEP é aplicável em sua prática psicanalítica ao afirmar que “pode sim, aplicar tudo que a gente viu lá, no setting psicanalítico e eu os aplico”.

Na segunda fala de Samuel, podemos compreender que o efeito de sua formação foi satisfatório, visto que promoveu uma alteração em sua visão acerca da psicanálise, ao ponto do egresso desenvolver os sentimentos de admiração e afeto pela psicanálise e por Freud, o mentor intelectual desse saber. Por fim, ainda no trecho transcrito, vemos que a opinião de Samuel em relação à carga horária e grade curricular do curso vai de encontro ao parecer de Ana, uma vez que Samuel afirma que: “a grade da AEP é até muito grande, eu achei, muito extensa”.

No conteúdo proposto da AEP que eu absorvi, apliquei na minha vida e aplico e sei que dá certo é uma teoria comprovada e dá certo. [...] então, a AEP tem essa, seria essa diferença básica da psicanálise tradicional, que no caso a original que é a de Freud, **mas só que a AEP traz muito conteúdo não só de Freud, mas de Melanie Klein, Winnicott** (ESTER, APÊNDICE G, grifo nosso).

[...] mesmo por que a AEP dá todo conteúdo psicanalítico, ela acrescenta a pneumapsicanálise, não fica faltando nada. [...] O conteúdo ele é um balizador, um norteador do que a gente precisa praticar, aliás em toda escola isso, né? Aí, a gente vai selecionar o que pode colocar em prática, **as apostilas, os vídeos e as próprias aulas foram todas revistas e atualizadas pela AEP, agora recentemente, poucos anos atrás. Um conteúdo bom, não fica devendo nada para as demais escolas. Então a gente pode sim, aplicar tudo que a gente viu lá, no setting psicanalítico e eu os aplico** (SAMUEL, APÊNDICE F, grifo nosso).

Depois que eu estudei, que eu fiz o curso eu tive amor pela psicanálise pelo pensamento de Freud, era outro cara fantástico. Uma coisa interessante que acho que vale a pena a gente ressaltar é quando eu falei que as demais escolas deveriam inserir na grade a pneumapsicanálise, porque... me fugiu o pensamento, (silêncio). **É, a grade da AEP é até muito grande, eu achei, muito extensa,** eu não sei, eu nunca estudei em outra escola de psicanálise, mas acredito que seja mais ou menos isso, dois anos, dois anos, dois anos e meio, eu achei uma grade extensa (SAMUEL, APÊNDICE F, grifo nosso).

Prosseguindo o processo analítico/interpretativo proposto nessa categoria, buscaremos compreender a percepção que os egressos têm em relação aos efeitos dos saberes adquiridos na AEP em suas práticas psicanalíticas. Entre as práticas, serão considerados os atendimentos clínicos, palestras, seminários e outras atividades. Os efeitos podem ser entendidos a partir de duas perspectivas distintas: a dos benefícios e a dos efeitos prejudiciais. Nas falas do egresso Daniel, vemos um atitude de desapego e receio em relação ao uso da terapia alternativa

pneumapsicanálise, bem como quanto ao uso de ferramentas ensinadas na AEP. O egresso opta por se alinhar aos saberes clínicos advindos da psicanálise clássica; Daniel tem consciência de sua fé, mas entende que o uso da psicanálise com viés evangélico pode comprometer a eficácia de seus atendimentos psicanalíticos.

Eu uso a teoria de Freud, vamos falar assim, **eu não uso a pneumapsicanálise, resumindo, nos atendimentos**. Eu acredito em Deus, eu creio que sou protegido, que eu sou abençoado, tudo bem, beleza. **Mas eu não aplico aquilo que eu aprendi daquela forma lá, entende?** (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso).

Agora assim, ferramenta, ferramenta da AEP, sinceramente cara...bem, pouca coisa. **Só o básico ali mesmo, o chiste, aquele básico que a gente pegando ali, que a gente vai entendendo como a pessoa** está, quando a pessoa tenho um ato falho. **Agora ferramenta, ferramenta cara, pouquíssimas** (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso).

Ao analisarmos os trechos abaixo, nota-se que Daniel entende que o uso da pneumapsicanálise e até a sua identificação como um pneumapsicanalista, pode vir a comprometer seu relacionamento com os seus clientes, bem como a qualidade de seu atendimento terapêutico. Para justificar o não uso de determinadas técnicas ensinadas pela AEP, o egresso lista possíveis prejuízos que podem vir a acontecer caso se alinhe à psicanálise evangélica. Como forma de expressar esses prejuízos, ele utiliza palavras como “bloqueio”, “afastamento” e “falta de conexão”, que podem ser vistas como uma forma de nomear as consequências negativas a serem geradas mediante o uso da pneumapsicanálise em sua prática clínica. Alinhado com a perspectiva de Daniel, temos a opinião de Ester, ao afirmar que a apresentação de uma psicanálise como sendo de viés evangélico pode vir a afastar o interesse de possíveis clientes evangélicos pela terapia, visto que eles poderão vir a confundir a prática terapêutica de um psicanalista evangélico com o atendimento e /ou aconselhamento pastoral.

Mas assim, **a princípio gera um bloqueio muito grande, gera um afastamento até muito maior, uma falta de conexão**, por exemplo, eu já atendi pessoas espíritas, pessoas que não acreditavam ou que acreditavam de outra maneira... **Você fala: “sou um pneumapsicanalista”, o cara fala: é um psicanalista evangélico. Ele já vem com uma resistência a terapia, assim ele vem já com duas resistências**. Ao evangélico em si, que infelizmente tem o radicalismo e também a terapia que a pessoa já tem medo (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso).

Ao meu ponto de vista que é só uma vista no ponto, **atrapalha bastante e afasta bastante as pessoas**. Vou dar um exemplo, vou falar por que ficará em sigilo, atendi por esses dias uma menina, se eu tocasse nesse assunto ela iria embora, uma menina que era testemunha de Jeová, o testemunha de Jeová tem a crença dele, ele crê que Jesus, não crer em Jesus como Deus e nem no Espírito Santo, então se eu tocasse no assunto pneumapsicanálise é do Espírito Santo, ela sairia correndo e nunca mais voltaria em minha sala (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso).

[...] **algumas pessoas evangélicas não procuram evangélicos**, porque a pessoa já vem com aquela visão de que o atendimento, é uma atendimento que vai, que **seria um gabinete pastoral, não seria uma terapia em si** (ESTER, APÊNDICE G, grifo nosso).

Nos trechos seguintes, Daniel complementa seu posicionamento em relação aos efeitos prejudiciais da pneumapsicanálise na clínica, apresentando argumentos voltados a sua preocupação com o paciente, levando também em consideração a configuração de laicidade do estado brasileiro. Além disso, devido a sua experiência com as duas abordagens, reafirma sua posição contrária à junção de psicanálise e religião, entendendo que “quando você consegue separar as coisas, você tem uma eficácia muito maior no atendimento até pela percepção e não discriminação”. Por fim, Daniel apresenta seus casos clínicos como forma de ilustrar situações em que, se, porventura, estivesse realizando uma abordagem pneumapsicanalítica, poderia vir a gerar repulsa e resistência de seu cliente.

Então, segundo ponto que eu vejo, é que nem todo mundo é evangélico, nem todo mundo acredita e tem a mesma fé que os evangélicos, **então como o estado é laico eu posso ferir a crença e também gerar um constrangimento no paciente**. [...] **quando você consegue separar as coisas, você tem uma eficácia muito maior no atendimento** até pela percepção e não discriminação (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso).

[...] atendi por esses dias uma menina, **se eu tocasse nesse assunto ela iria embora**, uma menina que era Testemunha e Jeová, o Testemunha de Jeová tem a crença dele, ele crê que Jesus, não crer em Jesus como Deus e nem no Espírito Santo, **então se eu tocasse no assunto pneumapsicanálise é do Espírito Santo, ela sairia correndo e nunca mais voltaria em minha sala**. E pelo contrário **aplicamos as ferramentas e ela ficou muito bem após os atendimentos, e só depois ela foi expor a fé dela**, aquilo que ela acredita, até porque para mim é indiferente (DANIEL, APÊNDICE H, grifo nosso).

Somando-se ao efeitos prejudiciais listados anteriormente acerca da prática da pneumapsicanálise na clínica, temos as falas de Samuel que apontam para outro efeito prejudicial, entretanto, dessa vez, de cunho discriminatório em relação aos psicanalistas formados na AEP. A postura do sindicato nos remete aos movimentos de resistência formados por defensores do essencialismo, contrários à tradução cultural e aos produtos híbridos resultantes desse processo. Os defensores do essencialismo entendem que todo processo de tradução resultam em erros, gerando mal entendidos, conflitos e falhas teóricas. Para os doadores do elemento cultural, toda e qualquer tradução de seus elementos culturais apresenta erros (Burke, 2016)

[...] eu percebi claramente que vem, essa, digamos, não é bem uma crítica, mas uma oposição velada, não revelada, é oculta por parte do sindicato, eu vi uma certa dificuldade para o sindicato aceitar formados na AEP, o sindicato dos psicanalistas do

ES. Por que (gaguejou) na prática eu acho que eles também não aceitam muito a pneumapsicanálise, a pneumapsicanálise não é aceita por todos [...] (SAMUEL, APÊNDICE F).

[...] é lógico eles não falaram nada expressamente sobre isso, essa fala minha, mas **eles fazem uma resistência velada ou escondida**, eles não falam nada, mas **fazem umas exigências que não tem muito sentido**, por exemplo, eles querem que a gente passe por uma série de sessões analíticas pessoais novamente, sendo que nós já cursamos, já fizemos lá na AEP nossas sessões e eles querem mais um número maior de sessões, de horas. Então, é uma coisa assim, **eles pedem uma série de documentação que nem a prefeitura que libera a licença pra gente, o alvará da sala quando eu fiz para liberar minha sala para atender, fez tantas exigências como esse sindicato fez** (SAMUEL, APÊNDICE F, grifo nosso).

É, **eu acho que eles olham com um pouco de desmerecimento a AEP**, por ser uma associação evangélica, embora usufruam, chamam, convidam e peçam para o diretor da AEP para fazer todo tipo de palestra, porque ele é um cara fantástico, cientista, conhecedor profundo, experiente, eles usufruem da pessoa do diretor da AEP, **mas não tem consideração, ou isso não vale nada para os alunos da AEP se sindicalizarem** (SAMUEL, APÊNDICE F, grifo nosso).

Nas falas acima vemos o reflexo da desconfiança da comunidade psicanalítica em relação ao processo de formação realizado na AEP. Nesse contexto, Samuel se refere à postura do sindicato da categoria. Vemos essa desconfiança como uma consequência das imprecisões e do caráter não científico que circunda a imagem do curso oferecido pela AEP. Tal resistência de sindicatos e de outros institutos de psicanálise na aceitação e validação da formação dos psicanalistas da AEP, deve-se ao fato do formato do curso está distante dos moldes das tradicionais escolas psicanalíticas e de sua composição curricular mesclar conteúdos científicos com materiais de cunho mítico-religioso. Acreditamos que tais aspectos podem vir a comprometer a compreensão de fundamentos psicanalíticos e estimular alterações conceituais em elementos comprovados cientificamente e já validados pela comunidade psicanalítica mundial.

Nos trechos abaixo são apresentados relatos de experiências clínicas dos participantes da pesquisa. Tais relatos podem ser vistos como justificava para a postura de resistência exercida por setores da comunidade científica psicanalítica aos psicanalistas formados na AEP. Notam-se nos relatos que o psicanalista formado na AEP apresenta um perfil diferente do estereótipo do psicanalista clássico, uma vez que ele insere em seu repertório clínico elementos e bens simbólicos de sua religião. Tal posicionamento traz consigo a quebra de protocolos e uma mudança imagética da figura do psicanalista que, diante disso, pode vir a ser confundido com a figura de um missionário, de uma liderança religiosa, de um conselheiro e de outros papéis que não a de um psicanalista.

Além disso, tal raciocínio nos conduz a pensar que o alto grau de influência da religião no manejo e na interpretação de quadros clínicos pode vir a comprometer o processo de investigação, a dinâmica entre analista e analisante e a própria interpretação dos casos. Acreditamos que tais aspectos contribuem no processo de descrédito da clínica dos psicanalistas formados na AEP, além de fomentar uma sensação de insegurança em relação ao tratamento mediado por esses profissionais.

Já teve vezes de perguntar: Jesus, eu preciso saber como tá paciente tal. A gente tem uma coisa de só atender no consultório sem importar com esse paciente fora do ambiente consultório, não é o meu caso. **Eu não só, tenho eles em alta consideração para orar por ele, para interpretar aquilo que eles não podem ou não querem ou não sabem falar através da pneumapsicanálise** (ANA, APÊNDICE I, grifo nosso).

Eu tive pacientes que ficaram comigo 2 anos, 3 anos. E graças a Deus, eu posso olhar para eles não como uma mera estátua que estava sentada ali na escuta, não! Eu participei da vida com eles, eu fiz o setting que a gente chama de setting que é sai com esse paciente mostra a ele um novo mundo, um novo tempo, mostra uma outra visão de vida. Eu tive casais com filhos que tiveram comigo por um bom tempo e que hoje **eu posso olhar para eles assim de cabeça erguida e vê: poxa, Deus atuou, eu fui apenas um instrumento e valeu tudo que eu aprendi, valeu o uso da pneumapsicanálise que não é uma coisa tão realista para todos os pacientes, em uns você vai conseguir aplicar e em outros não** (ANA, APÊNDICE I, grifo nosso).

Nas palestras a gente usa, procura usar mais o conhecimento no âmbito geral da psicologia, a gente pega muita coisa da neurociência, porque as palestras elas são teológicas aí a gente agrega algumas pesquisas no geral. **Mas, assim, a nível de atendimento, a estrutura de análise deles eu cumpro à risca.** Todas as etapas, só que nas, só que em cada etapa das sessões eu sempre procuro agregar outros conteúdos que é esse que a gente vai adquirindo ao longo do tempo. **Mas a gente segue, né, principalmente esse que é o módulo 6 (mostra a apostila quando fala), é estrutura de análise, a gente segue isso aqui** (ESTER, APÊNDICE G, grifo nosso).

[...] o terapeuta que usa a pneumapsicanálise, ele usa digamos entre aspas uma ferramenta a mais, eu creio que uma dificuldade que a psicanálise clássica possa ter é nessa crença no Espírito Santo que não é para todos, nem todos tem essa crença. **Mas aqueles que conhecem sabem do benefício na prática da clínica** (SAMUEL, APÊNDICE F, grifo nosso).

[...]ele precisa demais, urgentemente de Deus, de crer em Jesus Cristo, mas eu não posso dizer isso para ele na clínica, **eu tenho que deixar ele dar uma oportunidade ou conduzir uma conversa para um caminho que ele se abra com essa relação com Deus.** [...] **Se ele dá abertura, aí assim a gente aproveita a abertura que deu e mergulha nas experiências bíblicas**, por exemplo, você pode muito bem falar com um não-cristão a oração do pai nosso que todo mundo conhece, praticamente universal que tem os ensinamentos morais muito interessantes e são de fundo espiritual, sem dizer, sem se falar em religião ou coisa do tipo (SAMUEL, APÊNDICE F, grifo nosso).

[...] quando a pessoa, tem gente que logo de cara dá abertura sobre a religião dela, sobre a crença em Deus, **então é mais fácil da gente trabalhar jogando a pneumapsicanálise em cima que facilita muito alcançar os resultados desejados** [...] (SAMUEL, APÊNDICE F, grifo nosso).

CAPÍTULO 3 — A FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE OFERECIDA PELA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA EVANGÉLICA – CONTRASTES

Na primeira fase de entrevistas, os participantes puderam apresentar suas narrativas acerca do processo formativo que realizaram na AEP, compartilharam suas trajetórias de vida que culminaram na escolha por realizar o curso de psicanálise nessa instituição, os conhecimentos adquiridos durante sua formação repensaram acerca dos conteúdos ministrados em aula, avaliaram a qualidade do curso e os impactos dessa formação em suas práticas psicanalíticas.

Já a segunda fase de entrevistas, denominada provocação, teve como objetivo promover um exercício formativo junto aos participantes. Por meio da elaboração de perguntas que pusessem em estado de questionamento as opiniões emitidas na fase de aproximação, objetivamos estimular nos participantes o exercício do deslocamento de consciência. Exercício esse que consiste em fazer com que o indivíduo repense de forma crítica suas opiniões e, por vezes, permita-se pensar de forma diferente, ao ponto de dar novos sentidos ao seu pensar. Ademais, a provocação não é necessariamente uma aposta no processo de transformação do humano. Como o nome mesmo indica, é uma instigação. Pode ocorrer que o participante permaneça renitente ao seu já conhecido posicionamento. E isso não invalida o propósito da fase.

Diante da possibilidade de uma efetiva realização do deslocamento de consciência, acreditamos que o indivíduo mantém estruturas de pensamento já consolidadas em sua consciência, mas se propõe a transitar por entre polos discursivos diferentes. O indivíduo lança um olhar distinto sobre questões já consolidadas em sua consciência, às vezes com críticas e contraposições, porém, sem receio, medo ou preocupação de desvincilhar-se de sua visão primária. Ao vivenciar o processo de deslocamento de consciência, compreendemos que o indivíduo dá início a um processo de ampliação de horizontes, desempenha um papel político e moderador entre diferentes esferas de pensamento, podendo romper lógicas extremistas e fundamentalistas com vistas a promover a construção de diálogos e negociações baseadas em valores como a democracia, a inovação e a conciliação.

Nesse processo de construção dos procedimentos metodológicos da fase provocação, recorreremos ao exercício de leitura flutuante proposto por Bardin (2011), que corresponde a um contato com os materiais que serão submetidos à análise. Realizamos a escolha deles,

formulamos hipóteses e objetivos, elaboramos os indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material a ser utilizado.

Seguindo o protocolo adotado acima, observamos e organizamos três núcleos de reflexão nos quais os participantes localizaram as suas reflexões, a saber: apoio, afeto e crítica. Desse modo, essas são as categorias sobre as quais elaborei os questionamentos para serem postos à prova pelos participante. Assim sendo, na categoria APOIO estão Rebeca, Samuel e Ester; na categoria AFETO, está Ana; na categoria CRÍTICA, está Daniel.

As categorias foram criadas a partir de indícios que as falas dos participantes apresentaram durante a fase 1 de entrevistas. Nas narrativas de três participantes (Rebeca, Samuel e Ester), percebemos indícios do uso de discursos de defesa e apoio à AEP fundamentados em argumentos ideológicos e morais evangélicos, daí surge o nome da categoria (APOIO). Percebemos que os participantes buscaram expressar suas compreensões acerca da psicanálise, dissociando-a da imagem de Freud, justificando o uso de estruturas, metodologias e práticas psicanalíticas freudianas dentro de uma lógica cristã evangélica.

Acreditamos que a estratégia de apresentar uma psicanálise sem Freud foi adotada discursivamente com o objetivo de camuflar as aparentes incoerências existentes na proposta de ensino da AEP, ou seja, nessa junção de psicanálise freudiana e movimento evangélico. Dentro dos indícios observados, formulamos perguntas com o objetivo de entender como esses participantes se posicionam diante dessas incoerências, como as justificam, bem como avaliar se o exercício de provocação direciona o participante a repensar sua posição de apoio ao modelo de psicanálise ensinado na AEP.

A categoria AFETO foi construída a partir de indícios presentes nas falas da participante Ana, que sinalizavam para a existência de um vínculo emocional entre a egressa e membros da instituição. Vínculo esse que reverberou no modo como a participante se posicionou diante de questões referentes ao seu processo de formação e à proposta educacional da AEP. Nas questões que buscavam compreender a percepção dos participantes acerca da aprendizagem obtida e a qualidade do curso, a egressa apresentou em suas falas sinais de dualidade e desconforto.

Tais indícios foram confirmados ao percebermos que após a participante expressar críticas e apontar deficiências sobre a instituição, sentia-se desconfortável (sinais percebidos no tom de voz e expressões faciais) e, como forma de contornar sua opinião, justificava suas críticas

contrapondo-as com elogios e agradecimentos a membros da diretoria. Diante disso, formulamos perguntas com o intuito de provocar a participante, a fim de compreender se a mesma tem consciência de que o seu vínculo afetivo com a AEP interfere em suas opiniões sobre o curso e o seu processo formativo. Vislumbrando assim, a possibilidade de captar de forma íntegra a visão crítica e reflexiva que ela possui sobre o modelo de psicanálise ensinada na AEP.

Por fim, a categoria CRÍTICA tem como base de sua formatação as intenções intrínsecas às falas do participante Daniel que, durante toda a entrevista (Fase 1), apresentou uma postura crítica e de desapontamento em relação ao seu processo formativo vivenciado na AEP e a fusão da psicanálise com a cultura evangélica brasileira. Diferentemente da participante Ester, que teceu crítica, mas contrapôs com sugestões de melhorias, Daniel optou por um movimento majoritariamente crítico em relação a todos elementos ligados à AEP.

A partir dos indícios apresentados anteriormente, notamos que a criticidade imprimida nas declarações de Daniel fizeram com que o egresso limitasse seu olhar acerca da instituição. Sendo assim, elaboramos perguntas que estimulassem o egresso Daniel a realizar um exercício de deslocamento de consciência. Para tanto, criamos perguntas apresentando perspectivas teóricas sobre a importância do hibridismo cultural e salientando seu caráter inovador. A composição das perguntas teve como objetivo provocar o participante com vistas a estimulá-lo a propor mudanças e novas perspectivas para o curso de psicanálise da AEP ou, até mesmo, vir a reconsiderar seus posicionamentos ou reafirmá-los apontando problemáticas que não foram declaradas na fase 1 de entrevistas.

Para o pesquisador, o que antecede a formulação da fase da provocação são as leituras com os textos acadêmicos sobre o assunto, dados nos momentos da revisão sistemática de literatura e do referencial teórico. Essas leituras propiciam material discursivo para que sejam construídas questões didáticas para serem postas à prova pelos participantes. Então, o encontro entre as opiniões dos participantes e as discussões travadas nos textos acadêmicos provocam o pesquisador a instigar os participantes.

Assim sendo, produzimos e enviamos para os participantes, agrupados em cada uma das categorias, as seguintes questões:

Quadro 2. Perguntas por categoria

CATEGORIA	PERGUNTAS
APOIO (REBECA, SAMUEL E ESTER)	Se a Bíblia é completa e ideal para realizar aconselhamentos porque recorrer a psicanálise como ferramenta para tal atividade?
	Freud, o criador da psicanálise, entendia que sua criação era incompatível com a religião. Em sua fala você afirma que a inserção de elementos da religião evangélica, expressas na forma da pneumapsicanálise, agregam valor a prática psicanalítica. De que forma você responderia a visão freudiana que defende o não cruzamento entre religião e psicanálise?
	Como pode a AEP, uma instituição evangélica, defensora da verdade bíblica e da moralidade sexual criar um curso de formação em psicanálise que tem como base a ciência de Freud um ferrenho crítico da moral e da repressão sexual civilizada? A criação do curso não seria incoerente? Porque?
AFETO (ANA)	Como pode a AEP, uma instituição evangélica, defensora da verdade bíblica e da moralidade sexual criar um curso de formação em psicanálise que tem como base a ciência de Freud um ferrenho crítico da moral e da repressão sexual civilizada? a criação do curso não seria incoerente? Porque?
	Em suas respostas percebemos sua relação de afeto com a AEP. Esse tipo de relação não poderia influenciar a sua avaliação em relação a qualidade acadêmica de seu processo formativo? Porque?
CRÍTICA (DANIEL)	Pode-se entender que o curso de formação em psicanálise da AEP foi criado com o objetivo de aproximar o segmento evangélico brasileiro da psicanálise. Assim como Freud, você afirma que essa combinação é um atraso. Diante disso, de que forma você acredita que a psicanálise poderia alcançar o público evangélico?
	O curso de psicanálise da AEP pode ser compreendido como um fenômeno educacional/cultural híbrido, visto que nasce do cruzamento da psicanálise freudiana com elementos da cultura religiosa evangélica brasileira. Essa dinâmica é vista por estudiosos da contemporaneidade (Bhabha, Canclini e Burke) como sinônimo de uma inovação de alto potencial criativo. Diante de suas falas contrárias a mistura da psicanálise com fenômenos culturais como a religião, você não estaria na contramão do pensamento acadêmico? Porque?

Fonte: elaborado pelo autor.

Por meio da análise das narrativas, notamos que os participantes reagiram à dinâmica do deslocamento de consciência a partir de duas perspectivas: uma no sentido de resistência e outra na lógica da abertura. Nas entrevistas de Rebeca e Samuel, a perspectiva da resistência é percebida à medida que ambos reafirmam seus posicionamentos expressos na primeira entrevista, elaboram argumentos para fortalecer seus discursos e, por vezes, se expressam de forma reativa em relação às perguntas confrontadoras. Os trechos abaixo refletem o

posicionamento dos dois participantes quando confrontados acerca da incoerência que circunda a criação de uma psicanálise evangélica que recorra a fundamentos freudianos que vão de encontro ao pensamento doutrinário, religioso e moral dos evangélicos.

Então, a pneumapsicanálise ela enxerga a cura do ser humano de maneira integral: espiritual, emocional e somática. Fundamentando primeiramente nos ensinamentos de Jesus Cristo e então, não tem como excluir o evangelho de nada, tudo é compatível. É impossível analisar o ser humano, que é corpo, alma e espírito sem considerar os insights da parte espiritual que exerce grande influência no ser humano (REBECA, APÊNDICE L).

[...] eu acho que seria completar o que faltou... [...] Aquilo que ele (Freud) desprezou por causa dos preconceitos dele com a religião, a AEP vem adicionar, porque não tem como você analisar um ser humano sem considerar essa parte da influência espiritual na vida dele. Não tem como, porque o homem é corpo, alma e espírito. Então, a AEP complementa a psicanálise (REBECA, APÊNDICE L).

Pelo meu ponto de vista não há nenhuma incoerência quanto a criação do curso sob a visão da pneumapsicanálise em face do contexto da psicanálise no geral. Porquê? a AEP é uma escola bíblica paulina, ela não exclui nada da psicanálise geral, da psicanálise tradicional, clássica, ela simplesmente acrescentou algo em cima daquilo que já existia para poder trabalhar mais dentro da nossa visão bíblica. Então, não existe incoerência porque na verdade a gente está trazendo um aperfeiçoamento para o nosso entendimento bíblico. A psicanálise clássica não foi esquecida, não foi abandonada, Freud não foi abandonado, não foi esquecido, muito pelo contrário, há uma soma, e essa soma ela é importante (SAMUEL, APÊNDICE K).

[...] eu creio que essa diferença aí que as pessoas dizem existir, ela está mais pelo lado da psicanálise clássica, porque a pneumapsicanálise ela não veio para excluir e nem dar um chega pra lá na psicanálise clássica, ao contrário, ela veio para somar (SAMUEL, APÊNDICE K).

Acreditamos que as perguntas provocativas geraram desconforto e temor aos dois participantes que possivelmente veem no exercício de repensar criticamente seus posicionamentos a possibilidade de se colocarem contrários à sua fé, crença e religião. Ao adotarem uma postura de militantes e ativistas em defesa da psicanálise evangélica e da própria religião, eles se autocensuram como forma de evitar que o exercício de deslocamento de consciência possa vir a desconstruir suas concepções e certezas acerca do processo formativo realizado pela AEP.

Como resultado de tais resistências, vemos nos discursos de Rebeca e Samuel aspectos que apontam para o predomínio da cultura religiosa evangélica no curso da AEP em detrimento da cultura psicanalítica, a valorização da pneumapsicanálise e defesas argumentativas que conferem ao curso um caráter não científico.

Eu acho que faltou na psicanálise de Freud faltou uma perna. Eu não vejo religião, vejo espiritualidade mesmo, esse relacionamento com Jesus, esse poder que a espiritualidade influencia o ser humano. Eu não vejo nada no estudo de Freud que quando ele analisa uma pessoa, ele leva em consideração nem a espiritualidade, essa

parte ele cortou. Não é porque ele rompeu paradigmas através da modernidade que ele está certo (REBECA, APÊNDICE L).

Aquilo que ele desprezou por causa dos preconceitos dele com a religião, a AEP vem adicionar, porque não tem como você analisar um ser humano sem considerar essa parte da influência espiritual na vida dele. Não tem como, porque o homem é corpo, alma e espírito. Então, a AEP complementa a psicanálise (REBECA, APÊNDICE L).

Nos trechos acima, vemos que Rebeca entende que a criação do curso tem como objetivo completar uma lacuna teórica pendente no pensamento de Freud. Segundo ela, a psicanálise clássica exclui a parte espiritual de seu escopo de análise. Para ela, a AEP surge com esse propósito. A todo momento, Rebeca nos faz entender que esse complemento é de caráter religioso evangélico, visto que a participante não considera a ideia de espiritualidade em todas suas formas, mas somente a partir do prisma da lógica de espiritualidade criada pela religião cristã evangélica. O confronto de ideias fez com que a participante validasse seu pensamento e trouxesse novos elementos que demonstram a influência religiosa no curso.

As perguntas confrontadoras despertaram tensão em Rebeca e fizeram com que a participante se investisse de uma postura reativa diante das questões, ao ponto da discussão ser desviada do panorama científico para a lógica da religião e da fé. Rebeca recorre ao discurso religioso e anticientífico para justificar seus posicionamentos.

O termo “criador da psicanálise” ao meu ver não pode ser entendido a luz da bíblia como literal, porque tudo que foi descoberto ou será descoberto pela humanidade foi criado por Deus (REBECA, APÊNDICE L).

Só o nome é psicanálise porque toda técnica já vem na bíblia, não é uma coisa que a psicanálise inventou, é uma coisa que já estava, só que foi criada esse nome. Então não é uma coisa que em 1891 ou que agora os evangélicos começaram a usar, já tinha essa técnicas, até Jesus ensinou, dei exemplos aqui. Só formalizou esse nome, porque não é ruim, a gente crer que a cura vem pela fala sim, assim como os evangelhos já registram. Como? E porque foram estudar mais? Isso talvez porque, como o Dr. (fundador da AEP) já conhecia a psiquiatria, ele é psiquiatra e também já usava essas técnicas, ele falou assim: ué, tá faltando alguma coisa (REBECA, APÊNDICE L).

A psicanálise teve sua origem formal com esse nome em 1891 com Sigmund Freud em Viena, antes disso a bíblia já traz esses relatos, da principal técnica que foi adotada pela psicanálise clássica no século XIX que é a cura...no livro de Tiago 5.16a está escrito: confessai as vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros para serem curados, então essa técnica já é bíblica e só foi formalizada junto a Freud. O livro de Tiago foi escrito em 45 a 50 d.C. e a psicanálise foi formalizada em 1881, século XIX. Portanto no primeiro século já tinha, Tiago já entendia isso: a cura pela fala. Jesus também se utilizou da técnica, que foi apropriada pela psicanálise (REBECA, APÊNDICE L).

A partir das falas acima, podemos inferir que tais argumentos colaboram diretamente no processo de descredibilização do caráter acadêmico do curso de psicanálise ministrado pela AEP diante da comunidade científica acadêmica, sindicatos da categoria e outras escolas de

psicanálise. Tais pensamentos contribuem para a construção de narrativas paralelas que entendam que o curso não cumpre o seu propósito formativo, uma vez que a AEP contesta de forma pragmática pontos da teórica psicanalítica e propõe alterações em determinados fundamentos, além de promover a inserção de elementos relativos à fé cristã na teoria psicanalítica, deixando em segundo plano seu caráter científico e orientando-o prioritariamente para uma visão espiritual.

Além disso, tais argumentos da participante Rebeca validam um comportamento presente na cultura religiosa evangélica brasileira, mas precisamente nos movimentos pentecostais e neopentecostais, comportamento apontado por Mariano (1999), ao afirmar que muitos dos evangélicos brasileiros buscam em seus discursos desqualificar o conhecimento acadêmico, alegando que ele representa uma precariedade diante da palavra de Deus (Bíblia) que, de acordo com eles, tudo explica e soluciona: “em Jesus estão ocultos todos os mistérios da sabedoria e da ciência” (REBECA, APÊNDICE L).

Partindo para a análise da entrevista de Samuel, vemos que a resistência apresentada pelo participante reverberou na defesa e revalidação de sua narrativa expressa na primeira fase de entrevistas. Para construir sua defesa argumentativa, ele opta pela moderação ao invés do confronto e da postura reativa. Diferentemente de Rebeca, ele reconhece a importância da psicanálise clássica e afirma que a AEP “é uma escola bíblica paulina, ela não exclui nada da psicanálise geral, da psicanálise tradicional, clássica, ela simplesmente acrescentou algo em cima daquilo que já existia para poder trabalhar mais dentro da nossa visão bíblica” (SAMUEL, APÊNDICE K).

Samuel busca em seu discurso o consenso entre a ciência e a religião, com o objetivo de defender o ensino realizado pela AEP, conferindo a essa mistura um tom de criatividade e inovação. Entretanto, apresenta também em suas falas argumentos que privilegiam a pneumapsicanálise, terapia desenvolvida pela AEP, que não possui comprovação e reconhecimento científico. A partir dessa leitura, compreendemos que tal posicionamento se soma aos argumentos de Rebeca e reforça o caráter não científico dos saberes ministrados no curso.

E a religião hoje, ela trabalha em extrema interação com a psicanálise e aí entra a pneumapsicanálise. Então, eu creio que tanto a bíblia é útil para a psicanálise, aí entramos com a defesa da escola, da AEP, da pneumapsicanálise, assim como a psicanálise também ajuda a resolver alguma coisa no coração das pessoas. Eu creio

que se Freud vivesse hoje ele entenderia a pneumapsicanálise (SAMUEL, APÊNDICE K).

[...] porque a pneumapsicanálise ela não veio para excluir e nem dar um chega pra lá na psicanálise clássica, ao contrário, ela veio para somar. [...] A pneumapsicanálise não foi criada para confrontar a clássica, de jeito nenhum, muito pelo contrário, a pneumapsicanálise foi criada para os psicoterapeutas cristãos aplicarem a seus pacientes, tanto cristãos como não cristão, é para todos. Em momento nenhum a AEP ou a pneumapsicanálise pensa em tirar nada da clássica, mas somente acrescenta para o uso do seu trabalho, ela não quer tirar nada da clássica. Tudo que há na clássica é bom e a pneumapsicanálise aproveita tudo que há na psicanálise clássica. Vou dizer pra você que eu amo a psicanálise clássica, mas eu amo muito mais a pneumapsicanálise (SAMUEL, APÊNDICE K).

Por fim, constatamos nas narrativas de Rebeca e Samuel o uso de alegorias bíblicas como estratégia de defesa argumentativa com a finalidade de validarem seus posicionamentos em defesa da AEP. Tal recurso demonstra o grau de influência da religião na composição teórica e curricular do curso, ilustrando o modo como esse fenômeno educacional híbrido promove uma mistura entre a cultura religiosa evangélica brasileira e a psicanálise, perpassando práticas de apropriação cultural seletiva e tradução cultural.

[...] durante todo o tempo que a gente estuda a psicanálise na AEP, eles falam: Freud pensa assim, nós pensamos assim. Tanto a fase da infância, quanto a questão do ID, do prazer, dos sonhos. Em todos os parâmetros que é colocado como Freud pensa é colocado como a bíblia pensa. Então, você tem esses dois mundos, porque também não dá para desprezar a ciência, porque tem que respeitar a ciência, porque como falei na outra pergunta: em Jesus estão ocultos todos os mistérios da sabedoria e da ciência (REBECA, APÊNDICE L).

[...] a pneumapsicanálise por sua vez ela está bem pareada com a verdade bíblica e ela possibilita tanto aos psicoterapeutas quanto os analisandos andarem longe da imoralidade sexual e da perversão que comumente são exploradas por pessoas e profissionais que não conhecem a bíblia e nem conhecem a pneumapsicanálise (SAMUEL, APÊNDICE K).

Então, a pneumapsicanálise, ela enxerga a cura do ser humano de maneira integral: espiritual, emocional e somática. Fundamentando primeiramente nos ensinamentos de Jesus Cristo e então, não tem como excluir o evangelho de nada, tudo é compatível. [...] A escola psicanalítica com base na teologia, o homem é um ser espiritual dotado de corpo, alma e espírito e sistema emocional psíquico (REBECA, APÊNDICE L).

[...] Tiago já entendia isso: a cura pela fala. Jesus também se utilizou da técnica, que foi apropriada pela psicanálise, com Pedro, aquele fato de Pedro ter negado a Jesus três vezes, depois Jesus no cenário ele confessa três vezes que ama Jesus, Pedro tinha largado tudo e ele volta a ter uma missão, e aí Pedro fala que ama três vezes ressignificando um trauma passado e Jesus dá a Pedro uma missão, um propósito de vida: apascentar as ovelhas de Jesus, ele já tinha desistido disso. Assim como diversos outros versículos e situações no velho testamento, salmos, a gente vê Davi falando: Por que tá abatida ó minha alma, porque se perturbas dentro de mim, eles já tinham essa noção. E por exemplo, a conversa de Jesus com a mulher samaritana também, foi algo que fez ela repensar a vida dela, saber que ela tem importância, um homem falando com ela, um judeu falando com ela, aquilo foi um choque para ela. Tinham várias técnicas da psicanálise já sendo utilizada na bíblia, então para mim essa pergunta é, eu acho que a psicanálise ela foi formalizada, mas a técnica já existia, não

só na bíblia, com também talvez na humanidade, só não sabia quer era esse nome (REBECA, APÊNDICE L).

Após realizarmos uma análise sob a ótica da resistência, voltaremos nossa atenção para a desenvoltura dos participantes que reagiram à dinâmica do deslocamento de consciência sob a perspectiva da abertura. Entendemos que dentro da perspectiva de abertura o participante consegue fluir livremente na dinâmica do deslocamento de consciência, a ponto de refletir e repensar seus conceitos de forma crítica sem o aparente sentimento de culpa ou temor por represálias ou desconforto pessoal.

Ao se abrir para essa proposta formativa, o participante entende que é possível pensar criticamente acerca de suas opiniões, revisitar de forma crítica seus posicionamentos, pensar sobre opiniões contrárias às suas e tecer críticas sobre seu processo formativo e a instituição responsável por sua formação, sem que essa atividade comprometa a relação com os envolvidos e até mesmo com sua religião e fé.

Ao serem confrontadas com as perguntas, notamos que as participantes Ester e Ana adentram o jogo hermenêutico. Ambas recebem o questionamento, tecem reflexões baseadas em suas vivências junto à AEP e à religião evangélica e, muitas vezes, usam o discurso religioso para justificarem seus posicionamentos e a própria constituição da AEP. Em um primeiro momento, elas destacam a importância do conhecimento e da ciência e argumentam que o segmento religioso evangélico pode e deve buscar novos caminhos e conhecimentos que, junto à fé e à religião, contribuam para o bem estar social, emocional e espiritual dos indivíduos que compõem a comunidade evangélica brasileira.

Porque ao meu ver as ciências, elas podem ser analisadas, avaliadas e podem sim ser agregadas no âmbito da fé. Porquê? Porque existente dentro do ser humano a capacidade de descobrir, pensar e redescobrir o que foi descoberto e repensar o que foi pensado. Então nós temos essa capacidade de... conhecer e agregar conhecimento naquilo que a gente já sabia e desconstruir também algumas coisas que quando você descobre que às vezes foram simplesmente crenças limitantes que vieram entraram na geração que incapacitam algumas gerações de romperem (ESTER, APÊNDICE M).

E existem os benefícios que a ciência traz, então assim, todos nós nos beneficiamos da ciência, essa entrevista aqui é um benefício da ciência. Eu entendo que ainda que seja, uma ciência livre, né? Alguns nem tem como ciência a psicanálise, ainda que seja livre, eu creio que tem os seus benefícios, a partir dele foram vindos outras, e outras e outras correntes de interpretação e chegamos aonde? na neurociência. E quando a gente vai olhando o que foi dito por Lacan, Jung, Melanie Klein, Freud a gente vai ver que cada um chegou perto daquilo que hoje se está sendo confirmado pela própria ciência. Então, eu creio que tem sim como agregar e a bíblia para o conceito salvação e plenitude, ela é perfeita. E ela mesmo dá essa abertura para o conhecimento, para a gente se estabilizar em qualquer tempo da história, sem perder a fé (ESTER, APÊNDICE M).

[...] eu diria que a AEP sabe bem separar ciência de religião. Essa foi uma das razões que me levou a estudar lá. As pessoas são dotadas de corpo, alma e espírito. As necessidades anato física, muito ligada ao que é a ciência da psicanálise, neurose, em relação as perversões e relação as necessidades fisiologias, a AEP sabe separar isso muito bem. [...] Eu aprendi muita coisa lá, que foi o início do meu interesse, dos meus conhecimentos em psicanálise clínica, em psicanálise geral (ANA, APÊNDICE J).

A palavra, a bíblia, ela é orientativa, ela não vem como essa versão punitiva, ela diz de justiça, ela diz de coerência, de comportamento e a psicanálise bem aplicada, ela vai nessa mesma linha. O que Freud falou sobre perversão, o que Freud falou sobre repressão, ele também considerou as necessidades dentro do campo da ciência e é isso que a AEP fez. Nunca, nunca eu ouvi dentro da escola, lá da AEP, ele dizer “Olha, pela religião está proibido isso, não...” nós estudamos caso a caso, o Dr. X trazia muitas experiências dele de campo de consultório, e ele mostrava para nós, ele contou vários, vários casos (ANA, APÊNDICE J).

[...] acho de fundamental importância, os religiosos eles não são de fácil convencimento e a AEP traz a ciência no bojo da religião e faz esse diferencial para que esse religioso possa compreender. [...] O Dr. X tem muita ciência de mostrar para pessoa, existe uma necessidade humana, existe uma diferença entre ciência, corpo, espírito e alma. Eu acho que todo pastor no processo de governabilidade da igreja, de ensino, ele deveria compreender um pouco sobre saúde mental (ANA, APÊNDICE J).

Ao analisarmos os trechos acima, vemos que as participantes adotam uma postura não reativa diante das perguntas confrontadoras e, diferentemente da participante Rebeca, não questionam a ciência e seus modos de funcionamento. Ambas usam seus discursos alertando acerca da necessidade da criação de metodologias que possibilitem a acessibilidade dos membros da comunidade evangélica ao conhecimento científico em suas mais diversas áreas. No decorrer da entrevista e por conta das perguntas confrontadoras, as participantes realizam o processo de deslocamento de consciência, refletem sobre seus processos formativos junto à AEP a ponto de reconhecerem a relevância da proposta de ensino da instituição, mas conseguem manter um distanciamento afetivo emocional da AEP e de sua diretoria, tecendo críticas ao modelo de ensino e apontando lacunas e deficiências presentes no curso.

Não se trata de proteger a AEP, eu sou a pessoa mais crítica que você puder imaginar, **eu quis mudar a metodologia de ensino na AEP**, pela minha visão de ensino e de crítica, quando fui pra lá, eu já era administradora e tinha várias pós graduações. E aí, eu fazia essa crítica, não fazia por fora para criticar entre os colegas, eu fala para o professor, cara a cara. Falava com o Dr. X, falava com todos: olha não está correto isso. **Logo no início não tínhamos manual nenhum, nem apostila, não tínhamos nada, era o que você ouvia ali, como você vai guardar todo esse processo?** (ANA, APÊNDICE J, grifo nosso).

Então minha relação afetiva é com ele (diretor da AEP). **E o fato dessa relação afetiva não me impedia de criticar, de censura aquilo que eu achava que não era legal, que não era ciência, que não ajudava o aluno na compreensão do processo psicanalítico**, porque psicanálise não é fácil, ninguém é psicanalista só por frequentar uma escola (ANA, APÊNDICE J, grifo nosso).

ENTREVISTADOR: Essa imprecisão, confusão de entendimento não invalida a modalidade acadêmica do curso? Dá ao curso um caráter não científico? **ESTER:** quanto a isso concordo com você, **a forma apresentada é muito rasa para**

comprovação. A intenção é boa, mas como a intenção é trazer essa proposta psicanalítica dentro de uma visão bíblica, escriturística, a pesquisa e a exegética da instituição é rasa, ao meu ver, que é rasa. Se a pesquisa exegética da instituição fosse mais profunda, o conteúdo seria passado para o acadêmico com mais precisão e teríamos a ampliação da pesquisa, porque não podemos ficar só com os módulos que recebemos lá (ESTER, APÊNDICE M, grifo nosso).

É esse agregar basal de Freud que comprometeu um pouco a estrutura da AEP. Porquê? Se fosse o conteúdo, a grade curricular deles fosse mais ampla para outras correntes, claro a partir de Freud, mas outras correntes, seria mais, mais proveitosa para eles se apresentarem. Quando a escola se apresenta como escola psicanalítica a de se entender que a base é freudiana, aí algumas coisas a gente viu lá que há concordância e alguns termos, mas por exemplo o Complexo de Édipo que é cunhado por Freud, na AEP eles desenvolveram o Complexo de desenvolvimento infantil. **Então, eles pegam termos que são freudianos, na verdade eles embasam o conceito do Complexo de desenvolvimento infantil com alguns termos freudianos** (ESTER, APÊNDICE M, grifo nosso).

Nas falas de Ana e Ester, as participantes conseguem se posicionar de forma crítica em relação ao processo de ensino realizado na AEP e realizam o exercício de avaliação do curso. Elas tecem críticas à metodologia, às práticas de ensino e até mesmo ao modo como fora elaborado o conceito acerca da terapia pneumapsicanálise. Tais argumentos reforçam nossas percepções listadas no capítulo anterior de que a formação realizada pela AEP apresenta debilidades e carências que comprometem seu objetivo enquanto espaço escolar e de produção de conhecimento.

A partir das falas de Ester podemos inferir que o conteúdo curricular é apresentado de forma rasa e superficial: “a forma apresentada é muito rasa para comprovação. A intenção é boa [...] a pesquisa e a exegética da instituição é rasa, ao meu ver, que é rasa”. Além disso, a teoria psicanalítica de Freud é apropriada e traduzida de acordo os parâmetros morais da religião evangélica, provocando alterações e imprecisões conceituais, “porque de um âmbito geral (o ensino) é uma confusão de entendimento”, diz Ester.

Sendo assim, podemos compreender que o curso é desenvolvido de modo paralelo em relação à ciência formal, dando-nos a impressão de que os membros do corpo docente da AEP elaboram suas próprias teorias e recorrem a conceitos teóricos reconhecidos cientificamente para validarem seus ensinamentos e justificarem tais condutas diante de sua comunidade.

Ainda na entrevista de Ester, vemos que essa percepção de amadorismo e imprecisão teórica do curso pode trazer consequências para a formação e a imagem do indivíduo que realiza sua formação na AEP. Além de provocar desconfiança nos clientes/pacientes desse profissional em relação à abordagem e conduta a ser praticada nos atendimentos, visto que sua formação está diretamente atrelada a conhecimentos bíblicos e religiosos evangélicos.

Até se acreditar que aquele profissional daquela academia está trabalhando de forma isenta, a maioria das pessoas já pensam assim: Não! Se é um pastor, ih, já sei o que vai falar. Se é uma conselheira, porque nossa formação é em conselheira pastoral e pneumapsicoterapia, ah não já colocou esse negócio de pneuma, já está espiritualizando tudo (ESTER, APÊNDICE M).

Assim como Ester e Ana, o participante Daniel demonstra em sua entrevista uma postura de abertura ao exercício proposto. Ao analisarmos suas falas, percebemos que as perguntas geram em Daniel respostas com teores de ironia, sarcasmo e descontentamento em relação ao processo formativo desempenhado pela AEP. O participante compreende a intenção e os propósitos da criação da AEP, mas entende que a forma como o curso é apresentado e até mesmo como as relações e os comportamentos se dão dentro dessa comunidade não são saudáveis.

Se as pessoas vão lá assistir uma aula sobre narcisismo sobre um tema psicanalítico, **eu quero ouvir a teoria, eu quero ouvir, seu eu quero ouvir bíblia eu vou a igreja.** Eu continuo com a mesma convicção, apesar de achar que é muito saudável nossa parte emocional, espiritual, a gente sabe disso. Mas cara, **você vai assistir uma aula, você por exemplo, você ouve mais de bíblia do que da teoria psicanalítica** (DANIEL, APÊNDICE N, grifo nosso).

[...] eu fui lá e assim, os caras fechados na mente, do mesmo jeito, daquela mesma maneira, tem gente, eu não vi essa evolução apesar do conteúdo, da estrutura que está muito melhor, do acompanhamento está muito bacana. Mas assim, para o cara fazer psicanálise ali, ele tem que ser um evangélico, desculpe a palavra, que não tem um senso crítico da mensagem que o cara está pregando, ele tem que ser aquele cara assim, eu vou seguir aqui e se eu estiver fora do trilho, você nem é chamado mais (DANIEL, APÊNDICE N).

Mas eu acredito que a gente **precisa ser fiel a fonte**, foi aquilo que Lacan fez, apesar de toda evolução que ele deu a psicanálise, **ele foi fiel a fonte que foi Freud.** Então eu preciso ser fiel ao criador, e o criador é bem claro nos seus livros e textos, e pelo que foi compilado. Não é que ele era contra, **ele só entendia que a religião deveria ficar no ponto dela, na fé e a psicanálise aqui, isso não se misturavam.** Quando se misturam isso acaba-se entendendo e usando até a palavra cura, que é algo que a gente não usa na terapia. [...] Aí eu vi lá o pessoal falando de narcisismo, cara, assim, **vai buscar outras fontes que é o mito grego de onde Freud tirou.** Ah, não porque a gente... tem que ir lá tirar, tem que ir lá entender a fonte (DANIEL, APÊNDICE N, grifo nosso).

[...] **de ciência tem 20%, 15%, o restante é tudo teologia.** Por exemplo, eu não posso falar complexo de Édipo invertido porque é sexualidade, eu tenho que falar complexo de desenvolvimento infantil invertido porque, cara! **Acaba que eu (AEP) não explicou Édipo direito, não explicou narcisismo direito** porque eu tenho que estar sempre... quando que Deus e Jesus quiseram falar de psicanálise? sinceramente, teologicamente, eu sou teólogo, não tem base não (DANIEL, APÊNDICE N, grifo nosso).

Nos trechos acima, notamos que o participante adota uma postura de desapontamento em relação ao seu processo de aprendizado vivenciado no contexto da AEP. Visto que o participante invalida seu processo formativo na instituição “[...] se você não tem no seu instagram: sou pneumapsicanalista, como eu não tenho” e não a reconhece como uma escola de psicanálise

“eu queria muito que tivesse uma base ali que eu não precisasse buscar fora, mas eu não tive”. Além disso, Daniel lança um olhar crítico sobre suas vivências na instituição e nos apresenta dados que comprovam uma preponderância de elementos e práticas da cultura religiosa evangélica no curso, em detrimento da ciência psicanalítica.

O participante declara que o conteúdo programático ensinado é composto em grande parte por teologia e que os fundamentos da teoria freudiana não são ensinados em sua integralidade, reforçando desse modo a superficialidade, a incipiência e o viés não científico do curso. Em dado momento, o participante correlaciona elementos da religião evangélica à estrutura do curso, ao passo que define a AEP como uma igreja e os cursos como cultos “[...] eu defino como uma igreja que quer, que deseja formatar pessoas diante da sua moralidade”, atrela a figura do diretor à imagem de um pastor e estabelece como doutrina religiosa uma regra implícita que entende que os indivíduos pertencentes à AEP devem obedecer e seguir o direcionamento da liderança e se vierem a buscar novas alternativas ou propostas que divergem com a linha de pensamento da associação, esse indivíduo não estará apto para fazer parte da comunidade.

Porque a partir do momento que eu tenho uma ideia e posso ser criticado, até mesmo falado, ou: esse cara não está com Deus, esse cara está criticando porque está endemoninhado, esse cara está criticando porquê... entende? Como que eu vou ser criativo assim? Não dá! Então, por exemplo, a gente tem dentro da AEP, para vocês não acharem que eu estou sendo assim ..., só para ficar bem claro, **dentro da AEP você precisa seguir todo o contexto, todo um direcionamento do presidente e se for não seguir, você não está apto para estar ali.** O que é seguir? Eu ser aquele boneco que não pode ser criativo, eu não posso fugir daquilo (DANIEL, APÊNDICE N, grifo nosso).

A fala acima é uma resposta de Daniel quando questionado acerca de sua crítica à dinâmica do hibridismo cultural que acontece no contexto da AEP. Na indagação, trouxemos argumentos de autores como Canclini e Burke, que veem o hibridismo como uma inovação de alto potencial criativo. Diante de tal questão, o participante adota uma postura de concordância em relação à visão dos autores, contudo, entende que no contexto da AEP tal processo não contempla esses aspectos. Segundo Daniel, a AEP não possui maturidade para desempenhar essa atividade criativa e que devido à influência de práticas culturais da religião evangélica, o processo criativo encontra barreiras. No trecho abaixo, Daniel ilustra como ocorre o prática híbrida da apropriação cultural seletiva na dinâmica de funcionamento da AEP e aponta como essa postura é vista por outros segmentos psicanalíticos.

[...] eu vou na coleção de Freud, eu vou escolher algumas coisas que me interessam e o resto que eu não concordo eu anulo, isso não é psicanálise. [...] Então, eu vou dentro da teoria de Freud pego aquilo que me agrada e vou aplicar, mas

aquilo que não me agrada eu não aplico. Então fica algo muito questionável, muito complexo de se acreditar, principalmente que está fora desse meio, quem é psicanalista, quem fez uma formação tradicional, quem fez uma formação lacaniana, a AEP é olhada com olhar altamente discriminatório no meio (DANIEL, APÊNDICE N, grifo nosso).

Quando se misturam isso (psicanálise e religião) acaba-se entendendo e usando até a palavra cura, que é algo que a gente não usa na terapia. Cura, por exemplo, porque dentro da fé cristã quando você ora e profetiza ou de acordo com sua fé há uma cura, existem as curas de Jesus. Então quando eu misturo isso eu acho muito perigoso. [...]vou dar um exemplo bem claro: esquizofrenia, bipolaridade são doenças que não tem cura pela ciência, **tudo bem você tem fé e vai orar, eu acredito que Jesus pode curar tudo? Eu acredito. Tudo bem! Mas aí vira oração, não é terapia** (DANIEL, APÊNDICE N, grifo nosso).

A visão de Daniel soma-se a da participante Ester que vê de forma positiva o hibridismo, mas afirma que falta maturidade e aprofundamento da diretoria da AEP na elaboração de uma teoria psicanalítica, pensando a partir da visão bíblica.

[...] se a visão fosse desenvolver um método terapêutico baseado na palavra (bíblia) e ir agregando princípios científicos que emboçassem essas teorias, que tivesse tirado, tirado da palavra. Nós vamos desenvolver uma escola cristã, nós vamos desenvolver uma teoria terapêutica bíblica [...] nós vamos a partir da palavra, nós vamos buscar no campo da ciência, base para o nosso conteúdo. Eles mesmo desenvolvessem o seu conteúdo de estudo, se fosse comprovado ou não comprovado, aí teria que fazer um esforço para buscar embasamento científico para tal (ESTER, APÊNDICE M).

Ainda na perspectiva da abertura, vemos que um dos resultados formativos do exercício crítico-reflexivo de deslocamento de consciência é o impulso criativo que faz com que os participantes proponham mudanças na estrutura da AEP, mesmo após tecerem críticas e em dados momentos demonstrarem indignação em relação à associação. Ester propõe que a AEP busque dialogar com mais intensidade com a ciência e com outras linhas teóricas, indica um novo redirecionamento teórico para a associação e sugere uma aproximação da teoria Junguiana, aproximação também proposta por Daniel.

Então, seria assim, essa humildade, eu vou usar essa palavra, essa humildade de nos inclinar para ouvir o que a ciência tem a dizer, ouvir outros pensadores, psicanalistas, como diferem as escolas de Lacan, de Jung, de Freud. [...] É esse agregar basal de Freud que comprometeu um pouco a estrutura da AEP. Porquê? Se fosse o conteúdo, a grade curricular deles fosse mais ampla para outras correntes, claro a partir de Freud, mas outras correntes, seria mais, mais proveitosa para eles se apresentarem (ESTER, APÊNDICE M).

Eu creio que a teoria Junguiana seria mais próxima da proposta que a AEP quer passar. A teoria Junguiana, porquê? Porque as sociedades elas estão estabelecidas em símbolos, não tem jeito! [...] O mundo é influenciado pela cultura grega e dificilmente vai se desfazer esses princípios, esses arquétipos (ESTER, APÊNDICE M).

[...] tem autores que se aproximaram muito mais da religião do que o próprio Freud, Jung por exemplo, vou falar um, Ferenczi, mas Jung principalmente. Hoje quando eu vejo, eu falo: cara, qual o motivo de buscar o Freud, porque não Jung? **porque não aprofundar nos autores que se aproximaram mais dessa fonte energética**

espiritual. Jung foi muito mais, Freud foi um crítico da religião na época [...] mas agora falar que o cara se apegou na teoria e agora a gente pode mudar e trocar um texto pela bíblia, é não ser fiel a fonte, é fazer o que Lacan não fez (DANIEL, APÊNDICE N, grifo nosso).

Após a análise das entrevistas transcritas, da segunda fase, notamos que todos os participantes submeteram-se ao exercício formativo e experienciaram a dinâmica de deslocamento de consciência. Uns apresentaram os efeitos do exercício de forma latente enquanto outros demonstraram de forma manifesta. Além disso, notamos que, durante a prática do exercício, as perguntas realizadas despertaram nos participantes sensações como desconforto, surpresa, irritabilidade, confusão, indignação e medo.

Diante das discussões apresentadas, podemos compreender que o exercício do contrapor estimula nos participantes e no pesquisador o exercício crítico reflexivo, além de causar incômodo e despertar inúmeros sentimentos em relação à pauta colocada em questão. Os conteúdos provenientes dessa fase de entrevistas trazem com mais exatidão a visão dos egressos em relação aos seus processos formativos, apontam de forma mais clara elementos que constituem o escopo curricular e programático do curso e revalidam posicionamentos de modo a fundamentar o processo interpretativo de nosso estudo.

CAPÍTULO 4 — ANÁLISE FINAL SOBRE O POSSÍVEL RECONHECIMENTO DO HIBRIDISMO CULTURAL: O DESLOCAMENTO OU NÃO DA CONSCIÊNCIA

Concluindo os procedimentos metodológicos, temos a fase do Reencontro, momento em que os participantes da pesquisa entram em contato com suas próprias narrativas, mas interpretadas e apresentadas a partir da ótica do pesquisador. Tal atividade sacraliza um dos pilares da *formativapesquisa*, que tem por propósito inserir o participante da pesquisa como parte integrante do estudo, não somente como mero fornecedor de dados, mas também como colaborador ativo na revisão de apontamentos e de análises interpretativas, pontuando questões que podem vir a promover novas reflexões e mudanças nas conclusões narrativas do pesquisador.

Na fase do reencontro, os participantes têm acesso ao texto interpretativo do pesquisador e, após a leitura, devem responder a três (03) perguntas que conferem aos participantes a oportunidade de se posicionarem diante das interpretações realizadas, relatarem as experiências formativas que obtiveram durante a pesquisa e, por fim, reverem suas narrativas, podendo reafirmar ou alterar seus posicionamentos:

1. As interpretações e análises apresentadas fazem sentido para você? Justifique.
2. O que você aprendeu durante o processo de pesquisa?
3. Em relação as suas falas e posicionamentos, você mudou de ideia após o processo de pesquisa ou mantém a mesma opinião? Justifique.

Na fase reencontro, tivemos a participação de três (03) dos cinco (05) egressos que fizeram parte da pesquisa. A maioria dos participantes apresentaram resistência em relação à leitura do texto interpretativo, devido ao grande volume de páginas e a própria demanda de apenas posicionarem-se após a leitura completa. Tal postura denuncia um traço preocupante em relação ao perfil dos leitores brasileiros que, cada vez mais, sentem aversão a leitura de textos longos e densos, buscando em formatos curtos, objetivos e que não exijam um processo reflexivo mais duradouro, uma forma de interagir com produções textuais.

A seguir explanaremos de forma descritiva nossas impressões acerca das devolutivas fornecidas pelos três participantes diante dos questionamentos da fase Reencontro. Vale ressaltar que dois

deles enviaram as respostas de forma escrita (Samuel e Rebeca) e um respondeu por meio de áudios (Ester). Iremos apresentar o conteúdo descritivo interagindo com os efeitos resultantes do exercício de deslocamento de consciência praticado por eles durante a fase provocação.

4.1 O REENCONTRO DE SAMUEL

O participante Samuel se colocou diante do texto de forma discreta, expressando nas entrelinhas seu posicionamento acerca do material do pesquisador. Em sua devolutiva, o egresso afirma que a interpretação e a análise de suas falas apresentam intenções pessoais e são baseadas no repertório de vida do pesquisador. No entanto, ele entende que o ocorrido faz parte de todo e qualquer processo de interpretação discursiva, uma vez que todo discurso expresso por outrem, quando é recebido no campo da consciência, é submetido ao crivo de nossa visão de mundo e experiências de vida.

Sobre a sua participação no processo formativo, Samuel se autodenomina como um mero porta-voz, um participante que emite sua opinião diante das perguntas feitas pelo pesquisador para atender uma demanda da pesquisa. Por fim, afirma que os resultados da pesquisa serão úteis para o pesquisador e terá um papel colaborativo junto ao objeto da pesquisa (AEP), sem contribuições diretas para ele.

Em relação aos efeitos gerados pelo exercício de deslocamento de consciência, Samuel salienta que a pesquisa apresenta dados relevantes, mas afirma que seus posicionamentos sobre o curso da AEP, o modelo de ensino e a pneumapsicanálise permanecem intactos, mesmo após ter acesso ao texto produzido pelo pesquisador “a pneumapsicanálise continua sendo pneumapsicanálise, em que pese os desenvolvimentos da pesquisa verificados no decorrer de sua elaboração”, afirma Samuel (APÊNDICE O). Por fim, o participante permanece alinhado às suas concepções primárias acerca do curso da AEP e tal postura não invalida os procedimentos da *formativapesquisa*.

4.2 O REENCONTRO DE REBECA

Diante do texto produzido pelo pesquisador, a participante Rebeca adotou uma postura de distanciamento, apresentando um baixo grau de envolvimento e interesse se comparado a sua participação nas fases anteriores. Na resposta à primeira pergunta, Rebeca demonstra certo desapontamento diante das interpretações e análises desenvolvidas pelo pesquisador, visto que as mesmas não atenderam às suas expectativas. Acreditamos que devido ao fato de ambos professarem a mesma fé, a egressa esperava que o pesquisador apresentasse uma visão interpretativa alinhada à dela. Qual seja, uma visão voltada à valorização do método psicanalítico da AEP, apontando-o como inovador em relação à psicanálise clássica e evitando críticas ou questionamentos acerca do processo formativo desenvolvido pela instituição. Após a leitura do texto, Rebeca se deparou com apontamentos que divergem de sua visão e justificou que o modo como as interpretações foram construídas e apresentadas pode vir a conduzir o leitor a conclusões diferentes das transmitidas por ela durante as entrevistas.

Quando questionada sobre o aprendizado adquirido durante o processo metodológico, Rebeca entendeu que foi proveitoso e representou um acréscimo aos seus conhecimentos pessoais e técnicos. O fato de a participante informar que teve benefícios, nos permite fazer a leitura de que o exercício de deslocamento de consciência gerou impacto, mesmo que sutil, no modo como ela pensa sobre as questões abordadas na pesquisa e até mesmo sobre sua visão de mundo. Em certa medida, nossa proposta metodológica de trazer contribuições formativas aos participantes se efetivou na experiência de Rebeca.

Já na resposta de Rebeca à terceira pergunta, entendemos que a participante, ao se deparar com o texto e as interpretações do pesquisador, teve a disponibilidade de ler e, ao final, considerou interessante a experiência, sem apresentar críticas ou objeções de forma explícita. Rebeca afirma que, após o processo de reencontro, nada mudou em relação às declarações que proferiu nas duas fases de entrevistas. “Eu não mudei de ideia em tudo que respondi à luz das perguntas. Mas foi interessante conhecer a opinião de outros colegas que participaram da pesquisa e do mestrando” (REBECA, APÊNDICE Q). Tal movimento feito pela participante caracteriza um dos possíveis resultados do deslocamento de consciência, neste caso, o retorno da consciência às suas concepções primárias ou, ainda, à chamada zona de conforto.

4.3 O REENCONTRO DE ESTER

Logo ao receber nossa solicitação para realizar o procedimento metodológico da fase reencontro, percebemos que a participante Ester recebeu o convite de forma positiva. Diferentemente dos outros participantes, Ester optou por responder às perguntas no formato de áudio com o intuito de expressar sua posição diante do texto de forma mais clara e objetiva. Nas respostas de Ester, vemos que a participante mergulhou-se no texto e percorreu os parágrafos interpretativos com o intuito de dar-nos uma devolutiva consubstancial, visto que durante sua devolutiva, ela faz citações de trechos do texto, cita páginas e até mesmo solicita alterações em suas falas transcritas. Em resposta à terceira pergunta, Ester admite que a forma como se expressou no momento das entrevistas apresentou ruídos e acabaram por não transmitir de fato o que ela queria dizer “As minhas falas não ficaram bem compreensíveis, agora lendo, eu vejo que não consegui imprimir através das palavras as minhas ideias. Eu gostaria de justificar algumas falas” (ESTER, APÊNDICE P).

Em outro momento, mais precisamente na resposta à primeira pergunta, Ester se posiciona de forma pragmática diante do texto, concordando com determinadas interpretações do pesquisador e justificando os motivos que a levaram a essa confluência de pensamento com o pesquisador. Entre os pontos de concordância, estão as deficiências qualitativas no ensino da AEP, a necessidade dos egressos complementarem suas formações em outras instituições e a visão de que o hibridismo cultural proposto pela AEP colabora na desmistificação da psicanálise, além de promover a popularização de uma cultura psicanalítica evangélica.

Tal devolutiva demonstra que Ester submeteu-se a exercício de deslocamento de consciência de forma a lançar um novo olhar sobre o processo formativo realizado junto a AEP, reconhecendo tanto o viés colaborativo quanto deficitário desempenhado pela instituição. A participante relata, em resposta à segunda pergunta, que as duas primeiras fases contribuíram para que ela ampliasse a sua visão ao ponto de gerar reflexões acerca de seus posicionamentos, mas que não a fizeram alterar estruturas fundamentais de pensamento.

A dinâmica realizada por Ester nessa fase caracteriza um dos possíveis resultados do deslocamento de consciência. No caso da egresso, vemos que ela preserva seu posicionamento primário, abre-se para refletir sobre uma nova perspectiva apresentada, agrega a sua consciência elementos que considera necessários, porém, sem se desfazer de estruturas de pensamento que

estão na base de sua consciência. Entendemos que Ester busca, desse modo, promover um cruzamento de horizontes, um diálogo entre as perspectivas apresentadas, a fim de construir um ponto de intersecção, uma espécie de equilíbrio entre as partes.

Entre a primeira e a segunda (fases), a forma como ampliou a minha visão, apesar de serem perguntas diretas, mas as perguntas propostas pelo entrevistador eram bem reflexivas e me levaram a refletir alguns posicionamentos e não mudar estruturas fundamentais, mas ampliar os horizontes e a minha visão. Gostei muito de participar [...]mantenho as mesmas opiniões porém, como uma visão mais ampla (ESTER, APÊNDICE P).

Ao fim da devolutiva, Ester propõe mudanças em suas falas com ajustes que promovam uma leitura equilibrada acerca do hibridismo cultural existente na AEP. Entre os ajustes, estão a explicação de que em suas palestras prioriza o viés teológico e nos atendimentos terapêuticos recorre a saberes da pneumapsicanálise e de outras linhas psicanalíticas. Esclarece que a formação da AEP não limita a atuação do psicanalista ao segmento evangélico e nem mesmo a questões doutrinárias. E por fim, propõe uma visão mais equilibrada ao discutir-se a relação existente entre ciência e fé.

Na fase reencontro tivemos a participação de três (03) dos cinco (05) egressos que fizeram parte da pesquisa. A maioria dos participantes apresentaram resistência em relação a leitura do texto interpretativo devido ao grande volume de páginas e a própria demanda de apenas posicionar-se após a leitura completa. Tal postura denuncia um traço preocupante em relação ao perfil dos leitores brasileiros que cada vez mais sentem aversão a leitura de textos longos e densos, buscando em formatos curtos, objetivos e que não exijam um processo reflexivo mais duradouro uma forma de interagir com produções textuais. Os egressos Ester, Samuel e Rebeca submeteram-se ao processo formativo e trouxeram contribuições a essa fase da pesquisa que nos permite vivenciar o processo da *formativapesquisa* em sua integralidade. A experiência do reencontro dos participantes com suas próprias narrativas e a possibilidade de expressarem sua visão acerca do material interpretativo apresentado colabora na construção de uma interpretação mais concisa do fenômeno estudado e nos aproxima da noção de encontro com a verdade.

Concluimos essa seção refletindo acerca dos impactos que os procedimentos metodológicos aplicados tiveram sobre a consciência dos egressos em relação ao entendimento do pesquisador, que define o fenômeno educacional da AEP como resultado e materialização de um processo de hibridismo cultural. As reflexões que serão apresentadas foram construídos ao constatarmos que os procedimentos metodológicos aplicados para tal finalidade, a saber, as três fases de

entrevistas, foram realizados e surtiram efeitos em diferentes graus e medidas em todos os participantes.

Acreditamos que todos os participantes, ao refletirem sobre seu processo formativo junto à escola, seja revisitando conteúdos curriculares, apontando de forma direta e indireta elementos da cultura religiosa evangélica presentes na construção didática do curso, construíram um repertório conceitual que os permitiram compreender a psicanálise da AEP como uma psicanálise evangélica. A participação deles em cada uma das fases possibilitou que todos tivessem uma tomada de consciência, capacitando-os a fazer a leitura do fenômeno educacional AEP como um produto híbrido, resultante de uma mistura entre a psicanálise freudiana, textos bíblicos e pitadas de cultura evangélica brasileira pentecostal e neopentecostal.

Ressaltamos que os exercícios metodológicos da pesquisa geraram resultados diversificados que podem ser entendidos a partir de três eixos de compreensão. O primeiro eixo é composto pelos participantes Samuel e Rebeca, que alcançaram de forma indireta a consciência de que o ensino da AEP pode ser também lido como uma criação híbrida cultural, contudo, em virtude de questões morais e religiosas, adotaram a postura de negar elementos da psicanálise clássica e optaram por dar protagonismo e mérito à pneumapsicanálise, conceito que representa um dos pilares da psicanálise evangélica desenvolvida na instituição.

No segundo eixo, estão Ester e Ana, que apresentaram uma visão moderada e equilibrada sobre o assunto, ao passo que visualizaram a dinâmica de hibridismo cultural no ensino da AEP como algo benéfico, ao defenderem a ideia de que ambas culturas, a psicanálise clássica e os elementos da cultura evangélica, podem caminhar lado a lado numa espécie de junção entre ciência e fé. Ambas defendem a perpetuação do hibridismo, mas entendem que é indispensável que a escola esteja aberta para discutir a psicanálise clássica de forma autêntica e incluir outras linhas psicanalíticas no centro das discussões. Acreditam que tal postura terá como finalidade a melhora e o aperfeiçoamento da estrutura conceitual da psicanálise evangélica ensinada pela instituição.

O terceiro eixo conta com a tônica do participante Daniel, que enxerga o curso da AEP como híbrido, porém entende que o hibridismo cultural desenvolvido nessas condições não agrega valor à psicanálise. Para ele, tal prática híbrida está dissociada de valores como inovação e criatividade, alinhando-se de forma direta a noções de empobrecimento intelectual, deturpação conceitual e contribuem na perda de qualidade e funcionalidade do processo terapêutico. Como

forma de expressar sua visão pessimista em relação a esse hibridismo cultural, o egresso faz críticas às construções teóricas desenvolvidas pela AEP, aos termos, às metáforas e às analogias utilizadas pela instituição para caracterizar práticas e conceitos psicanalíticos clássicos.

Por fim, estamos diante de três eixos que foram formados ou reafirmados após serem submetidos aos procedimentos metodológicos da pesquisa. Tal leitura nos permite compreender que os exercícios formativos foram majoritariamente benéficos, visto vez que propicia aos participantes a possibilidade de enxergar problemáticas a partir de perspectivas diferentes e, a partir disso, construir ou reconstruir seus ideais e repensar definições que antes estavam sacralizados em sua mente, possibilitando uma abertura de diálogo e compreensão com os diferentes pares.

MOMENTO DE CONCLUIR

Caminhamos para o momento de conclusão de nossa pesquisa e acreditamos que todo percurso desenhado até aqui, através da revisão de literatura, do referencial teórico e dos procedimentos metodológicos adotados nos conduziram a construir respostas aos objetivos geral e específicos propostos em nosso projeto. Como objetivo geral, nos propusemos a analisar os contrastes e o modo como as relações entre a cultura psicanalítica e a evangélica reverberam na formação e no exercício clínico da psicanálise. Nossas conclusões foram construídas a partir do referencial teórico apresentado em articulação com as interpretações e análises resultantes dos procedimentos metodológicos aplicados ao lado dos egressos da AEP.

A leitura que realizamos desse fenômeno educacional híbrido nos conduz ao entendimento de que a constituição da AEP e o modo como se deu a apropriação da psicanálise pelo segmento evangélico brasileiro representam um movimento de contraposição à lógica da cultura psicanalítica. Visto que a psicanálise por sua excelência prega a dissociação da religião e da fé, atrelando-se à ciência e à noção de materialidade, seguindo a lógica da modernidade. A fusão entre essas duas culturas foi realizada aquém da vontade e desejo de Freud, idealizador da psicanálise. Entendemos que tal mistura teve como propósito atender às demandas ideológicas e políticas do segmento evangélico brasileiro, dentro de uma estratégia de projeto de poder que se encontra em curso.

A relação entre as culturas no contexto da AEP tem uma tônica de conflito e discrepâncias, a cultura psicanalítica foi apropriada de forma superficial e seletiva, sendo também submetida a um processo de tradução, que tem como base fundamentações bíblicas, doutrinas evangélicas e moralidade cristã “[...] eu (AEP) vou dentro da teoria de Freud pego aquilo que me agrada e vou aplicar, mas aquilo que não me agrada eu não aplico. Então fica algo muito questionável [...]” (DANIEL, APÊNDICE N). A teoria psicanalítica freudiana é ensinada de forma parcial, dada a imprecisão dos egressos quando expressam seus conhecimentos acerca do assunto.

Sendo assim, entendemos que a psicanálise evangélica tem como proposta criar uma psicanálise sem Freud, apropriando-se de conceitos e práticas psicanalíticas freudianas, alterando nomenclaturas, acrescentando termos e dando novos significados a concepções basilares da psicanálise clássica. Enquanto nas escolas e sociedades psicanalíticas tradicionais os livros e

textos de Freud estão presentes durante todo processo formativo, na AEP “a bíblia está presente em todo tempo, a bíblia é essencial” (SAMUEL, APÊNDICE F).

Diante disso, podemos concluir que o modelo de ensino psicanalítico oferecido pela AEP traz consequências na formação de seus alunos, visto que, de acordo com as narrativas dos participantes da pesquisa, grande parte dos formados no curso acabam por não exercer a atividade profissional de psicanalista: “de 32 alunos, apenas 18 formaram na minha turma, e desses 18, eu acho que só 5 estão na clínica, o resto ficou para aconselhamento básico e não foram para clínica” (ANA, APÊNDICE J). Entendemos que as pessoas se matriculam no curso com o objetivo de se tornarem psicanalistas, mas acabam por receber uma formação majoritariamente teológica, sendo necessário buscar novos cursos que complementem a formação deficitária recebida na AEP: “[...] a base que você adquire na AEP seja de ciência ou seja da clínica em si, não te dá muitas condições de execução no tratamento psicopatológico, você aprende bastante lá, mas não necessariamente te dá todas as bases necessárias, nesse sentido eu fui estudar mais” (ANA, APÊNDICE I).

Já em relação aos impactos desse modelo de formação na atuação profissional dos egressos, está o fato de ficarem restritos a atendimentos a membros de suas igrejas, atuando como conselheiros pastorais e palestrantes. Para os que buscam ampliar seus públicos para além do movimento evangélico, deparam-se com receio, resistência e preconceito de psicanalistas formados em escolas tradicionais, dos sindicatos e das associações: “quem está fora desse meio, quem é psicanalista, quem fez uma formação tradicional, quem fez uma formação lacaniana, a AEP é olhada com olhar altamente discriminatório no meio” (DANIEL, APÊNDICE N). A repulsa e o preconceito também aparecem por parte dos potenciais pacientes que, ao terem conhecimento da formação realizada pelo profissional, demonstram desinteresse e preocupação em relação ao modelo de tratamento a que serão submetidos: “Você fala: “sou um pneumpsicanalista”, o cara fala: é um psicanalista evangélico. Ele já vem com uma resistência a terapia, assim ele vem já com duas resistências” (DANIEL, APÊNDICE H).

Somando-se às respostas referentes aos objetivos geral e específicos da pesquisa, apresentaremos os demais apontamentos e conclusões que surgiram no decorrer de nosso estudo. No que tange às motivações e objetivos das lideranças evangélicas na criação do curso de psicanálise clínica da AEP, concluímos que existem motivações manifestas e latentes que justificam a iniciativa para abertura dessas modalidades de curso. Como justificativa manifesta, inicialmente, temos a preocupação das lideranças evangélicas com a saúde mental e emocional

de seus fiéis, uma preocupação sanitaria global alinhada aos planos políticos de saúde, visto que a depressão, de acordo com o Banco Mundial e a Organização Mundial da Saúde (OMS), acomete 350 milhões de pessoas no mundo, e que o Brasil, entre os países em desenvolvimento, é o que apresenta maior índice de casos de depressão (Razzouk, 2016).

Acreditamos que a mudança no perfil socioeconômico dos evangélicos no Brasil iniciada no final dos anos de 1980 com a conversão à religião evangélica de membros das classes médias urbanas com um maior nível de escolaridade também proporcionou uma mudança de paradigma em relação à visão que os evangélicos tinham acerca de problemas mentais e emocionais como a ansiedade e a depressão, anteriormente vistas apenas como doenças do âmbito espiritual e agora encaradas por eles como uma problemática também de caráter fisiológico (Carvalho, 2007).

A abertura do segmento evangélico e o acesso a conhecimentos referentes aos cuidados com a saúde mental fizeram com que lideranças evangélicas e profissionais evangélicos ligados à área da saúde mental enxergassem a ocorrência de casos de depressão entre religiosos evangélicos e, portanto, a necessidade de aliar o cuidado espiritual, exercido por pastores e conselheiros, a tratamentos psicoterapêuticos. Diante disso, no contexto da criação da AEP, o grupo fundador recorreu à psicanálise como método psicoterapêutico para tratamento dos evangélicos com demandas voltadas à saúde emocional, porém, viram pontos de conflito entre o saber psicanalítico e os fundamentos da religião evangélica. Perante esse empasse, a AEP justifica a abertura do curso de formação em psicanálise clínica e a criação de uma linha terapêutica que dialogue com a psicanálise clássica tendo como base fundamentos bíblicos, a pneumapsicanálise.

Vemos a motivação sanitaria na postura da AEP ao criar o curso de psicanálise, mas entendemos que, para além disso, a influência da religião evangélica na formulação do curso visa moralizar a psicanálise e convertê-la à religião evangélica, uma vez que a instituição tem como proposta de ensino realizar uma leitura do saber psicanalítico a partir da ótica religiosa evangélica. Nisso também vemos uma estratégia para capacitação de lideranças que realizam atividades de aconselhamento espiritual, para que a partir dessa formação recorram à psicanálise como técnica terapêutica visando solucionar problemas de saúde mental e emocional existentes no corpo da comunidade evangélica brasileira. Além disso, compreendemos que a formulação de um conteúdo programático e pedagógico que una psicanálise e teologia de viés evangélica é uma forma de quebrar a resistência de lideranças

eclesiásticas a tratamentos terapêuticos e conseqüentemente estimular a formação de psicanalistas evangélicos, promovendo a adesão de fiéis a essa modalidade terapêutica.

Já em relação às motivações latentes que justificam a criação desse curso de psicanálise, salientamos a intenção das lideranças em criarem uma nova cultura psicanalítica, moldada e ajustada de acordo com as normas e conjuntos doutrinários da religião evangélica brasileira que, no contexto da AEP, engloba elementos dos segmentos pentecostais e neopentecostais. Um movimento que recorre aos fundamentos da psicanálise clássica e a relevância que a teoria freudiana tem diante da sociedade mundial como forma de validar a criação de um curso de psicanálise, mas que de fato prioriza em sua estrutura curricular questões bíblicas e teológicas, formulando técnicas e conteúdos didáticos inspirados em conceitos psicanalíticos, contudo, compostos e formatados de acordo com os preceitos da religião evangélica.

A partir daí, podemos compreender que a AEP faz parte do movimento dos centros de formação em Psicanálise Didática Cristã (Carvalho, 2007), fenômeno existente no Brasil que tem como objetivo criar uma cultura psicanalítica evangélica brasileira, uma psicanálise interpretada a partir da ótica da bíblia, mesclando teologia, moralidade, doutrinas e costumes evangélicos. Uma linha dita psicanalítica que é desenvolvida paralelamente às universidades e aos centros de pesquisa entrando, por vezes, em choque com a ciência e a comunidade acadêmica em geral, um movimento “altamente invalidado pelas pessoas, pela cúpula da psicanálise. [...] as pessoas enxergam assim com um olhar altamente crítico” (SAMUEL, PROVOCAÇÃO).

Ainda em relação às motivações latentes, concluímos que a AEP percebe benefícios mercadológicos e financeiros na criação de seu curso de psicanálise, uma vez que é um produto alinhado com as tendências no que tange ao cuidado com a saúde mental, possuindo um público alvo específico, que repudia moralmente aspectos estereotipados atrelados à psicanálise clássica e que considera a bíblia um livro sagrado, fonte de conhecimento e detentor da verdade. Sendo assim, um produto que aparentemente agrega ciência e teologia bíblica, ofertado com mensalidades e tempo de duração inferiores ao de outros cursos de psicanálise e que, ao final, confere ao acadêmico o título de psicanalista clínico. Tal interesse mercadológico reflete-se nos investimentos que a AEP tem realizado nos últimos anos através da criação de polos de ensino em municípios do interior do estado do Espírito Santo, no estado de São Paulo, além da oferta de cursos na modalidade EAD (Educação à distância).

Seguindo a perspectiva conclusiva de nosso estudo, entendemos que o fenômeno educacional/cultural da AEP é carregado de intenções ideológicas, alinha-se a projetos de empoderamento sociopolítico e apresenta propósitos missionários. Ao emitir a certificação de psicanalista às lideranças evangélicas através de uma diplomação, sem a necessidade da validação de sindicatos, conselhos ou institutos psicanalíticos tradicionais, a AEP confere a conselheiros, lideranças pastorais e a outros membros da comunidade evangélica uma postura de autoridade diante da sociedade e de seus pares religiosos. Ao transformar lideranças evangélicas em ditos especialistas no comportamento humano, a AEP viabiliza a aproximação desses com outros setores da sociedade, além de dar oportunidade de realizarem uma missão evangelística por meio de um discurso psicanalítico. Modelo discursivo que, em um primeiro momento, contribui para camuflar a visão fundamentalista e preconceituosa atrelada à religião evangélica, podendo vir a colaborar na captação de novos alunos para AEP, pacientes para os pneumapsicanalistas e a conversão de indivíduos à religião.

Em relação à escolha da AEP em recorrer ao modelo de educação escolar como forma de difundir e fomentar a construção de uma cultura psicanalítica evangélica brasileira, pode-se entender como uma medida que visa conferir ao curso um caráter profissional, um modo de formatar sua proposta pedagógica e validar a sua existência enquanto espaço escolar voltado para formação profissional de psicanalistas. Ao propor a junção da teologia com a psicanálise no formato de um curso de caráter acadêmico, concluímos que, nesse contexto, a educação desempenha o papel de mediadora cultural sendo utilizada pela AEP como estratégia para institucionalizar o saber elaborado pelos profissionais de saúde mental que compõem a diretoria da associação. Tendo, assim, o objetivo de conferir um *status* científico aos cursos, relevância a seus diretores e de construir uma imagem dissociada de cursos bíblicos ministrados dentro de igrejas e marcados pelo amadorismo.

Além disso, o modelo escolar fortalece a imagem da AEP agregando a ela valores como organização, planejamento e gestão técnica. Esses aspectos conferem confiança e credibilidade à instituição, facilitando assim a adesão de evangélicos que possuem alto grau de escolaridade, uma vez que a formação emite certificado e diplomação equiparados a uma especialização e os habilita a exercerem a profissão de psicanalista clínico.

Nessa conduta da AEP, visualizamos mais uma vez a prática da apropriação cultural seletiva, desta vez, uma apropriação da cultura escolar, visto que a instituição se apropria dos valores consolidados pelo modelo de educação escolar, mas não de todo escopo que essa cultura oferece

como estratégia para formatação de um espaço de produção de saber formalizado. A partir disso, concluímos que a postura da AEP colabora para o processo de banalização de práticas educacionais no Brasil, visto que a escola elabora sua proposta pedagógica de forma independente, com a ausência de respaldo e orientações de instituições consolidadas como universidades e centros de pesquisa. Além disso, a AEP adota uma postura de isolamento e ausência de diálogo com sociedades de psicanálise reconhecidas, negando-se a submeter-se à validação e à aprovação de outros institutos psicanalíticos.

Ao realizarmos a leitura da dinâmica educacional desenvolvida pela AEP a partir da ótica do hibridismo cultural (Burke, 2016), concluímos que esse fenômeno apresenta perspectivas colaborativas e problemáticas. No âmbito colaborativo, o curso de psicanálise ministrado pela AEP proporciona a setores sociais e economicamente periféricos acesso a um saber que por décadas esteve disponível apenas às elites econômicas e intelectuais da sociedade ocidental. A existência da AEP sinaliza para uma lógica de democratização de saberes, uma popularização da psicanálise uma vez que se posiciona como uma célula de resistência a um dos eixos da IPA que almeja a manutenção do caráter elitista e hierárquico rígido da psicanálise, atuando em favor da inclusão dos iguais e da exclusão dos diferentes, validando sociedades psicanalistas alinhadas aos seus princípios, tendo como intuito preservar a dita verdadeira psicanálise (Muszkat, 2009).

Podemos concluir que a conduta da AEP ao mesclar cultura religiosa evangélica brasileira e psicanálise, por meio da pneumapsicanálise, promove a tradução da complexa teoria psicanalítica, criando um material educacional de linguagem acessível e compreensível ao segmento evangélico que, devido à baixa escolaridade e por questões financeiras, não tinha acesso aos conhecimentos ligados a essa ferramenta terapêutica. Além disso, ao oferecer cursos de psicanálise de curta duração e com mensalidades a preços populares seguindo as tendências do movimento da Psicanálise Didática Cristã (Carvalho, 2007), a AEP favorece o acesso e a formação de novos perfis de psicanalistas e conseqüentemente a inclusão de indivíduos de segmentos sociais periféricos a tratamentos psicoterapêuticos como a psicanálise, visto que “esse conhecimento era só para quem tinha condição de pagar uma consulta de 2.500 reais, 3.000 reais, era inacessível” (ESTER, NARRATIVAS).

Apesar de nossa visão colaborativa em relação ao processo de hibridismo cultural presente no contexto da AEP, compreendemos que a dinâmica de formatação do curso, o conteúdo programático e o modelo formativo proposto pela instituição trazem consigo riscos e

problemáticas. Uma das notórias problemáticas geradas pela apropriação cultural seletiva (Burke, 2016) e o processo de descolecionamento (Canclini, 2011) realizados pela AEP é a criação de anomalias teóricas, fruto de uma fusão periférica entre teologia pentecostal brasileira e psicanálise freudiana, em que fundamentos religiosos são utilizados para interpretar conceitos e práticas psicanalíticas. Nesse processo de fusão, novas leituras são feitas em relação à psicanálise freudiana, conceitos sacramentados da teoria de Freud são remodelados e ajustados a partir do interesse e da visão de mundo de religiosos evangélicos, promovendo alterações em espectros psicanalíticos fundamentais.

É esse agregar basal de Freud que comprometeu um pouco a estrutura da AEP. [...] Quando a escola se apresenta como escola psicanalítica a de se entender que a base é freudiana, aí algumas coisas a gente viu lá que há concordância e alguns termos, mas por exemplo o Complexo de Édipo que é cunhado por Freud, na AEP eles desenvolveram o Complexo de desenvolvimento infantil. Então, eles pegam termos que são freudianos, na verdade eles embasam o conceito do Complexo de desenvolvimento infantil com alguns termos freudianos (SAMUEL, PROVOCAÇÃO).

Ao promover alterações teóricas sem comprovação científica, baseando-se somente na interpretação bíblica e em experiências religiosas, a AEP adota uma postura anticientífica privilegiando a crença mítico-religiosa em detrimento da ciência e de saberes formulados em ambientes como universidades e centros de pesquisa. A partir disso, concluímos que tais práticas fomentam a proliferação da cultura do negacionismo voltado para o descrédito da ciência e de seus intelectuais, invalidando o arcabouço histórico científico construído ao longo dos séculos e estimulando a produção de discursos como o citado abaixo:

O termo “criador da psicanálise” ao meu ver não pode ser entendido a luz da bíblia como literal, porque tudo que foi descoberto ou será descoberto pela humanidade foi criado por Deus [...] Só o nome é psicanálise porque toda técnica já vem na bíblia, não é uma coisa que a psicanálise inventou, é uma coisa que já estava, só que foi criada esse nome (REBECA, PROVOCAÇÃO).

Diante do quadro apresentado, este estudo aponta para a necessidade de uma união da comunidade intelectual brasileira na elaboração de propostas e projetos que tenham como finalidade combater a onda negacionista e anticientífica que encontrou campo fértil durante o governo do presidente Jair Messias Bolsonaro (2019 – 2022), político que em sua gestão adotou uma postura de descrédito em relação à epistemologia científica. Apontamos essa necessidade visto que o fenômeno que estudamos apresenta proximidades com lógicas de pensamentos negacionistas como a prática da seleção ou ênfase em estudos isolados que vão de encontro aos consensos científicos, uso de falsos especialistas, a relativização acerca de práticas e enunciados

já comprovados cientificamente e o afastamento da epistemologia científica, buscando em seu lugar acessar a verdade baseada em crenças e ideologias (Duarte, 2022).

Além das problemáticas geradas pelo processo de hibridismo cultural temos as consequências negativas decorrentes desse movimento. Sendo assim, concluímos que essa apropriação cultural seletiva de elementos da cultura escolar e da teoria psicanalítica por parte da AEP, tem como consequência a proliferação de deficiências nos processos pedagógicos e didáticos realizados pela instituição, comprometendo a qualidade do ensino, gerando, desse modo, falhas e prejuízos na trajetória formativa dos acadêmicos. Como resultado dos desalinhamentos educacionais da AEP, temos a formação de profissionais inaptos e/ou parcialmente capacitados para desempenharem a função de psicanalistas colaborando para os processos de precarização e desvalorização da educação, desmoralização e banalização da figura do psicanalista, gerando tensões e repúdios por parte de setores intelectuais, acadêmicos, sindicatos e associações ligadas a psicanálise.

Em relação aos processos metodológicos adotados no decorrer do estudo, concluímos que a proposta da formativapesquisa, alinhada à interpretação e análise dos dados a partir da visão hermenêutica gadameriana, somada às técnicas e conhecimentos psicanalíticos, fizeram com que ampliássemos nossa leitura acerca do fenômeno estudado indo além de uma interpretação meramente documental. Ao buscarmos nas narrativas e experiências educativas de egressos da AEP respostas ao problema e objetivos da pesquisa, conseguimos conferir ao nosso estudo uma perspectiva mais realista e factual acerca do processo formativo realizado pela instituição.

As narrativas dos egressos entremeadas por suas histórias de vida revelaram aspectos acerca da estrutura educacional da escola, suas precariedades, o modo de funcionamento, bem como colaboraram no processo de análise e auto avaliação de seus processos formativos, além de uma avaliação dos egressos acerca da instituição. Além disso, os jogos metodológicos expressos através das três fases de entrevistas — a narrativa, a provocativa e o reencontro —, fizeram com que a experiência formativa fosse vivenciada tanto pelo pesquisador quanto pelos participantes, estimulando em ambos o exercício da reflexão, da crítica e da possibilidade de uma ampliação de horizontes e, quiçá, a reelaboração de pensamentos e conceitos já sacramentados em seus repertórios intelectuais.

Quanto às possibilidades de propostas futuras para a temática pesquisada, entendemos que a análise acerca do processo formativo na AEP poderá ser ampliada ao inserirmos a diretoria e

corpo docente da escola evangélica na dinâmica do estudo. A inserção na presente pesquisa ficou inviável devido ao curto prazo de tempo do mestrado, dado que poderia vir a afetar diretamente o planejamento necessário para realização dos procedimentos técnicos e metodológicos. Como proposta para ampliação do debate dessa dissertação, sugerimos submeter os membros da diretoria e corpo docente aos procedimentos metodológicos da *formativapesquisa*, bem como promover um encontro desse grupo com as narrativas dos egressos e com os resultados da pesquisa. Acreditamos que desse modo foi dada a eles a oportunidade de se posicionarem diante do estudo, justificarem as pontuações levantadas e refletirem sobre o modo como estão sendo construídas as bases teóricas e metodológicas da AEP e, conseqüentemente, os impactos dessas na formação de seus acadêmicos.

Por fim, acreditamos que o corpo da pesquisa, bem como as discussões e conclusões apresentadas, servirão de base, estímulo e motivação para que outros estudiosos lancem olhares sobre práticas educacionais que funcionam paralelamente às estruturas educacionais formais e que fogem do controle e fiscalização de órgãos competentes. Penso que, a partir disso, poderão vir a ser elaboradas teorias e estratégias que visem buscar soluções para as problemáticas e riscos que rondam o funcionamento desses modelos de instituição educacional que, devido a suas práticas, podem vir a comprometer e enfraquecer o caráter científico da educação.

REFERÊNCIAS

ABEL, Marcos Chedid. O insight na psicanálise. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 22-31, dez. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 mar. 2023.

AEP. **AEP FORMAÇÃO**, 2022. Um Novo Olhar da Psicanálise. Disponível em: <https://aepformacao.com.br/>. Acesso em: 16 maio 2022.

AEP. **AEP FORMAÇÃO**, 2023. Sobre Nós. Disponível em: <https://aepformacao.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 27 março 2023

ALENCAR, Gustavo de. Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas. **Religião & Sociedade [online]**. 2019, v. 39, n. 03 [Acessado 14 Maio 2022], pp. 173-196. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n3cap08>>. Epub 10 Fev 2020. ISSN 1984-0438. <https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n3cap08>.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

ARAÚJO, Janieiry Lima de, Paz, Elisabete Pimenta Araujo e Moreira, Thereza Maria Magalhães. Hermenêutica e saúde: reflexões sobre o pensamento de Hans-Georg Gadamer. **Revista da Escola de Enfermagem da USP [online]**. 2012, v. 46, n. 1 [Acessado 26 Junho 2022] , pp. 200-207. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000100027>>. Epub 20 Mar 2012. ISSN 1980-220X. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000100027>.

ASSIS, Cleber Lizardo de. **Aproximações conceituais entre psicanálise e teologia cristã: contribuições para uma clínica do sagrado**. Online. 2005. Disponível em <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/144.pdf> (acessado em 22 de setembro de 2022)

BARDIN, L.(2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. BAUMAN, Zygmunt.

BERNARDES, Walesca de Lima Faria. Como se forma um psicanalista? **Reverso**, Belo Horizonte, v. 41, n. 77, p. 111-117, jun. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952019000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 fev. 2023.

BHABHA, H. *Nation and Narration*. Routledge: Londres, 1990

BINKOWSKI, Gabriel (2019) **Os evangélicos e a peste: o desejo neopentecostal pela psicanálise como um cavalo de Tróia**. Lacuna: uma revista de psicanálise, São Paulo, n. -8, p. 5, 2019. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2019/12/08/n-8-05/>>

BINKOWSKI, Gabriel Inticher, Rosa, Miriam Debieux e Baubet, Thierry A discursividade evangélica e alguns de seus efeitos: laço social, psicopatologia e impasses teóricos e

transferenciais. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]**. 2020, v. 23, n. 2, pp. 245-268. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p245.6>>. Acesso em: 16 Set. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 40.ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRITZ, EDUARDO BAYON; PERRONE, CLÁUDIA MARIA. A Transmissão e Formação em Psicanálise: Impasses na Cultura. **SIG Revista de Psicanálise**. v. 11, n. 1, Jan-Jun, 2022. Disponível em: <<https://ojs.sig.org.br/index.php/sig/article/view/6>>. Acesso em: 15 out. 2023.

BURKER, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2016.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

CARDOSO, Ana Margarida Pereira. **Estudo sobre o insight em pessoas com psicose** (Lisboa – Portugal). Orientador: Prof. Doutor J. G. Sampaio Faria. 2007. 182f. Dissertação (Mestrado em Medicina) UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE LISBOA, Lisboa, Portugal, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/4855>> Acesso em: 21 março 2023.

CARIÁCAS, Carlos. Hermenêuticas do Sensível: O Compromisso com a Formativapesquisa em Cultura da Educação. In: SARDINHA, Antônio Carlos (Org.). **POLÍTICA, DELIBERAÇÃO PÚBLICA E ORGANIZAÇÕES SOCIAIS NA CONTEMPORANEIDADE**. Macapá. Editora da UNIFAP, 2021. P.156 -185

CARNEIRO, Kelber Silvio Rios. Psicanálise como um modo de saber e poder. **Cogito**, Salvador, v. 11, p. 29-35, out. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792010000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 abril 2021.

CARVALHO, Emílio Nolasco de. **O Divã e o Altar: cultura psicanalítica e movimento protestante no Brasil**. Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CARVALHO, Emílio Nolasco de. Sobre divãs e altares: psicologia e psicanálise nos movimentos evangélicos brasileiros. 36º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. GT31 - Saúde, emoção e moral. Disponível online em <<https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/36-encontro-anual-da-anpocs/gt-2/gt31-2>> Acessado em 17 de setembro de 2022) >.

COELHO, D. **PSICANÁLISE E RELIGIÃO: UM DIÁLOGO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO**. 2020. Disponível online em: <<https://www.escolafreudiana.vix.br/artigos-page.php?cod=31>>. Acesso em 22 de setembro de 2022

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, agosto 2003. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 17 nov. 2022.

CRUZ, Marina Zuanazzi; PEREIRA Júnior, Alfredo. Corpo, mente e emoções: referenciais teóricos da psicossomática. **Simbio-Logias**, v. 4, n. 6, p. 46-66, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/140656>>. Acesso em: 20 março. 2023

DAVID, Sérgio Nazar, **1964- Freud e a religião** / Sérgio Nazar David. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

DIAS, É.; PINTO, F. C. F.. **Educação e Sociedade. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 27, n. 104, p. 449–454, jul. 2019.

DOS SANTOS, I. S. P.; LAVOURA, T. N. A educação escolar como mediadora entre a riqueza cultural humana e a formação dos indivíduos. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 9-22, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/1466>. Acesso em: 30 set. 2023.

DUARTE, Luiz F. D. e Carvalho, Emilio N. de Religião e psicanálise no Brasil contemporâneo: novas e velhas Weltanschauungen. **Revista de Antropologia [online]**. 2005, v. 48, n. 2 [Acessado 16 Setembro 2022] , pp. 473-500. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-77012005000200002>>. Epub 08 Dez 2006. ISSN 0034-7701. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012005000200002>.

DUARTE, L. F. D., & Carvalho, E. N. de. (2005). Religião e psicanálise no Brasil contemporâneo: novas e velhas Weltanschauungen. **Revista De Antropologia**, 48(2), 473–500. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-77012005000200002>>. Acesso em: 15 out. 2023.

FEBRAPSI. **Formação e Filiação**. Disponível em: <https://febrapsi.org/quem-somos/formacao>. Acesso em: 05 abril.2023.

FERREIRA, Nadiá Paulo. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]**. 2000, v. 3, n. 2, pp. 169-173. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982000000200010>>. Acesso em: 4 Julho 2022.

FONTELES, Camila Santos Lima; COUTINHO, Denise Maria Barreto. Psicanálise e universidade: o caso brasileiro. **Rev. bras. psicanálise**, São Paulo, v. 50, n. 4, p. 175-188, dez. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486641X2016000400014&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 21 mar. 2023.

FREUD, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. e Trad.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 7, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

GADAMER, Hans-Georg; **Verdade e método** / tradução de Flávio Paulo Meurer. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GAMBOA, Silvio. "Pesquisa Qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos." **Revista Contrapontos [Online]**, 3.3 (2003): 393-405. Acesso em: 24 fev. 2022. <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/735/586>

GIUMBELLI, Emerson. (2013), “Cultura pública: evangélicos y su presencia en la sociedad brasileña”. **Sociedad y Religión**, vol. 23, nº 40: 13-43. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/106609>>. Acesso em: 15 out. 2023.

JORGE, Selma Terezinha Oliveira Fernandes. Inquietantes movimentos na psicanálise. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 55, n. 102, p. 89-103, jun. 2022 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352022000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 30 set. 2023.

JOSAPHAT, Carlos. Fé e razão. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 36, n. 56, p. 71-90, jun. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos: em 16 maio 2023.

JOVCHELOVICH S, BAUER MW. Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.

JUNIOR, Carlos Borges. Apontamentos Teóricos Sobre Os Estudos Culturais. **Caletrosópio** 4.6 (2016). Disponível em <<https://periodicos.ufop.br/caletrosopio/article/view/3653/2877>>. Acesso em: 15 de nov. 2022.

LIMA, Cristina Maria Garcia de et al. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Revista Latino-Americana de Enfermagem [online]**. 1996, v. 4, n. 1. pp. 21-30. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11691996000100003>>. Epub 19 Jun 2006. ISSN 1518-8345. <https://doi.org/10.1590/S0104-11691996000100003>. Acesso em: 7 de Maio de 2022.

LIMA, Andréa Pereira de O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo) [online]**. 2010, v. 37, n. 6, pp. 280-287. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000600005>>. Acessado 2 Julho 2022.

LOPES, Anchyses Jobim. Breve sùmula de a teologia prática: psicanálise e religião. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte , n. 31, p. 17-28, out. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 30 set. 2023.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**, João de Jesus Paes Loureiro. – Belém: Cejup, 1995.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Loyola, 2014.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11ª ed. São Paulo, HUCITEC, 2008.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M.. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 156–168, maio 2003.

MUCCIOLI, C.. (2004). **O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e as publicações científicas**. Arquivos Brasileiros De Oftalmologia, 67(2), 195–196. <https://doi.org/10.1590/S0004-27492004000200002>

PINTO, E. R.. Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 17, n. 1, p. 135–153, jan. 2014.

PESTANA, Matheus, **As religiões no Brasil** _Site Religião e Poder em 24 de agosto de 2021. Disponível online em <<https://religioepoder.org.br/artigo/a-influencia-das-religioes-no-brasil/#:~:text=%C3%89%20poss%C3%ADvel%20perceber%20tamb%C3%A9m%20um,%20verdadeiro%20crescimento%20desse%20grupo>>. Acesso em: 22 de setembro de 2022.

PONTE, C. F. D. **Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil**. 1999. Dissertação (Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, Rio de Janeiro.

PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. **Tempo Social [online]**. 2008, v. 20, n. 2, pp. 155-172. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20702008000200008>>. Acesso em: 13 Maio 2022.

RAZZOUK, D. Por que o Brasil deveria priorizar o tratamento da depressão na alocação dos recursos da Saúde? **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 25, n. 4, p. 845–848, out. 2016.

RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages e Minayo, Maria Cecília de Souza. O papel da religião na promoção da saúde, na prevenção da violência e na reabilitação de pessoas envolvidas com a criminalidade: revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2014, v. 19, n. 06, pp. 1773-1789. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232014196.13112013>>. Acesso em: 13 Março 2023.

SALIM, Sebastião Abrão. A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais. **Mental**, Barbacena, v. 8, n. 14, p. x-xx, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272010000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 04 jul. 2022.

DOS SANTOS, I. S. P.; LAVOURA, T. N. A educação escolar como mediadora entre a riqueza cultural humana e a formação dos indivíduos. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 9-22, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/1466>. Acesso em: 15 out. 2023.

SILVA, Antônio João Hocayen da. **Metodologia de Pesquisa: Conceitos Gerais**. 2014. Disponível em <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/handle/123456789/841>. Acesso em: 16 Maio 2022.

SOARES, Paulo César. Contradições na pesquisa e pós-graduação no Brasil. **Estudos Avançados [online]**. 2018, v. 32, n. 92, pp. 289-313. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180020>>. Acesso em: 7 Maio 2022.

SOUZA, L. M. T. M. de. **CMC, HIBRIDISMOS E TRADUÇÃO CULTURAL: REFLEXÕES**. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 46, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639439>. Acesso em: 13 jan. 2023.

VIANA, Carlos Eduardo Souza. **Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira.** São Paulo: Janus, Lorena, ano 3, nº 4, 2º semestre de 2006.

ANEXOS

ANEXO I - APRECIÇÃO ÉTICA DO COMITÊ CIENTÍFICO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENTRE BÍBLIAS E TEORIAS: o papel da religião no curso de psicanálise de uma associação evangélica

Pesquisador: JESSE MARTINS CARDOSO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 65176022.9.0000.0003

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.919.656

Apresentação do Projeto:

A pesquisa tem como objetivo identificar e analisar o modo como a cultura religiosa evangélica brasileira influenciou no processo de formação dos egressos (ex-alunos) do curso de psicanálise clínica oferecido pela Associação Evangélica de Psicanalistas do Espírito Santo (AEP-ES).

Para tanto iremos realizar um estudo bibliográfico com a finalidade de discutir a relação existente entre a psicanálise e a religião e os desdobramentos que culminaram no surgimento de centros de educação voltados para formação em psicanálise dirigidos por membros do segmento evangélico brasileiro. A pesquisa tem como objeto de estudo a AEP, Associação Evangélica de Psicanalistas localizada no estado do Espírito Santo

(ES), instituição fundada em 1986 e que oferece cursos de formação em psicanálise clínica. A pesquisa apresenta-se com caráter qualitativo, a metodologia a ser adotada é a formativa pesquisa, método que tem em seu arcabouço outras metodologias como: a pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas. A pesquisa contará com a participação de oito egressos, pessoas que concluíram sua formação na instituição há mais de

dois anos. As entrevistas acontecerão em duas fases, quanto a técnica para análise dos dados iremos utilizar a análise de conteúdo e a hermenêutica filosófica. Esse estudo produzirá dados recentes acerca da interação existente entre a psicanálise e a religião dentro do contexto da educação. Além disso, a pesquisa possibilitará aos participantes debates e auto avaliação acerca de seu processo de formação psicanalítica sendo

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira - Km.02, Marco Zero

Bairro: Bairro Universidade

CEP: 68.902-280

UF: AP

Município: MACAPÁ

Telefone: (96)4009-2805

Fax: (96)4009-2804

E-mail: cep@unifap.br

Continuação do Parecer: 5.919.656

estes produtos da pesquisa aplicados as suas experiências de vida e atuações profissionais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Identificar e analisar o modo como a cultura religiosa evangélica brasileira influenciou no processo de formação dos egressos (ex- alunos) do curso de psicanálise clínica oferecido pela Associação Evangélica de Psicanalistas do Espírito Santo (AEP-ES)

Objetivo Secundário:

Os objetivos específicos voltados para o alcance do objetivo geral são:

- Contrastar as metodologias de ensino utilizadas pela Associação Evangélica de Psicanalistas no curso de formação em psicanálise clínica em relação as metodologias aplicadas nos institutos tradicionais.
- Examinar a percepção dos participantes da pesquisa em relação ao interesse do segmento evangélico no ensino e nos cursos voltados para formação em psicanálise.
- Analisar o grau de compreensão e consciência que os acadêmicos formados no curso de Psicanálise clínica da AEP tem acerca da influência da cultura evangélica em seu processo de formação;
- Analisar os impactos dessa formação na atuação desses profissionais em suas práticas laborais mediante exercícios de auto avaliação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos da pesquisa estão presente na fase das entrevistas com participantes, entre os riscos estão a.) Possibilidade de constrangimento ao responder às perguntas das entrevistas e questionários; b) Quebra de sigilo e de anonimato por parte do pesquisador decorrente ou não de ação ou ato, sendo este intencional ou não; c) Desconforto e irritação ao descrever críticas recebidas; d) Desconforto e cansaço ao responder às perguntas realizadas. Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, serão garantidos o total sigilo, confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual a Sr. (a) receberá uma cópia. Lembrando que o nome dos participantes da pesquisa não serão citados no trabalho.

Benefícios:

Dentre os benefícios da pesquisa e seus resultados, pontuamos: a produção de dados recentes acerca da interação existente entre a psicanálise e a religião dentro do contexto da educação. Além disso, será a oportunidade de promover uma interação entre o eixo acadêmico e o extra

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP**

Continuação do Parecer: 5.919.656

acadêmico e dessa forma estimular novas pesquisas voltadas para essa temática e apontar a necessidade da construção de estudos transdisciplinares. Ademais serão produzidos artigos com a temática voltada a discutir as influências de duas culturas: a religiosa evangélica e a psicanalítica no processo de formação educacional. Acreditamos que a pesquisa possibilitará aos participantes debates e auto avaliação acerca de seu processo de formação psicanalítica sendo estes produtos da pesquisa aplicados as suas experiências de vida e atuações profissionais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa exequível. A pesquisa é relevante para a obtenção de informações que poderão auxiliar a identificar e analisar o modo como a cultura religiosa evangélica brasileira influenciou no processo de formação dos egressos (ex-alunos) do curso de psicanálise clínica oferecido pela Associação Evangélica de Psicanalistas do Espírito Santo (AEP-ES)

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

No protocolo da pesquisa, constam os documentos exigidos pela Resolução CNS n. 466/12.

O TCLE atende às exigências da Resolução, visto que esclarece os objetivos e os procedimentos da pesquisa, garantindo o sigilo e assegurando a privacidade dos sujeitos, além da possibilidade do acesso aos dados registrados e da desistência em qualquer momento da pesquisa. O projeto possui termo de assentimento e folha de rosto.

Recomendações:

Recomendamos ao proponente da pesquisa que submeta o projeto em Instituição coparticipante -Comitê de Ética do estado do Espírito Santo.

Conforme pesquisador a coleta de dados da pesquisa será realizada na Associação Evangélica de Psicanalistas do Espírito Santo (AEP-ES).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

No CEP-UNIFAP, as recomendações indicadas na 1a versão foram atendidas e esclarecidas a partir da nova versão do Projeto.

Assim sendo, a presente proposta foi considerada aprovada sem pendências por atender as recomendações estabelecidos pela Resolução n. 466/12. O Projeto em análise contempla os elementos exigidos pela NBR n. 15287: 2011

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAPÁ - UNIFAP



Continuação do Parecer: 5.919.656

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2031673.pdf	23/01/2023 13:52:35		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	novoprojeto.pdf	23/01/2023 13:51:52	JESSE MARTINS CARDOSO	Aceito
Outros	perguntasentrevistafase1.pdf	23/01/2023 13:50:47	JESSE MARTINS CARDOSO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	16/11/2022 15:24:12	JESSE MARTINS CARDOSO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeconsentimentolivre.pdf	09/10/2022 16:34:08	JESSE MARTINS CARDOSO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACAPA, 01 de Março de 2023

Assinado por:
Cecilia Maria Chaves Brito Bastos
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira - Km.02, Marco Zero
Bairro: Bairro Universidade **CEP:** 68.902-280
UF: AP **Município:** MACAPA
Telefone: (96)4009-2805 **Fax:** (96)4009-2804 **E-mail:** cep@unifap.br

ANEXO II - TERMO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR

**AUTORIZAÇÃO DE REALIZAÇÃO E ASSUNÇÃO DA RESPONSABILIDADE**

Declaramos para devidos fins, que aceitamos a realização do projeto “EDUCAÇÃO, PSICANÁLISE E RELIGIÃO: o processo de formação em psicanálise no contexto de uma associação evangélica”, sob responsabilidade do pesquisador JESSÉ MARTINS CARDOSO sob orientação do professor Dr. JOSÉ CARLOS CARIACÁS ROMÃO DOS SANTOS. Além disso, também autoriza a menção ao nome da AEP Associação Evangélica de Psicanalistas no projeto supracitado.

A autorização está condicionada ao cumprimento dos requisitos estabelecidos pela Resolução 466/12 e suas complementares. Antes do início da coleta dos dados o pesquisador responsável deverá apresentar a esta instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Vitória/ES, 12 de fevereiro de 2023

Elton Castro Guimarães
Diretor – Associação Evangélica de
Psicanalistas

End: Avenida Saturnino Rangel Maauro, 195, Pontal de Camburi, Vitória – ES
Email: suporte@aepformcao.com.br

“O Senhor resgata a alma dos seus servos, nenhum dos que Nele confiam será condenado” Sl. 34:22

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/TCLE

O (a) Senhor (a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “Educação, Psicanálise e Religião: o processo de formação em psicanálise no contexto de uma associação evangélica”. O objetivo deste trabalho é identificar o modo como a cultura religiosa evangélica brasileira influencia no processo de formação dos acadêmicos do curso de psicanálise clínica oferecido pela Associação Evangélica de Psicanalistas do Espírito Santo (AEP-ES) e analisar a auto avaliação que os egressos formados no curso de Psicanálise clínica da AEP tem acerca da influência da cultura evangélica em seu processo de formação.

Para a instituição e para sociedade esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar as influencias que a religião evangélica brasileira tem no processo de formação dos cursos de psicanálise oferecido por instituições evangélicas bem como compreender como os egressos formados na AEP auto avaliam seu processo de ensino e qual o posicionamento deles acerca desse fenômeno que une a religião evangélica e a psicanálise em um processo educacional.

Os riscos da sua participação nesta pesquisa são a.) Possibilidade de constrangimento ao responder às perguntas das entrevistas e questionários; b) Quebra de sigilo e de anonimato por parte do pesquisador decorrente ou não de ação ou ato, sendo este intencional ou não; c) Desconforto e irritação ao descrever críticas recebidas; d) Desconforto e cansaço ao responder às perguntas realizadas. Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, serão garantidos o total sigilo, confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual a Sr. (a) receberá uma cópia. Lembrando que o nome dos participantes da pesquisa não serão citados no trabalho.

Dentre os benefícios da pesquisa e seus resultados, pontuamos: a produção de dados recentes acerca da interação existente entre a psicanálise e a religião dentro do contexto da educação. Além disso, será a oportunidade de promover uma interação entre o eixo acadêmico e o extra acadêmico e dessa forma estimular novas pesquisas voltadas para essa temática e apontar a necessidade da construção de estudos transdisciplinares

Ademais serão produzidos artigos com a temática voltada a discutir as influências de duas culturas: a religiosa evangélica e a psicanalítica no processo de formação educacional. Acreditamos que a pesquisa possibilitará aos participantes debates e auto avaliação acerca de seu processo de formação psicanalítica sendo estes produtos da pesquisa aplicados as suas experiências de vida e atuações profissionais. .

O (a) Sr. (a) Sr^a terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: (27) 981398550. O (a) Senhor (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu _____ (nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pelo pesquisador, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada _____

Macapá, _____ de _____ de 20____ .



Assinatura do Pesquisador

Pesquisador: Jessé Martins Cardoso
Universidade Federal do Amapá-UNIFAP
Contato: (27) 981398550
E-mail: assessorjc@gmail.com

Assinatura do paciente

Caso o paciente esteja impossibilitado de assinar:

Eu, _____ abaixo assinado, confirmo a leitura do presente termo na íntegra para o(a) paciente, o(a) qual declarou na minha presença a compreensão plena e aceitação em participar desta pesquisa.

Testemunha nº1: _____

Testemunha nº2: _____

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA FASE 1 (ENTREVISTA NARRATIVA)

1. O que te levou a realizar o curso de psicanálise clínica na AEP?
2. Qual a diferença entre pensar a psicanálise antes de ingressar na AEP e depois?
3. A terapia alternativa criada pela AEP, a chamada Pneumapsicanálise que envolve terapia clássica e ensinamentos de Jesus Cristo está presente nos conteúdos programáticos e apostilas do curso. A partir de sua experiência educacional na AEP, o que você entende por pneumapsicanálise?
4. Do conteúdo ensinado pela AEP, o que você utiliza ou pretende utilizar na sua prática como psicanalista?
5. Como você justificaria sua formação na AEP diante de um paciente, cliente ou profissional de saúde mental que critica sua formação por ter sido realizada em uma escola psicanalítica evangélica?

APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA FASE 2 (FASE PROVOCAÇÃO)

Para a segunda fase de entrevistas, fase da provocação, elaboramos questionamentos tendo como base as opiniões proferidas pelos entrevistados na fase 1 acerca do curso de psicanálise da AEP. O objetivo dessa etapa de entrevistas é promover o contraste do que o participante apresentou na fase 1 com visões que as contrapõem, visando uma expansão de consciência objetivando o processo formativo dos participantes.

A partir das análises e interpretações das entrevistas da FASE 1, elaboramos perguntas baseadas nos posicionamentos expressos por cada um dos participantes e os dividimos em três grupos: **APOIO, AFETO E CRÍTICA.**

GRUPO APOIO (REBECA, SAMUEL E ESTER)

1. Se a Bíblia é completa e ideal para realizar aconselhamentos porque recorrer a psicanálise como ferramenta para tal atividade?
2. Freud, o criador da psicanálise, entendia que sua criação era incompatível com a religião. Em sua fala você afirma que a inserção de elementos da religião evangélica, expressas na forma da pneumapsicanálise, agregam valor a prática psicanalítica. De que forma você responderia a visão freudiana que defende o não cruzamento entre religião e psicanálise?
3. Como pode a AEP, uma instituição evangélica, defensora da verdade bíblica e da moralidade sexual criar um curso de formação em psicanálise que tem como base a ciência de Freud um ferrenho crítico da moral e da repressão sexual civilizada? A criação do curso não seria incoerente? Porque?

GRUPO AFETO (ANA)

1. Como pode a AEP, uma instituição evangélica, defensora da verdade bíblica e da moralidade sexual criar um curso de formação em psicanálise que tem como base a ciência de Freud um ferrenho crítico da moral e da repressão sexual civilizada? a criação do curso não seria incoerente? Porque?
2. Em suas respostas percebemos sua relação de afeto com a AEP. Esse tipo de relação não poderia influenciar a sua avaliação em relação a qualidade acadêmica de seu processo formativo? Porque?

GRUPO CRÍTICA (DANIEL)

1. Pode-se entender que o curso de formação em psicanálise da AEP foi criado com o objetivo de aproximar o segmento evangélico brasileiro da psicanálise. Assim como

Freud, você afirma que essa combinação é um atraso. Diante disso, de que forma você acredita que a psicanálise poderia alcançar o público evangélico?

2. O curso de psicanálise da AEP pode ser compreendido como um fenômeno educacional/cultural híbrido, visto que nasce do cruzamento da psicanálise freudiana com elementos da cultura religiosa evangélica brasileira. Essa dinâmica é vista por estudiosos da contemporaneidade (Bhabha, Canclini e Burke) como sinônimo de uma inovação de alto potencial criativo. Diante de suas falas contrárias a mistura da psicanálise com fenômenos culturais como a religião, você não estaria na contramão do pensamento acadêmico? Porque?

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA FASE 3 (FASE REENCONTRO)

Prezado (a) participante da pesquisa **“ENTRE BÍBLIAS E TEORIAS: o papel da religião no curso de psicanálise de uma associação evangélica”**, após as duas fases de entrevistas, chegamos a terceira e última fase desse processo.

Nessa fase denominada *Reencontro*, você participante terá um reencontro com suas próprias falas e as falas de outros participantes da pesquisa, porém, as falas serão apresentadas a partir da análise e interpretação do pesquisador.

Para a realização desta etapa, você participante deverá realizar a leitura do capítulo **Experiências narrativas do processo de formação em uma escola de psicanálise evangélica: apontamentos e reflexões**, refletir acerca do texto apresentado e emitir seu parecer a partir das questões elaboradas pelo pesquisador.

Após a leitura do capítulo você deverá responder as questões abaixo:

1. As interpretações e análises apresentadas fazem sentido para você? Justifique.
2. O que você aprendeu durante o processo de pesquisa?
3. Em relação as suas falas e posicionamentos, você mudou de ideia após o processo de pesquisa ou mantém a mesma opinião? Justifique.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM REBECA | PRIMEIRA FASE
DE ENTREVISTAS: ENTREVISTAS NARRATIVAS

Data: 23/01/2023

Entrevistada: Rebeca

Local: remoto via aplicativo Zoom

Pergunta 01

Entrevistador: O que te levou a realizar o curso de psicanálise clínica na AEP?

Rebeca: É eu sempre tive interesse por essas questões da alma, emoções, curas, trauma e foi a entidade que eu conheci que estava ao meu alcance que tinha pastor na igreja que gerenciava esse curso, então que era um dos coordenadores, questão de aproximação e facilidade para mim. Foi o que eu conheci na época.

Pergunta 02

Entrevistador: Qual a diferença entre pensar a psicanálise antes de ingressar na AEP e depois?

Rebeca: Eu achava uma bobeira eu ir no psiquiatra, psicanalista, psicólogo. Esse negócio não vai chegar a lugar nenhum, mas quando eu comecei ter as aulas e constatar alguns casos práticos durante as aulas, eu vi que realmente e observar a minha vida mesmo e de outras pessoas você vê que as questões dos traumas do inconsciente realmente afeta a vida da pessoa, e a pessoa não tem noção de que aquilo afeta. Então você conseguindo tirar do inconsciente para o consciente e encarar essa situação de outra forma, você como um adulto, como uma pessoa inteira muda esse trauma, consegue encarar esse trauma e realmente superar. Mudou achei que era besteira que não fazia nada não.

Pergunta 03

Entrevistador: A terapia alternativa criada pela AEP, a chamada Pneumapsicanálise que envolve terapia clássica e ensinamentos de Jesus Cristo está presente nos conteúdos programáticos e apostilas do curso. A partir de sua experiência educacional na AEP, o que você entende por pneumapsicanálise?

Rebeca: Então, na psicanálise tradicional porque quando fala em psicoterapia alternativa, tem mais de 300 e essa é mais uma. Tem a PNL, Coach que também é uma linha. O que a AEP traz é o seguinte nós somos corpo, alma e espírito e a psicanálise tradicional a gente vê falando da alma e do corpo, traumas na alma e no corpo, e como nós somos corpo, alma e espírito a gente entende que podem ter traumas na parte espírito na composição do todo do ser humano. Traumas oriundos da parte espiritual do ser humano, corpo, alma e espírito.

Pergunta 04

Entrevistador: Do conteúdo ensinado pela AEP, o que você utiliza ou pretende utilizar na sua prática como psicanalista?

Rebeca: Então, em toda, tanto na psicanálise comum como essa alterativa, elas usam inicial por exemplo a anamnésia que eu acho fundamental para você conhecer seu paciente e a partir dali durante essas entrevistas de anamnese você conseguir identificar o trauma, onde é a origem do trauma dessa pessoa e a partir daí você fazer essas associação livre na anamnese e quando você identifica você aprofundar cada questão dessa que ele traz e conseguir identificar alguma questão nessa área, onde está o trauma dele em algumas partes, as vezes ele nem sabe está no inconsciente ele vai deixar fluir e escapar algumas coisas nessas entrevistas, nessa técnica de

associação livre a gente faz com eles. O mais forte que eu vejo de diferença é a questão do perdão, a questão de você vê aquela pessoa tendo misericórdia. Por exemplo, o pai, um pai que não tratou bem, que te marcou, é você ter misericórdia da vida que esse pai teve, dá uma analisada, pensa, ele teve condições? Você olhar o outro com ar de igual a você e não de que ele teria que acertar, você acertou o tempo todo? Você acertaria o tempo todo? Você olhar o outro com a questão de misericórdia. Isso é uma questão que te alivia desse julgamento de querer. Dizer que a pessoa é culpada dos seus traumas. Outra questão também é da responsabilidade, da gente, a gente não é culpado pelo que fizeram com a gente, mas a gente é responsável por que a gente faz com o que fizeram com a gente. Entender, ressignificar e ser senhor da sua história não deixar aqueles traumas te manipularem, te conduzirem. Não teria agora o nome da técnica, mas a diferente da psicanálise tradicional para a pneumapsicanálise é justamente a questão espiritual, do espírito corpo, alma e espírito. A questão espiritual de você está mais ligado espiritualmente com o ser que você acredita, seja Deus ou outro, cada um tem e professa sua fé. O psicanalista da pneumapsicanálise ele tem um instrumento a mais que é o Espírito Santo, então o Espírito Santo durante essa entrevista ele pode trazer revelações que a psicanálise tradicional não utiliza, então eu posso ter um insight através do Espírito Santo.

Pergunta 05

Entrevistador: Como você justificaria sua formação na AEP diante de um paciente, cliente ou profissional de saúde mental que critica sua formação por ter sido realizada em uma escola psicanalítica evangélica?

Rebeca: É primeiro que a ele me procurar eu vou falar para ele, a minha formação é essa: psicanálise pneumapsicanálise, vou esclarecer para ele. Isso te deixa constrangido? Isso poderia te prejudicar? Você quer procurar outro profissional? Eu acho que (pausa) esclarecendo não teria problema algum, eu acho que a pessoa não teria bloqueio por causa disso, e se ela tiver bloqueio ela vai para outro psicanalista. Mas eu creio que por exemplo, a própria comunidade evangélica prefere e quer muito isso, né? Então, existe um público para cada tipo de psicanálise. Se ele tivesse preconceito ele poderia ir pra outro canto, pra procurar outro psicanalista. Agora, geralmente, Por exemplo, eu estava na AEP atendendo e veio uma paciente para mim, eu assim aplicava as técnicas, mas não ficava falando das técnicas, falando para ela de bíblia de isso e de aquilo. Eu creio que tem que respeitar a espiritualidade de cada um, então eu usava as técnicas de psicanálise. Eu entendo que essa parte do Espírito Santo é mais para mim, é uma ferramenta que eu vou ter ne? um insight espiritual alguma coisa, mas nada relacionado com ela mesmo, porque cada um é livre. Eu acho que não tenho como psicanalista esse direito de influenciar nessa questão.

Entrevistador: Aconteceu alguma situação em que você se colocou como formada na AEP e a reação foi negativa?

Rebeca: Não, não tive nenhuma dessa até porque o presidente da AEP é muito conceituado (cita nome do presidente) ele não é um amador, né? é um psiquiatra, formado, cientista. Então assim, isso dá muito respaldo e respeito para AEP. Então assim, quando você fala da pneumapsicanálise, você fala, mas quem é? Você fala quem é o (nome do presidente), psiquiatra, cientista, geralmente, até agora não tive esse problema não. Até porque o público que chega até mim é evangélico, eles procuram.

Entrevistador: Então a maioria é evangélico?

Rebeca: é.

Entrevistador: e se de repente um evangélico criticar?

Rebeca: ah, eu responderia que a minha linha é essa né? Mas que ele, eu respeito a decisão dele de não querer essa linha e procurar outras linhas, nós temos 300 alternativas de psicanálise alternativa no Brasil, no mercado.

Entrevistador: Você pode falar sobre a questão da sua religião, como sua comunidade se posiciona, eles estão de acordo com a AEP?

Rebeca: então, hoje, como te falei, sou evangélica e sou membra da Assembleia de Deus (cita nome da denominação), o pastor presidente também se formou na AEP, inclusive fizemos o TCC juntos, eu, ele e outro pastor da igreja, então ele compreende, ele aceita, ele acha necessário esse conhecimento né? do corpo, alma, espírito que realmente os traumas influenciam na vida da pessoa. Ele concorda. Inclusive está formando, a turma da AEP tá funcionando lá também, dia de sábado, tem também outro psiquiatra lá, tem a doutora (cita nome da pessoa), inclusive o presidente da AEP agora é membro da igreja, então assim, tem um corpo muito grande, (nome de uma pessoa), (nome de uma psicóloga), então assim tem um corpo grande (ênfase tom da voz), inclusive atendo outras pessoas, tá forte!

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SAMUEL | 1º FASE DE
ENTREVISTAS: ENTREVISTAS NARRATIVAS

Data: 25/01/2023

Entrevistada: Samuel

Local: escritório de Samuel

Pergunta 01

Entrevistador: O que te levou a realizar o curso de psicanálise clínica na AEP?

Samuel: Eu já tinha minha queda pela psicanálise e ficava até demorando um pouco para começar entrar na escola, mas quando eu soube da existência sabendo da AEP isso me motivou mais rápido. Eu tomei a iniciativa e lá que eu soube da introdução do Espírito Santo no setting psicanalítico, que é a pneumapsicanálise, então achei fantástico, combinou comigo e com a minha religião.

Entrevistador: Teve alguma motivação pessoal?

Samuel: identificação e minha vontade pessoal, eu fiz uma escolha, não para mim foi bacana encontrar uma associação evangélica.

Entrevistador: lembra muito minha história, fiz minha busca, fiquei feliz em fazer psicanálise sem ser psicólogo.

Samuel: alguém pode questionar que as vezes pelo fato de ser evangélico não tem muito mercado, muito pelo contrário, se fomos olhar dentro de nossas igrejas e pessoas evangélicas que a gente conversa, existe uma demanda reprimida, escondida, não sei se eles não enxergam, mas a gente vê perfeitamente, que dentro do meio evangélico a uma necessidade muito grande do (pausa) tratamento psicanalítico, terapêutico.

Pergunta 02

Entrevistador: Qual a diferença entre pensar a psicanálise antes de ingressar na AEP e depois?

Samuel: Então, eu até coloquei assim que eu acho que pensar a psicanálise antes é um pouco assim meio frio entre aspas, é porque é uma coisa baseada na ciência e toda ciência tem sua margem de erro pode acontecer, porque são experiências humanas, mas podem haver equívocos na conclusão do trabalho da pesquisa científica. Mas depois que eu conheci a AEP e vi constatada a inclusão do Espírito Santo no setting psicanalítico, a gente viu que a possibilidade de melhor, obtenção de melhor sucesso é uma realidade quando se aplica a pneumapsicanálise.

Entrevistador: Você tinha uma desconfiança da psicanálise?

Samuel: Desconfiança não, não tinha uma motivação ainda, achava ela pouco fria. Por que a minha escolha era evangélica, eu fiz a opção de continuar servindo a Deus nos caminhos do senhor e a minha vida deveria pautar por isso, esse lado da (pausa) santificação da vida.

Entrevistador: E a psicanálise clássica, você acredita que pode atrapalhar a sua fé?

Samuel: de maneira nenhuma, eu faria uma escola psicanalítica clássica, normal, tranquilamente, eu já fiz curso de direito, sabe como é, você vê de tudo. Então, é só a gente saber selecionar e filtrar.

Entrevistador: Você Mudou Sua Visão Da Psicanálise Depois Da AEP?

Samuel: Exatamente, mas sem menosprezar uma ou outro, acho que ambas são valiosas, mesmo por que a AEP dá todo conteúdo psicanalítico, ela acrescenta a pneumapsicanálise, não fica faltando nada. Então é esse cruzo (cruzamento) o acrescentar da pneumapsicanálise é que me agradou, eu ia fazer outra psicanálise, eu só estava demorando a começar.

Pergunta 03

Entrevistador: **A terapia alternativa criada pela AEP, a chamada Pneumapsicanálise que envolve terapia clássica e ensinamentos de Jesus Cristo está presente nos conteúdos programáticos e apostilas do curso. A partir de sua experiência educacional na AEP, o que você entende por pneumapsicanálise?**

Samuel: Bom, como já tinha falado. A pneumapsicanálise era o que faltava, as pessoas religiosas ou não, elas carregam em si um entendimento sobre a existência de Deus, elas tem necessidade, qualquer pessoa tem necessidade de se relacionar com o divino, com o sobrenatural e isso não depende de religião, isso é independente de religião, as pessoas normalmente, então essas pessoas não sabem como linkar suas emoções, necessidades e desejos com esse sobrenatural. Mas a pneumapsicanálise, ela pode te ajudar a fazer esse encontro com esse desejo natural do ser humano de ser ligar. E se o paciente estiver abertura para ação do pneuma, o resgate de suas feridas serão mais rápidos e eficazes. Por exemplo, nesse meio aqui do contato do sobrenatural com o divino, você encontra até mesmo, no nosso linguajar, crentes convertidos a Jesus Cristo, tem Jesus Cristo como senhor e salvador, mas continuam carregando sobre si fardos pesados e culpas que não deveriam carregar, um peso que se ela vivesse o evangelho puro e simplesmente como a bíblia ensina em abundância, elas ficariam livres desses pesos, compreenderiam. Só que o ser humano não tem essa capacidade de entender isso, então os crentes também precisam passar por terapia, não que o evangelho não dá conta é porque a pessoa não se entrega totalmente ao evangelho, é diferente.

Entrevistador: Qual a principal diferença entre a psicanálise clássica e a pneumapsicanálise?

Samuel: É eu gostei muito, me chamou a atenção a existência do terceiro insight na pneumapsicanálise, que é a presença do ES que ajuda muito no fechamento da análise do paciente, então esse 3º insight que a psicanálise comum não leva em conta, digamos assim há uma vantagem como a pneumapsicanálise atua, inclusive eu defendo a ideia de que a pneumapsicanálise deveria ser incluída na grade das escolas clássica, não precisa tirar nada do que tem lá, mas pode acrescentar a pneumapsicanálise.

Entrevistador: Acomodar essa terapia dentro da psicanálise?

Samuel: Inserir.

Entrevistador: como o caso de Melanie Klein que teve sua técnica incluída no escopo da psicanálise clássica.

Samuel: Essas inclusões foram feitas a partir de práticas, é ciência na verdade, experiências de Melanie Klein, da mesma forma eu acredito que a pessoa que incluiu a pneumapsicanálise, que nós conhecemos, cara muito inteligente, foi uma constatação a partir, ele já era psicanalista antigo, psiquiatra, psicanalista antigo e constatou que poderia haver um acréscimo precioso que gerou a escola da AEP e a inclusão da pneumapsicanálise.

Entrevistador: A questão do terceiro insight, sobre essa técnica temos algum artigo a respeito, alguém já fez relato clínico sobre a técnica?

Samuel: Vi comentários breves, não vi artigos. Comentários em sala de aula e eu vi em minha experiência clínica. Interessante que, eu imaginava que teria poucos pacientes por causa disso, mas pelo contrário, a constatação de que o meio evangélico precisa passar por terapia, como já te expliquei antes que não é por insuficiência do evangelho, mas por impossibilidade da pessoa alcançar essa suficiência do evangelho. Mas como te falei, o terapeuta que usa a pneumapsicanálise, ele usa digamos entre aspas uma ferramenta a mais, eu creio que uma dificuldade que a psicanálise clássica possa ter é nessa crença no Espírito Santo que não é para todos, nem todos tem essa crença. Mas aqueles que conhecem sabem do benefício na prática da clínica.

Entrevistador: O que significa o Espírito Santo no conteúdo ensinado na AEP?

Samuel: Pois é, a gente não fala do Espírito Santo na terapia, a gente pratica a terapia, o insight do ES ele acontece, o analista /profissional que conhece, ele consegue alcançar os insights, sabe que é uma ação do ES, mas ele não fala isso para o paciente, o paciente não precisa saber disso, aliás não deve saber disso, principalmente, quando o paciente não é cristão, ele pode não entender e pode comprometer o espírito da psicanálise. Por exemplo, estou com um paciente atualmente, ele precisa demais, urgentemente de Deus, de crer em Jesus Cristo, mas eu não posso dizer isso para ele na clínica, eu tenho que deixar ele dar uma oportunidade ou conduzir uma conversa para um caminho que ele se abra com essa relação com Deus, por que ele não fala em Deus, a relação dele é totalmente mística com outra religião, outra coisa assim (desdém). Então, ele principalmente com relação ao Espírito Santo ele não vai entender, então eu não posso falar para o paciente, isso é ético, eu não posso falar. Se ele dá abertura, aí assim a gente aproveita a abertura que deu e mergulha nas experiências bíblicas, por exemplo, você pode muito bem falar com um não-cristão a oração do pai nosso que todo mundo conhece, praticamente universal que tem os ensinamentos morais muito interessantes e são de fundo espiritual, sem dizer, sem se falar em religião ou coisa do tipo.

Pergunta 04

Entrevistador: Do conteúdo ensinado pela AEP, o que você utiliza ou pretende utilizar na sua prática como psicanalista?

Samuel: O conteúdo ele é um balizador, um norteador do que a gente precisa praticar, aliás em toda escola isso, né? Aí, a gente vai selecionar o que pode colocar em prática, as apostilas, os vídeos e as próprias aulas foram todas revistas e atualizadas pela AEP, agora recentemente, poucos anos atrás. Um conteúdo bom, não fica devendo nada para as demais escolas. Então a gente pode sim, aplicar tudo que a gente viu lá, no setting psicanalítico e eu os aplico.

Entrevistador: Qual técnica você aprendeu na AEP e que utiliza nas suas sessões?

Samuel: uma técnica que uso lá e gosto de dizer que uso, é o mapa da psique, um dos módulos, era módulo 15 se não me engano, tem uma apostila específica sobre o mapa da psique, que ele te dá uma, você bota a pessoa para fazer sem ela saber de nada, sem falar nada, dando apenas direcionamentos para ela, ela vai manifestar uma coisa inconsciente. Ela vai colocar naquele mapa, no papel coisas inconscientes, a gente não fala nada, nem informação nenhuma. Mas por ali, você vendo o mapa, você consegue identificar quem da família ou dos amigos, quem é que está se relacionando mais perto com o paciente. Quem é aquele que ela inconscientemente joga pra cima, joga pra Deus, bota lá distante. E a gente observa também quando a pessoa deixa muitos espaços vazios, quando está tipo sem esperança no futuro, então a parte do futuro fica vazia no mapa. Então uma técnica interessante, que aprendi lá e gostei. Mas eu não sei te afirmar se ela é só da pneumapsicanálise, eu creio que é da psicanálise com um todo. A pneuma enriquece a análise. Então, quando a pessoa, tem gente que logo de cara dá abertura sobre a religião dela, sobre a crença em Deus, então é mais fácil da gente trabalhar jogando a pneumapsicanálise em cima que facilita muito alcançar os resultados desejados, então, é, mas mesmo assim com paciente que te referir a pouco que não posso falar de religião sobre ele, ele responde o mapa também, a prática é a mesma, você constata as mesmas facilidades, dificuldades, proximidades e etc.

Pergunta 05

Entrevistador: Como você justificaria sua formação na AEP diante de um paciente, cliente ou profissional de saúde mental que critica sua formação por ter sido realizada em uma escola psicanalítica evangélica?

Samuel: Olha, justificar é fácil, porque a gente não precisa justificar, não tem necessidade de justificar, mas se um paciente pergunta, é lógico que a gente pode responder, deve responder, não deve deixar o paciente sem resposta. Isso, o propósito da pergunta, nunca aconteceu a partir de um paciente, quando eu recebo os pacientes eles já vem tranquilo, é um ou outro que começa informação do zero, geralmente vem encaminhado por outros que já fizeram com a gente. Então é um ou outro paciente que começa tudo do zero, explicar todo, o que vou fazer, o que é psicanálise tem que explicar do zero. Então, essa questão colocada nunca veio para mim a partir de um paciente, mas eu posso perceber, eu percebi claramente que vem, essa, digamos, não é bem uma crítica, mas uma oposição velada, não revelada, é oculta por parte do sindicato, eu vi uma certa dificuldade para o sindicato aceitar formados na AEP, o sindicato dos psicanalistas do ES. Por que (gaguejou) na prática eu acho que eles também não aceitam muito a pneumapsicanálise, a pneumapsicanálise não é aceita por todos, justamente pelo que a gente já vem conversando, mas quem sabe, quem conhece, aproveita e é ótimo.

Entrevistador: Qual a resistência que você percebe por parte do sindicato?

Samuel: veja bem eu fui filiado ao sindicato, pra mim eu ainda sou (risos), porque lá atrás, uns anos lá atrás eles queriam ter bastante associados e em congressos que nós fomos e tal, eles pediram: vamos associar, preenche a ficha aqui. Fizemos até filiação, paguei algumas anuidades lá, mas chegou a um ponto que houve uma ligeira mudança lá de diretoria e tal, e é lógico eles não falaram nada expressamente sobre isso, essa fala minha, mas eles fazem uma resistência velada ou escondida, eles não falam nada, mas fazem umas exigências que não tem muito sentindo, por exemplo, eles querem que a gente passe por uma série de sessões analíticas pessoais novamente, sendo que nós já cursamos, já fizemos lá na AEP nossas sessões e eles querem mais um número maior de sessões, de horas. Então, é uma coisa assim, eles pedem uma série de documentação que nem a prefeitura que libera a licença pra gente, o alvará da sala

quando eu fiz para liberar minha sala para atender, fez tantas exigências como esse sindicato fez.

Entrevistador: Essa resistência é causada por qual motivo?

Samuel: eu falo pela minha percepção, pessoal, repito isso. É, eu acho que eles olham com um pouco de desmerecimento a AEP, por ser uma associação evangélica, embora usufruam, chamam, convidam e peçam para o diretor da AEP para fazer todo tipo de palestra, porque ele é um cara fantástico, cientista, conhecedor profundo, experiente, eles usufruem da pessoa do diretor da AEP, mas não tem consideração, ou isso não vale nada para os alunos da AEP se sindicalizarem.

Entrevistador: Não tem o reconhecimento do sindicato?

Samuel: exatamente. Eu acho que eles fazem exigência para todos que são da AEP ou eles facilitam para quem estuda na escola freudiana que funciona no ligado ao sindicato, não está mais porque separou a sede. Agora, por fim, eu me desgastei tanto com a vontade de continuar sindicalizado, porque eu já era e eles me negando. Como eles me negaram? Chegaram a receber a anuidade minha e não me entregaram a carteirinha, eles falavam: vou mandar a carteirinha. Nunca vinha, vou mandar, nunca vinha. Fui buscar, não tinha, não estava lá, tinha de todo mundo, a minha não estava lá, então observei uma certa resistência, não falaram nada em momento algum. Eles não pediram o histórico, eles tem uma proximidade com a AEP, tem conhecimento profundo da grade curricular. Não tenho conhecimento de que eles criticaram a grade. Eu acredito que seja conversa de pé de ouvido, mas por isso que estou falando que é minha percepção. Ninguém nunca falou nada, nunca foi formalizado. E eu percebi que o sindicato não tá fazendo falta nenhuma (risada alta).

Entrevistador: Gostaria de acrescentar algo a sua fala?

Samuel: O que justifica a inserção da pneumapsicanálise é que o fato de ser o Espírito Santo, ele possibilita melhor obtenção de insights duram o setting psicanalítico, isso é inquestionável!

Entrevistador: É um produto exclusivo da AEP?

Samuel: até onde eu conheço é.

Entrevistador: Em todos os módulos se fala sobre a pneumapsicanálise?

Samuel: Em todo tempo se fala disso, desde o primeiro módulo, a escola é apresentada, ela tem inclusive no nome Escola Psicanalítica Paulina que é do apóstolo Paulo que manifesta esses insights, registros bíblicos que mostram insights né, então eu creio que essa similaridade foi exemplo e motivação para trazer a pneumapsicanálise.

Entrevistador: O que a bíblia representa para o curso? Qual o papel da bíblia no curso da AEP? Está condicionado?

Samuel: para falar isso, eu não posso falar em nome da AEP. A bíblia está presente em todo tempo, a bíblia é essencial, você vai usar a pneumapsicanálise, a bíblia é essencial. Então, achei assim uma criação muito inteligente da AEP como escola paulina e insere a pneumapsicanálise, achei inteligente demais e muito próprio para mim pessoalmente, a identificação foi total, por que eu já tinha esse interesse, já tinha esse objetivo, e encontrei a escola certa. Nunca pensei que eu fosse ler livro de Freud e Lacan que é uma leitura mais difícil, eu li praticamente toda a coleção de Freud que minha esposa ganhou. Depois que eu estudei, que eu fiz o curso eu tive amor pela psicanálise pelo pensamento de Freud, era outro cara fantástico. Uma coisa interessante que acho que vale a pena a gente ressaltar é quando eu falei que as demais escolas deveriam inserir na grade a pneumapsicanálise, porque... me fugiu o pensamento, (silêncio). É, a grade da AEP é até muito grande, eu achei, muito extensa, eu não sei, eu nunca estudei em outra escola de psicanálise, mas acredito que seja mais ou menos isso, dois anos, dois anos, dois anos e meio, eu achei uma grade extensa. A pneumapsicanálise é inserida ali também, mas não é uma coisa assim, que ocupa a maior parte do tempo da escola, a gente observa que ela está presente durante o curso todo, mas ela não é uma escola diferente, por exemplo na minha turma tinha um cara que eu reconheci, um colega que nós fizemos, estudamos na mesma faculdade de direito eu fiquei até surpreso, ele era católico e estava fazendo o curso na AEP. Eu constatei com a presença de um colega que estudou comigo na faculdade de direito e sei que ele era católico e perguntei a ele para confirmar. Ele continua sendo católico. Não vejo problema nenhum nisso tá. Eu acho que tem que ter mesmo.

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ESTER | 1º FASE DE
ENTREVISTAS: ENTREVISTAS NARRATIVAS

Data: 27/01/2023

Entrevistada: Ester

Local: remoto via aplicativo Zoom

Pergunta 01

Entrevistador: O que te levou a realizar o curso de psicanálise clínica na AEP?

Ester: É a primeira, o primeiro contato que eu tive com o termo psicanálise, então eu não me interessei por pensar que estava restrita só a teoria freudiana, né? Então assim, eu posso assim classificar como um preconceito, eu tinha um conceito negativo, um preconceito formado em relação a psicanálise. Em um aconselhamento a uma amiga, nesse aconselhamento que eu transmiti para ela, que ela me pediu a opinião, e na verdade quando eu vi eu estava a meia hora conversando com ela, então, assim, a gente fez um mapa do histórico do marido dela na expectativa que ele teria nessa fase da vida, mais de 35 anos de casados eles eram, qual seria a expectativa de alguém que saiu de casa aos 18 anos e deu o melhor padrão que uma família poderia almejar, né? Ele deu para essa família que ele constitui o maior padrão, e agora mãe dele estava em uma fase bem avançada, bem idosa. Então, eu fiz assim um mapa, e ela conseguiu se colocar no lugar da mãe dele e no final ela conseguiu avaliar o sentimento dele atual, porque ela não queria receber a sogra, e o qual o sentimento dele em relação aos filhos que não queriam receber a esposa e o que aconteceria depois da morte dessa senhora. Então, assim, ela teve vários insights e ela ficou assim maravilhada e ela falou assim: Por que você não faz psicanálise? Eu falei assim: Eu não concordo é muito longe da minha consciência teológica, muito longe da minha experiência espiritual, então assim, eu não vou entrar em uma área em que eu não concordo, então não tenho interesse. Aí ela me apresentou a AEP. Ela falou: então, existe uma associação de psicanalistas cristãos. E já veio outro preconceito, eu falei assim: Mas como que o grupo cristão evangélico vai tratar de uma área, em que vai usar ferramentas de uma ciência que a gente não concorda. Então, assim, eu questionei, não cheguei a falar com ela, mas eu questionei a mim mesmo: Será que tem realmente qualidade esse curso? Eu só questionei comigo mesmo e ela falou assim: Você não precisa de se preocupar, não são pessoas leigas, são médicos. Aí ela apresentou o doutor (cita nome de um homem), eu falei: Médico, psiquiatra, o cara sabe do que ele está falando, né? Então, quando a gente começou, fiquei deslumbrada, comecei a pesquisar mais a fundo e hoje eu tenho vários outros cursos, eu compro muitos pacotes de cursos extras, tem alguns psiquiatras que escreveram best sellers e eu procuro sempre está interagindo com esse conhecimento, essa novidade da área da neurociência, pretendo fazer uma pós em neurociência ou terapia cognitiva comportamental, não tenho interesse em fazer psicologia, mas eu tenho interesse em fazer uma pós em terapia cognitiva comportamental. Então, o fato determinante para eu ter entrado na AEP foi esse ponto comum, que é a crença do efeito da palavra, dentro dos meus princípios cristão e a competência de quem estava dando as aulas, no caso a competência do corpo docente.

Pergunta 02

Entrevistador: Qual a diferença entre pensar a psicanálise antes de ingressar na AEP e depois?

Ester: Antes da AEP, eu tinha uma visão totalmente contaminada pelo senso comum, que a teoria freudiana tudo está baseado, todo construído, está baseado na sexualidade, mas dentro

dessa visão de sexualidade do senso comum. Então, assim, eu tinha essa visão de um nicho só, não, o Freud trata-se de uma pessoa que viveu dentro do seu tempo que deve ter acertado alguma coisa, mas eu não procurava saber o quê, e para mim é um pervertido. Então, eu tinha essa visão de que todo nicho da psicanálise, tudo relacionado as teorias freudianas elas eram comprometedoras a nível da fé cristã, elas eram confusas, eram tipo de ciência e de saber que só daria certo para uma determinada classe social e era essa visão que eu tinha, ou seja, uma visão totalmente a versa a psicanálise. Depois da AEP, quando eu comecei, nas primeiras matérias, quando eu comecei a perceber que a ciência não deve ser rejeitada, porque a ciência é uma comprovação da ciência bíblica. O que os homens fazem com um conhecimento que eles adquirem é que traz essa confusa e gera esse tipo de visão do senso comum de que tudo não presta. Então, quando foi me apresentado as primeiras matérias, principalmente sobre a estrutura psíquica, sobre a topografia freudiana, eu comecei a experimentar na minha vida. Eu fui com a essa convicção: Se der certo comigo, eu acredito e levo isso pra minha vida, levo isso para as pessoas, e quem sabe um dia eu possa atender, eu não fui no intuito de trabalhar na área da psicanálise, eu falei: Se der certo comigo, hum! E assim eu fiquei perplexa, porque cada aula me abria um horizonte de curiosidades e eu fui pesquisando, acessando a teóricos, fui abrindo esse desejo de procurar conhecimento extra pós AEP, especialização nesses problemas mais contemporâneos, na verdade esse problema atual, eu creio que maior mal do século é a ansiedade, né? Eu comecei a ter muita curiosidade sobre os escritos de Augusto Cure, Ana Beatriz Barbosa, eu maratono todos os cursos dela, creio que só falta o último, e falta o último livro para eu comprar, então eu tenho todos os livros, todos os vídeos, só não todos os podcats porque não tenho tido tempo. Mas a doutora Ana Beatriz é uma pós ambulante e ela está cumprindo, como ela mesmo diz, a missão dela aqui na Terra e transmitir esse conhecimento. Esse conhecimento era só para quem tinha condição de pagar uma consulta de 2.500 reais, 3000 reais, era inacessível. Então foi um divisor de águas na minha vida.

Pergunta 03

Entrevistador: A terapia alternativa criada pela AEP, a chamada Pneumapsicanálise que envolve terapia clássica e ensinamentos de Jesus Cristo está presente nos conteúdos programáticos e apostilas do curso. A partir de sua experiência educacional na AEP, o que você entende por pneumapsicanálise?

Ester: O que eu entendo, né? No conteúdo proposta da AEP que eu absorvi, apliquei na minha vida e aplico e sei que dá certo é uma teoria comprovada e dá certo. A teoria pneumapsicanalítica da AEP é uma visão que ela vai um pouco além da psicanálise tradicional. No conceito freudiano o indivíduo analisando ele consegue o setting analítico em duas esferas que seria, o primeiro insights, a nível de insights, existe um primeiro insight que é do analista e o segundo que é do analisando. Então, esses insights são possíveis, ou seja, o analisando ele vai entender algumas coisas que estavam obscurecidas com insights, na tradução mais objetiva da palavra insights seria o acender das luzes, o clarear um espaço em que estava escuro. Então o que acontece, para Freud existe essa visão que o analista vai ter do analisando e vai ter a visão do analisando quando as coisas começam a fazer sentido, quando ele começa a enxergar, entender as suas nuances, quando ele começa a entrar mesmo no processo de análise. Então, para a teoria freudiana são dois, a AEP aí que está o fator de destaque da AEP é que eles creem no terceiro insights, e as vezes pode ser que surja um quarto insights, eu prefiro basear nesses três insights: do analista, do analisando, só que a AEP crer que existe um terceiro insights que é um clarear, é uma revelação do Espírito de Deus, para que isso aconteça não está no universo dos dons espirituais que são algumas doutrinas que se divergem, há interpretações teológicas que se divergem em relação aos dons espirituais, não é nesse nível de dons espirituais. Na verdade quando a AEP defende esse terceiro insight, ela está falando, ela está afirmando que o

homem possui em si mesmo a condição de transcender, que seria a espiritualidade, então você não tem só mente e corpo, você tem o espírito e você consegue transcender. Quando você tem a palavra, o Espírito Santo de Deus ele revela ao teu espírito a veracidade, o poder da profundidade daquela palavra lida, aí são n textos que a gente pode comprovar, por exemplo, a palavra de Deus é mais penetrante que espada alguma de dois gumes ela é apta para discernir pensamento e intenção do coração, então baseado em textos como esse e muitos outros, a gente sabe o efeito que tem essa palavra, vou dar um exemplo: se você pega um cliente para você tratar em relação, um cliente que vem com um problema de dependência química, você começa a trabalhar esse cliente, às vezes ele está em tratamento farmacológico ou não, você orienta porque se tiver ali indícios de uma psicose, de um transtorno, nós temos essa consciência que não podemos tratar, é com o psiquiatra. Então, quando você vem trabalhar essa pessoa na área da reprogramação neurolinguística, que a AEP classifica como PNLB, programação neurolinguística bíblica vão criar novas sinapses através de novos hábitos que vão gerar hábitos diferentes que vão gerar costumes que vai determinar padrão de comportamento e chega a uma personalidade transformada, a gente crer nesse poder de transformação da palavra, e geralmente a maioria das pessoas que nos procuram sempre são pessoas que professam a fé cristã, mais existem pessoas que não tem vínculo nenhum com igreja, mas crê que existe Deus, eu nunca tive a experiência de pegar um ateu, eu creio que um ateu não viria, a menos se fosse para tentar me testar, se vier, eis me aqui, vamos utilizar as ferramentas que a gente tem. Mas não é nessa visão quando a gente olha para essa visão do neuropsicoterapia não é uma visão dogmática, não é uma visão constitucional, não é segundo a confissão de fé de determinada denominação cristã, não, a gente procura deixar essa área neutra, livre, às vezes até pessoas que não tem vínculo nenhum e por incrível que pareça são os clientes que tem maior resultado, quem não tem vínculo com igrejas, é incrível, alguns clientes são o que tem mais resultados. Então, a pneumapsicanálise tem esse diferencial, ela crer que existe sim o ser humano, o ser humano é tricotômico: espírito, alma e corpo e que no processo analítico é possível alcançar o primeiro insight, se o analista vê que ele não tem condição, ele precisa passar para o outro profissional, ser ético o suficiente para dizer: eu não consigo, essa demanda eu não dou conta; do cliente e do espírito, a intervenção do espírito no espírito do cliente, claro que o analista está ali para ajudar, não para resolver, mas para mostrar o caminho de solução para o seu cliente, então a AEP também crê e eu também assim trabalho crer na possibilidade de alguns caos ter interferência de ordem maligna, cada um vai, por isso que eu falo a gente não pode colocar no nicho da denominação, a gente vai no contexto da palavra, por que se a gente for no nicho das denominações, há denominações mais tradicionais que não creem que existe interferência maligna em alguma conduta humana, então a gente procura não misturar, até para não confundir o cliente, então a AEP tem essa, seria essa diferença básica da psicanálise tradicional, que no caso a original que é a de Freud, mas só que a AEP traz muito conteúdo não só de Freud, mas de Melanie Klein, Winnicott. Agora eu estou mergulhando na logoterapia, estou fazendo esse curso, a busca do sentido da vida, excelente, até indico alguns livros do Victor Frank, é assim creio que é a ferramenta que eu precisava, então agora estou mergulhando nessa área que é a busca do sentido da vida, porque a visão de Victor Frank ela acreditava que existe um corpo, existe uma mente, mas também existe no cérebro humano, aqui na estrutura humana a condição de transcender, ou seja, ele viu o que a neurociência está comprovando desde 2011, existe uma parte do ser humano que ele consegue transcender, se desligar.

Entrevistador: Esse autor dialoga com a pneumapsicanálise da AEP.

Ester: O Victor Franquel ele foi um homem além do tempo, estava bem a frente do tempo em que ele viveu, morreu há pouco tempo, mas quando ele começou, ele foi contemporâneo de Freud, e Freud concordou com muita coisa que ele fez, então a visão dele é o seguinte: o ser humano não é só trauma, dentro do ser humano não existe só ... essa.... A visão psicanalítica é

ela boa, mas tem como agregar amis alguma coisa, o homem tem como superar qualquer evento na sua vida, se ter ideia ele é um médico... em campo de concentração, ele foi vítima, então ele sofreu em campo de concentração nazista, e como superar vendo centenas de pessoas morrendo por dia, amigos, pessoas que estavam junto com ele se matando, e ele conseguia equilibrar a mente pra ele não absorver e livrar centenas de pessoas do suicídio, suicídio, então ele já tinha a teoria da logoterapia e ele aplicou na vida dele e ele viu que deu certo, tanto que ele viveu muitos anos mais de 80 anos e tem um legado excelente, só que ele não linka essa área da espiritualidade a nível religioso, ele não linka, ele era um judeu praticante do judaísmo, mas observe bem ele conseguiu alcançar esse equilíbrio, ele comprovou na vida dele a prática da teoria dele, e ele não desvinculou da religião de base, a religião dele era judaica.

Entrevistador: Falando de vínculo, a pneumapsicanálise há um vínculo com a religião.

Ester: da AEP eu creio que sim, não a nível dogmático institucional, mas a fé cristã em si para mim é o grande diferencial da AEP, tanto que a pneumapsicanálise é uma teoria que trata a base, que trata a partir da base que é a da palavra, eu creio que o porquê da AEP existir seria esse o ponto.

Pergunta 04

Entrevistador: Do conteúdo ensinado pela AEP, o que você utiliza ou pretende utilizar na sua prática como psicanalista?

Ester: Nas palestras a gente usa, procura usar mais o conhecimento no âmbito geral da psicologia, a gente pega muita coisa da neurociência, porque as palestras elas são teológicas aí a gente agrega algumas pesquisas no geral. Mas assim, a nível de atendimento a estrutura de análise deles eu cumpro à risca. Todas as etapas, só que nas, só que em cada etapa das sessões eu sempre procuro agregar outros conteúdos que é esse que a gente vai adquirindo ao longo do tempo. Mas a gente segue, né, principalmente esse que é o módulo 6 (mostra a apostila quando fala), é estrutura de análise, a gente segue isso aqui.

Entrevistador: Teria alguma técnica que você aprendeu nas aulas da AEP, que você utiliza ou já utilizou?

Ester: o mapa da psique, a gente sempre usa. O histórico familiar, a AEP tem uma estrutura, não seria como a terapia sistemática, perdão, não seria como a terapia sistêmica, não seria essa, sistêmica familiar, que alguns também aderem como constelação familiar, não nesse âmbito, né? Nós também nos aprofundamos um pouco sobre a teoria de Berth Hering, mas em algumas coisas divergem em pontos assim que não dá pra gente, então a gente não usa, não tem essa visão da constelação, mas a AEP tem essa visão do inconsciente coletivo, que é a técnica, teoria do Jung desse sistema, inconsciente coletivo e inconsciente familiar, então eu gosto de montar a partir dessas bases, o inconsciente familiar então a gente vai buscar o genograma, começa a montar, principalmente nas primeiras sessões, identificando quais são os gatilhos de base, e depois a gente passa para o inconsciente social, em caso de pessoas que cresceram em alguma denominação, a gente precisa também de uma pesquisa sobre a dons doutrinários daquela própria denominação para entender às vezes alguma demanda, algum conflito que às vezes a pessoa está ancorada por causa do sistema, do inconsciente coletivo também religioso, tá compreendendo? Por isso, a necessidade assim de procurar o campo de neutralidade, assim sempre, sempre buscando a neutralidade, não tumultuando muito a agenda, para ainda que sejam poucas as pessoas, mas que seja com qualidade por que o inconsciente coletivo, ele fala e fala muito, muito mesmo. Então eu uso muito o genograma a nível coletivo, tanto familiar quanto social e religioso, eu utilizo também o mapa da psique e... a base é isso aí. As minhas

perguntas em si, às vezes não segue o mesmo cronograma da AEP, mas sempre a gente vai buscar em histórico social, escolar, aquela coisa prática de sempre.

Pergunta 05

Entrevistador: Como você justificaria sua formação na AEP diante de um paciente, cliente ou profissional de saúde mental que critica sua formação por ter sido realizada em uma escola psicanalítica evangélica?

Ester: Depois de uma crítica, teria que ver qual o ponto de vista da pessoa. E depois explicaria qual é a proposta, porque a proposta da AEP não é desconstruir a psiquiatria, não é desconstruir a psicologia, é uma ciência, é (gaguejou) uma teoria, é uma ciência que pode agregar valores a essas ciências acadêmicas que são a psiquiatria né? um psiquiatra é um médico! Então assim, eu entraria em um diálogo como esse, eu entraria em primeira instância reconhecendo o valor da psiquiatria, o valor da psicologia, apresentaria o valor da psicanálise, por que se fosse tão descartável não seria estudada em todas as graduações da área de comportamento humano, Freud é lido em várias áreas da ciência, em várias ciências, não é verdade? Então não seria tão descartável. E a AEP em si não seria descartável, porque? Principalmente aqui no Brasil, a maioria da população é cristã. Então, o inconsciente, a matriz religiosa do Brasil ela tem essa influência sim do cristianismo, então não teria como descartar. Então, eu levaria para esse argumento, reconheceria o valor e explicaria qual é a proposta, porque todo curso que eu fiz, eu não vi partindo de nenhum dos professores essa ideia de combater.. (sala de entrevista finalizou). Retomando a entrevista. É normal eles perguntarem assim, nos procurarem com uma visão de que a gente vai passar medicação, que a gente vai dar atestado, então eles confundem muito, então eu explica qual a função do psiquiatra, do psicólogo e qual é a nossa demanda, qual é a nossa área e explico para o cliente antes, na primeira abordagem, as vezes até no contato, na marcação a gente já explica que não somos médicos, não somos psicólogos, psicólogo vai tratar assim, assim, o médico vai tratar assim, assim e a gente explica para o cliente. Em caso, se eu fosse questionada, até hoje eu não fui, mas se eu fosse questionada por qualquer um outro profissional da área da saúde mental como psiquiatra, como psicólogo, sobre essa nossa formação, sobre essa nossa atuação na área terapêutica que é da escola AEP, eu justificaria da seguinte forma: explicaria, daria o meu parecer acerca do que eu acho da área da psicologia, da psiquiatria, dando o devido valor e respeito, porque é muito do conteúdo que a gente usa a gente pega da psicologia, os que eu sigo, a maioria dos cursos que eu faço e os profissionais que eu sigo são psiquiatras, mas são psiquiatras que conseguem transmitir uma mensagem que toca o humano, eles tem uma visão humanista da coisa, então eu tenho afinidades com esses profissionais que tem visão do ser humano como um todo, né? não como um bicho, um objeto, a área da saúde mental se não for humanizado o atendimento, perde-se muito a qualidade. Então eu explicaria, daria o devido louvor, o meu reconhecimento, explicaria, defenderia entre aspas algumas questões referentes a Freud, então Freud não foi um teórico do nada, ele era um médico. Então, assim explicaria pelo menos a grosso modo a contribuição de Freud para todas essas teorias que vieram depois dele, ele é conhecido como a mente do século XX. Então, não é uma pessoa que não sabia do que estava falando e explicaria qual a proposta da AEP, apresentando é claro, o currículo dos professores, né? Do diretor. Apresentaria o currículo deles, porque eles tem condição de ensinar, e a proposta da AEP é levantar um grupo de pessoas treinadas para trabalhar nessa área de saúde mental, da pneumapsicoterapia, mas sem essa visão de fanatismo, não é uma coisa ilógica, irreal, tem fundamento, os diretores, a começar pelo (cita nome do doutor) é um médico, então nem tem o porquê de ter esse ranço, né? A gente sabe que existe hoje várias escolas de psicanálise, várias pessoas que não tem nem ideia do que é um processo mental e às vezes desenvolve qualquer curso de coaching e vão desenvolver. Eu sei que hoje, hoje a demanda é muito grande então tá

se procurando, muitas pessoas estão procurando essas formações da área do conhecimento humano, e é até bom que se questione o profissional, então assim eu teria tranquilidade em explicar, se a pessoa continuasse com a sua visão, é um direito dela, se é um direito dela ela não vai me procurar, não vai procurar outro associado da AEP, então vida que segue, agora quem nos procura vê em nós uma segurança, uma confiança que aquela determinada demanda há uma capacidade para resolver, no caso consciente de que não há capacidade, a primeira coisa que a gente faz, você tem que procurar um psiquiatra, um médico, você tem que fazer um tratamento a nível de terapia cognitiva comportamental, você tem que procurar um psicólogo, então assim, isso aqui diz que pode ser um transtorno, eu não posso ter dar diagnóstico, então você tem que procurar um psicólogo. Então, creio que o fator principal seria a consciência, a consciência.

Entrevistador: O fato de você informar que é evangélica impacta na reputação de sua atuação como psicanalista?

Ester: até hoje não tive, mas eu sei que algumas pessoas não vão querer justamente por ser evangélica, algumas pessoas evangélicas não procuram evangélicos, porque a pessoa já vem com aquela visão de que o atendimento, é uma atendimento que vai, que seria um gabinete pastoral, não seria uma terapia em si. Então, as pessoas já vem com preconceito de um julgamento, então não teria liberdade, a análise seria inviável, se não há confiança, se não há essa empatia, se não há essa troca, se não há afinidade, não tem como. Às vezes é muito comum você atender uma mãe e ela quer pegar uma penca de filhos e trazer, porque você é... não adianta, não tem como, cada ser humano vive a sua própria dor, tem sua própria história, então assim, são coisas assim que confundem, falou que é psi todo mundo quer, acha que é tudo igual, não é, eu creio que cabe a nós deixar bem explicadinho até por princípio ético.

APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM DANIEL | 1º FASE DE
ENTREVISTAS: ENTREVISTAS NARRATIVAS

Data: 15/02/2023

Entrevistada: Daniel

Local: remoto via aplicativo Zoom

Pergunta 01

Entrevistador: O que te levou a realizar o curso de psicanálise clínica na AEP?

Daniel: O principal motivo é que na época eu já fazia teologia e conhecia um dos professores da AEP e ao conhece-lo por alguns fatores que eu já estava trabalhando, ele juntamente com o diretor da AEP (cita nome) já trabalha e estudava desenvolvimento humano, mas até então não tinha uma formação terapêutica. Eles me chamaram, eu achei interessante e fui conhecer essa escola, um pouco diferente, não tinha uma ideia clara do que era psicanálise na verdade. Eu fui para conhecer, foi meu primeiro contato, assim, entre aspas a gente vê muitas frases, mas não tem contato de fato. Então como eu fui chamado na época, então eu aceitei e fui conhecer a escola.

Pergunta 02

Entrevistador: Qual a diferença entre pensar a psicanálise antes de ingressar na AEP e depois?

Daniel: Eu tinha uma ideia, antes da AEP, quer dizer na AEP, quando começamos a estudar, a gente tem uma ideia que a psicanálise é aquilo ali né? que é uma junção daquilo que Freud criou, que é a cura pela fala, estudo da mente humana, da psique com a junção da bíblia, da pneumapsicanálise. Eu tinha uma ideia que a psicanálise se resumia primeiramente a Freud e depois a Bíblia. Depois, ao adentrar o mestrado, a fazer doutorado, eu vi que realmente a psicanálise expande muito mais que isso. Inclusive que tinham por exemplo, dentro da AEP tem matérias que você vê Lacan falando “lá na frente”, Jung falando “lá na frente” então é quando você vai estudar a psicanálise depois, pós AEP, você vê que ela é mais complexa, muito mais rica, e muito mais completa do que aquilo que a AEP passa, não que a AEP seja ruim, mas, é, querendo ou não, eles, pelo embasamento bíblico eu senti que eles freavam alguns conteúdos. Posso dar exemplos, bissexualidade, todos os livros de psicanálise falam sobre isso, e dentro da AEP a gente nunca ouvi falar sobre isso, e se falou foi muito superficialmente, nada muito profundo. E quando você vai pro mestrado, doutorado, e você tem que escrever sobre isso, precisei pegar novos livros, a coleção que você está vendo (estante de livros atrás do participantes) de Freud e a coleção, materiais do mestrado e doutorado, então você vê que a complexidade é mais embaixo, o negócio é mais complexo do que aquilo que eu pensava.

Pergunta 03

Entrevistador: A terapia alternativa criada pela AEP, a chamada Pneumapsicanálise que envolve terapia clássica e ensinamentos de Jesus Cristo está presente nos conteúdos programáticos e apostilas do curso. A partir de sua experiência educacional na AEP, o que você entende por pneumapsicanálise?

Daniel: Pneuma é o espírito né, é o Espírito Santo. É a cura pela palavra, ou a cura pelo espírito, pelo Espírito Santo, bíblicamente falando e de uma maneira evangélica mesmo, evangélica cristã protestante que é aquilo que a AEP passa e é claro que eles colocam o controle do Ego, eles colocam essa pneumapsicanálise, o Espírito Santo ali no Superego como controle do EGO, então é uma maneira de exercer a cura ou a transformação do paciente pela elaboração,

diretamente pela palavra de Deus, então a cura pela palavra, a cura pelo Espírito Santo, a cura por esses dons do espírito que a bíblia descreve, uso cristão, o protestante principalmente né? Que é a base da AEP que é evangélica, por isso eu estou falando dessa forma tão... Então pneuma é o espírito, a cura pelo espírito, além da matéria de Freud, além de todo conteúdo, eles usam ainda o Espírito Santo para curar o paciente, para entre aspas, o paciente ter uma melhora que na visão da AEP, da escola isso torna a psicanálise mais eficaz, na visão da escola.

Entrevistador: O que você pensa sobre isso?

Daniel: Eu acho, no meu ponto de vista, não sou dono da razão. Depois de muito tempo formado e acumulando muitos atendimentos, eu vejo, como, sinceramente por vezes, ou maioria das vezes como atraso. Primeiro que o estado é laico, então se eu for aplicar a pneuma em uma pessoa que não acredita e que não tenha fé evangélica. A primeira questão é a seguinte, Freud, ele foi um dos defensores, ele deixou bem claro que, do ponto de vista do criador da psicanálise, que foi Freud, ele não assim, no meu ponto de vista ele deixou bem separado, religião lá e aqui é psicanálise, ele não misturava as coisas, é bem claro, no mal estar da civilização, nos principais livros que o pessoal compra que estudamos no mestrado, interpretação dos sonhos, ele descreve, declara, a religião beleza, mas fica lá religião que aqui é outra coisa, é uma ciência, então ele separou. Então, segundo ponto que eu vejo, é que nem todo mundo é evangélico, nem todo mundo acredita e tem a mesma fé que os evangélicos, então como o estado é laico eu posso ferir a crença e também gerar um constrangimento no paciente. É o que eu enxergo, é o que eu vejo, eu o que eu mais enxerguei até hoje e assim, quando você consegue separar as coisas, você tem uma eficácia muito maior no atendimento até pela percepção e não discriminação, futuramente se você entender que o paciente é evangélico e quiser aplicar algo, tudo bem. Mas assim, a princípio gera um bloqueio muito grande, gera um afastamento até muito maior, uma falta de conexão, por exemplo, eu já atendi pessoas espíritas, pessoas que não acreditavam ou que acreditavam de outra maneira... Você fala: “sou um pneumopsicanalista”, o cara fala: é um psicanalista evangélico. Ele já vem com uma resistência a terapia, assim ele vem já com duas resistências. Ao evangélico em si, que infelizmente tem o radicalismo e também a terapia que a pessoa já tem medo, hoje em dia ainda é falado que terapia é coisa para doido, infelizmente a gente lida com essas coisas ainda, o Brasil não é um país consciente ainda, que a terapia é muito mais que tratar doenças, transtornos, e a pessoa acha que ela só vai procurar quando ela estiver com algum problema, a gente sabe que não tem nada a ver com isso. Ao meu ponto de vista que é só uma vista no ponto, atrapalha bastante e afasta bastante as pessoas. Vou dar um exemplo, vou falar por que ficará em sigilo, atendi por esses dias uma menina, se eu tocasse nesse assunto ela iria embora, uma menina que era testemunha de Jeová, o testemunha de Jeová tem a crença dele, ele crê que Jesus, não crê em Jesus como Deus e nem no Espírito Santo, então se eu tocasse no assunto pneumopsicanálise é do Espírito Santo, ela sairia correndo e nunca mais voltaria em minha sala. E pelo contrário aplicamos as ferramentas e ela ficou muito bem após os atendimentos, e só depois ela foi expor a fé dela, aquilo que ela acredita, até porque para mim é indiferente.

Pergunta 04

Entrevistador: Do conteúdo ensinado pela AEP, o que você utiliza ou pretende utilizar na sua prática como psicanalista?

Daniel: Cara sinceramente, posso falar? Sendo sincero mesmo? Posso ser sincero mesmo?

Entrevistador: A ideia é que você fale o que você pensa.

Daniel: Eu vou ser bem sincero, as ferramentas que eu aplico são ferramentas por exemplo, algumas ferramentas lá que eles falam que é o BCD, CONTROL, eram ferramentas que já existiam, outras pessoas já falavam sobre elas, então assim, o que eu uso é o mais de básico, é

a escuta sem julgamento aquelas coisas mais básicas. Agora assim, ferramenta, ferramenta da AEP, sinceramente cara...bem, pouca coisa. Só o básico ali mesmo, o chiste, aquele basicão que a gente pegando ali, que a gente vai entendendo como a pessoa está, quando a pessoa tenho um ato falho. Agora ferramenta, ferramenta cara, pouquíssimas.

Entrevistador: Então você utiliza o que aprendeu lá, utiliza de algum forma. Pode-se entender assim?

Daniel: Eu uso a teoria de Freud, vamos falar assim, eu não uso a pneumapsicanálise, resumindo, nos atendimentos. Eu acredito em Deus, eu creio que sou protegido, que eu sou abençoado, tudo bem, beleza. Mas eu não aplico aquilo que eu aprendi daquela forma lá, entende?

Entrevistador Você aplica o que aprendeu em outros cursos? A AEP não foi usa única fonte de formação?

Daniel: eu tive outras formações fiz doutorado em psicanálise, fiz mestrado, o mestrado foi muito bom passou por todas as escolas, lá eu peguei muitas ferramentas diferentes. O que eu aplico muito da AEP é aquilo que é o básico, né? Reelaborar, Repetir, reelaborar, então assim aquelas coisa que Freud, na verdade é uma teoria freudiana que Lacan lá na frente veio... Eu quero deixar bem claro que é uma escola boa, mas que na minha prática clínica, estou falando na minha, as outras ferramentas e as outras formações são mais completas e eficazes, até mesmo dentro da psicanálise que eu fiz outros cursos do que aquilo que eu fiz na AEP.

Pergunta 05

Entrevistador: Como você justificaria sua formação na AEP diante de um paciente, cliente ou profissional de saúde mental que critica sua formação por ter sido realizada em uma escola psicanalítica evangélica?

Daniel: Então, eu deixaria bem claro que... todos os lugares que eu passei eu procuro reter o que é bom, aplicar aquilo que funciona e principalmente não discriminar, olhar sem julgar que é o olhar do psicanalista. Justificaria, se eu tivesse só a formação ali, eu justificaria no ponto de vista que eu também consigo trabalhar numa vertente só científica, só de Freud, se isso incomodasse muito a pessoa. Mas para outro profissional, talvez a minha justificativa fosse que eu realmente não conhecia outras escolas foi algo que me foi ofertado, e eu aceitei, e agradeço. Mas seriam essas justificativas e que eu sei diferenciar muito bem uma linha terapêutica de uma linha religiosa. Deixaria a pessoa bem à vontade, bem tranquila na primeira sessão para que ela realmente enxergasse que eu não iria misturar as coisas e ela enxergasse que eu também tenho domínio das ferramentas ou até muito mais do que aí fora. Então, assim, eu procuraria demonstrar, justificar isso mostrando competência.

Entrevistador: Já aconteceu alguma situação depois de sua formação que alguém criticou a sua formação na AEP?

Daniel: há muito tempo atrás, hoje em dia eu não falo, procuro nem escrever, nem colocar para justamente não gerar esse constrangimento para pessoa e acaba que você vai atrair um público somente evangélico, isso se atrair. Então assim, no começo quando eu falava ou quando eu dividia com alguns profissionais, as pessoas olhavam assim.... hum... Tipo aquele olhar assim: AEP, pô você? Aquele olhar discriminatório, mesmo né, da mistura. Aconteceu um fato muito interessante, tem um grupo de psicanalistas que é do brasil inteiro, eles descobriram a AEP por esses dias aqui em Vitória, tem uma psicanalista aqui em Vitória, inclusive ela atende ali perto de mim. Ela descobriu e ficou tão revoltada quando ela viu a escola, ela fez uma formação bem clássica, quando ela viu a escola ela postou no stories, ela mandou no grupo, a galera assim.... Até que chegou alguém e falou: Gente vamos respeitar a escola, entender, a gente não pode ser

extremista. Mas assim ela ficou bem revoltada e escreveu: Como assim? Cura pelo Espírito, Freud vai...a palavra foi essa: Freud vai mexer no túmulo (risos) tô falando o que eles escreveram, tá? Eu fiquei quietinho no grupo, né? porque ninguém sabe, eu nunca falei sobre isso no grupo. E eu falei, de fato eles tem razão, se for estudar mesmo Freud, Jung não, Jung aproximou, não que Freud afastou, ele colocou as coisas no devido lugar, falou o: psicanálise é psicanálise, religião é lá, aqui é outra coisa. E de repente chega uma escola e une tudo de novo, para quem tem uma formação clássica é um choque.

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANA | 1º FASE DE
ENTREVISTAS: ENTREVISTAS NARRATIVAS

Data: 23/02/2023

Entrevistada: Ana

Local: remoto via aplicativo Zoom

Pergunta 01

Entrevistador: O que te levou a realizar o curso de psicanálise clínica na AEP?

Ana: Primeiro pela responsabilidade com os fundamentos, a escola lá da AEP e o Doutor (cita o nome), ele é bem focado nos fundamentos, ele usa muito as ciências, eu não queria uma escola que ficasse em cogitação que usasse a base da ciência de Freud e Lacan, a gente trabalha muito a clínica com Freud e Lacan, é a base de nosso trabalho e que tivesse compromisso com a verdade que é irrefutável, inarredável, que é a fé, cristã. Essa fé cristã tem vínculo com a pneumapsicanálise que é o objeto de pesquisa principal da AEP? Evidentemente. E aí, a base que você adquire na AEP seja de ciência ou seja da clínica em si, não te dá muitas condições de execução no tratamento psicopatológico, você aprende bastante lá, mas não necessariamente te dá todas as bases necessárias, nesse sentido eu fui estudar mais, estudei e continuo estudando, quem atua na clínica de psicanálise não tem jeito de dizer que já sabe o suficiente, embora as horas de clínica, eu acho que é o maior aprendizado, e maior ensino são as horas que você passa de clínica. Eu trabalhei lá no Dr. (Cita nome), nós trabalhamos juntos, foi uma experiência muito bacana, porque a gente acabava sendo supervisor um do outro para alguns casos, terminava a análise a gente ia fazer aquela análise mais fundamentalista do caso, quê que era aquele caso. Eu estudei muitas outras coisas: análise de imagem, medicina do sono, física básica com foco em quântica e em eletromagnetismo na USP, continuo estudando na AESP, fundamentos da psicanálise, sempre uma atualização, sempre aulas para relembrarmos os fundamentos, tem a clínica com criança, a clínica na psicopatia, a clínica nos relacionamentos amorosos, um série de coisas, a AESP é bem completa em todos esses cursos.

Entrevistador: você não parou na AEP, você foi aprimorou seus conhecimentos.

Ana: exatamente. Para você fingir que está tratando o paciente não é o suficiente. E aí, essa coisa de lidar como conselheira de saúde, na fiscalização, eu integrava o comitê que fiscaliza o serviço de residência terapêutica, o estado tem 14 casas tuteladas, as pessoas com várias deficiências, principalmente quem não tem família, foram abandonadas passavam pelo sistema antimanicomial, e a gente fiscaliza essas casas, e o meu trabalho era fiscalizar o PTS- plano de tratamento singular, era uma equipe, uma fiscalizava as provisões físicas, alimentares, as condições da casa, de vestuário e eu fiscalizava o plano de tratamento, eu era bastante exigente (risos), eu acho que as residências terapêuticas não podem ser meros depósitos de pessoas com deficiência, ela precisa ser um lugar de recuperação humanizado para que essas pessoas tenham uma qualidade de vida. É possível que aquelas pessoas se recuperem? Não. Porque as que estão lá são casos do fim da linha. Eu também atuo bastante no conselho municipal de saúde para que o sistema dos CAPES, a rede de saúde mental funcione a contento. Mas dizem, mas você ganha dinheiro com o trabalho de saúde mental, como você vai defender o sistema único de saúde em saúde mental? Claro que vou! Porque eu não dou conta de ajudar todo mundo, eu não tenho condição de fazer trabalho voluntario em saúde mental, a não ser esse de fiscalização através dos conselhos, então a saúde, a rede precisa funcionar.

Pergunta 02

Entrevistador: Qual a diferença entre pensar a psicanálise antes de ingressar na AEP e depois?

Ana: Eram apenas uns fundamentos de Freud, Jung, Lacan e outros. Eu não via aquilo como uma aplicação direta na minha vida pessoal. E na AEP eu aprendi com o Dr. (nome coordenador do curso), eu aprendi que eu tinha que fazer análise, que era uma coisa que eu achava que eu não precisava. Eu tive a Dra. (nome da pessoa) que fez minhas dez análises, foi maravilhoso. Foi um marco na minha vida por que me tirou de uma situação, digamos assim, lá daquela coisa do inconsciente que você tá com aquilo preso lá que não consegue resolver e que aquilo torna-se uma crença limitante. E a Dra. (nome da pessoa) fez muito aquele papel da escuta qualificada de quem assim desabafa, fala tudo que você quer, e eu falava, xingava (risada descontraída e prolongada) na época eu era servidora pública e eu estava bastante insatisfeita com o trabalho de alguns políticos porque eu queria avançar com os projetos que eu tinha escrito, eu sempre pensando muito no coletivo e eu não conseguia avançar por falta de vontade política de fazer as coisas, de alguns secretários, agentes políticos de fazer as coisas. Aí eu chegava lá, me sentava. E aí Denise? Ah, Que nada, eu quero mandar todo mundo pra aquele lugar (risadas). E eu tava vindo do trabalho e ia pra lá fazer minha análise e falava, falava, falava, igual pobre na chuva. Ela me escutava, no fim das contas ela me ajudava a pensar sobre aquilo, ela não era do tipo que dizia: olha você tá toda errada ou você tá toda certa, não! Ela me ajuda a raciocinar em cima daquilo era muito intrigante para mim, eu estava dentro de um processo de depressão em razão de assédio moral no trabalho. Então, a AEP foi muito, muito importante para mim, pra minha formação. Dr. U (nome do coordenador) nem se conta, depois da AEP o Dr. W (nome da pessoa) fez uma importância muito grande que foram minhas horas supervisionadas que eu fiz parte delas lá dentro do consultório dele, ele me supervisionando, eu aprendi bastante como também tive oportunidade de ensinar o que eu estava aprendendo. E eu para exercer a psicanálise que é uma coisa fundamental, ajudar o ser humano nesse equilíbrio homeostático de corpo, alma e espírito. Não tem como você fazer isso, cada pessoa é de um jeito, cada pessoa é muito diferente na transferência ou na contratransferência, analisando e analista. Eu tenho aprendido muito, a prática da clínica ensina muito e você diz assim: Ah, você já sabe tudo para pegar qualquer paciente? Não, não sabe e acho que ninguém sabe. Eu tenho professores, doutores com pós doutorados.

Entrevistador: Cada paciente é um mistério a ser desvendado.

Ana: Exato. A gente pensa assim: como eu vou ajudar esse paciente? e tem uma hora que você chega no fim da linha, você volta, revisa os fundamentos da psicanálise e depois você diz assim: Como eu vou concluir esse caso? Tem aquela escuta qualificada, oitiva, tem a montagem do diagnóstico, projeto de tratamento, o acompanhamento desse paciente. Eu tive pacientes que ficaram comigo 2 anos, 3 anos. E graças a Deus, eu posso olhar para eles não como uma mera estátua que estava sentada ali na escuta, não! Eu participei da vida com eles, eu fiz o setting que a gente chama de setting que é sai com esse paciente mostra a ele um novo mundo, um novo tempo, mostra uma outra visão de vida. Eu tive casais com filhos que tiveram comigo por um bom tempo e que hoje eu posso olhar para eles assim de cabeça erguida e vê: poxa Deus atuou, eu fui apenas um instrumento e valeu tudo que eu aprendi, valeu o uso da pneumapsicanálise que não é uma coisa tão realista para todos os pacientes, em uns você vai conseguir aplicar e em outros não.

Pergunta 03

Entrevistador: A terapia alternativa criada pela AEP, a chamada Pneumapsicanálise que envolve terapia clássica e ensinamentos de Jesus Cristo está presente nos conteúdos

programáticos e apostilas do curso. A partir de sua experiência educacional na AEP, o que você entende por pneumapsicanálise?

Ana: Olha é algo tão extraordinário, essa questão da transmissão não metafísica, não tá no campo da metafísica, é algo transmissão, cognitivo, impalpável, imaterial que você consegue escutar o paciente sem falar. Um olhar, um gesto, uma transmissão de pensamento, ele pode tá a longas distâncias e você. Já teve vezes de perguntar: Jesus, eu preciso saber como tá paciente tal. A gente tem uma coisa de só atender no consultório sem importar com esse paciente fora do ambiente consultório, não é o meu caso. Eu não só, tenho eles em alta consideração para orar por ele, para interpretar aquilo que eles não podem ou não querem ou não sabem falar através da pneumapsicanálise. Eu aprendi algumas coisas no estudo de física quântica, era física quântica com foco em eletromagnetismo na USP, tive excelentes professores, pós-doutores na USP, e era online, não era fácil, porque não era só tratar, eles falam isso com muita propriedade, você tinha que fazer cálculos para poder chegar a alguma realidade materialidade, uma materialidade que é impalpável e que eles também não são crentes, mas que eu conseguia compreender com várias experiências pessoais e com pacientes e de dizer: o mundo é feito de energias e ela é perceptível.

Entrevistador: Tem alguma técnica da pneumapsicanálise que você utiliza no seu consultório?

Ana: Olha, (gaguejou) as técnicas são várias, você não pode achar que uma técnica ou duas técnicas vai refletir tudo aquilo que você precisa saber sobre aquele paciente, nem tudo. Essa questão da transferência é um caso, muito, mais muito sério. Porque a questão da transferência vai da vontade do paciente e as vezes através de soltar uma palavra para levar a uma reflexão e fazer sentir para que ele possa compreender e fazer a transferência, aí você tem que estar ali no posto para poder interpretar, e nem sempre você vai poder falar nada para ele, você vai tomar como base o diagnóstico, vai analisar e outras técnicas, como por exemplo a técnica de imagem, muitas vezes eu uso e funciona, para mim funciona perfeito. Eu aplico a técnica, volto faço a análise dessa técnica e todas as vezes que eu fiz, digamos que 80% foi assertivo.

Entrevistador: É da AEP essa técnica?

Ana: Não, a AEP não ensina análise climática, a AEP não ensina. Eu trabalhei isso lá no consultório do W., eu trabalho em outro consultório em Vitória ou aqui em Vila Velha quando o paciente tem alguma dificuldade de transferência, aí você fala assim: não tem outra saída e tal, você não pode ficar ali só querendo escutar tudo que ele transfira, é uma questão de sabedoria. E eu como uma boa (analista) vou para análise de imagem, nesse análise de imagem eu consigo captar tudo que eu preciso. É fácil? Não, é cansativo. Você tem pegar cada detalhe da imagem, você tem saber orientar o paciente, você tem que ter certeza que ele tá ali naquela, digamos nessa transmissão pneumapsicanálise que ele está introjetado, que ele está compreendendo aquele processo, que ele vai transmitir através da imagem aquilo que você quer captar. Quando você consegue, eu costumo fazer primeiro um relaxamento mental, eu não toco o paciente pra nada. Eu costumo orientar eles antes de virem para análise se for possível eles fazerem alguma terapia, massoterapia, reflexologia, podologia, alguns que podem fazer, porque nem todos podem, quando eles fazem, ele chegam bem mais leve na clínica, no consultório e aí você consegue uma boa sessão, e aí vamos fazer uma análise climática? A imagem que alguns tópicos chaves, matriz nunca vai mudar, vai ser aquele, pode mudar os traços, alguma coisa, mas vai continuar e você perceber psicopatia, transtorno, consegue perceber mudança de personalidade, é possível perceber. Hoje ele pode fazer um desenho que ele está bastante frustrado e amanhã ele pode fazer um que ele está mais resoluto, mais alegre, mais feliz e ele te mostra outro lado.

Entrevistador: Vamos fazer uma retrospectiva, vamos voltar a época que você estava na AEP. Que conteúdos que você lembra que aprendeu na AEP e usa até hoje?

Pergunta 04

Entrevistador: Do conteúdo ensinado pela AEP, o que você utiliza ou pretende utilizar na sua prática como psicanalista?

Ana: O que eu aprendi lá e que eu ainda utilizo, lá os fundamentos são bem básicos, é era a questão de ler o sujeito a partir da concepção, lá na barriga da mãe, não nada de regressão, não trabalho com hipnose, regressão, nada disso. Mas essa leitura de alguns comportamentos, que eu aprendi muito com o Dr. U. do comportamento gestacional, das relações deles na primeira infância com os pais, isso é uma coisa que aprendi lá que é muito básica, mas que me ajuda na clínica. Eu tive paciente com transtorno, ele tinha traço de esquizofrenia com persecutório, evidentemente que era a base, mas ele apresentava resquícios de sofrimentos desde a 1º infância, na relação com a mãe, com o pai, aquela coisa do Édipo. Todas essas bases que aprendemos lá na AEP que eu ainda uso, mas se você disser assim a resolutividade do aprendizado na prática da clínica ele não é tão completo, a prova disso é que algumas pessoas não conseguem ir pra clínica, muitos dos meus colegas, eram 32 na sala, só 18 formaram e deve ter apenas uns 5 que está na clínica, porque lá não tem, digamos assim, a formação durante os 18 meses não dá tempo de ensinar tudo, a gente vê fundamentos, estudos de casos, os estudos de casos do Dr. U. são bem interessantes, as experiências de pessoas nas comunidades terapêuticas que alguns colegas estavam, alguns pastores, a maioria que estava lá formou para ser conselheiro, conselheiro na igreja, conselheiro no ACT, conselheiro numa instituição. Eu não conheço muitos que saíram e estão na clínica, eu estou de atrevida, porque eu voltei a estudar muito depois, fui atrás, é o que eu gosto de fazer e mesmo assim você tem estudar todo dia, senão você não dá conta.

Pergunta 05

Entrevistador: Como você justificaria sua formação na AEP diante de um paciente, cliente ou profissional de saúde mental que critica sua formação por ter sido realizada em uma escola psicanalítica evangélica?

Ana: Existe também os fundamentos, pessoas que fazem apenas o curso básico para ser conselheiro e depois quer tratar paciente, por exemplo, na clínica quer tratar um dependente químico, quer tratar um transtorno com psicopatia, um caso de esquizofrenia com persecutório e outros tipos de transtorno, histriônico, bipolaridade e muitos outros. Na verdade eu não fico por baixo não, tá? eu sempre trabalhei junto de psicólogos, estou nas conferências de saúde, trabalho com psicólogos no conselhos, na fiscalização da rede de saúde mental e não fico por baixo não, porque eles não estudaram psicopatologia, não tem muito para me criticar nada não, tá! Ai eu fui estudar. Eu tive um encontro com Jean Claude, conhece? Jean Claude, um dos maiores escritores de saúde mental da França, ele escreveu um livro e veio lançar na UFES, a coordenadora do curso de psicologia reuniu todos os alunos ali no cemuni V para receber Jean Claude e eu estava representando um outro grupo de sociedade civil que não era acadêmico, junto com a Dra. A. só nos duas éramos psicanalistas. E a gente conseguiu interagir, e claro que precisei de tradutor, porque não falo francês. Mas foi uma interação muito bacana, que os psicólogos não sabem tratar a questão de psicopatologia e aí que eu fui conversar com a Dra. A e disse pra ela: Dra. A. a UFES precisa mudar o currículo, ela precisa ensinar psicopatologia para os alunos, porque a hora que eles vão para clínica e tem que enfrentar um caso de psicopatologia eles não dão conta. Tem muito psicólogo no RH, não sei do que, gestão de não sei do que, um monte de outra coisa, menos na clínica, são poucos. Ou não tem vocação, ou não sabe o suficiente, mas eu não fico por baixo não, eu estudo, eu dialogo sobre os assuntos,

eu não tenho medo de dialogar sobre os problemas, sobre as psicopatologias e no meio da psicologia e da psiquiatria estamos nós, o psicanalista clínico, não significa que são os psicanalistas que fizeram o cursinho básico, mas aqueles que estudaram de fato e se aperfeiçoaram, se especializaram para tratar a psicopatologia. A gente está entre a psicologia e a psiquiatria, a psiquiatria faz o ato médico, psicólogos fazem a escuta qualificada ali, e eu discuto muito, com um monte de colega: Olha se você não estudou psicanálise, dá licença, vai trabalhar em RH, você não dá conta de psicopatologia. Eu falo na cara deles.

Entrevistador: Já aconteceu uma situação de um paciente seu criticar sua formação?

Ana: Eu sinto muito te frustrar, mas eu estudei, eu estudei todos os fundamentos da ciência, eu estudei e eu estudo todos os fundamentos da ciência, eu não fico devendo nada a ninguém, vou morrer aprendendo, aprendi, desaprendo e torno a aprender, mas a minha formação talvez não seja suficiente para cada caso, mas eu estudo todos os dias, eu não tenho medo de trabalhar na área, e o curso, eu divulgo a AEP. Escola é escola, alguns vão para aprender e desenrola, outros vão para estudar e prostram. Daniel Perez, ele é um argentino, professor da AESP, uma escola de Curitiba e ele sempre fala isso: ninguém pode se dizer que é psicanalista, você se torna psicanalista no dia a dia do consultório, e eu concordo com ele plenamente, porque teorias e alguns fundamentos não te fazem mais sábio ou menos sábio para tratar o paciente.

APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ANA | 2º FASE DE
ENTREVISTAS – PROVOCAÇÃO (GRUPO AFETO)

Data: 11/04/2023

Entrevistada: Ana

Local: remoto via aplicativo Zoom

Pergunta 01

Entrevistador: Como pode a AEP, uma instituição evangélica, defensora da verdade bíblica e da moralidade sexual criar um curso de formação em psicanálise que tem como base a ciência de Freud um ferrenho crítico da moral e da repressão sexual civilizada? a criação do curso não seria incoerente? Porque?

Ana: Bom dia. Bom, diante da sua pergunta eu diria que a AEP sabe bem separar ciência de religião. Essa foi uma das razões que me levou a estudar lá. As pessoas são dotadas de corpo, alma e espírito. As necessidades anato física, muito ligada ao que é a ciência da psicanálise, neurose, em relação as perversões e relação as necessidades fisiologias, a AEP sabe separar isso muito bem. Eu sou uma das críticas ainda hoje de processos metodológicos de ensino em psicanálise. Eu aprendi muita coisa lá, que foi o início do meu interesse, dos meus conhecimentos em psicanálise clínica, em psicanálise geral. Eu falo que ninguém é capaz de ser psicanalista só pela teoria, se ele não tiver vontade e experiência de clínica, de base. Nunca vai formar um psicanalista só com teoria, a AEP sabe separar isso. As neuroses são frutos de necessidades também anato físicas, então você não pode misturar necessidade anato físicas com religião. A religião por sua vez, digamos assim, umas fundamentalistas e outras dentro de seu papel de espiritualidade, elas também sabem fazer isso, só quem não estuda, quem não conhece o que é o ser humano na sua formação de corpo, alma e espírito vai dizer que não pode isso, que não pode aquilo. O próprio Deus não faz essa separação, ele orienta. A palavra, a bíblia, ela é orientativa, ela não vem como essa versão punitiva, ela diz de justiça, ela diz de coerência, de comportamento e a psicanálise bem aplicada, ela vai nessa mesma linha. O que Freud falou sobre perversão, o que Freud falou sobre repressão, ele também considerou as necessidades dentro do campo da ciência e é isso que a AEP fez. Nunca, nunca eu ouvi dentro da escola, lá da AEP, ele dizer “Olha, pela religião está proibido isso, não...” nós estudamos caso a caso, o Dr. Ulisses trazia muitas experiências dele de campo de consultório, e ele mostrava para nós, ele contou vários, vários casos. Eu também tive a experiência de vários casos, de perceber a diferença entre religião e comportamentos, religião e necessidade anato física, religião e crenças limitantes, a gente aprende muita coisa, eu diria que a AEP é correta na aplicação.

Entrevistador: Então você não vê incoerência na junção desses dois saberes?

Ana: Não.

Entrevistador: Eu falei de Freud porque Freud é um nome que a escola utiliza, não tem como tirar Freud dessa visão psicanalítica, a pessoa de Freud, fundador das bases da psicanálise, essa postura dele. O fato dos evangélicos se unirem a ele, validarem esse saber, isso não seria uma incoerência? Quando se fala de Freud e se pensa em religião evangélica, gera uma dúvida, visto que a psicanálise tem uma imagem estereotipada de uma ciência ligada a sexualidade, a perversão. Será que isso não soa como incoerente? Religião evangélica, moralista, repleta de pudores, sexo como tabu ao se cruzar com a psicanálise que tem uma visão diferente sobre o sexo. Como a AEP, os evangélicos da associação juntaram suas ideias com a psicanálise freudiana, logo ela que tem uma imagem atrelada ao sexo?

Ana: bom, a necessidade de sexo é uma questão de saúde, sexo é uma coisa criada por Deus, as perversões estão fora desse contexto, a questão comportamental é uma questão de escolha, de eu vou levar uma vida limpa, do ponto de vista de sexualidade, para preservar meu corpo e minha mente, e eu vou fazer a coisa certa no contexto de saúde. Sexo é saúde, é uma necessidade humana, fisiológica, que tem a ver com saúde mental. Agora se a pessoa vai, deslanchar pelo mundo, pra dizer: eu estou focado só em sexo, como uma psicopatologia, como um vício para resolver todas as minhas questões. Aí está errado, é uma questão comportamental, uma questão de escolha...Por exemplo, nós temos vários exemplos na ciência, citado inclusive por Freud, de pessoas que antigamente iam aos consultórios e amarravam as pessoas, aquela questão das neuroses, que hoje não trata mais nesse campo de neurose, dentro de um período de necessidade sexual, do ciclo sexual daquela pessoa, seja homem ou mulher. Então, Graças a Deus que Dr. (diretor da associação) teve bastante conhecimento e sabe distinguir essas coisas. Eu acho ele bastante coerente nesse sentido de separar ciência de religião.

Entrevistador: O que os evangélicos vêm na psicanálise, qual o interesse deles na psicanálise freudiana? O que eles querem com a psicanálise?

Ana: na minha sala quando estudei tinha muitos pastores, o campo evangélico tem muitos tabus, muita incompreensão desse processo, viralizam tudo para o lado espiritual e desconsideram a ciência, a necessidade humana, a questão de saúde mental, há muita incompreensão e eu sou uma ferrenha combatente, não sou do grupo de sexo livre, nunca fui, não sou, porque eu conheço a palavra e sei que as necessidades humanas podem ser controladas, não necessariamente o controle medicamentoso, mas comportamental, e se a gente voltar... Não pode ficar sem o sexo? Case. Casamento não é fácil, exatamente por causa da diferença de pensamento, de cultura, de diversidade, muitas diversidades, mas há muita ignorância no campo espiritual de pessoas que não estudam que não entendem nada do processo de humanidade da alma, que combate ferrenhamente como um processo moral que nem eles mesmo conseguem, colocam uma carga pesada nas costas dos outros que nem eles mesmo conseguem suportar. Mas precisa de muita compreensão, eu conheço várias e já tive enfrentamentos. Eu sou professora de EBD, escola bíblica dominical, de professores dizerem que a psicanálise é uma invenção, que não existe, pessoas que estavam ensinando na igreja e não entendem absolutamente nada de alma. E desse processo tri lógico (alma, espírito e corpo) e que espiritualiza qualquer manifestação do corpo, ou das necessidades da alma, é bem complexo, mas eu sou pela ciência, e pela palavra de Deus, eu acho que tudo pode ser regulado na medida, e comportamentos são moldados, mas as necessidades humanas, que Deus criou, elas também fazem parte do processo. Eu já tive enfrentamentos severos de pessoas que espiritualizam tudo e olha...de mandar uma pessoa que estava dentro de um ciclo de necessidade que afetava a normalidade da pessoa, de enviar a pessoa para a clínica, de internar a pessoa como se ela tivesse problema psiquiátrico. De líderes que diziam para membros recém casados, eu tive esse relato dentro de uma, fui fazer uma palestra para mulheres em uma igreja grande em Cariacica, e uma mulher me perguntou: Dra. Denise, o que eu faço para orientar um casal, que a mulher está com as pernas toda cortada, ela está toda ferida do zíper da calça do marido. Eu falei: qual o problema? Ela disse: o pastor proíbe eles de ter relações sem roupa. O que eu faço? Eu falei para ela: isso é um caso de polícia (risos). Aí tem uma loucura explícita, pastor não tem que entrar na vida íntima de casais, de pessoas dentro de quatro paredes. Ele é sacerdote para ministrar sobre a vida espiritual lá dentro do contexto da pessoa, não na vida particular das pessoas, cada um dá conta diante de Deus.

Entrevistador: Essa pessoa que pediu sua ajuda, tivesse feito uma formação na AEP, ela teria uma abordagem diferente? Para pensar no papel da AEP, função desse espaço de formação. Para o que serve a psicanálise no contexto da comunidade evangélica?

Ana: tá claro e acho de fundamental importância, os religiosos eles não são de fácil convencimento e a AEP traz a ciência no bojo da religião e faz esse diferencial para que esse religioso possa compreender. O Dr. Ulisses é bem claro, o Dr. Sidney também, o Dr. Walter muito mais compreensivo. O Dr. Ulisses tem muita ciência de mostrar para pessoa, existe uma necessidade humana, existe uma diferença entre ciência, corpo, espírito e alma. Eu acho que todo pastor no processo de governabilidade da igreja, de ensino, ele deveria compreender um pouco sobre saúde mental, não estou nem falando das premissas e da ciência de Freud, Lacan e Jung. Estou falando do processo humano, de saúde mental, de compreender ser humano na sua condição de humano e na sua condição espiritual. Todos deveriam ter conhecimento, seja na AEP, seja qualquer outro lugar, mas eu penso que a AEP é um instrumento de Deus para ajudar essas pessoas compreenderem e diminuïrem seus sofrimentos. Que o fato de ser servo de Deus, cristão não afasta deles as necessidades humanas e a AEP faz esse papel de ajudar nesse processo de compreensão. Não vejo que a AEP fraudas ou ultrapassa a questão dos processos espirituais, de permissividade, de libertinagem, não. Ela vai dentro da ciência explicando as necessidades e as condições humanas. Eu não sei como está hoje, mas para mim foi de relevante importância. Não se trata de proteger a AEP, eu sou a pessoa mais crítica que você puder imaginar, eu quis mudar a metodologia de ensino na AEP, pela minha visão de ensino e de crítica, quando fui pra lá, eu já era administradora e tinha várias pós graduações. E aí, eu fazia essa crítica, não fazia por fora para criticar entre os colegas, eu fala para o professor, cara a cara. Falava com o Dr. Ulisses, falava com todos: olha não está correto isso. Logo no início não tínhamos manual nenhum, nem apostila, não tínhamos nada, era o que você ouvia ali, como você vai guardar todo esse processo?

Pergunta 02

Entrevistador: Em suas respostas percebemos sua relação de afeto com a AEP. Esse tipo de relação não poderia influenciar a sua avaliação em relação a qualidade acadêmica de seu processo formativo? Porque?

Ana: Minha relação afetiva era com o Dr. Ulisses, pelo afeto dele. Teve um período que tive dificuldades de cumprir meus compromissos financeiros com a escola, estava pesado por algumas outras razões e ele disse para mim, eu sai da escola e ele me encontro em um evento, ele disse: Você não está indo na escola. Eu disse: olha eu avisei a Edna que não vou poder frequentar a escola porque está pesado para eu arcar com as mensalidades. Ele disse: não senhora, a senhora não vai deixar de estudar por isso, pode voltar para escola, semana que vem eu quero te ver em sala de aula. Eu voltei, aceitei a oferta dele. Então minha relação afetiva é com ele. E o fato dessa relação afetiva não me impedia de criticar, de censura aquilo que eu achava que não era legal, que não era ciência, que não ajudava o aluno na compreensão do processo psicanalítico, porque psicanálise não é fácil, ninguém é psicanalista só por frequentar uma escola, além do dom de gostar de gente e de trabalhar com saúde mental, você precisa de experiência prática, de clínica. Então, gosto muito dos meus colegas, de vez em quando tem alguns que eu ainda me relaciono, a gente conversa. Pouquíssimos, de 32 alunos, apenas 18 formaram na minha turma, e desses 18, eu acho que só 5 estão na clínica, o resto ficou para aconselhamento básico e não foram para clínica, porque também não é uma tarefa fácil, eu fiquei fiscal do estado, fiscalizando o trabalho do estado em 14 unidades de residência terapêutica para pessoas com deficiência mental e falo para você de algumas vezes eu dizer para o pessoal: olha, está pesado para mim hoje. Porque você sai de lá muito...sabe, saúde mental é bem pesado, eu lido com pessoal de saúde mental no estado, conferência, estou delegada na conferência nacional. Sou ferrenha em defender o direito dos usuários, defendendo usuários, não defendendo gestores e nem trabalhadores de saúde, porque a necessidade lá e a parte

principal é o usuário. Sou crítica do estado, sou crítica da escola, sou crítica de quem não tem uma visão humana do processo de saúde mental, porque sem saúde mental você não é nada.

Entrevistador: não consegue viver, não consegue ter saúde.

Ana: a prova de que minha relação acadêmica não é afetiva que eu escrevi um processo de produção, de gestão da escola, por gratidão ao Dr. Ulisses. Eu escrevi todo um processo de reorganização da escola, eu tenho esse projeto que eu escrevi, fui lá, conversei com todos os da diretoria para poder fazer, ajudar eles a fazer esse processo de remodelagem de processo organizacional e de governança. Mas depois, um tinha horário o outro não, no fim das contas, eu falei: deixa pra lá. Mas a minha visão é muito de administradora, escola para mim, eu trabalhei muitos anos no colégio americano, essa visão de educadora, de processo organizacional, do processo de ensino, entre escola e aluno é bem clara para mim.

Entrevistador: Então você respondeu esse afeto com gratidão.

Ana: não dentro do contexto da escola, eu fiz eles mudarem todo processo de ensino, no que se refere ao material didático, porque não tinha, e eu falava: Não vou querer ir a aula para poder apenas escutar, isso que eu vou precisar aplicar isso depois, eu preciso de apostilas. Aí mudaram tudo, criaram apostilas e eu falava com Dr. Ulisses: isso não pode ser assim! Eu também era do conselho de educação de Vila Velha, você vai ganhando experiência, eu era professora de ensino profissionalizante, então a vivência com regência de sala, você vai aprendendo coisas e aplicando onde é necessário. Mas foi uma relação boa, gratificante, não me deu tudo que eu precisava para clínica, mas nenhuma escola vai te dar tudo, você vai ter que ir aprendendo ao longo da vida.

Entrevistador: incrível que em nossas conversas sempre aprendo muito com você, e depois quando ouço para transcrever, acabo refletindo sobre meu processo de formação. Você plantou, para eu colher um pouco aqui e eu vejo como a escola está hoje, mais desenvolvida com apostilas, conteúdo online, educação a distância. Vemos como essas críticas são importantes para melhoria da educação em todos os seus formatos. Você chegou no começo quando não tinha apostila, eu entrei com apostila impressa e hoje essa galera que está entrando agora, tem apostila online, revisada.

Ana: eu falei assim: Não consigo compreender o processo de ensino sem material didático. Eles disseram: a gente produz a apostila aqui e outras escolas “ching ling” sem muita base, vai lá e pega nossa apostila e reproduz para eles, não tem nem a decência de mudar algumas coisas.

Entrevistador: Você como educadora, o que acha da postura da AEP de proteção de seu conteúdo. Não seria uma postura repressora, algo oculto. Como você vê?

Ana: eu vejo pelo lado da necessidade de compliance, estudei compliance, trinta anos de trabalho tentando convencer as pessoas, principalmente no Espírito Santo, de compreender essa necessidade de compliance, de ética, ética no procedimento empresarial, de respeito ao direito intelectual do outro. E hoje a gente não tem mais como esconder conhecimento por que ele é explícito e claro na internet. Tem até alguns sites “depiti” para cruzar dados, embora a gente saiba que nem tudo será verídico, mas tá caminhando, eles estão avançando, dá medo do que eles estão construindo, para construir textos acadêmicos, e hoje assim, você fez plágio do trabalho do outro, rapidinho na internet você consegue perceber. No trabalho de mestrado, principalmente monografia e dissertações, você vai ter que fazer a sua parte, você não cria uma ciência de um dia para o outro, você vai fazer referências a outros trabalhos, mas isso tem a maneira correta de fazer essas citações, de respeitar a intelectualidade do trabalho do outro, de ter ética. Então é uma questão de personalidade, sei lá o que, de conduta...

Entrevista: Em relação a postura da AEP diante do conteúdo produzido, é uma preocupação ética?

Ana: O Dr. Ulisses fez doutorado na Austrália, ele investiu dinheiro, tempo e conhecimento. Produziu um material para a escola e outro vem lá e pega como se fosse dele. Eu tenho dificuldade de compreender isso, entendo a posição deles, mas depois de tanta insistência de que não tem como esconder o conhecimento, vai ter que produzir material, que hoje vocês estão usufruindo de bons materiais, revisados. Hoje eu tenho pouca relação com a AEP, hoje me atualizo com uma escola de Curitiba, a AESP.

APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM SAMUEL | 2º FASE DE
ENTREVISTAS – PROVOCAÇÃO (GRUPO APOIO)

Data: 11/04/2023

Entrevistada: Samuel

Local: remoto via aplicativo Zoom

Pergunta 02

Entrevistador: Se a Bíblia é completa e ideal para realizar aconselhamentos porque recorrer a psicanálise como ferramenta para tal atividade? **Samuel:**

Bom, antes de mais nada, a gente precisa esclarecer que a psicanálise não é uma ferramenta para aconselhamento, a bíblia é realmente completa e ela é inerrante. A bíblia sim, serve para aconselhamento. O fato de recorrer a psicanálise não indica que a bíblia seja insuficiente, a gente verifica ao longo dos anos de aconselhamento que os crentes leem muito pouco a bíblia que dirá então aqueles que não são cristãos. A bíblia seria suficiente para as pessoas, se estas a considerassem como a sua regra de fé e de conduta, entretanto as pessoas confessam com suas bocas que creem, porém, elas não se apropriam, elas não tomam posses das verdades e das promessas que estão descritas na bíblia. Por isso, não alcançam as curas para os seus males, elas preferem recorrer a psicanálise, é normal, porque são humanos, com pessoas que lhe são iguais, que as conduzem a fazer reflexões e acabam remetendo as origens dos seus males, aqueles que estão lá residentes no inconsciente delas. E assim fazendo elas encontram possibilidades de trabalhar suas feridas, a partir de então elas podem compreender melhor o que está escrito na bíblia, depois de passar pelo processo da psicanálise. Se aplicam a elas, podendo agora até reconhecerem que não precisariam recorrer a psicanálise.

Entrevistador: O que você acha que os psicólogos, psiquiatras e psicanalistas evangélicos que fundaram a AEP queriam, quais as intenções, o que eles querem da psicanálise como ferramenta? **Samuel:**

Na verdade, a AEP, ela foi fundada por um sábio e bastante experiente que tanto conhece a bíblia quanto a psicanálise. E ele detectou exatamente essa deficiência que a gente vê em alguns cristãos que não conhecem bem a sua bíblia e que não sabem que ela tem esses recursos todos para cura de sua alma. Então, entrou a pneumapsicanálise, que apesar de toda abordagem que Freud faz, mesmo sendo crítico da moral e da própria religião, a psicanálise tem seu lado bom e necessário, ela é sim uma ferramenta que leva a pessoa a buscar lá no amago, lá atrás, lá no fundo, as origens dos problemas. Então, o fato de pessoas buscarem a AEP, essa forma, por trás da pneumapsicanálise, elas contribuem, elas acabam tornando uma união bem feita entre a psicanálise e a pneumapsicanálise, que é a bíblia.

Pergunta 2:

Entrevistador: Freud, o criador da psicanálise, entendia que sua criação era incompatível com a religião. Em sua fala você afirma que a inserção de elementos da religião evangélica, expressas na forma da pneumapsicanálise, agregam valor a prática psicanalítica. De que forma você responderia a visão freudiana que defende o não cruzamento entre religião e psicanálise? E a postura de outros psicanalistas que se colocam contrários a essa junção

e quando encontram a AEP questionam sua existência, pois para eles a AEP faz o que Freud orientou a não fazer. Como você responderia.

Samuel: ok, interessante observar que aí no contexto de sua pergunta você falou de práticas evangélicas, eu gostaria de fazer uma pequena distinção, porque hoje é muito comum se dizer que é evangélico, parece até que tornou tipo um amuleto para pessoa e a gente tem visto o testemunho de alguns evangélicos que não está condizendo nada com o ser cristão, com ser bíblico, então invés de falar de entendimento evangélico, vamos fechar no entendimento bíblico, que fica mais coerente, fica mais justo para a pneumapsicanálise. Aí digo a você: Freud, excelente! Ele foi excelente nos estudos dele, nas práticas dele, ele foi fonte para outros tantos que surgiram na sua época. Essa incompatibilidade com a religião era uma coisa dele, era ele que não aceitava a religião, entretanto muita coisa evoluiu desde a época de Freud, novos profissionais, novos cientistas, novos pesquisadores que surgiram e eu imagino que se Freud estivesse vivo, ele provavelmente hoje, seria um adepto da religião. Ele foi um indivíduo pesquisador, inteligente e certamente, ele acabaria encontrando a religião se ele vivesse um pouco mais. Freud passou, sobre um determinado prisma, embora ele continue presente aqui com a psicanálise, as técnicas que ele criou. E a religião hoje, ela trabalha em extrema interação com a psicanálise e aí entra a pneumapsicanálise. Então, eu creio que tanto a bíblia é útil para a psicanálise, aí entramos com a defesa da escola, da AEP, da pneumapsicanálise, assim como a psicanálise também ajuda a resolver alguma coisa no coração das pessoas. Eu creio que se Freud vivesse hoje ele entenderia a pneumapsicanálise.

Pergunta 3:

Entrevistador: Como pode a AEP, uma instituição evangélica, defensora da verdade bíblica e da moralidade sexual criar um curso de formação em psicanálise que tem como base a ciência de Freud um ferrenho crítico da moral e da repressão sexual civilizada? A criação do curso não seria incoerente? Porque?

Entrevistador: Essa pergunta parte da seguinte concepção, a psicanálise no Brasil está muito associada a Freud, criador e criatura se misturam, remete-se a psicanálise a tudo que Freud pensava. Tem muito da personalidade de Freud no concepção da psicanálise. Como juntar esses dois mundos? Isso não soa como incoerente?

Samuel: Pelo meu ponto de vista não há nenhuma incoerência quanto a criação do curso sob a visão da pneumapsicanálise em face do contexto da psicanálise no geral. Porquê? a AEP é uma escola bíblica paulina, ela não exclui nada da psicanálise geral, da psicanálise tradicional, clássica, ela simplesmente acrescentou algo em cima daquilo que já existia para poder trabalhar mais dentro da nossa visão bíblica. Então, não existe incoerência porque na verdade a gente está trazendo um aperfeiçoamento para o nosso entendimento bíblico. A psicanálise clássica não foi esquecida, não foi abandonada, Freud não foi abandonado, não foi esquecido, muito pelo contrário, há uma soma, e essa soma ela é importante. Felizmente houve um cientista moderno que buscou essa institucionalização da pneumapsicanálise. Então, é, a pneumapsicanálise por sua vez ela está bem pareada com a verdade bíblica e ela possibilita tanto aos psicoterapeutas quanto os analisandos andarem longe da imoralidade sexual e da perversão que comumente são exploradas por pessoas e profissionais que não conhecem a bíblia e nem conhecem a pneumapsicanálise. Então, eles andam normalmente, e andam também claro, explorando essa perversão e a imoralidade que dificulta o trabalho da psicanálise como um todo. Isso porquê. Aí vem o porquê. Essa exploração da imoralidade e da perversão, geralmente são a própria causa das feridas das pessoas. Então, não basta ser um crítico da moral e da religião, porque muitas vezes a gente vê na clínica que as pessoas às vezes tem, porque há um conceito moral dentro de cada um, querendo ou não querendo, isso é natural, é inato ao homem, ao ser humano. Então, mas a gente encontra muita gente ferida, machucada e muitas vezes em

razão da imoralidade e da perversão. Então, não há, na verdade nenhuma incoerência, uma vez que a pneumapsicanálise vem somar, vem adicionar, sem excluir nada da psicanálise clássica.

Entrevistador: Essa pergunta surgiu por conta de uma visão que às vezes, quando se fala em um psicanalista evangélico, essa figura fica muito estereotipada. E se perguntam: como pode? Você unir duas culturas que divergem em questões morais? Uma que busca a subjetividade com outra que é alinhada em regras e preceitos. Como pode os religiosos evangélicos unirem-se com a psicanálise que não tem tantas regras.

Samuel: Eu gostaria de explicar sobre uma diferença importante entre a bíblia e a religiosidade. Religião, ela seria cura, porque o objetivo da religião é religar a pessoa a Deus. Quer dizer retornar, aí entra uma questão doutrinária. Mas eu quero frisar o seguinte: se a bíblia fosse mais conhecida pelas pessoas, eu creio que o mundo seria melhor, porque as pessoas às vezes estão defendendo uma causa, moderna, inclusive, e não quero dizer nada contra o empenho delas e o ideal delas de lutar por uma causa. Mas se elas conhecessem as regras bíblicas, a própria causa delas talvez seria mais beneficiadas, porque a bíblia é uma bíblia aberta, as regras dela não são fechadas e elas não são para piora da vida de uma pessoa, pelo contrário, as regras bíblicas elas ampliam o entendimento e a visão das pessoas, que é diferente de religiosidade. Na religiosidade, a pessoa já esquece até o que é religião, e as pessoas que estão nas cabeças das religiões elas querem impor pensamentos que lhe são próprios e que entendem que são melhor para as pessoas, aí criam regras dizendo serem bíblicas quando na verdade não são, as regras bíblicas não são pesadas. Então, é mais interessante se essas pessoas com esse vigor todo de buscar causas, lessem um pouco a bíblia e entender que aquelas regras ajudam na verdade a edificar a vida da pessoa. Porque o que há de mais importante, algumas pessoas não entendem bem o que estão fazendo, estão lutando com uma força que na verdade ultrapassa a fronteira do respeito com o outro, esse é um problema grave. A regra bíblica ela ensina a convivência harmoniosa entre as pessoas, não importa qual religião, família, causa ela defende, na verdade a bíblia prega uma união e quando possível o entendimento entre as pessoas. Mas o conceito que as pessoas tem da bíblia, é que ela é ferrenha, que prejudica e não é isso. Quando a pessoa pensa assim ou fala algo relativo a isso, ela na verdade não conhece a bíblia e talvez não tenha lido nenhuma página da bíblia. E lógico isso é mais despertado entre aqueles que se voltam para a religião, na verdade a volta seria para Deus e não para religião.

Entrevistador: a gente fala mais de religião por conta do nome da associação, tem um movimento que cito na dissertação, o termo psicanálise didática cristã, eu acho bacana, mas uso o termo psicanálise evangélica brasileira. A inclusão do termo evangélico traz consigo uma identidade da associação, liga a uma religião declarada e a religiosidade, a questão das doutrinas, do espírito santo que é citado pelos egressos, elementos da religião evangélica pentecostal. Você trazem em suas falas elementos ligados ao movimento pentecostal. Se aliar com a psicanálise não seria um pecado?

Samuel: Interessante notar que a bíblia, ela começa com muito rigor desde o início, mas houve um fato extraordinário que marca toda bíblia que é a vinda de Jesus Cristo ao mundo, a gente lendo os evangelhos pra frente, a gente percebe que houve uma mudança de tudo e as pessoas ainda não acompanhem esse entendimento da mudança que Jesus Cristo trouxe. Exatamente essa, de conversar com as pessoas que não tem regras e conviver com elas, porque o objetivo é esse, conviver com elas e não afastar elas por não terem regras. Se tenho um vizinho que a regra dele é outra, vamos conviver até onde a gente pode, sem causar conflitos. É lógico que (pausa) a gente tem que ter na verdade um sentimento de acolhimento da pessoa. Quer ver um exemplo bacana: no caso da mulher pega em adultério citado na Bíblia, ela teria que ser apedrejada pela regra dos judeus, só que Jesus levantou com o discurso do perdão, com o intuito de ganhar a pessoa. E ele foi muito sábio em colocar: quem estiver sem pecado, atire a primeira pedra. O

que quer dizer isso: aqueles mesmos que criaram as regras, eles não tinham condições de ficar sem pecado. O único que pode perdoar os pecados foi Jesus, o sangue que ele verteu no calvário é em prol do perdão dos pecados. E naquela hora ali ele colocou aqueles ferrenhos formadores de regras e de costumes, colocou eles em cheque “quem estiver sem pecado, atire a primeira pedra” e ninguém foi capaz de poder atirar uma pedra. Aí entra o lado de Jesus, ele levanta e pergunta a mulher: Ninguém te condenou? Ela responde: não. Eu também não te condeno, mas vá e não peques mais. Aí está o acolhimento da pessoa, recebe a pessoa, e... isso é importante, porque muitas vezes nós excluimos as pessoas com nossos pensamentos e regras, mas o exemplo de Jesus é diferente, ele acolhe a pessoa e fala pra ela: vá e não peques mais, quer dizer: procure uma mudança de vida.

Entrevistador: Qual o limite você enxerga entre a psicanálise clássica e a pneumapsicanálise?

Samuel: eu creio que essa diferença aí que as pessoas dizem existir, ela está mais pelo lado da psicanálise clássica, porque a pneumapsicanálise ela não veio para excluir e nem dar um chega pra lá na psicanálise clássica, ao contrário, ela veio para somar.

Entrevistador: o que a pneumapsicanálise aceita da psicanálise clássica e o que ela descarta?

Samuel: na verdade, a pneumapsicanálise ela pode não ser bem quista pela psicanálise clássica, porque a verdade bíblica às vezes ela dói. A pneumapsicanálise não foi criada para confrontar a clássica, de jeito nenhum, muito pelo contrário, a pneumapsicanálise foi criada para os psicoterapeutas cristãos aplicarem a seus pacientes, tanto cristãos como não cristão, é para todos. Em momento nenhum a AEP ou a pneumapsicanálise pensa em tirar nada da clássica, mas somente acrescenta para o uso do seu trabalho, ela não quer tirar nada da clássica. Tudo que há na clássica é bom e a pneumapsicanálise aproveita tudo que há na psicanálise clássica. Vou dizer pra você que eu amo a psicanálise clássica, mas eu amo muito mais a pneumapsicanálise. O aluno / acadêmico da escola da AEP, digamos assim, ele sofre um pouco mais, porque ele tem que fazer a psicanálise clássica toda e ainda tem que aprender a pneumapsicanálise em cima. Então, uma não exclui a outra, de jeito nenhum. O resumo é isso: eu amo a psicanálise clássica, mas eu amo muito mais a pneumapsicanálise, lembrando que uma não exclui a outra.

APÊNDICE L – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM REBECA | 2º FASE DE
ENTREVISTAS – PROVOCAÇÃO (GRUPO APOIO)

Data: 12/04/2023

Entrevistada: Rebeca

Local: remoto via aplicativo Zoom

Pergunta 1: Entrevistador: Se a Bíblia é completa e ideal para realizar aconselhamentos porque recorrer a psicanálise como ferramenta para tal atividade?

Rebeca: Sim, a bíblia é completa para o aconselhamento e para dar a humanidade o que ela deseja, uma transformação de traga clara e um motivo para viver, de forma a cumprir o propósito. A psicanálise teve sua origem formal com esse nome em 1891 com Sigmund Freud em Viena, antes disso a bíblia já traz esses relatos, da principal técnica que foi adotada pela psicanálise clássica no século XIX que é a cura...no livro de Tiago 5.16a está escrito: confessai as vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros para serem curados, então essa técnica já é bíblica e só foi formalizada junto a Freud. O livro de Tiago foi escrito em 45 a 50 d.C. e a psicanálise foi formalizada em 1881, século XIX. Portanto no primeiro século já tinha, Tiago já entendia isso: a cura pela fala. Jesus também se utilizou da técnica, que foi apropriada pela psicanálise, com Pedro, aquele fato de Pedro ter negado a Jesus três vezes, depois Jesus no cenário ele confessa três vezes que ama Jesus, Pedro tinha largado tudo e ele volta a ter uma missão, e aí Pedro fala que ama três vezes ressignificando um trauma passado e Jesus dá a Pedro uma missão, um propósito de vida: apascentar as ovelhas de Jesus, ele já tinha desistido disso. Assim como diversos outros versículos e situações no velho testamento, salmos, a gente vê Davi falando: Por que tá abatida ó minha alma, porque se perturbas dentro de mim, eles já tinham essa noção. E por exemplo, a conversa de Jesus com a mulher samaritana também, foi algo que fez ela repensar a vida dela, saber que ela tem importância, um homem falando com ela, um judeu falando com ela, aquilo foi um choque para ela. Tinham várias técnicas da psicanálise já sendo utilizada na bíblia, então para mim essa pergunta é, eu acho que a psicanálise ela foi formalizada, mas a técnica já existia, não só na bíblia, com também talvez na humanidade, só não sabia que era esse nome.

Entrevistador: A bíblia já serve para aconselhamento com todos esses conhecimentos. Porque os evangélicos usam a psicanálise? Qual a intenção que você vê nesse uso da psicanálise por profissionais da saúde mental que professam a religião evangélica? Qual a intenção de criar uma associação e criar um curso com esse propósito?

Rebeca: então, como eu disse aqui. Só o nome é psicanálise porque toda técnica já vem na bíblia, não é uma coisa que a psicanálise inventou, é uma coisa que já estava, só que foi criada esse nome. Então não é uma coisa que em 1891 ou que agora os evangélicos começaram a usar, já tinha essa técnicas, até Jesus ensinou, dei exemplos aqui. Só formalizou esse nome, porque não é ruim, a gente crer que a cura vem pela fala sim, assim como os evangelhos já registram. Como? E porque foram estudar mais? Isso talvez porque, como o Dr. (fundador da AEP) já conhecia a psiquiatria, ele é psiquiatra e também já usava essas técnicas, ele falou assim: ué, tá faltando alguma coisa.

Entrevistador: Não teria a intenção de validar esse aconselhamento ou qualificar esse aconselhamento usando a psicanálise? Intenção de usar o nome psicanálise para validar um saber, ganhar visibilidade ou credibilidade dentro da comunidade evangélica? O que você pensa sobre isso?

Rebeca:

talvez assim, é, seria, validar eu não sei, mas assim, fazer um termo que já é entendido, que é cientificamente comprovado, um termo que é ...talvez seja validar mesmo que ée mais assim, usual, entendido pelas pessoas. Então, o interessante é ajudar a pessoa, se falar psicanálise e a pessoa pensar: vou ser ajudada, vou conseguir... que ótimo. O importante ela ser ajudada, se isso vai facilitar, então.

Entrevistador: Você acredita que tem um viés também sanitário, da preocupação com a saúde mental do evangélico?

Rebeca: E por isso que talvez ele tenham criado a AEP, porque? porque na psicanálise faltava alguma coisa.

Pergunta 2: Freud, o criador da psicanálise, entendia que sua criação era incompatível com a religião. Em sua fala você afirma que a inserção de elementos da religião evangélica, expressas na forma da pneumapsicanálise, agregam valor a prática psicanalítica. De que forma você responderia a visão freudiana que defende o não cruzamento entre religião e psicanálise?

Rebeca: O termo “criador da psicanálise” ao meu ver não pode ser entendido a luz da bíblia como literal, porque tudo que foi descoberto ou será descoberto pela humanidade foi criado por Deus. O apóstolo Paulo no século 1 d.C. escreveu aos colossenses uma carta que falava o seguinte: Em Jesus estão escondidos todos os mistérios, todos os tesouros da sabedoria e da ciência. Então, a pneumapsicanálise ela enxerga a cura do ser humano de maneira integral: espiritual, emocional e somática. Fundamentando primeiramente nos ensinamentos de Jesus Cristo e então, não tem como excluir o evangelho de nada, tudo é compatível. É impossível analisar o ser humano, que é corpo, alma e espírito sem considerar os insights da parte espiritual que exerce grande influência no ser humano. Aí tem até uma parte na apostila que a gente estuda, que você também tem, que fala o seguinte: A escola psicanalítica com base na teologia, o homem é um ser espiritual dotado de corpo, alma e espírito e sistema emocional psíquico. Aí tem entre aspas da apostila: Freud dava ênfase ao psico: primeiro plano e somático: segundo plano, evitando a ênfase aos ensinamentos de Jesus como messias, que já veio, embora conhecesse a Tora, como ele era descendente de judeu, ele não acreditava que Jesus era o messias, logo ele não dava crédito a essa parte espiritual, então ele separou, aniquilou essa parte espiritual. Que ao meu ver, um cientista como o Dr. que formou a AEP que usando as técnicas da psicanálise, estudando a ciência da psicanálise, Freud e os outros, a psicanálise clássica, ele viu que faltava essa parte, por isso ele formou a AEP. Para Freud essa outra parte (espiritual) seria só um princípio moral, já para EPP o ser espiritual está diretamente relacionado a vida espiritual e indiretamente a vida psíquica. Podemos ver claramente que a vida do apóstolo Paulo, uma pessoa que tinha o pensamento de destruir a religião quando ele teve um encontro transcendental com Jesus Cristo, a vida dele transformou, transformou a vida, o motivo, alguém que perseguia passou a ser perseguido. A gente vê claramente, o comportamento dele mudou, essa parte espiritual exerce o poder de mudança no ser humano que não dá para desprezar e deixar de considerar. A gente crê que há uma regeneração, eu mesmo quando eu me encontrei com esse Jesus aos 17 anos eu pensava de uma forma e gostava de algumas coisas, minha cabeça virou totalmente e eu nunca fiz esforço para isso, foi algo assim: PUM, regeneração.

Entrevistador: Você diz que Freud sabia de Jesus, mas não o aceitava como messias. Podemos dizer que a proposta da AEP é converter Freud ao cristianismo? Uma conversão da psicanálise ao cristianismo? O que você pensa sobre as minhas colocações? **Rebeca:** eu acho que seria completar o que faltou, aquilo que ele desprezou por conta da religião judaica, era muito difícil eles aceitarem um messias, para eles era um absurdo um ser humano ser Deus. Aquilo que ele desprezou por causa dos preconceitos dele com a religião, a AEP vem adicionar, porque não tem como você analisar um ser humano sem considerar essa parte da influência espiritual na

vida dele. Não tem como, porque o homem é corpo, alma e espírito. Então, a AEP complementa a psicanálise.

Entrevistador: Freud era contrário a junção da psicanálise com qualquer religião, religião como estrutura, instituição. Freud estava contra a religião ou contra a espiritualidade? Por isso falei de conversão, de converter a psicanálise freudiana e religião evangélica. Na AEP nos leva a entender como uma conversão religiosa, através de técnicas e da pneumapsicanálise. **Rebeca:** eu acho que faltou na psicanálise de Freud faltou uma perna. Eu não vejo religião, vejo espiritualidade mesmo, esse relacionamento com Jesus, esse poder que a espiritualidade influencia o ser humano. Eu não vejo nada no estudo de Freud que quando ele analisa uma pessoa, ele leva em consideração a espiritualidade, essa parte ele cortou. Não é porque ele rompeu paradigmas através da modernidade que ele está certo. A gente acha que nesse ponto ele está errado, não tem como analisar o ser humano desconsiderando o espírito. Para o psicanalista, quer dizer, se a pessoa tiver uma questão no âmbito espiritual, e realmente exerce uma coisa muito pesada na pessoa que pode deturpar o ser humano, pode, a gente tem visto pela história que a religião tem feito, de guerra, de mortes, é ridículo. Se a pessoa foi criada no meio desse e o psicanalista desconsiderar essa parte, ele não vai ajudar o paciente dele. Acho assim, que é até... se falar uma coisa assim, né, tão forte de Freud, mas pra mim ele faltou essa parte. Talvez porque para mim isso é muito forte, porque assim, é experiência de vida, antes e depois. Então, para mim não tem como desprezar.

Pergunta 3: Como pode a AEP, uma instituição evangélica, defensora da verdade bíblica e da moralidade sexual criar um curso de formação em psicanálise que tem como base a ciência de Freud um ferrenho crítico da moral e da repressão sexual civilizada? A criação do curso não seria incoerente? Porque?

Rebeca: antes eu quero falar o seguinte: durante todo o tempo que a gente estuda a psicanálise na AEP, eles falam: Freud pensa assim, nós pensamos assim. Tanto a fase da infância, quanto a questão do ID, do prazer, dos sonhos. Em todos os parâmetros que é colocado como Freud pensa é colocado como a bíblia pensa. Então, você tem esses dois mundos, porque também não dá para desprezar a ciência, porque tem que respeitar a ciência, porque como falei na outra pergunta: em Jesus estão ocultos todos os mistérios da sabedoria e da ciência. Então, a ciência, tem-se muito esse tabu de achar que uma pessoa religiosa ou evangélica ou que segue a bíblia não pode ser inteligente, não pode viver com a ciência, e Deus criou tudo. Assim, é inerente, é inerente, ser evangélico e ser cientista é tudo inerente. A AEP não criou um curso de formação em psicanálise baseado na ciência de Freud, cabe registrar que a AEP respeita a ciência e tem como um de seus fundadores um renomado psiquiatra do estado Espírito Santo, portanto, um cientista. Um dos evangelhos contidos na bíblia foi escrito por um médico, de nacionalidade grega, que era assim toda a ciência e inteligência na Grécia, ele era médico, médico Lucas, cientista. A pneumapsicanálise ela enxerga a cura do ser humano de maneira integral: espiritual, emocional e somática fundamentado primeiramente nos ensinamentos de Jesus e de forma secundária lança mão do conhecimento da psicanálise clássica. A escola de psicanálise paulina estuda o comportamento emocional do ser humano em formação teológica. No módulo 14º, a estrutura de análise, uma apostila exclusiva da escola. Com o passar das décadas as exigências do insight analítico passaram a ser mais amplos do que o previsto por Freud e seus sucessores. Na AEP, a escola de psicanálise paulina, o fator espiritualidade é a linha mestra que rege todo e qualquer tratamento psicoterapêutico, ignorar tais diretrizes pode trazer estagnação, frustração ou sabotagem para o processo psicanalítico.

ENTREVISTADOR: Você acha que é incoerente esse junção? Para o fundamentalista cristão, chegar na comunidade dele falando de psicanálise freudiana que está ligada a sexualidade relacionando aos ensinamentos de Jesus, eles não poderiam ver como incoerência? O que você

pensa sobre isso? **REBECA:** é o que estou discorrendo desde o início, a maioria das técnicas usadas já estavam na bíblia, entendeu? Claro que ninguém vai tirar o mérito de Freud, ele foi formalmente quem fez os testes e criou esse nome. Então, na AEP a gente não usa aquilo que Freud, que não combina com a bíblia, então primeiramente a análise é bíblica, é evangélica, os ensinamentos de Jesus, e secundariamente lança mão dos estudos de Freud que foi a forma formal. Então assim, seria preconceituoso da parte dos evangélicos não usar algumas técnicas, que já estavam na bíblia, que inclusive foi utilizado por Jesus nas análises, nas conversas, nas transformações das pessoas só porque ele foi uma pessoa pervertida. Todo mundo acha que ele foi essa pessoa pervertida nas teorias dele. Então assim, se tem coisa boa que ele lançou mão do que estava na bíblia, porque a gente não pode usar? Por que vai desprezar tudo? Analisa, retém o que é bom, e bota. Então seria preconceituoso da parte dos evangélicos se fizesse: Não, Ele é tido como... vai sujar meu nome. Vai sujar nosso nome se falar de Freud? Mas vai ajudar alguém? Então bora, bora ajudar essa pessoa, eu penso assim.

ENTREVISTADOR: Faça a leitura do curso da AEP como uma mistura, mas não uma mistura total, porque a AEP, conforme você falou, a AEP prioriza elementos da religião e utiliza algumas partes da psicanálise. Você conseguiu identificar esse limite? Consegue citar exemplo. **REBECA:** eu penso que, por exemplo, ele (Freud) não fazia, tipo assim na análise, ele não achava que a pessoa deveria limita-se a moral, deveria fazer tudo o que ela quer, o que ela pensa, que ela tem vontade, não restringir a pessoa, não limitar a pessoa. E, quando a gente toma uma decisão, o ser humano toma uma decisão de entregar a vida a Jesus é o contrário. Você, a sua vontade morre e você vai passar a sua vida a ser controlada, a ser dirigida por um ser espiritual, um ser superior que no caso é Jesus Cristo, Deus da trindade. Então assim, a forte diferença é isso: é eu não me deixar... eu vou ter problema psiquiátrico, eu vou ter problema, sei lá, de estresse ao fazer isso? Talvez alguns vão, mas assim, vai ter que é uma questão da decisão da pessoa. Então, não é nada forçado, ninguém está no evangelho porque alguém botou uma força, quem foi por esse caminho, foi porque quis, né? Não é porque alguém botou uma força, ele pode pensar assim: isso é bacana, pô, eu quero! Depois ele vê que não tá bom pra ele, sai também, não tem uma força ali. Então assim, isso não é compatível, de eu deixar o ser humano agir de acordo... ele mesmo fala tem o id, o ego, o superego, tem a pulsão. A gente, o evangélico, pensa o que sobre essa parte: eu morro para essa minha parte e eu me submeto ao ser superior para viver de acordo com o que agrada a ele, isso é questão de prioridade de vida, de estilo de vida, de decisão, de propósito. Outra coisa também, a bíblia fala que Jesus, um exemplo, cura, Jesus cura, curou um monte de gente, mas porque Jesus curou um monte de gente, eu não vou ao médico? Acho que seria ignorância, se tem coisa boa na psicanálise, inclusive já tinha na bíblia, porque eu não vou usar? Por que tem uma parte que é ruim? Acho que é uma questão de sabedoria, de viver de forma sábia, aquilo que convém e aquilo que não convém. Você sabia que eu só estudei o meu TCC (Trabalho de conclusão de curso) para responder suas perguntas, eu não li as apostilas, eu li durante o final de semana para contribuir de forma boa para você. Inclusive no meu trabalho eu critiquei a AEP, questionei a proposta deles de analisar o perfil do apóstolo Paulo. Como é possível, como analisar se o analisado Paulo, está morto?

APÊNDICE M – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ESTER | 2º FASE DE
ENTREVISTAS – PROVOCAÇÃO (GRUPO APOIO)

Data: 23/05/2023

Entrevistada: Ester

Local: remoto via aplicativo Zoom

Pergunta 1: Entrevistador: Se a Bíblia é completa e ideal para realizar aconselhamentos porque recorrer a psicanálise como ferramenta para tal atividade?

Ester: Eu entendo que por ser completa, a bíblia sagrada ela não se contrapõe na minha visão e por ser completa ela nos traz a realidade de que há no ser humano a capacidade de expandir o conhecimento, é uma potencialidade nata. Eu posso citar um texto do próprio Senhor (JESUS) quando ele teve um encontro com Nicodemos ele disse assim: que coisas maiores... Nicodemos não, perdão, Natanael, ele disse que coisas maiores eles veriam a partir daquele momento, um dos discípulos que foi chamado pelo Senhor, o Senhor chama Filipe, Felipe chama Natanael, Natanael vem ter com o Senhor. Quando ele vem ter com o Senhor, o Senhor diz assim: coisas ainda maiores vereis, o Senhor estava falando para ele: isso aqui é só o início, eu conheço o teu passado, estou te acolhendo, agregando ao meu grupo no presente, só que existem coisas maiores a partir desse encontro comigo para vocês executarem. Após a morte e ressurreição de Cristo, eles receberam, não só Natanael, mas os outros apóstolos, eles receberam o poder, a autorização do Senhor para propagarem esse ensinamento. Quando ele diz assim: eu vou para o pai, coisas ainda maiores fareis, porque eu vou para o papai. Então o Senhor está deixando uma semente potencializadora para que esses discípulos dessem continuidade a sua obra perfeita. Tranquilo. Porque ao meu ver as ciências, elas podem ser analisadas, avaliadas e podem sim ser agregadas no âmbito da fé. Porquê? Porque existente dentro do ser humano a capacidade de descobrir, pensar e redescobrir o que foi descoberto e repensar o que foi pensado. Então nós temos essa capacidade de... conhecer e agregar conhecimento naquilo que a gente já sabia e desconstruir também algumas coisas que quando você descobre que às vezes foram simplesmente crenças limitantes que vieram entraram na geração que incapacitam algumas gerações de romperem, a exemplo, ciclos repetitivos familiares a níveis doentis, às vezes o clã familiar ele não consegue romper por gerações algumas características específicas e às vezes a pessoa vai tendo como natural, e as vezes se um membro daquela família parece para observar a evolução do mundo, a evolução da ciência, ele ia agregar mais positivamente, ele ia agregar ainda mais para o seu clã do que ficar naquele mesmo pensamento, naquela bolha. A sociedade é outra, as leis são outras, as nações são outras, os costumes são outros, as tradições são outras. Com o avanço da tecnologia também existem coisas que devem ser analisadas na palavra e serem mantidas, agora eu falo como cristã, são doutrinas básicas, ensinamentos básicos para a salvação. E existem os benefícios que a ciência traz, então assim, todos nós nos beneficiamos da ciência, essa entrevista aqui é um benefício da ciência. Eu entendo que ainda que seja, uma ciência livre, né? Alguns nem tem como ciência a psicanálise, ainda que seja livre, eu creio que tem os seus benefícios, a partir dele foram vindos outras, e outras e outras correntes de interpretação e chegamos aonde? na neurociência. E quando a gente vai olhando o que foi dito por Lacan, Jung, Melanie Klein, Freud a gente vai ver que cada um chegou perto daquilo que hoje se está sendo confirmado pela própria ciência. Então, eu creio que tem sim como agregar e a bíblia para o conceito salvação e plenitude, ela é perfeita. E ela mesmo dá essa abertura para o conhecimento, para a gente se estabilizar em qualquer tempo da história, sem perder a fé. Hebreus 11 é um dos exemplos extraordinários, a relação de todos antigos que sustentaram a fé e viveram dentro do seu tempo, marcando o que precisava ser marcado.

Pergunta 2: Freud, o criador da psicanálise, entendia que sua criação era incompatível com a religião. Em sua fala você afirma que a inserção de elementos da religião evangélica, expressas na forma da pneumapsicanálise, agregam valor a prática psicanalítica. De que forma você responderia a visão freudiana que defende o não cruzamento entre religião e psicanálise?

Ester: Eu creio, pelo que ele mesmo elaborou. Eu creio que...quando ele diz que não tem associação, quando ele deixa bem claro que a psicanálise, ela tem que ser vista de forma desligada da religião, ele estava respondendo com base, claro, no seu amplo conhecimento, não podemos negar a veracidade que se tratava de um médico, e é conhecido como a mente do século XX. Então, não se trata de uma pessoa que inventou algo, assim, da sua própria imaginação, ele tinha embasamento para falar. Eu creio que o que ele quis transferir como base da sua teoria era essa maturidade que tem que se ter né? que o ser humano enquanto ser humano, ele é único. Vou ter dar um exemplo: ele veio de uma família judaica, só que dentro da estrutura familiar dele, é classificada como uma família não estruturada dentro de padrões, seriam o natural, seria um pai e uma mãe dentro de uma idade factível, dentro de um berço onde você nasce e tem seus irmãos, uma família única, ele não veio de um princípio desse, a diferença de idade entre ele e seus irmãos era exorbitante, era enorme. Tem alguns detalhes na sua autobiografia até mesmo de abusos por parte dos seus irmãos mais velhos. Assim, querendo ou não, ele lutou para deixar bem claro essa separação entre a religião e a psicanálise, mas preste atenção: querendo ou não, a pessoa é construída, sua personalidade é construída a partir do meio que ela está inserida, vai crescendo. Qual é a visão de um garoto, de uma criança que é filho de uma pessoa já na fase adulta, é, idosa. Uma coisa é a criança vendo seu pai dentro de uma faixa etária do vigor, a mãe, tudo isso é uma construção de base. Agora imagina uma criança que já nasce no meio de turbulências, e essa criança tem um buraco materno, uma dor materna de uma separação materna, tem ali a dor do abandono, a gente não sabe se é o abandono com a rejeição junto, a gente não sabe como foi construído, se veio o luto, aí eu peço que você me confirme, se a mãe dele ...eu não lembro esse detalhe da autobiografia. Eu só sei que ele foi criado assim dentro desse tumulto, ele veio depois da formação desse primeira família do pai, isso aí eu não vou deixar, não vou afirmar. Mas é óbvio ali até onde estudei que havia sim até um certo medo de se entregar ao processo natural de um relacionamento, por exemplo, alguns pontos da biografia, da sexualidade, ele tinha uma convicção de que o sexo era, pelo menos na vida dele, a quem diga, mas a gente não sabe bem a fonte, é melhor não arriscar. Ele teve filhos em relações sexuais esporádicas, depois que cessou de ter filhos ele já não via sexo como algo saudável, assim saudável que eu posso dizer, ele não via como uma necessidade além do ter filhos. Aí eu não sei a fonte, não é muito confiável, então a gente precisaria ter uma biografia mais precisa sobre isso. Enfim, eu vejo que havia na construção do inconsciente, do pré-consciente e da consciência dele, aquela construção do inconsciente coletivo de que a religião, a religião, nós não estamos falando de espiritualidade, nós estamos falando de religiosidade, dentro da estrutura religiosa, porque ele era de uma família judaica, ele não conseguiu encontrar o sentido da vida, pelo viés da religião ele não conseguiu, quando ele vai pelo viés da ciência, quando ele vai pelo viés do seu próprio conhecimento, das suas pesquisas, claro tratava-se de um médico, lembrando bem, ele vai classificar muito bem que existe um inconsciente que rege as nossas atitudes e muitas vezes a gente não sabe porque pensamos, sentimos ou fazemos determinadas coisas, às vezes porque estamos sendo influenciados por esse inconsciente coletivo. Quando bate com alguns textos bíblicos, eu creio que é nisso aí que alguns pontos ele deve ter taxado essa ruptura total, porque os textos bíblicos para regeneração, para nova vida, ele traz toda uma possibilidade da pessoa literalmente rescrever uma nova história, não é uma amnésia, mas é a possibilidade da pessoa enxergar essa dor, enxergar esse caos que estava ocupando a sua velha natureza, a sua velha maneira de ser e ele vai entender que muitas daquelas coisas, que lá dentro do segmento religioso está assim: não pode, não pode, não pode,

não pode, não pode, então quando vê esse pacote do “não pode”, ele tapa a possibilidade da fonte de água viva, como disse o próprio Jesus, fluir. Porque o evangelho é uma fonte, ele jorra. Então a fonte de água, por mais que se coloque elemento que contamine, mais cedo ou mais tarde, ela vai expulsar aquela contaminação. É igual a nascente de um grande rio, você vai lá na nascente você pode despejar um galão de combustível lá, de óleo, você deixa lá por um tempo, aquela água vai expulsar toda aquela sujeira. Então a forma como é apresentado a pneumapsicanálise, a pneumapsicoterapia que é essa visão tanto da psicanálise mais com a coesão da palavra, ela tem como sim, tá, ter uma eficácia excelente, a partir do momento que o terapeuta tenha consciência de que ele está trabalhando com teoria humana e ele está trabalhando com a força do texto bíblico.

Entrevistador: Não seria uma tentativa da psicanálise de converter a psicanálise de Freud a religião evangélica brasileira? O que você pensa sobre isso?

Ester: eu creio que o objetivo dos doutores, dos pastores que fundaram a AEP, o objetivo era trazer para o grupo evangélico essa possibilidade de um amplo conhecimento nessa área do psiquismo humano. Eu creio que o objetivo não é nem trazer, levar o conceito evangélico para a psicanálise, mas trazer o povo evangélico para uma nova visão dessa possibilidade que a psicanálise traz como uma ferramenta a mais, principalmente para o aconselhamento pastoral. O que é melindroso ao meu ver, o que torna-se um pouco melindroso é a questão da doutrinação. O profissional acadêmico da AEP por mais que ele seja cristão evangélico ou tradicional, ou protestante tradicional, ou pentecostal, ou neopentecostal ou agora nessa nova onda neopentecostal que abriu-se uma vertente para as igrejas apostólicas. Então assim são desdobramentos dos conceitos religiosos que na verdade trazem uma mega confusão de identificação na massa, para a população. As pessoas já tem uma certa dificuldade em tatear, conseguir pegar. O que é verdade? Onde está a verdade? Qual segmento eu vou me entregar? Porque eu vou me entregar e o que isso vai mudar minha vida? Eu creio que o caminho do meio, qualquer acadêmico ou profissional já formado na AEP, o caminho do meio é ter essa flexibilidade, é entender que quem está diante de mim é um indivíduo. Um indivíduo que tem as suas histórias, que tem as suas nuances, a sua visão de mundo. As vezes pode ser uma pessoa que seja filho de uma família pastoral e nunca se sentiu incluído ali. Então eu pego essa pessoa com 30 anos para por exemplo tratar de algum... alguma...algum tipo de depressão, por exemplo, claro que a gente não trata porque não somos médicos. Por exemplo, vem uma pessoa que vem de um processo de depressão, as vezes depressão com TAG (transtorno de ansiedade generalizada) essa pessoa está medicada e vem para a análise, se eu não tiver a sensibilidade de entender que não é porque essa pessoa passou 30 anos frequentando todos os cultos, passou por todos os departamentos da sua congregação que essa pessoa é só a gente abrir um texto bíblico e lembrar a ele que ele já conhece a verdade. Existe a verdade do evangelho e existe a sua, a verdadeira história sua. Então quando a gente respeita o indivíduo olhando a história dele e você vai agregar as ferramentas com base na flexibilidade dessa pessoa, porque às vezes quem tá vindo, tá vindo dentro de um conflito ou às vezes nunca tenha conseguido mesmo alcançar a essência do que é o evangelho. Então, as pessoas às vezes ficam presas dentro de uma prisão psíquica de culpa que ele nem sabe o porquê. Então assim, se eu não desassociar por um tempo esses elementos doutrinários da psicanálise, eu vou ter problema. Então eu creio que a fundamentação do Freud de uma ruptura total era já temendo isso, porque é muito difícil não ser contaminável, contaminado e contaminável, influenciado ou influenciável. Então assim, é muito melindroso essa prática da pneumapsicanálise, Por que? Porque se a gente não tiver essa visão global, a gente invés de ajudar pode atrapalhar o processo da pessoa. Então eu creio que dentro dessa visão dos desdobramentos religiosos é que ele rompe de vez. E outra coisa ele não tinha uma vida religiosa concreta, ele tinha uma religião por tradição da família, ele não tinha

uma experiência. Nós estamos falando do início de século XX de um tempo em que existia o judaísmo, a igreja protestante sem muita força. Agora 2023, século XXI, Brasil, estamos falando de Brasil, onde há todo um sistema (pausa) é... não seria bem...é o termo certo, mas não é muito ético eu usar esse termo, mas existe um sistema fraudulento religioso no Brasil, isso aí é fato. Então você vai tratar com pessoas com base em padrões doutrinários das igrejas evangélicas ou dos seguimentos religiosos em geral não tem como, porque a corrupção está em cada esquina.

Entrevistador: O curso da AEP acaba sendo deslegitimado diante de psicanalistas formados em instituições dissociadas de religião? O fato dessa junção de conceitos religiosos evangélicos com psicanálise, não invalida e desprestigia o curso da AEP em comparação com as outras formações? Não invalida a formação oferecida pela AEP?

Ester: no geral eu creio que o público alvo e o público que adere a formação na AEP, já é um público a princípio que tem tradições evangélicas, cristãs. Porque existe um pré-conceito de âmbito geral que vem de décadas, não só no âmbito religioso mais social de tudo que aquilo que está relacionado a psi está se tratando de doido, a palavra psi vai tratar de alguém que tem algum distúrbio mental. Tem essa expressão entre aspas, essa visão de psiquiatra, psicólogo, psicanalista, profissional para quem tem problema mental, como se problema mental fosse uma característica negativa de um ser humano, é uma condição, né? Isso está sendo desconstruído aos poucos, mas é muito pesado. E no meio cristão, principalmente, do pentecostalismo clássico pra cá, porque tem toda essa vertente da guerra espiritual, do desafio, enfrentamento com as forças negativas, aí já é outra discussão, eu estou pontuando conceito histórico, não teológico. Por que a gente tem uma visão sobre isso diferente do contexto histórico, estou fundamentada no contexto histórico. Então já tem essa visão de uma guerra espiritual contra uma estrutura que é psicológica. Então, o que acontece? Vai haver sim ou melhor, existe esse tipo de preconceito. Porque? Até se acreditar que aquele profissional daquela academia está trabalhando de forma isenta, a maioria das pessoas já pensam assim: Não! Se é um pastor, ih, já sei o que vai falar. Se é uma conselheira, porque nossa formação é em conselheira pastoral e pneumapsicoterapia, ah não já colocou esse negócio de pneuma, já está espiritualizando tudo. Mas na verdade, assim, se a gente agregar mais conhecimento dentro dessa prática, nós vamos ser mais úteis. Por exemplo, se a gente trata a partir dos conhecimentos da neurociência, a neurociência comprova que existe uma parte do cérebro que transcende, o famoso ponto de Deus no cérebro, o que é isso? A capacidade mental que o ser humano tem nessa parte do córtex pré-frontal, tem o lóbulo temporal que nesse ponto a pessoa consegue transcender. Aquela capacidade do ser humano olhar o caos, organizar a sua mente e não se entregar ao caos, é a capacidade que a gente tem de enfrentar as circunstâncias da vida, do mundo, as memórias, as lembranças, quando você consegue levar essas circunstâncias, essas nuances para esse lugar especial que está no cérebro, ele não tem nada a ver com inconsciência, ele tem a ver com a parte de decisão, é essa parte do córtex pré-frontal que eu decido qual é a melhor resposta, qual é o melhor caminho, o que fazer, o que agregar, o que não agregar. Está dentro de uma racionalidade. Se eu pego um texto bíblico, justificando aqui a pneumapsicoterapia, pela palavra. Seu pego romanos capítulo 12 (livro da bíblia), olha a visão: transformai-vos pela renovação do vosso entendimento. Ali está mostrando um culto que não é um culto místico ao ponto de você não ter consciência, a gente está falando de um curso racional. Então, é exercendo as nossas faculdades mentais de raciocínio, de lógica, de concretude, a possibilidade que a gente tem de avaliar as partes e tirar uma conclusão. É esse equilíbrio de poder sentar com uma pessoa de um seguimento cristão diferente do seu ou até mesmo um segmento religioso diferente do seu. Se eu tenho essa visão, se eu apresento ao meu cliente só esse mapinha, um desenho simples, ele já vai entender: ah, então tem fundamento o que sempre tive..., os meus questionamentos tem fundamento. Então, se ele tem alguma

traumatização dentro do segmento religioso, porque a traumatização é o que o trauma traz de prejuízo para sua vida, ele vai pegar a ponta, ele vai entender: Não! O que eu vi naquele lugar, o que eu vivi naquele lugar, as circunstâncias que me envolveram naquele lugar, que me travou lá, prejudicou a minha vida. Se ele faz esse caminho de volta, mas agora com racionalidade, a parte do cérebro dele que precisa ser acionada, que é a parte que seria acionada em um culto racional, um culto que você está ali para transcender, para você exaurir da mensagem que está vindo, do louvor que está sendo cantado, você vai exaurindo as virtudes de Deus para dentro de você. Isso traz o que de ruim para você e para o mundo? Nada. Só vai trazer benefícios para você e para as pessoas que estão ao seu redor. Porque quanto melhor ser humano eu for, melhor vai ser a vida das pessoas que estão ao meu redor. Então, seria assim, essa humildade, eu vou usar essa palavra, essa humildade de nos inclinar para ouvir o que a ciência tem a dizer, ouvir outros pensadores, psicanalistas, como diferem as escolas de Lacan, de Jung, de Freud. Mas essas pessoas saudáveis são assim, eles não sentam para conversar? Então que não seja de nós, os pneumopsicoterapeutas, essa barreira da conversa. Agora de lá pra cá, eu entendo o preconceito de lá pra cá, porque de um âmbito geral é uma confusão de entendimento.

Entrevistador: Essa imprecisão, confusão de entendimento não invalida a modalidade acadêmica do curso? Dá ao curso um caráter não científico?

Ester: quanto a isso concordo com você, a forma apresentada é muito rasa para comprovação. A intenção é boa, mas como a intenção é trazer essa proposta psicanalítica dentro de uma visão bíblica, escriturística, a pesquisa e a exegética da instituição é rasa, ao meu ver, que é rasa. Se a pesquisa exegética da instituição fosse mais profunda, o conteúdo seria passado para o acadêmico com mais precisão e teríamos a ampliação da pesquisa, porque não podemos ficar só com os módulos que recebemos lá.

Pergunta 3: Como pode a AEP, uma instituição evangélica, defensora da verdade bíblica e da moralidade sexual criar um curso de formação em psicanálise que tem como base a ciência de Freud um ferrenho crítico da moral e da repressão sexual civilizada? A criação do curso não seria incoerente? Porque?

Ester:

Eu estou entendendo qual é o sentido da pergunta. Ao meu ver, pelo conteúdo que me foi passado e pela pesquisa que alcançamos pelo conteúdo deles e pelo conteúdo que a gente busca secularmente. É esse agregar basal de Freud que comprometeu um pouco a estrutura da AEP. Porquê? Se fosse o conteúdo, a grade curricular deles fosse mais ampla para outras correntes, claro a partir de Freud, mas outras correntes, seria mais, mais proveitosa para eles se apresentarem. Quando a escola se apresenta como escola psicanalítica a de se entender que a base é freudiana, aí algumas coisas a gente viu lá que há concordância e alguns termos, mas por exemplo o Complexo de Édipo que é cunhado por Freud, na AEP eles desenvolveram o Complexo de desenvolvimento infantil. Então, eles pegam termos que são freudianos, na verdade eles embasam o conceito do Complexo de desenvolvimento infantil com alguns termos freudianos. Mas quando, eu tenho essa visão mais para Jung. Presta atenção. Eu creio que a teoria Junguiana seria mais próxima da proposta que a AEP quer passar. A teoria Junguiana, porquê? Porque as sociedades elas estão estabelecidas em símbolos, não tem jeito! Por mais que eu não seja adepta a nenhuma religião ou movimento ligado a astrologia, por exemplo, mas quando a gente vai estudar a história das civilizações a gente sabe que depois da ascensão helênica o mundo nunca mais foi o mesmo. O mundo é influenciado pela cultura grega e dificilmente vai se desfazer esses princípios, esses arquétipos. Então assim, eu tenho que olhar o mundo dentro dessa simbólica. Agora o grande desafio é você propor uma terapia freudiana dentro do contexto bíblico, aí, em alguns planos eu me reservo. Porque? Porque não bate com

a minha consciência crítica ou eu abordo x valores ou eu abro mão, eu não posso abrir mão do conhecimento, ele (Freud) foi base para outros. Então, eu creio que outros que vieram a frente eles tiveram uma visão mais ampla. Por exemplo, o autor da logoterapia, ele foi contemporâneo de Freud, e Freud era extremamente seletivo, se alguém não concordasse com ele, ele rompia. Ele não tinha flexibilidade para o diálogo, ele rompeu com Jung. Então ele tinha conflitos na sua personalidade que ele foi lá pegou a teoria dele e carimbou com base em muitas coisas que eram dele. Então quando eu olho pra isso, e o cara foi considerado a mente do século XX. Então assim quando eu olho para um médico que foi o nome do século passado que várias ciências foram estruturadas a partir dele e eu vejo que na sua individualidade, no seu jeito de ser ele tinha algumas atitudes que demonstravam certas características que precisavam ser moldadas. Aí eu paro e olho, hoje, eu nesse desafio de atender pessoas. Então aí é que eu me examino mais, até que ponto eu posso estar sendo influenciada por mim mesmo, meu próprio jeito de ser, a minha visão de mundo ou o sistema religioso em que eu faço parte, eu não me considero pertencente ao sistema religioso, eu me considero como parte da igreja invisível de cristo. Como é essa igreja invisível? Porque o evangelho, ele é baseado em valores e princípios que acontecem aqui. Então, o lugar para reunir as pessoas que fazem parte, professam a mesma fé eles fazem parte, a gente desfruta uma, compartilha uma crença comum. Então assim, quando eu consigo separar o meu grupo aqui que professam os mesmos valores e princípios com o resto do mundo, eu creio que eu vou ser melhor para mim mesmo, para esse grupo que eu estou inserido e para o resto do mundo porque o evangelho é de agregação. Eu tenho que ser flexível para que haja agregação para que as pessoas recebam. Mas eu não posso impor, eu acho que a grande dificuldade é essa visão assim do impor ou do desconstruir, padrões, padrões não, ciências comprovadas, né? Tenho coisas que são ciências comprovadas.

Entrevistador: essa questão de desconstruir ou ajustar teorias comprovadas e inserir pontos que a religião considera importante é um dos pontos da dissertação.

Ester: a meu ver se a visão fosse desenvolver um método terapêutico baseado na palavra (bíblia) com a ... ir agregando princípios científicos que emboçassem essas teorias, que tivesse tirado, tirado da palavra. Nós vamos desenvolver uma escola cristã, nós vamos desenvolver uma escola de..., uma teoria terapêutica bíblica que é a PNLB que eles falam, a programação neurolinguística bíblica, nós vamos a partir da palavra, nós vamos buscar no campo da ciência, base para o nosso conteúdo. Eles mesmo desenvolvessem o seu conteúdo de estudo, se fosse comprovado ou não comprovado, aí teria que fazer um esforço para buscar embasamento científico para tal. Eu creio assim, o que você, qual a sua dúvida, dúvida não, o que você está querendo trazer para nossa reflexão: É que até que ponto pode a AEP ser provado como uma escola que tem base científica, não é isso?

Entrevistador: Sim, é esse questionamento. Ou até se quem já passou por essa formação consegue ter a consciência de que essa formação em seu âmbito acadêmico e mercadológico é colocada em dúvida ao ponto de questionarem se a formação na AEP dá recursos para formar um psicanalista e se esse psicanalista consegue atender um cliente que não chega com uma demanda ligada a uma visão espiritual ou dissociado da religião, mas no seu caso você demonstra consciência em relação a essa questão.

Ester: a pesquisa teológica, a pesquisa exegética da escola poderia ser mais profunda para elaborar a sua própria teoria, poderia até agregar os conhecimentos... é impossível você inventar uma coisa do nada, toda ciência veio de um fundamento, certo?

APÊNDICE N – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM DANIEL | 2º FASE DE
ENTREVISTAS – PROVOCAÇÃO (GRUPO CRÍTICA)

Data: 30/05/2023

Entrevistado: Daniel

Local: remoto via aplicativo Zoom

Pergunta 1: Entrevistador: Pode-se entender que o curso de formação em psicanálise da AEP foi criado com o objetivo de aproximar o segmento evangélico brasileiro da psicanálise. Assim como Freud, você afirma que essa combinação é um atraso. Diante disso, de que forma você acredita que a psicanálise poderia alcançar o público evangélico?

Daniel: Então, eu. Eu acredito o seguinte, a gente precisa, por mais, é claro que a psicanálise evoluiu, tem toda a questão da neurociência até porque lá atrás não tinha como, não tinha ressonância magnética para gente ver o cérebro, não tinha neurociência, eu entendo isso. Mas eu acredito que a gente precisa ser fiel a fonte, foi aquilo que Lacan fez, apesar de toda evolução que ele deu a psicanálise, ele foi fiel a fonte que foi Freud. Então eu preciso ser fiel ao criador, e o criador é bem claro nos seus livros e textos, e pelo que foi compilado. Não é que ele era contra, ele só entendia que a religião deveria ficar no ponto dela, na fé e a psicanálise aqui, isso não se misturavam. Quando se misturam isso acaba-se entendendo e usando até a palavra cura, que é algo que a gente não usa na terapia. Cura, por exemplo, porque dentro da fé cristã quando você ora e profetiza ou de acordo com sua fé há uma cura, existem as curas de Jesus. Então quando eu misturo isso eu acho muito perigoso, pelo sentido que é muito fácil manipular uma pessoa já com uma fé firmada ali e por todos os problemas e mazelas que ela traz. Usando a psicanálise ainda, aí eu poderia falar do inconsciente individual, coletivo de Jung, se torna mais perigoso ainda. Porque quando começo a misturar as coisas fica complicado porque, vou dar um exemplo bem claro: esquizofrenia, bipolaridade são doenças que não tem cura pela ciência, tudo bem você tem fé e vai orar, eu acredito que Jesus pode curar tudo? Eu acredito. Tudo bem! Mas aí vira oração, não é terapia. Aí é oração, aí o poder do nome de Jesus, quando começa a misturar as coisas, eu estou dizendo assim: Jesus não é suficiente. E de fato a religião em si, ela precisa entender que o campo emocional é tão sagrado quanto o espiritual e buscar ajuda fora é muito melhor que dentro. Porque dentro, por exemplo, seu eu procuro um pastor que é psicanalista, cara, eu duvido muito, eu tenho muita resistência que se o paciente vai falar o que ele precisa falar. Por exemplo, eu atendo pacientes, vários, que tem, que vieram com problemas com a sua sexualidade. Por exemplo, eles estão com muito medo, e eu enxerguei que o transtorno de ansiedade deles era o medo de assumir a sua sexualidade, assumir que eles eram homossexuais ou eles eram, as mulheres, no caso, lésbicas. Quando eles resolveram isso eles ficaram bem, dentro da religião, a religião estava pesando tanto a mente deles que aquilo estava piorando aquela mazela. E eu não tenho o direito como terapeuta de influenciar e dizer para o meu paciente aquilo que ele vai fazer, o que é certo ou errado para ele, eu posso ter a minha convicção, e não interessa e está tudo bem. E não cabe a mim, como terapeuta, o que cabe ao terapeuta é escutar sem julgamentos, sempre. Então quando começo a misturar as coisas, eu começo a entender, por exemplo que aquilo pode ser algo diabólico, demoníaco, pode ser algo, uma doença, então isso é muito perigoso e eu não vejo maturidade dentro do curso, de ninguém, sinceramente falando, para separar essas coisas. Eu não consigo enxergar essa maturidade ali dentro, nem por vezes, nem para lidar com alguns transtornos, transtornos de pânico querendo espiritualizar algo, por vezes a pessoa está passando por algo emocional tão forte, uma família disfuncional que você tem que resolver e isso é levado tudo para a espiritualidade. Tudo bem

eu sei que tem energia, tem espiritualidade, mas cara, eu acho muito complicado a gente chegar e misturar essas coisas, precisa ter muita sabedoria, no entanto aí que está aí transbordando curso em igreja de cura e não sei o que, e tudo baseado em psicanálise, baseado em outras ciências. Então assim, porque não, a igreja continuar com o papel dela adorando, cuidando espiritualmente. Por esses dias eu conversei com um pastor e ele falou a mesma coisa: Eu não vou atender, eu vou mandar para você, porque eu não quero confundir as coisas, eu fiz psicanálise, mas eu não quero confundir. Eu quero confrontar a pessoa como amiga, o emocional você cuida. Então, eu sou assim, a minha opinião é bem clara: não dá para misturar as coisas, a não ser que a pessoa chegue no consultório e fale assim: eu tenho minha fé e comece a falar. E por vezes, vou falar mais tá, a maioria dos que chegam com a fé, eles estão mais pesados com essas opiniões do que aliviados, eu estou te falando a verdade, quase 100% dos casos. Então assim, eu acho muito complicado e sou muito bem resolvido com isso. Agora assim, eu digo isso porque eu fui lá (AEP) por esses dias, eu fui lá e assim, os caras fechados na mente, do mesmo jeito, daquela mesma maneira, tem gente, eu não vi essa evolução apesar do conteúdo, da estrutura que está muito melhor, do acompanhamento está muito bacana. Mas assim, para o cara fazer psicanálise ali, ele tem que ser um evangélico, desculpe a palavra, que não tem um senso crítico da mensagem que o cara está pregando, ele tem que ser aquele cara assim, eu vou seguir aqui e se eu estiver fora do trilho, você nem é chamado mais. Por exemplo, se você não tem no seu instagram: sou pneumapsicanalista, como eu não tenho, e digo por mim, e vi isso, vivenciei isso, eu não coloco e vivenciei isso, não vou citar nomes, me chamaram lá e eu falei dois minutos. Eu consegui falar e fiquei olhando umas coisas, não dá. Aí eu vi lá o pessoal falando de narcisismo, cara, assim, vai buscar outras fontes que é o mito grego de onde Freud tirou. Ah, não porque a gente... tem que ir lá tirar, tem que ir lá entender a fonte.

Entrevistador: Você acha que o fato dessa presença forte da cultura evangélica brasileira, como a cura divina, citado por você, ela acaba por invalidar a formação ou compromete a formação de um psicanalista formado na AEP? o que você pensa sobre isso.

Daniel: eu tenho certeza disso, não só por mim, eu tenho a convicção. Hoje no mercado, eu participo de alguns grupos do Brasil inteiro de psicanalistas. É altamente invalidado pelas pessoas, pela cúpula da psicanálise. É altamente, as pessoas enxergam assim com um olhar altamente crítico, e eu entendo. E não é por culpa das pessoas, é por culpa das pessoas que estão dentro da AEP (diretoria). Se as pessoas vão lá assistir uma aula sobre narcisismo sobre um tema psicanalítico, eu quero ouvir a teoria, eu quero ouvir, quero ouvir bíblia eu vou a igreja. Eu continuo com a mesma convicção, apesar de achar que é muito saudável nossa parte emocional, espiritual, a gente sabe disso. Mas cara, você vai assistir uma aula, você por exemplo, você ouve mais de bíblia do que da teoria psicanalítica.

Entrevistador: O que você sugere para aproximar a psicanálise dos evangélicos? Você tem alguma ideia ou estratégia? O que você propõe? O que sugeriria para a diretoria?

Daniel: tem duas coisas que depois que eu fiz doutorado ficaram muito claras para mim. A primeira coisa é essa pastorada, a liderança, ter humildade e deixar de ser arrogante e buscar os terapeutas, ajuda de fora sem achar que por exemplo, o cara é menos espiritual ou mais porque está trabalhando em sua própria sala em um bairro nobre. E abrir centros de psicanálise dentro das igrejas, às vezes, oh quarta feira vai ter atendimento social você vai receber tanto psicanalista, pega um cara faz uma parceira, tem como dar um desconto, vamos ajudar o povo, vamos fazer um trabalho aqui dentro (igreja) e nada de cura, nada de inventar curso, não, é o trabalho do terapeuta. Terapeuta vai estar na igreja terça e quinta feira, um cada dia, pra atender o povo dentro da igreja. Pode fazer um acordo, por exemplo, está em um bairro periférico, faz atendimento social, a igreja banca aquilo, a igreja faz algo desse tipo sem essa força de que

o cara tem que ser da AEP, porque senão vira seita, me desculpa, vira seita, vira um negócio, assim, neurótico. Outra coisa que eu enxergo hoje muito mais, tem autores que se aproximaram muito mais da religião do que o próprio Freud, Jung por exemplo, vou falar um, Ferenczi, mas Jung principalmente. Hoje quando eu vejo, eu falo: cara, qual o motivo de buscar o Freud, porque não Jung? porque não aprofundar nos autores que se aproximaram mais dessa fonte energética espiritual. Jung foi muito mais, Freud foi um crítico da religião na época, na época foi realmente... Qual era a época? Freud vivenciou duas guerras, então, ele que alguns textos deles não tem como. O cara se apegou, mas agora falar que o cara se apegou na teoria e agora a gente pode mudar e trocar um texto pela bíblia, é não ser fiel a fonte, é fazer o que Lacan não fez.

Pergunta 2: Entrevistador: O curso de psicanálise da AEP pode ser compreendido como um fenômeno educacional/cultural híbrido, visto que nasce do cruzamento da psicanálise freudiana com elementos da cultura religiosa evangélica brasileira. Essa dinâmica é vista por estudiosos da contemporaneidade (Bhabha, Canclini e Burke) como sinônimo de uma inovação de alto potencial criativo. Diante de suas falas contrárias a mistura da psicanálise com fenômenos culturais como a religião, você não estaria na contramão do pensamento acadêmico? Porque?

Daniel: Cara, não! Pelo fato de esses autores apoiam a criatividade. E se eu for criativo eu tenho a liberdade de realizar um texto ou um TCC que eu possa até mesmo inovar uma ideia da AEP, e aí dentro não é possível isso. Então se eu apoio a criatividade de uma criança, por exemplo, eu vou apoiar e não vou limitar ela ao meu pensamento. Então, se essa criatividade e esses autores, por exemplo, que eu acho muito importante, eu converso muito bem com as teorias, para vocês terem uma ideia. Passa focalização, o que é focalização? É consciente ao corpo, eu sou psicanalista. Eu fiz PNL, completamente a mesma coisa, consigo conversar com tranquilidade, com criatividade, porque? Não me limitam. Agora a partir do momento que eu chego no curso onde eu sou limitado e eu não posso, por exemplo, aplicar uma ferramenta ou entender, ou receber alguém ali com uma criatividade ou por exemplo, como atendendo, até permitindo meu paciente ser criativo ou o próprio terapeuta criar inovações, criar ferramentas que podem até unir sem problema algum, desde que não discrimine. Meu problema é o seguinte, eu concordo com esses autores que esse movimento híbrido ele é muito criativo, eu concordo. Só que esse movimento precisa ter uma maturidade muito grande para que essa criatividade exista, e como eu disse: eu não consigo enxergar, e eu fui por esses dias lá e para que está pior ainda, eu não consigo enxergar essa liberdade criativa para que essa hibridez aconteça, ali dentro pelo menos. Entende? A minha crítica não cristã, eu sou cristão, eu sou evangélico, sem problema algum. Agora, o meu questionamento é assim: até onde isso é saudável e até onde isso não é saudável. Porque a partir do momento que eu tenho uma ideia e posso ser criticado, até mesmo falado, ou: esse cara não está com Deus, esse cara está criticando porque está endemoninhado, esse cara está criticando porquê... entende? Como que eu vou ser criativo assim? Não dá! Então, por exemplo, a gente tem dentro da AEP, para vocês não acharem que eu estou sendo assim ..., só para ficar bem claro, dentro da AEP você precisa seguir todo o contexto, todo um direcionamento do presidente e se for não seguir, você não está apto para estar ali. O que é seguir? Eu ser aquele boneco que não pode ser criativo, eu não posso fugir daquilo. Por exemplo, tem um conteúdo dentro da AEP que se chama terapia breve que é hipnoterapia, Milton Erickson, que eu sou formado. Aí eu preciso fazer, por exemplo, isso eu perguntei, conversando por esses dias. Eu perguntei: vem cá, eu sou hipnoterapeuta se vocês quiserem me colocar na plataforma eu posso ser colocado como terapeuta, a minha terapia hoje quase 100% é terapia breve. Eles responderam: sim, desde que você siga o direcionamento do

presidente, quer dizer, desde que as suas metáforas que Milton Erickson fazia com maestria, uma linguagem direta que eu não sugestiono o paciente, pelo contrário, Freud não conheceu Milton Erickson, infelizmente, onde eu uso aquilo que o paciente trouxe e faço ele refletir através da metáfora sem sugestionar de forma alguma, eu não posso fazer porque isso não é de Deus, que eu tenho que usar a metáfora bíblica, mas como assim? O próprio texto base da AEP em Colossenses é que toda ciência, que toda sabedoria vem de Deus, então eu não posso usar a ciência do doutor Erickson? Eu não posso ser usado por Deus através da ciência? Então a medicina não é de Deus? Então a minha crítica é essa. Porque eu não posso usar por exemplo aquilo que o paciente me trouxe e criar uma metáfora? Não, eu tenho que lembrar de um salmo, e se o paciente não quer, e se o paciente não aceita, e aí? Como eu vou ser criativo assim? É claro se o cara tem uma fé muito firmada, se ele me mostra ali, eu posso usar. Agora, quase 100% eu não uso e eu sei que eu estou sendo usado por Deus, eu tenho convicção disso. Um exemplo, quando o paciente está quase morrendo com crise de pânico eu uso uma ferramenta da PNL, da hipnoterapia, eu acalmo ele na respiração, na focalização. Não tá lá em Colossenses? Não é o texto base da AEP? Toda ciência vem de Deus e porque essa ciência não vem? Isso que eu não entendo. Parece mais uma conversa para ganhar dinheiro e formar gente, formatar robôs do que terapeutas, é a minha visão. Eu acho que eles precisam abrir, no momento que eles expandirem a mente, aí a AEP vai começar a ser reconhecida no meio científico de uma forma diferente.

Entrevistador: Você olhando como um estudioso formado em instituições reconhecidas academicamente, você consegue ver ciência da AEP, na grade curricular, nas teorias que eles desenvolvem lá? Como você olha para esse fenômeno educacional, você vê ciência e religião ali, de modo quantitativo, quantos por centos você vê de religião, de mitologia, de bíblia e quanto você vê de ciência de fato?

Daniel: de ciência tem 20%, 15%, o restante é tudo teologia. Por exemplo, eu não posso falar complexo de Édipo invertido porque é sexualidade, eu tenho que falar complexo de desenvolvimento infantil invertido porque, cara! Acaba que eu (AEP) não explica Édipo direito, não explica narcisismo direito porque eu tenho que estar sempre... quando que Deus e Jesus quiseram falar de psicanálise? sinceramente, teologicamente, eu sou teólogo, não tem base não.

Entrevistador: O que de fato a AEP é? O que é o curso da AEP? De que forma você defini?

Daniel: eu defino como uma igreja que quer, que deseja formatar pessoas diante da sua moralidade.

Entrevistador: Então a AEP não seria uma escola? Seria então uma igreja?

Daniel: Como que a gente começa um culto? Não é abrindo a bíblia? A partir do momento que estou com a bíblia aberta e estou pregando o tempo todo, eu estou aonde? Estou em um curso de psicanálise ou estou na igreja. É só a gente se fazer a pergunta e refletir. Quando você vai lá parece que eu estou mais na igreja do que no curso de psicanálise.

Entrevistador: A proposta de aproximar a psicanálise dos evangélicos é positiva à primeira vista, mas depois que você se distancia você começa a questionar o que de fato se trata a AEP, a psicanálise acaba não estando tão justaposta no curso.

Daniel: concordo. Quando a gente vai para um curso, para um doutorado, pro mestrado, a gente é instigado a criticar até as nossas falas para a gente refletir. Eu não estou aqui, é ... só para deixar bem claro, é até chato para mim falar isso, eu queria muito que tivesse uma base ali que eu não precisasse buscar fora, mas eu não tive. Então, assim, quando você tem uma base, vai

no supervisor, só pra resumir. Se você chega com a ideia sexual diferente, por exemplo, a pulsão diante da pulsão de vida, a vida sexual é normal para Freud, mas se você falar na AEP, não, você tá em pecado por que é fornicação, só aí já chora com a cara virada. E aí? Então assim, é muita controvérsia, eu entendo que é muito saudável desde que eu tenha supervisores e pessoas que respeitem a minha criatividade.

Entrevistador: A postura da AEP, não seria o reflexo de um comportamento presente nos movimentos evangélicos brasileiros, no caso dos neopentecostais que se apropriaram de bens simbólicos de outras religiões de forma seletiva e conveniente?

Daniel: para responder eu vou, vou usar a palavra que eles gostam: Alegoria. Vou usar metáfora. Eu vou na biblioteca e pego aquilo que eu quero e o resto eu anulo, eu vou na coleção de Freud, eu vou escolher algumas coisas que me interessam e o resto que eu não concordo eu anulo, isso não é psicanálise. É o mesmo se eu fizesse o contrário, eu vou na bíblia, eu vou incutir várias coisas da religião africana que eu primeiro falo que não concordo, mas eu vou incutir, igual o meio pentecostal faz, neopentecostal. Então, eu vou dentro da teoria de Freud pego aquilo que me agrada e vou aplicar, mas aquilo que não me agrada eu não aplico. Então fica algo muito questionável, muito complexo de se acreditar, principalmente que está fora desse meio, quem é psicanalista, quem fez uma formação tradicional, quem fez uma formação lacaniana, a AEP é olhada com olhar altamente discriminatório no meio. E sinceramente, se eu colocar no meu perfil vai ser uma queimação muito grande para mim. Entende? Porque não é respeitável. Por exemplo, eu vou ao médico e vou lá impor que o médico use a bíblia e esqueça a medicina? Então porque fazer isso com a psicanálise?

APÊNDICE O – PARECER DO PARTICIPANTE SAMUEL | 3º FASE DE ENTREVISTAS
– REENCONTRO

Data: 17/07/2023

Participante: Samuel

Questionário respondido por meio escrito

1. As interpretações e análises apresentadas fazem sentido para você? Justifique.

Daniel: Sim. Justifico porque o trabalho de pesquisa foi muito bem elaborado, estando porém toda a interpretação e análise abaixo da responsabilidade do pesquisador. Porque, nem sempre o que lhe foi dito, pode ter sido entendido da forma como foi dita, uma vez que tudo passa pelo filtro do entendimento e vivência do pesquisador. Obviamente calcado no trabalho de sua pesquisa. Havemos que respeitar o seu trabalho.

2. O que você aprendeu durante o processo de pesquisa?

Daniel: O processo de pesquisa aproveita para o pesquisador e para a escola, que contribuirão para a melhoria da ideia, ou para a formação de uma nova ideia no contexto educacional e prático. Porém, minha participação no processo serve apenas de colaboração para a formação do objeto da pesquisa.

3. Em relação as suas falas e posicionamentos, você mudou de ideia após o processo de pesquisa ou mantém a mesma opinião? Justifique.

Daniel: Respondo pela parte em que opinei. Fi-lo de modo consciente e adequado/proporcional, de modo que o que foi dito não se altera pelo decorrer do processo de pesquisa. Justifica-se, porque, a pneumapsicanálise continua sendo pneumapsicanálise, em que pese os desenvolvimentos da pesquisa verificados no decorrer de sua elaboração.

APÊNDICE P – TRANSCRIÇÃO DO PARECER DA PARTICIPANTE ESTER | 3º FASE
DE ENTREVISTAS – REENCONTRO

Data: 19/07/2023

Participante: Ester

Questionário respondido via áudio

1. As interpretações e análises apresentadas fazem sentido para você? Justifique.

Ester: Concordo com as interpretações e análises apresentadas pelo autor. Justifico pontuando a parte que o autor apontado o que os entrevistados tem em comum em relação a qualidade do ensino da AEP e a necessidade de ampliar os conhecimentos para além do que foi ensinado no curso. Embora dentro dos códigos de valores, éticos da AEP, por ser uma instituição cristã evangélica, então dentro da própria estrutura da instituição os egressos tem em comum essa sede e responsabilidade de buscar conhecimentos a mais. Segundo ponto para justificar a minha concordância em relação a interpretação do autor, deve-se ao fato do autor apontar o papel da AEP no que se refere a sua colaboração para desmistificação da psicanálise promovendo uma popularização de uma cultura psicanalítica evangélica, creio que essa é ideia da AEP e a ideia que os egressos receberam da instituição.

2. O que você aprendeu durante o processo de pesquisa?

Ester: Entre a primeira e a segunda, a forma como ampliou a minha visão, apesar de serem perguntas diretas, mas as perguntas propostas pelo entrevistador eram bem reflexivas e me levaram a refletir alguns posicionamentos e não mudar estruturas fundamentais, mas ampliar os horizontes e a minha visão. Gostei muito de participar e após a leitura do capítulo agreguei mais conhecimentos.

3. Em relação as suas falas e posicionamentos, você mudou de ideia após o processo de pesquisa ou mantém a mesma opinião? Justifique.

Ester: Em alguns pontos ampliei minha visão, mantenho as mesmas opiniões porém, como uma visão mais ampla. As minhas falas não ficaram bem compreensíveis, agora lendo, eu vejo que não consegui imprimir através das palavras as minhas ideias. Eu gostaria de justificar algumas falas.

Explicar a citação quando falo sobre os estudos e as palestras que realizo

Nas palestras a gente usa, procura usar mais o conhecimento no âmbito geral da psicologia, a gente pega muita coisa da neurociência, porque as palestras elas são teológicas aí a gente agrega algumas pesquisas no geral. Mas assim, a nível de atendimento a estrutura de análise deles eu cumpro à risca. Todas as etapas, só que em cada etapa das sessões eu sempre procuro agregar outros conteúdos que é esse que a gente vai adquirindo ao longo do tempo. Mas a gente segue, né, principalmente esse que é o módulo 6 da apostila da AEP que fala sobre a estrutura de análise. (ESTER, NARRATIVA)

Gostaria de explicar que as minhas palestras são teológicas, a minha formação é bacharel em Teologia e ministro a palavra. Dentro de um âmbito de uma igreja, a palestra que desenvolvo dentro das igrejas, me ateno a conteúdos teológicos. Os conteúdos de áreas da psicanálise e da psicologia, a gente vai agregando valores, mas a nossa base é teológica. Meus atendimentos são na linha DO pneumapsicoterapêutico, no formato ensinado pela AEP, sigo dentro do que agreguei com outras áreas, sem fugir da base é a pneumapsicanálise.

Ainda baseado na fala citada, gostaria de ressaltar o detalhe que embora a nossa formação seja de uma escola cristã evangélica, nós não nos fechamos dentro de um protocolo doutrinário, nós não nos fechamos a atendimentos só a pessoas que professam a mesma fé, embora as vezes 90% professam a mesma fé ainda que não estejam inseridos em algum grupo religioso. Então, já somos procurados por esse diferencial, essa é a diferença da AEP para outras escolas, não agregamos só os evangélicos, mas é uma oportunidade de trazer as ciências ao conhecimento do grupo evangélico. Falo isso para não ficar a impressão de que a AEP é restrita ao atendimentos apenas de evangélicos.

Também quero reiterar a seguinte fala citada:

[...] quando eu comecei, nas primeiras matérias, quando eu comecei a perceber que a ciência não deve ser rejeitada, porque a ciência é uma comprovação da ciência bíblica. O que os homens fazem com um conhecimento que eles adquirem é que traz essa confusão e gera esse tipo de visão do senso comum de que tudo não presta. Então, quando foi me apresentado as primeiras matérias, principalmente sobre a estrutura psíquica, sobre a topografia freudiana, eu comecei a experimentar na minha vida (ESTER, NARRATIVA)

Quando eu digo “que a ciência não deve ser rejeitada, embora o que os homens fazem com a ciência traz confusão e gera muitas vezes uma aversão a palavra”, mas qual é o caminho do meio? Como podemos trilhar um caminho de equilíbrio entre nossos padrões fundamentais, entre aquilo que está escrito e difundimos, entre a proposta da pneumapsicanálise. Acredito que seja buscar na ciência, na psicanálise tanto a clássica quanto as que foram se desenvolvendo, buscar elementos que agregam esses nossos valores. A pneumapsicoterapia é uma criação baseada e fundamenta-se na palavra, mas que agrega várias outras teorias, não só a freudiana. Foi isso que eu quis dizer. Essa confusão que os homens trazem, é porque, há uma visão científica que anula o princípio de transcendência, o sentido humano das coisas. Isso que traz uma confusão. Mas não cabe a nós resolvermos a confusão que eles (a ciência) tem de lá pra cá. Cabe a nós termos uma posição mais equilibrada para entender que são dois campos distintos que um favorece o outro. Se a ciência não agrega valores de fé por não poder comprovar cientificamente, nós conseguimos viver e professar nossos valores de fé e conseguimos olhar na ciência e nos beneficiar do que a ciência traz de melhor. E a gente tem como fazer através da prática da pneumapsicanálise, a gente trazer um diálogo mais tranquilo, mais criativo entre a fé e a ciência. Essa discussão é muito ampla, mas eu quero reiterar minha fala, porque ela ficou confusa quando eu falo que esse tipo de visão do senso comum, de que tudo não presta, não é que para o senso comum tudo não presta, mas no senso comum a muita aversão a ciência, esse tudo eu opto por retirar.

APÊNDICE Q – PARECER DA PARTICIPANTE REBECA | 3º FASE DE ENTREVISTAS –
REENCONTRO

Data: 31/07/2023

Participante: Rebeca

Questionário respondido por meio escrito

1. **As interpretações e análises apresentadas fazem sentido para você? Justifique.**
 - a. Então, interpretação a palavra já diz, cada um vai interpretar a luz das suas crenças, vivências e conhecimentos. Achei que algumas falas citadas, sem as perguntas, ficam fora do contexto, podendo levar o leitor do estudo a outra conclusão.

2. **O que você aprendeu durante o processo de pesquisa?**
 - a. Eu amo estudar. Então participar desta pesquisa acrescentou conhecimento pessoal e técnico pra mim.

3. **Em relação as suas falas e posicionamentos, você mudou de ideia após o processo de pesquisa ou mantém a mesma opinião? Justifique.**
 - a. Eu não mudei de ideia em tudo que respondi à luz das perguntas. Mas foi interessante conhecer a opinião de outros colegas que participaram da pesquisa e do mestrando.